

O ESPÍRITO DE PROFECIA

A

GRANDE CONTROVÉRSIA

ENTRE

CRISTO E SEUS ANJOS

E

SATANÁS E SEUS ANJOS

POR ELLEN G. WHITE

VOL.I

PRENSA A VAPOR
DA ASSOCIAÇÃO EDITORA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA,
BATTLE CREEK, MICH.

1870

CONTEÚDO

O ESPÍRITO DE PROFECIA.	6
CAPÍTULO I.	11
A QUEDA DE SATANÁS.	11
CAPÍTULO II.	13
A CRIAÇÃO.	13
CAPÍTULO III.	15
A TENTAÇÃO E A QUEDA.	15
CAPÍTULO III.	16
A TENTAÇÃO E A QUEDA.	16
CAPÍTULO IV.	23
O PLANO DE SALVAÇÃO.	23
CAPÍTULO V.	28
CAIM É ABEL.	28
CAPÍTULO VI.	30
SETE E ENOQUE.	30
CAPÍTULO VII.	32
A INUNDAÇÃO.	32
CAPÍTULO VIII.	41
INFIDELIDADE DISFARÇADA.	41
CAPÍTULO IX.	43
A TORRE DE BABEL.	43
CAPÍTULO X.	44
ABRAÃO.	44
CAPÍTULO XI.	47
ISAAC.	47
CAPÍTULO XII.	49
JACÓ E ESAÚ.	49
CAPÍTULO XIII.	54
JACOB E O ANJO.	54
CAPÍTULO XIV.	58
JOSÉ E SEUS IRMÃOS.	58
CAPÍTULO XV.	72
MOISÉS.	72

CAPÍTULO XVI.	80
AS PRAGAS NO EGITO.	80
CAPÍTULO XVII.	86
A PASCOA.	87
CAPÍTULO XVIII.	88
ISRAEL SAI DO EGITO.	89
CAPÍTULO XIX.	95
SUAS VIAGENS.	95
CAPÍTULO XX.	100
A LEI DE DEUS.	100
CAPÍTULO XXI.	115
O SANTUÁRIO.	115
CAPÍTULO -XXII.	118
FOGO ESTRANHO.	118
CAPÍTULO XXIII.	120
AS COLORIDAS.	120
CAPÍTULO XXIV.	121
MIRIAM.	121
CAPÍTULO XXV.	123
CALEB E JOSUÉ.	123
CAPÍTULO XXVI.	126
CORÁ, DATAN E ABIRAM.	126
CAPÍTULO XXVII.	129
BARRA DE AARÃO.	129
CAPÍTULO XXVIII.	131
O PECADO DE MOISÉS.	131
CAPÍTULO XXIX.	133
SERPENTES DE FOGO.	133
CAPÍTULO XXX.	135
BALAÃO.	135
CAPÍTULO XXXI.	140
MORTE DE MOISÉS.	140
CAPÍTULO XXXII.	145
JOSHUA.	145

CAPÍTULO XXXIII.	148
SAMUEL E SAUL.	148
CAPÍTULO XXXIV.	159
DAVI.	159
CAPÍTULO XXXV.	164
SALOMÃO.	164
CAPÍTULO XXXVI.	168
A ARCA DE DEUS.	168

O ESPÍRITO DE PROFECIA.

UMA VEZ, o homem andou com Deus no Éden. Com o rosto aberto, ele contemplou a glória do Senhor, e falou com Deus, e Cristo, e anjos, no Paraíso, sem um véu ofuscante entre eles. O homem caiu de sua retidão moral e inocência, e foi expulso do jardim, da árvore da vida e da presença visível do Senhor e seus santos anjos. A escuridão moral, como o manto da morte, desde então lançou suas sombras em todos os lugares, e em todos os lugares a praga e o mofo do pecado foram vistos. E em meio à melancolia geral e à miséria moral, o homem se afastou dos portões do Paraíso por quase seis mil anos, sujeito à doença, dor, tristeza, lágrimas e morte. Ele também foi sujeito às tentações e ciladas do diabo, tanto que é a triste história do homem, durante todo o período de seu estado caído, que Satanás reinou com domínio quase universal.

Quando tudo estava perdido em Adão, e as sombras da noite escureceram os céus morais, logo apareceu a estrela da esperança em Cristo, e com ela foi estabelecido um meio de comunicação entre Deus e o homem. Em seu estado caído, o homem não podia conversar face a face com Deus, com Cristo e com os anjos, como quando em sua pureza edênica. Mas através do ministério de santos anjos o grande Ood podia falar com ele em sonhos e visões. "Se entre vós houver profeta, eu, o Senhor, em visão me darei a conhecer, e em sonhos falarei com ele." Número 12: 6.

A manifestação do espírito de profecia foi projetada para todas as dispensações. O Registro Sagrado em nenhum lugar o restringe a um determinado período de tempo, desde a queda até a restituição final. A Bíblia reconhece sua manifestação tanto na era patriarcal, na era judaica e na era cristã. Por meio desse meio, Deus comungava com homens santos da antiguidade. Enoque, o sétimo depois de Adão, profetizou; e tão extenso era o alcance de sua visão profética, e tão minucioso, que ele podia olhar para baixo por longas eras e descrever a vinda do Senhor e a execução do último julgamento sobre os ímpios. Judas, versículos 14, 15.

Deus falou a seus profetas na dispensação judaica em visões e em sonhos, e abriu diante deles as grandes coisas do futuro, especialmente aquelas relacionadas com o primeiro advento de Cristo para sofrer pelos pecadores, e sua segunda aparição em glória para destruir seus inimigos, e completar a redenção de seu povo. Se o espírito de profecia quase desapareceu da igreja judaica por alguns séculos perto do fim daquela dispensação, por causa das corrupções naquela igreja, ele reapareceu perto de inaugurar o Messias. Zacarias, o pai de João Batista, "foi cheio do Espírito Santo e profetizou". Simeão, um homem justo e devoto, que estava "esperando a consolação de Israel", veio pelo Espírito ao templo e profetizou sobre Jesus como "uma luz para iluminar os gentios e a glória de Israel". E Ana, uma profetisa, "falou dele a todos os que esperavam redenção em Jerusalém". E não houve profeta maior do que João, que foi escolhido por Deus para apresentar a Israel "o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo".

A era cristã começou com o derramamento do Espírito Santo e a manifestação de vários dons espirituais. Entre estes estava o dom de profecia. Depois de comissionar seus discípulos para irem por todo o mundo e pregarem o evangelho, Jesus lhes diz: "E estes sinais seguirão aos que crerem: Em meu nome expulsarão demônios; falarão novas línguas; tomarão serpentes; e se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará mal; porão as mãos sobre os enfermos, e eles ficarão curados". Marcos 16: 17, 18. No dia de pentecostes, quando a dispensação cristã foi totalmente aberta, alguns desses dons se manifestaram de maneira

maravilhosa. Atos 2 : 1-11. Lucas, dando conta de suas viagens com Paulo e outros, quando um quarto de século da era cristã já havia passado, depois de falar de entrar na casa de Filipe, o evangelista, diz: "E o mesmo homem tinha quatro filhas , virgens, que profetizavam. E, estando ali muitos dias, desceu da Judéia um certo profeta, chamado Ágabo". At 21: 9, 10. Novamente, ainda mais tarde, vemos o amado João, na ilha de Patmos, imbuído do espírito de profecia em toda a sua plenitude. A maravilhosa Revelação foi dada a ele quando mais de meio século da era cristã havia passado. E aqui o registro do Novo Testamento nos deixa sem uma única insinuação de que os dons do Espírito devem cessar da igreja até que o dia da glória seja introduzido pelo segundo aparecimento de Jesus Cristo.

Desde a grande apostasia, esses dons raramente se manifestaram; e por esse motivo, os cristãos professos geralmente supõem que foram projetados para serem limitados ao período da igreja primitiva. Mas desde o tempo dos cristãos primitivos até o presente tem havido manifestações entre os mais devotados seguidores de Jesus, que foram reconhecidas por quase todas as principais denominações como dons do Espírito Santo. Então, os erros e a incredulidade da igreja não deveriam ser apontados como razões pelas quais essas manifestações têm sido tão raras, em vez de que Deus tenha tirado essas bênçãos da igreja? Quando o povo de Deus atingir a fé e a prática primitivas, como certamente acontecerá sob a última mensagem, a chuva serôdia será derramada e todos os dons serão revividos. A chuva temporã foi dada no início da era cristã, no tempo da sementeira da semente do evangelho, para fazer com que ela germinasse e criasse boas raízes. Então a igreja aproveitou os presentes. E quando a chuva serôdia for derramada no final da dispensação, para amadurecer a colheita de ouro para o celeiro de Deus, então os dons do Espírito Santo serão manifestados em toda a sua plenitude.

Com isso concordam as palavras do profeta, citadas por Pedro: "E acontecerá nos últimos dias, diz Deus, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, e os vossos jovens terão visões, e os vossos anciãos terão sonhos; e sobre os meus servos e sobre as minhas servas, eu vos tirarei naqueles dias do meu Espírito, e profetizarão; e mostrarei maravilhas lá em cima no céu, e sinais na terra embaixo: sangue, fogo e vapor de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha aquele grande e notável dia do Senhor". Atos 2: 17-20. O espírito de profecia é visto aqui entre os sinais especiais dos últimos dias. Seu renascimento nos últimos dias constituiria um dos sinais mais notáveis do fim que se aproximava. Isso é evidente por ser classificado com os sinais mais proeminentes, no sol, na lua e no. estrelas, e tais maravilhas em cima nos céus e embaixo na terra, como sangue, fogo e vapor de fumaça.

De todas as bênçãos que Deus concedeu ao seu povo, exceto o dom de seu Filho, nenhuma foi tão sagrada e tão importante para o bem-estar deles, como o dom de sua lei santa e seu Espírito Santo. E ninguém foi tão bem calculado para frustrar os planos de Satanás e, conseqüentemente, para agitar sua raiva, como estes. E quando esse povo surgisse na última geração de homens, que estivesse observando todos os dez preceitos da santa lei de Deus, e reconhecesse o reavivamento do espírito de profecia, eles poderiam esperar sentir aquela amargura de seus oponentes, que só pode surgir da inspiração direta de Satanás. "E o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao resto da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo." Ap. 12: 17.

"O testemunho de Jesus", disse o anjo a João, "é o espírito de profecia". Ap. 19: 10. É a guarda dos mandamentos de Deus, e o reconhecimento do reavivamento do espírito de profecia pelo remanescente da igreja, ou os cristãos da última geração, que desperta a ira do dragão.

A era judaica, não obstante suas apostasias, começou e terminou com manifestações especiais do Espírito de Deus. E não é razoável supor que a era cristã, cuja luz, comparada com a dispensação anterior, é como a luz do sol para os fracos raios da lua, deva começar na glória e terminar na obscuridade. E uma vez que uma obra especial do Espírito era necessária para preparar um povo para o primeiro advento de Cristo, quanto mais para seu segundo advento.

Deus nunca manifestou seu poder ao seu povo simplesmente para sua gratificação; mas de acordo com suas necessidades ele operou para eles. Então podemos concluir com segurança que, enquanto seu povo está passando pelos perigos dos últimos dias na luta final com os poderes das trevas, quando os falsos profetas terão poder para mostrar grandes sinais e maravilhas, de modo que, se fosse possível, eles enganaria os próprios eleitos, nosso Deus gracioso. abençoará e fortalecerá seu povo desfalecido com os dons, bem como as graças do Espírito Santo.

Vimos que a manifestação do espírito de profecia em sonhos e visões tornou-se necessária em consequência do homem estar separado da presença visível de Deus. Mas quando o tabernáculo de Deus estiver com os homens, e ele habitar com eles, e o próprio Deus estiver com eles, Apocalipse 21:8; quando Cristo vier novamente com todos os santos anjos, e receber seu povo para si mesmo, para que onde ele estiver, lá estejam também, João 14: 3; e quando o homem redimido andar e falará com Deus, e Cristo, e anjos, no Éden restaurado; então não haverá mais necessidade do espírito de profecia.

Quando o homem no Éden permaneceu em toda a perfeição de sua masculinidade, antes que a praga do pecado tocasse qualquer coisa que Deus havia feito para ele, e com a face aberta contemplasse a glória do Senhor, ele não poderia precisar do espírito de profecia. Mas quando o Éden foi perdido por causa da transgressão, e o homem foi condenado a tatear o caminho dos portões do Paraíso, envolto na escuridão moral que resultou da maldição e do reinado de Satanás, ele precisou da luz do espírito de profecia. E sua necessidade a esse respeito continuará, mais ou menos urgente, até a restituição, quando os remidos andarão e falarão com Deus, e com Cristo, e com os santos anjos, no Éden restaurado.

O apóstolo aos Coríntios sustenta claramente esta posição. Ele introduz o assunto afirmando: "Agora, quanto aos dons espirituais, irmãos, eu não quero que vocês sejam ignorantes". 1 Cor. 12: 1. Ele considerou o assunto de grande importância para deixar a igreja em Corinto na ignorância a respeito dele. Ele se propõe a instruí-los. Faremos bem em aproveitar-nos do benefício de seus ensinamentos.

Neste capítulo, o apóstolo apresenta o corpo humano, com seus vários membros agindo em harmonia, um dependente do outro, como ilustração da igreja cristã, com seus membros e os vários dons que Deus concedeu à igreja. Ele então faz a aplicação da figura assim: "Ora, vós sois o corpo de Cristo, e os membros em particular. , socorros, governos, diversidades de línguas." Versículos 27 e 28.

Tenha-se em mente que Deus estabeleceu profetas, milagres e dons de cura na igreja cristã tão verdadeiramente quanto ele tem mestres, ajudantes e governos. E esta expressão, "Deus os colocou" na igreja, significa mais do que ele se comunicaria com este povo por seu Espírito Santo na era cristã, da mesma forma que ele tinha nas dispensações anteriores. Transmite a ideia de que Deus havia dotado especialmente a igreja cristã com eles. Ele os havia estabelecido na igreja, para permanecer até o retorno de seu Senhor ausente. Isso foi feito porque a igreja precisava deles. A igreja primitiva precisava deles? Assim, a verdadeira igreja precisava deles para iluminar seu caminho durante o período sombrio de suas

perseguições e martírio. E muito mais a igreja precisa dos dons para fazer seu curso através dos perigos dos últimos dias e para se preparar para receber seu Senhor que virá em breve.

O desígnio dos dons, e também o tempo de sua permanência na igreja, são definitivamente expressos pelo apóstolo aos Efésios: "E ele deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres; para o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a homem perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo". Indivíduo. 4: 11-13.

Não pode ser demonstrado que a igreja, na vida de Paulo, atingiu o estado de unidade, conhecimento e perfeição, aqui mencionado. E certamente a igreja não desfrutou disso durante sua apostasia, 2 Tess. 2: 3, e o período de sua fuga para o deserto, Ap. 12: 6. Nem ela alcançou este estado de unidade, conhecimento e perfeição, desde os trabalhos de Martinho Lutero. A igreja hoje está quase infinitamente abaixo desse estado de unidade, conhecimento e perfeição. E não até que os cristãos da última geração de homens sejam levados a desfrutá-la pela última mensagem de advertência, e todos os meios que Deus possa empregar para prepará-los para serem trasladados ao Céu sem provar a morte, o desígnio final do presentes sejam realizados.

Mas Paulo, em 1 Cor. 13, mostrou claramente quando os dons cessariam. Na primeira parte deste capítulo, o apóstolo discorre sobre a preeminência do amor (caridade traduzida incorretamente) para o dom de línguas, dom de profecia, fé, liberalidade para com os pobres e coragem para dar o próprio corpo para ser queimado. Estes, na ausência de amor, não têm valor. Ele então descreve as virtudes e riquezas do amor, encerrando com estas palavras: "A caridade [amor] nunca falha; um jeito." Versículo 8. Enquanto o amor não é apenas a coroação da graça cristã aqui, mas se estenderá por toda a eternidade, e será a glória dos redimidos, os dons cessarão com fé e esperança. Na gloriosa aparição do Senhor, a fé se perderá de vista, a esperança se concretizará, as profecias deixarão de ser uma luz para a igreja, as línguas deixarão de ser um sinal, e o tênue conhecimento da presente noite escura desaparecerá. desaparecem diante do conhecimento perfeito do dia perfeito, como os raios turvos da lua desaparecem diante da luz do sol nascente.

Em seguida, vêm as palavras fortes dos versículos 9 e 10: "Porque em parte sabemos, e em parte profetizamos; mas, quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado". Ainda esperamos que venha o que é perfeito. E enquanto esperamos, que nosso querido e ausente Senhor se manifeste ao seu povo que espera através dos presentes. "Pois", diz Paulo, falando do presente estado imperfeito, "conhecemos em parte e em parte profetizamos". Por quanto tempo o espírito de profecia servirá à igreja! Quando será feito isso! Resposta: "Mas quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado." Isso deve resolver a questão da perpetuidade dos dons na igreja cristã.

A visão popular, no entanto, é esta: Os dons foram dados à igreja primitiva, para permanecerem apenas durante a vida dos primeiros apóstolos de Cristo. Na sua morte, os dons deveriam ser removidos da igreja. Mas deixe. seja lembrado que uma grande mudança ocorre quando os dons cessam, e essa mudança é de um estado imperfeito para aquele que é perfeito; desde a penumbra da noite até a glória do dia perfeito. Não precisamos perguntar se tal mudança ocorreu na morte dos primeiros apóstolos; para todos os que têm algum conhecimento da história da igreja primitiva, sabem que quaisquer mudanças que ocorreram na igreja na época da morte dos apóstolos, não foram para melhor, mas decididamente para pior. Mesmo nos dias de Paulo, o mistério da iniquidade já operava na igreja. 2 Tess. 2: 7. E o apóstolo, dirigindo-se aos presbíteros da igreja em Mileto, diz:

"Porque eu sei que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos ferozes, que não pouparão o rebanho. Também de vós mesmos se levantarão homens. , falando coisas perversas, para atrair discípulos atrás deles." Atos 20:29, 30. Mas se aplicarmos esta grande mudança ao fim da presente dispensação e à introdução do eterno dia de glória, tudo ficará claro. Aqui temos a prova mais clara de que os dons não seriam eliminados até a segunda aparição de Cristo.

Paulo continua com uma ilustração do presente estado imperfeito e do futuro estado de perfeição e glória: "Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; cara, eu ponho de lado as coisas de criança." Versículo 11. Sua infância representa o presente estado imperfeito; sua masculinidade, a perfeição do estado imortal. Isso é evidente. Agora suponha que estamos errados, e que a infância de Paulo representa a igreja em seus dias, dotada de dons; e que sua masculinidade representa a igreja após sua morte, despojada dos dons do Espírito Santo, e rapidamente afundando em direção à grande apostasia! Absurdo!

E ainda o apóstolo continua com outra bela ilustração da mudança da presente dispensação, durante a qual a igreja deveria desfrutar da luz comparativamente fraca dos dons, enquanto caminhava pela fé e esperança, para as glórias abertas do mundo vindouro. , quando os remidos andarão com Deus no Éden restaurado, e falarão face a face com Cristo e os anjos. Ele diz: "Por enquanto vemos através de um espelho obscuramente; mas então, face a face." Versículo 12. Para a visão de que os dons deveriam cessar com a morte dos primeiros apóstolos, e que com sua morte veio a gloriosa mudança ilustrada por estas palavras do apóstolo, precisamos apenas repetir: Absurdo!

A verdade de Deus sobre este assunto é consistente e harmoniosa consigo mesma e com toda a verdade divina. O espírito de profecia, em consequência da queda e separação do homem da presença visível de Deus, tornou-se uma necessidade. Esta necessidade não foi evitada por nenhuma mudança passada de dispensação. E nenhuma dispensação precisa dos dons do Espírito Santo mais do que a era cristã; e em nenhum momento no longo período de separação do homem da presença visível de Deus, eles foram tão necessários como em meio aos perigos das furiosas tempestades dos últimos dias. Mas quando o Redentor vier, a controvérsia estiver terminada, o descanso dos santos dado, e eles, todos imortais, se encontrarem ao redor do trono com anjos, e face a face contemplarem a glória de Deus e do Cordeiro, o espírito de profecia será contados entre as bênçãos mais seletas do céu do passado. JW

CAPÍTULO I.

A QUEDA DE SATANÁS.

SATANÁS no Céu, antes de sua rebelião, era um anjo alto e exaltado, próximo em honra ao querido Filho de Deus. Seu semblante, como o dos outros anjos, era suave e expressivo de felicidade. Sua testa era alta e larga, mostrando um intelecto poderoso. Sua forma era perfeita; seu porte nobre e majestoso. Uma luz especial brilhou em seu semblante e brilhou ao redor dele mais brilhante e mais bonito do que ao redor dos outros anjos; contudo, Jesus, o querido Filho de Deus, tinha a preeminência sobre toda a hoste angélica. Ele era um com o Pai antes dos anjos serem criados. Satanás tinha inveja de Cristo, e gradualmente assumiu o comando que recaía somente sobre Cristo.

O grande Criador reuniu as hostes celestiais para, na presença de todos os anjos, conferir honra especial a seu Filho. O Filho estava sentado no trono com o Pai, e a multidão celestial de santos anjos estava reunida ao redor deles. O Pai então deu a conhecer que foi ordenado por ele mesmo que Cristo, seu Filho, fosse igual a ele; de modo que onde quer que estivesse a presença de seu Filho, era como sua própria presença. A palavra do Filho devia ser obedecida tão prontamente quanto a palavra do Pai. Seu Filho ele havia investido com autoridade para comandar o exército celestial. Especialmente seu Filho devia trabalhar em união consigo mesmo na criação antecipada da terra e de toda coisa viva que deveria existir na terra. Seu Filho cumpriria sua vontade e seus propósitos, mas não faria nada sozinho. A vontade do Pai seria cumprida nele.

Satanás tinha inveja e ciúmes de Jesus Cristo. No entanto, quando todos os anjos se curvaram a Jesus para reconhecer sua supremacia, alta autoridade e governo legítimo, Satanás se curvou com eles; mas seu coração estava cheio de inveja e ódio. Cristo fora levado ao conselho especial de Deus com respeito a seus planos, enquanto Satanás não os conhecia. Ele não entendia, nem lhe era permitido conhecer, os propósitos de Deus. Mas Cristo foi reconhecido como soberano do Céu, seu poder e autoridade eram os mesmos do próprio Deus. Satanás pensou que ele próprio era um favorito no Céu entre os anjos. Ele havia sido altamente exaltado; mas isso não despertou dele gratidão e louvor ao seu Criador. Ele aspirava ao alto do próprio Deus. Ele se gloriava em sua altivez. Ele sabia que era honrado pelos anjos. Ele tinha uma missão especial para executar. Ele estivera perto do grande Criador, e os incessantes raios de gloriosa luz envolvendo o Deus eterno brilharam especialmente sobre ele. Satanás pensou em como os anjos haviam obedecido a sua ordem com prazerosa prontidão. Suas vestes não eram leves e belas? Por que Cristo deveria ser assim honrado diante de si mesmo?

Ele saiu da presença imediata do Pai, insatisfeito e cheio de inveja contra Jesus Cristo. Escondendo seus verdadeiros propósitos, ele reuniu a hoste angelical. Ele introduziu seu assunto, que era ele mesmo. Como alguém ofendido, ele relatou a preferência que Deus havia dado a Jesus à negligência de si mesmo. Ele lhes disse que dali em diante toda a doce liberdade que os anjos haviam desfrutado estava no fim. Pois não foi designado um governante sobre eles, a quem eles de agora em diante devem prestar honra servil? Afirmou-lhes que os havia convocado para assegurar-lhes que não mais se submeteria a essa invasão de seus direitos e dos deles; que ele nunca mais se curvaria a Cristo; que ele tomaria sobre si a honra que deveria ter sido conferida a ele e seria o comandante de todos os que se submetessem a segui-lo e obedecer à sua voz. Houve contenda entre os anjos. Satanás e seus simpatizantes estavam se esforçando para reformar o governo de Deus. Eles estavam descontentes e infelizes porque não podiam examinar sua sabedoria insondável e

determinar seus propósitos em exaltar seu Filho Jesus e dotá-lo de poder e comando ilimitados. Eles se rebelaram contra a autoridade do Filho.

Anjos que eram leais e verdadeiros procuravam reconciliar esse anjo poderoso e rebelde com a vontade de seu Criador. Eles justificaram o ato de Deus em conferir honra a Jesus Cristo, e com raciocínio forçado procuraram convencer Satanás de que não menos honra era sua agora do que antes de o Pai ter proclamado a honra que ele havia conferido a seu Filho. Eles claramente estabeleceram que Jesus era o Filho de Deus, existindo com ele antes que os anjos fossem criados; e que ele sempre esteve à direita de Deus, e sua autoridade suave e amorosa não havia sido questionada até então; e que ele não havia dado comandos, exceto o que era alegria para o exército celestial executar. Insistiam em que o fato de Cristo receber honra especial do Pai, na presença dos anjos, não diminuísse a honra que ele havia recebido até então. Os anjos choraram. Procuraram ansiosamente induzir Satanás a renunciar ao seu desígnio perverso e submeter-se ao seu Criador; pois até então tudo havia sido paz e harmonia, e o que poderia ocasionar essa voz dissidente e rebelde?

Satanás se recusou a ouvir. E então ele se afastou dos anjos leais e verdadeiros, denunciando-os como escravos. Esses anjos, fiéis a Deus, ficaram maravilhados ao ver que Satanás foi bem-sucedido em seu esforço para excitar a rebelião. Prometeu-lhes um governo novo e melhor do que tinham então, no qual tudo seria liberdade. Grandes números significavam seu propósito de aceitar Satanás como seu líder e comandante-chefe. Ao ver que seus avanços foram recebidos com sucesso, ele se gabou de que ainda deveria ter todos os anjos ao seu lado, e que seria igual ao próprio Deus, e sua voz de autoridade seria ouvida ao comandar todo o exército do Céu. . Novamente os anjos leais advertiram a Satanás, e asseguraram-lhe qual deveria ser a consequência se ele persistisse; que Aquele que poderia criar os anjos, poderia por seu poder derrubar toda a autoridade deles e, de alguma maneira, punir sua audácia e terrível rebelião. Pensar que um anjo deveria resistir à lei de Deus que era tão sagrada quanto ele! Eles advertiram os rebeldes a fecharem seus ouvidos aos enganosos raciocínios de Satanás, e aconselharam Satanás, e todos os que haviam sido afetados por ele, a irem a Deus e confessarem seu erro por até mesmo admitir um pensamento de questionar sua autoridade.

Muitos dos simpatizantes de Satanás estavam inclinados a acatar o conselho dos anjos leais, arrependendo-se de sua insatisfação e ser novamente recebidos na confiança do Pai e de seu querido Filho. O poderoso revoltado então declarou que estava familiarizado com a lei de Deus, e se ele se submetesse à obediência servil, sua honra seria tirada dele. Não mais lhe seria confiada sua missão exaltada. Ele disse a eles que ele mesmo e eles também tinham ido longe demais para voltar, e ele enfrentaria as consequências; pois ele nunca se curvaria em adoração servil ao Filho de Deus; que Deus não perdoaria, e agora eles devem afirmar sua liberdade e ganhar pela força a posição e autoridade que não lhes foi concedida voluntariamente.

Os anjos leais se apressam ao Filho de Deus, e o informam do que está acontecendo entre os anjos. Eles encontram o Pai em conferência com seu Filho amado, para determinar os meios pelos quais, para o bem dos anjos leais, a suposta autoridade de Satanás poderia ser derrubada para sempre. O grande Deus poderia ter lançado imediatamente este arqui-enganador do céu; mas este não era o seu propósito. Ele daria aos rebeldes uma chance igual de medir força e poder com seu próprio Filho e seus anjos leais. Nesta batalha, cada anjo escolheria seu próprio lado e se manifestaria a todos. Não teria sido seguro permitir que qualquer um que se unisse a Satanás em sua rebelião continuasse a ocupar o Céu. Eles haviam aprendido a lição da genuína rebelião contra a imutável lei de Deus; e isso é incurável. Se Deus tivesse exercido seu poder para punir esse principal rebelde, os anjos

descontentes não teriam se manifestado; daí Deus tomou outro rumo; pois ele manifestaria distintamente a todas as hostes celestiais sua justiça e seu julgamento.

Foi o maior crime rebelar-se contra o governo de Deus. Todo o Céu parecia em comoção. Os anjos foram organizados em companhias, cada divisão com um anjo de comando mais alto à sua frente. Satanás estava guerreando contra a lei de Deus, porque ambicionava exaltar a si mesmo e não queria se submeter à autoridade do Filho de Deus, o grande comandante do Céu.

Todo o exército celestial foi convocado a comparecer perante o Pai, para que cada caso fosse determinado. Satanás descaradamente deu a conhecer sua insatisfação de que Cristo deveria ser preferido antes dele. Ele se levantou com orgulho e insistiu que ele deveria ser igual a Deus, e deveria ser levado em conferência com o Pai e entender seus propósitos. Deus informou a Satanás que somente a seu Filho ele revelaria seus propósitos secretos, e ele exigia que toda a família no Céu, até mesmo Satanás, lhe rendesse obediência implícita e inquestionável; mas que ele (Satanás) provou ser indigno de um lugar no céu. Então Satanás, exultante, apontou para seus simpatizantes, que compreendiam quase metade de todos os anjos, e exclamou: Estes estão comigo! Você vai expulsar estes também, e fazer tal vazio no céu? Ele então declarou que estava preparado para resistir à autoridade de Cristo e defender seu lugar no Céu pela força do poder, força contra força.

Bons anjos choraram ao ouvir as palavras de Satanás e suas jactâncias exultantes. Deus declarou que os rebeldes não deveriam mais permanecer no céu. Seu estado elevado e feliz havia sido mantido sob a condição de obediência à lei que Deus havia dado para governar a alta ordem de inteligências. Mas nenhuma provisão havia sido feita para salvar aqueles que se aventurassem a transgredir sua lei. Satanás tornou-se ousado em sua rebelião e expressou seu desprezo pela lei do Criador. Este Satanás não poderia suportar. Ele afirmou que os anjos não precisavam de lei; mas devem ser deixados livres para seguir sua própria vontade, que sempre os guiaria corretamente; essa lei era uma restrição de sua liberdade, e que abolir a lei era um grande objetivo de sua posição, como ele fez. A condição dos anjos ele achava que precisava melhorar. Não é assim a mente de Deus, que fez leis e as exaltou iguais a si mesmo. A felicidade da hoste angelical consistia em sua perfeita obediência à lei. Cada um tinha seu trabalho especial designado; e até que Satanás se rebelou, houve perfeita ordem e ação harmoniosa no Céu. Então houve guerra no céu. O Filho de Deus, o Príncipe do Céu, e seus anjos leais, entraram em conflito com o arqui-rebelde e aqueles que se uniram a ele. O Filho de Deus e os anjos verdadeiros e leais prevaleceram; e Satanás e seus simpatizantes foram expulsos do Céu. Todo o exército celestial reconheceu e adorou o Deus da justiça. Nenhuma mancha de rebelião foi deixada no Céu. Tudo voltou a ser pacífico e harmonioso como antes.

Anjos no céu lamentaram o destino daqueles que foram seus companheiros de felicidade e bem-aventurança. Sua perda foi sentida no céu. O Pai consultou Jesus a respeito de cumprir imediatamente seu propósito de fazer o homem habitar a terra. Ele colocaria o homem em provação para testar sua lealdade, antes que pudesse ser tornado eternamente seguro. Se ele suportou o teste com o qual Deus achou por bem prová-lo, ele deveria eventualmente ser igual aos anjos. Ele deveria ter o favor de Deus, e deveria conversar com os anjos, e eles com ele. Ele não achou por bem colocá-los além do poder da desobediência.

CAPÍTULO II.

A CRIAÇÃO.

O PAI e o Filho empenharam-se na obra poderosa e maravilhosa que haviam contemplado, de criar o mundo. A terra saiu da mão do Criador extremamente bela. Havia montanhas, colinas e planícies; e intercalados entre eles estavam rios e corpos de água. A terra não era uma planície extensa, mas a monotonia da paisagem era quebrada por colinas e montanhas, não altas e irregulares como agora, mas de forma regular e bela. As rochas altas e nuas nunca foram vistas sobre eles, mas jaziam abaixo da superfície, respondendo como ossos à terra. As águas foram regularmente dispersas. As colinas, montanhas e planícies muito bonitas eram adornadas com plantas e flores, e árvores altas e majestosas de todos os tipos, que eram muitas vezes maiores e muito mais bonitas do que as árvores agora. O ar era puro e saudável, e a terra parecia um palácio nobre. Os anjos contemplaram e se regozijaram com as maravilhosas e belas obras de Deus.

Depois que a terra foi criada, e os animais sobre ela, o Pai e o Filho cumpriram seu propósito, que foi designado antes da queda de Satanás, de fazer o homem à sua própria imagem. Eles trabalharam juntos na criação da terra e de todos os seres vivos sobre ela. E agora Deus diz a seu Filho: "Façamos o homem à nossa imagem". Quando Adão saiu da mão de seu Criador, ele era de porte nobre e de bela simetria. Ele era duas vezes mais alto do que os homens que agora vivem sobre a terra, e era bem proporcionado. Suas feições eram perfeitas e bonitas. Sua tez não era branca, nem pálida, mas avermelhada, brilhando com o rico tom da saúde. Eva não era tão alta quanto Adão. A cabeça dela chegou um pouco acima dos ombros dele. Ela também era nobre — perfeita em simetria e muito bonita.

Este par sem pecado não usava roupas artificiais. Eles estavam vestidos com uma cobertura de luz e glória, como os anjos usam. Enquanto viviam em obediência a Deus, este círculo de luz os envolveu. Embora tudo o que Deus havia feito estivesse na perfeição da beleza, e parecesse não haver nada faltando na terra que Deus havia criado para fazer Adão e Eva felizes, ele manifestou seu grande amor por eles plantando um jardim especialmente para eles. Uma parte de seu tempo deveria ser ocupada no feliz emprego de cuidar do jardim, e uma parte em receber as visitas de anjos, ouvir suas instruções e em feliz meditação. Seu trabalho não era cansativo, mas agradável e revigorante. Este belo jardim seria seu lar, sua residência especial.

Neste jardim o Senhor colocou árvores de toda variedade para utilidade e beleza. Havia árvores carregadas de frutos luxuriantes, de rica fragrância, belos aos olhos e agradáveis ao paladar, designados por Deus para serem alimento para o santo par. Ali estavam as lindas vinhas que cresciam eretas, carregadas com seu fardo de frutas, diferente de tudo que o homem viu desde a queda. A fruta era muito grande e de cores diferentes; alguns quase pretos, alguns roxos, vermelhos, rosa e verdes claros. Este belo e luxuriante crescimento de frutos sobre os ramos da videira era chamado de uvas. Eles não se arrastavam pelo chão, embora não fossem apoiados por treliças, mas o peso da fruta os curvava. Foi o feliz trabalho de Adão e Eva formar belos caramanchões dos ramos da videira e treiná-los, formando moradas de belas árvores vivas e folhagens, carregadas de frutas perfumadas.

A terra estava revestida de uma bela verdura, enquanto miríades de flores perfumadas de todas as variedades e matizes brotavam em rica profusão ao redor delas. Tudo foi arranjado com bom gosto e gloriosamente. No meio do jardim estava a árvore da vida, cuja glória superava todas as outras árvores. Seus frutos pareciam maçãs de ouro e prata, e deveriam perpetuar a imortalidade. As folhas continham propriedades curativas.

Muito feliz foi o santo par no Éden. Controle ilimitado foi dado a eles sobre todos os seres vivos. O leão e o cordeiro brincavam juntos pacificamente e inofensivamente ao redor deles, ou dormiam a seus pés. Aves de toda variedade de cores e plumagens esvoaçavam entre as

árvores e flores, e em torno de Adão e Eva, enquanto sua música suave ecoava entre as árvores em doce harmonia com os louvores de seu Criador.

Adão e Eva ficaram encantados com as belezas de sua casa no Éden. Eles ficaram encantados com os pequenos cantores ao seu redor, vestindo sua plumagem brilhante, mas graciosa, e cantando sua música alegre e alegre. O santo par uniu-se a eles e ergueu suas vozes em canções harmoniosas de amor, louvor e adoração, ao Pai e seu Filho querido, pelos sinais de amor que os cercavam. Eles reconheceram a ordem e harmonia da criação, que falava de sabedoria e conhecimento que eram infinitos. Eles estavam descobrindo continuamente alguma nova beleza e glória adicional de seu lar edênico, que enchia seus corações com amor mais profundo e trazia de seus lábios expressões de gratidão e reverência ao seu Criador.

CAPÍTULO III.

A TENTAÇÃO E A QUEDA.

NO meio do jardim, perto da árvore da vida, estava a árvore do conhecimento do bem e do mal. Esta árvore foi especialmente projetada por Deus para ser o penhor de sua obediência, fé e amor a ele. Desta árvore o Senhor ordenou aos nossos primeiros pais que não comessem, nem a tocassem, para que não morressem. Ele lhes disse que podiam comer livremente de todas as árvores do jardim, exceto uma; mas se comessem daquela árvore certamente morreriam.

Quando Adão e Eva foram colocados no belo jardim, eles tinham tudo o que podiam desejar para sua felicidade. Mas ele escolheu, em seus arranjos sábios, testar a lealdade deles antes que eles pudessem se tornar eternamente seguros. Eles deveriam ter seu favor, e ele deveria conversar com eles, e eles com ele. No entanto, ele não colocou o mal fora de seu alcance. Satanás foi autorizado a tentá-los. Se suportassem a provação, deveriam estar em perpétuo favor de Deus e dos anjos celestiais.

Satanás ficou maravilhado com sua nova condição. Sua felicidade se foi. Ele olhou para os anjos que, com ele, uma vez foram tão felizes, mas que foram expulsos do céu com ele. Antes de sua queda, nem um tom de descontentamento havia estragado sua felicidade perfeita. Agora tudo parecia mudado. Os semblantes que refletiam a imagem de seu Criador eram sombrios e desesperados. Disputas, discórdias e recriminações amargas estavam entre eles. Antes de sua rebelião, essas coisas eram desconhecidas no céu. Satanás agora contempla os terríveis resultados de sua rebelião. Ele estremeceu e temeu enfrentar o futuro e contemplar o fim dessas coisas.

Chegara a hora dos cânticos alegres e alegres de louvor a Deus e ao seu querido Filho. Satanás havia dirigido o coro celestial. Ele havia levantado a primeira nota, então toda a hoste angelical se uniu a ele, e gloriosos acordes de música ressoaram pelo Céu em honra de Deus e seu querido Filho. Mas agora, em vez de acordes da música mais doce, a discórdia e as palavras raivosas caem nos ouvidos do grande líder rebelde. Onde ele estava? Não foi tudo um sonho horrível? Ele foi excluído do céu? As portas do Céu nunca mais se abririam e o admitiriam? A hora da adoração se aproxima, quando anjos brilhantes e santos se curvam diante do Pai. Não mais ele se unirá em cânticos celestiais. Não mais se curvará em reverência e santo temor diante da presença do Deus eterno. Se pudesse voltar a ser como era quando era puro, verdadeiro e leal, alegremente abriria mão das reivindicações de sua autoridade. Mas ele estava perdido! além da redenção, por sua rebelião presunçosa! E isso

não era tudo; ele havia levado outros à rebelião e à mesma condição perdida que ele mesmo — anjos, que o tinham e seu querido Filho, pelos sinais de amor que os cercavam. Eles reconheceram a ordem e harmonia da criação, que falava de sabedoria e conhecimento que eram infinitos. Eles estavam descobrindo continuamente alguma nova beleza e glória adicional de seu lar edênico, que enchia seus corações com amor mais profundo e trazia de seus lábios expressões de gratidão e reverência ao seu Criador.

CAPÍTULO III.

A TENTAÇÃO E A QUEDA.

NO meio do jardim, perto da árvore da vida, estava a árvore do conhecimento do bem e do mal. Esta árvore foi especialmente projetada por Deus para ser o penhor de sua obediência, fé e amor a ele. Desta árvore o Senhor ordenou aos nossos primeiros pais que não comessem, nem a tocassem, para que não morressem. Ele lhes disse que podiam comer livremente de todas as árvores do jardim, exceto uma; mas se comessem daquela árvore certamente morreriam.

Quando Adão e Eva foram colocados no belo jardim, eles tinham tudo o que podiam desejar para sua felicidade. Mas ele escolheu, em seus arranjos sábios, testar a lealdade deles antes que eles pudessem se tornar eternamente seguros. Eles deveriam ter seu favor, e ele deveria conversar com eles, e eles com ele. No entanto, ele não colocou o mal fora de seu alcance. Satanás foi autorizado a tentá-los. Se suportassem a provação, deveriam estar em perpétuo favor de Deus e dos anjos celestiais.

Satanás ficou maravilhado com sua nova condição. Sua felicidade se foi. Ele olhou para os anjos que, com ele, uma vez foram tão felizes, mas que foram expulsos do céu com ele. Antes de sua queda, nem um tom de descontentamento havia estragado sua felicidade perfeita. Agora tudo parecia mudado. Os semblantes que refletiam a imagem de seu Criador eram sombrios e desesperados. Disputas, discórdias e recriminações amargas estavam entre eles. Antes de sua rebelião, essas coisas eram desconhecidas no céu. Satanás agora contempla os terríveis resultados de sua rebelião. Ele estremeceu e temeu enfrentar o futuro e contemplar o fim dessas coisas.

Chegara a hora dos cânticos alegres e alegres de louvor a Deus e ao seu querido Filho. Satanás havia dirigido o coro celestial. Ele havia levantado a primeira nota, então toda a hoste angelical se uniu a ele, e gloriosos acordes de música ressoaram pelo Céu em honra de Deus e seu querido Filho. Mas agora, em vez de acordes da música mais doce, a discórdia e as palavras raivosas caem nos ouvidos do grande líder rebelde. Onde ele estava? Não foi tudo um sonho horrível? Ele foi excluído do céu? As portas do Céu nunca mais se abririam e o admitiriam? A hora da adoração se aproxima, quando anjos brilhantes e santos se curvam diante do Pai. Não mais ele se unirá em cânticos celestiais. Não mais se curvará em reverência e santo temor diante da presença do Deus eterno. Se pudesse voltar a ser como era quando era puro, verdadeiro e leal, alegremente abriria mão das reivindicações de sua autoridade. Mas ele estava perdido! além da redenção, por sua rebelião presunçosa! E isso não era tudo; ele havia levado outros à rebelião e à mesma condição perdida que ele mesmo - anjos, que nunca pensaram em questionar a vontade do Céu ou recusar a obediência à lei de Deus até que ele a colocasse em suas mentes, apresentando-lhes que eles possa desfrutar de um bem maior, de uma liberdade maior e mais gloriosa. Este tinha sido o sofisma pelo

qual ele os havia enganado. Uma responsabilidade agora repousa sobre ele, da qual ele gostaria de ser liberado.

Esses espíritos se tornaram turbulentos com esperanças frustradas. Em vez de um bem maior, eles estavam experimentando os tristes resultados da desobediência e desrespeito à lei. Nunca mais esses seres infelizes seriam influenciados pelo governo brando de Jesus Cristo. Nunca mais seus espíritos seriam movidos pelo profundo e sincero amor, paz e alegria, que sua presença sempre inspirara neles, para serem devolvidos a ele em alegre obediência e honra reverente.

Satanás estremeceu ao ver sua obra. Ele estava sozinho em meditação sobre o passado, o presente e seus planos futuros. Seu corpo poderoso tremeu como se fosse uma tempestade. Um anjo do céu estava passando. Ele o chamou e pediu uma entrevista com Cristo. Isso lhe foi concedido. Ele então relatou ao Filho de Deus que se arrependeu de sua rebelião e desejou novamente o favor de Deus. Ele estava disposto a ocupar o lugar que Deus lhe havia designado anteriormente e estar sob seu sábio comando. Cristo chorou com a aflição de Satanás, mas disse a ele, como a mente de Deus, que ele nunca poderia ser recebido no céu. O céu não deve ser colocado em perigo. Todo o Céu seria arruinado se ele fosse recebido de volta; pois o pecado e a rebelião se originaram com ele. As sementes da rebelião ainda estavam dentro dele. Ele não teve, em sua rebelião, nenhuma ocasião para seu curso, e ele não apenas arruinou irremediavelmente a si mesmo, mas também o exército de anjos, que teriam sido felizes no Céu se ele permanecesse firme. A lei de Deus podia condenar, mas não podia perdoar.

Ele não se arrependeu de sua rebelião porque viu a bondade de Deus da qual havia abusado. Não era possível que seu amor por Deus tivesse aumentado tanto desde sua queda que levasse a uma submissão alegre e feliz obediência à sua lei que havia sido desprezada. A miséria que ele sentiu ao perder a doce luz do Céu, e o sentimento de culpa que se impôs sobre ele, e a decepção que ele experimentou por não encontrar suas expectativas realizadas, foram a causa de sua dor. Ser comandante fora do céu era muito diferente de ser assim honrado no céu. A perda que ele sofrera de todos os privilégios do Céu parecia demais para ser suportada. Ele desejava recuperá-los.

Essa grande mudança de posição não aumentou seu amor por Deus, nem por sua lei sábia e justa. Quando Satanás ficou plenamente convencido de que não havia possibilidade de ser reintegrado no favor de Deus, ele manifestou sua malícia com ódio crescente e veemência ardente.

Deus sabia que tal rebelião determinada não permaneceria inativa. Satanás inventaria meios para irritar os anjos celestiais e mostrar desprezo por sua autoridade. Como ele não podia entrar nos portões do céu, ele esperava apenas na entrada, para insultar os anjos e buscar contenda com eles enquanto entravam e saíam. Ele procuraria destruir a felicidade de Adão e Eva. Ele se esforçaria para incitá-los à rebelião, sabendo que isso causaria tristeza no Céu.

Seus seguidores o procuravam; e ele despertou e, assumindo um olhar de desafio, informou-os de seus planos para arrancar de Deus o nobre Adão e sua companheira Eva. Se ele pudesse, de alguma forma, enganá-los à desobediência, Deus faria alguma provisão pela qual eles poderiam ser perdoados, e então ele e todos os anjos caídos estariam de maneira justa para compartilhar com eles da misericórdia de Deus. Se isso falhar, eles poderiam se unir com Adão e Eva; pois quando uma vez transgredissem a lei de Deus, seriam sujeitos da ira de Deus, como eles mesmos. Sua transgressão os colocaria também em estado de rebelião; e eles poderiam se unir com Adão e Eva, tomar posse do Éden e mantê-lo como seu

lar. E se eles pudessem ter acesso à árvore da vida no meio do jardim, sua força seria, eles pensavam, igual à dos santos anjos, e nem o próprio Deus poderia expulsá-los.

Satanás realizou uma consulta com seus anjos maus. Nem todos se uniram prontamente para se engajar nesse trabalho perigoso e terrível. Ele lhes disse que não confiaria a nenhum deles a realização desse trabalho; pois pensava que só ele tinha sabedoria suficiente para levar avante tão importante empreendimento. Ele queria que eles considerassem o assunto enquanto ele deveria deixá-los e buscar a aposentadoria, para amadurecer seus planos. Ele procurou impressioná-los que esta era sua última e única esperança. Se eles falhassem aqui, toda perspectiva de recuperar e controlar o Céu, ou qualquer parte da criação de Deus, seria inútil.

Satanás foi sozinho para planos maduros que seguramente garantiriam a queda de Adão e Eva. Ele temia que seus propósitos pudessem ser derrotados. E novamente, mesmo que ele tenha sucesso em levar Adão e Eva a desobedecer ao mandamento de Deus, e assim se tornarem transgressores de sua lei, e nenhum bem lhe advir, seu próprio caso não seria melhorado; sua culpa só aumentaria.

Ele estremeceu com o pensamento de mergulhar o santo e feliz casal na miséria e remorso que ele próprio estava suportando. Ele parecia em estado de indecisão; ao mesmo tempo firme e determinado, depois hesitante e vacilante. Seus anjos o procuravam, seu líder, para informá-lo de sua decisão. Eles se unirão a Satanás em seus planos, e com ele arcarão com a responsabilidade e compartilharão as consequências.

Satanás abandonou seus sentimentos de desespero e fraqueza e, como líder deles, fortaleceu-se para enfrentar o assunto e fazer tudo ao seu alcance para desafiar a autoridade de Deus e de seu Filho. Ele os familiarizou com seus planos. Se ele viesse ousadamente sobre Adão e Eva e fizesse queixas do próprio Filho de Deus, eles não o ouviriam por um momento, mas estariam preparados para tal ataque. Se ele procurasse intimidá-los por causa de seu poder, tão recentemente um anjo em alta autoridade, ele não poderia realizar nada. Ele decidiu que a astúcia e o engano fariam o que poderia, ou a força, não poderia.

Deus reuniu a hoste angelical para tomar medidas para evitar o mal ameaçado. Foi decidido no conselho do Céu que os anjos visitassem o Éden e advertissem Adão de que ele estava em perigo por causa do inimigo. Dois anjos correram para visitar nossos primeiros pais. O santo par os recebeu com alegre inocência, expressando seus agradecimentos ao seu Criador por assim cercá-los com tamanha profusão de sua generosidade. Tudo o que era belo e atraente era deles para desfrutar, e tudo parecia sabiamente adaptado às suas necessidades; e o que eles valorizavam acima de todas as outras bênçãos, era a companhia do Filho de Deus e dos anjos celestiais, pois eles tinham muito a relatar a cada visita, de suas novas descobertas das belezas da natureza em seu adorável lar edênico, e eles tinham muitas perguntas a fazer em relação a muitas coisas que eles podiam apenas compreender indistintamente.

Os anjos graciosos e amorosamente lhes deram as informações que desejavam. Eles também lhes contaram a triste história da rebelião e queda de Satanás. Eles então os informaram distintamente que a árvore do conhecimento foi colocada no jardim para ser um penhor de sua obediência e amor a Deus; que o alto e feliz estado dos santos anjos deveria ser mantido sob condição de obediência; que eles estavam situados de forma semelhante; que eles poderiam obedecer à lei de Deus e ser inexprimivelmente felizes, ou desobedecer, e perder seu alto estado e mergulhar em desespero sem esperança.

Eles disseram a Adão e Eva que Deus não os obrigaria a obedecer - que ele não havia removido deles o poder de ir contra sua vontade; que eles eram agentes morais, livres para obedecer ou desobedecer. Havia apenas uma proibição que Deus achou por bem impor sobre eles ainda. Se transgredissem a vontade de Deus, certamente morreriam. Eles disseram a Adão e Eva que o anjo mais exaltado, depois de Cristo, recusou obediência à lei de Deus que ele havia ordenado para governar os seres celestiais; que essa rebelião havia causado guerra no céu, o que resultou na expulsão dos rebeldes, e todos os anjos foram expulsos do céu que se uniram a ele em questionar a autoridade do grande Jeová; e que esse inimigo caído era agora um inimigo de tudo o que dizia respeito ao interesse de Deus e de seu querido Filho.

Disseram-lhes que Satanás pretendia prejudicá-los, e era necessário que fossem guardados, pois poderiam entrar em contato com o inimigo caído; mas ele não poderia prejudicá-los enquanto eles obedecessem à ordem de Deus; pois, se necessário, todos os anjos do céu viriam em seu socorro, em vez de lhes causar algum dano. Mas se eles desobedecessem ao mandamento de Deus, então Satanás teria poder para sempre aborrecê-los, perplexos e aborrecê-los. Se permanecessem firmes contra as primeiras insinuações de Satanás, estariam tão seguros quanto os anjos celestiais. Mas se eles cedessem ao tentador, Aquele que não poupou os anjos exaltados, não os pouparia. Eles devem sofrer a penalidade de sua transgressão; pois a lei de Deus era tão sagrada quanto ele mesmo, e ele exigia obediência implícita de todos no Céu e na Terra.

Os anjos advertiram Eva a não se separar de seu marido em seu emprego; pois ela poderia entrar em contato com esse inimigo caído. Se separados um do outro, eles estariam em maior perigo do que se ambos estivessem juntos. Os anjos os incumbiram de seguir de perto as instruções que Deus lhes dera com referência à árvore do conhecimento; pois em perfeita obediência eles estavam seguros, e esse inimigo caído não poderia ter poder para enganá-los. Deus não permitiria que Satanás seguisse o santo par com tentações contínuas. Ele poderia ter acesso a eles somente na árvore do conhecimento do bem e do mal.

Adão e Eva asseguraram aos anjos que eles nunca deveriam transgredir a ordem expressa de Deus; pois era seu maior prazer fazer a vontade dele. Os anjos uniram-se a Adão e Eva em santos acordes de música harmoniosa; e enquanto suas canções ressoavam do Éden bem-aventurado, Satanás ouviu o som de seus acordes de jubilosa adoração ao Pai e ao Filho. E quando Satanás ouviu isso, sua inveja, ódio e malignidade aumentaram, e ele expressou sua ansiedade a seus seguidores para incitá-los (Adão e Eva) à desobediência, e imediatamente derrubar a ira de Deus sobre eles, e mudar suas canções de louvor ao ódio e maldições ao seu Criador.

Satanás assume a forma de uma serpente e entra no Éden. A serpente era uma bela criatura, com asas; e enquanto voava pelo ar, sua aparência era brilhante, parecendo ouro polido. Ele não foi para a terra, mas foi de um lugar para outro através do ar, e comeu frutas como o homem. Satanás entrou na serpente, e tomou sua posição na árvore do conhecimento, e começou a comer o fruto vagarosamente.

Eva, inconscientemente no início, separou-se de seu marido em seu emprego. Quando ela tomou conhecimento do fato, ela sentiu que poderia haver perigo; mas novamente ela se julgava segura, mesmo que não ficasse perto do marido. Ela tinha sabedoria e força para saber se o mal vinha, e para enfrentá-lo. Isso os anjos a advertiram a não fazer. Eva se viu olhando com curiosidade e admiração para o fruto da árvore proibida. Ela viu que era muito adorável, e estava raciocinando consigo mesma por que Deus havia proibido tão decididamente que comessem ou tocassem nele. Agora era a oportunidade de Satanás. Ele

se dirigiu a ela como se fosse capaz de adivinhar seus pensamentos: "Sim, disse Deus: Não comereis de todas as árvores do jardim?" Assim, com palavras suaves e agradáveis, e com voz musical, dirigiu-se à Eva maravilhada. Ela se assustou ao ouvir uma serpente falar. Ele enalteceu sua beleza e formosura, o que não desagradou a Eva. Mas ela ficou maravilhada, pois sabia que à serpente Deus não havia dado o poder da fala.

A curiosidade de Eve foi despertada. Em vez de fugir do local, ela ouviu uma serpente falar. Não lhe ocorreu que poderia ser aquele inimigo caído, usando a serpente como médium. Foi Satanás que falou, não a serpente. Eve foi seduzida, lisonjeada, apaixonada. Se ela tivesse encontrado um personagem comandante, possuindo uma forma como os anjos, e se assemelhando a eles, ela estaria em guarda. Mas aquela voz estranha deveria tê-la levado ao lado de seu marido para perguntar-lhe por que outro deveria se dirigir a ela tão livremente. Mas ela entra em uma controvérsia com a serpente. Ela responde à sua pergunta: "Podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais." A serpente responde: "Certamente não morreréis; porque Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, se abrirão os vossos olhos, e sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal".

Satanás transmitiria a idéia de que, comendo da árvore proibida, eles receberiam um novo e mais nobre tipo de conhecimento do que haviam alcançado até então. Este tem sido seu trabalho especial com grande sucesso desde sua queda, levar os homens a se intrometerem nos segredos do Todo-Poderoso, e não ficarem satisfeitos com o que Deus revelou, e não cuidarem de obedecer ao que ele ordenou. Ele os levaria a desobedecer aos mandamentos de Deus, e então os faria acreditar que estão entrando em um maravilhoso campo de conhecimento. Isso é pura suposição e um engano miserável. Eles falham em entender o que Deus revelou, e desconsideram seus mandamentos explícitos, e aspiram à sabedoria, independentemente de Deus, e procuram entender o que Ele tem o prazer de reter dos mortais. Eles estão exultantes com suas idéias de progressão e encantados com sua própria filosofia vã; mas tateia na escuridão da meia-noite em relação ao verdadeiro conhecimento. Eles estão sempre aprendendo, e nunca são capazes de chegar ao conhecimento da verdade.

Não era a vontade de Deus que este par sem pecado tivesse qualquer conhecimento do mal. Ele havia dado a eles o bem livremente, mas retido o mal. Eva considerou sábias as palavras da serpente, e ela recebeu a ampla afirmação: "Certamente não morreréis; porque Deus sabe que, no dia em que dela comerdes, se abrirão os vossos olhos, e sereis como deuses, conhecendo o bem e mal" — tornando Deus um mentiroso. Satanás insinua ousadamente que Deus os enganou para impedi-los de serem exaltados em conhecimento igual a ele. Deus disse: Se comerdes "certamente morreréis". A serpente disse: Se comerdes "certamente não morreréis".

O tentador assegurou a Eva que assim que ela comesse do fruto ela receberia um conhecimento novo e superior que a faria igual a Deus. Ele chamou a atenção dela para si mesmo. Ele comeu livremente da árvore e a achou não apenas perfeitamente inofensiva, mas deliciosa e estimulante; e disse a ela que era por causa de suas maravilhosas propriedades de transmitir sabedoria e poder que Deus os havia proibido de saboreá-lo ou mesmo tocá-lo; pois ele conhecia suas qualidades maravilhosas. Ele afirmou que comer do fruto da árvore proibida a eles foi a razão pela qual ele alcançou o poder da fala. Ele deu a entender que Deus não cumpriria sua palavra. Era apenas uma ameaça para intimidá-los e mantê-los longe de um grande bem. Ele ainda lhes disse que eles não poderiam morrer. Eles não comeram da árvore da vida que perpetua a imortalidade? Mentira disse que Deus os estava enganando para mantê-los de um estado mais elevado de felicidade e felicidade mais exaltada. O tentador colheu o fruto e o passou para Eva. Ela o pegou na mão. Agora, disse o

tentador, você foi proibido até mesmo de tocá-lo para não morrer. Ele disse a ela que ela não perceberia mais maldade e morte ao comer do que ao tocar ou manusear a fruta. Eva foi encorajada porque não sentiu os sinais imediatos do desagrado de Deus. Ela achou as palavras do tentador muito sábias e corretas. Ela comeu e ficou encantada com a fruta. Parecia delicioso ao seu paladar, e ela imaginou ter percebido em si mesma os efeitos maravilhosos da fruta.

Ela então colheu o fruto e comeu, e imaginou sentir o poder vivificador de uma existência nova e elevada como resultado da influência estimulante do fruto proibido. Ela estava em uma excitação estranha e antinatural enquanto procurava seu marido, com as mãos cheias do fruto proibido. Ela relatou a ele o sábio discurso da serpente e desejou conduzi-lo imediatamente à árvore do conhecimento. Ela disse a ele que havia comido da fruta e, em vez de sentir qualquer sensação de morte, ela percebeu uma influência agradável e estimulante. Assim que Eva desobedeceu, ela se tornou um meio poderoso para ocasionar a queda de seu marido.

Vi uma tristeza tomar conta do semblante de Adão. Ele parecia assustado e surpreso. Uma luta parecia estar acontecendo em sua mente. Ele disse a Eve que tinha certeza de que esse era o inimigo contra o qual eles haviam sido advertidos; e se assim for, que ela deve morrer. Ela assegurou-lhe que não sentiu efeitos nocivos, mas sim uma influência muito agradável, e pediu-lhe que comesse.

Adam compreendeu muito bem que seu companheiro havia transgredido a única proibição imposta a eles como um teste de sua fidelidade e amor. Eva raciocinou que a serpente disse que eles certamente não deveriam morrer, e suas palavras deveriam ser verdadeiras, pois ela não sentiu nenhum sinal do desagrado de Deus, mas uma influência agradável, como ela imaginou que os anjos sentiram. Adão lamentou que Eva tivesse saído de seu lado; mas agora a ação estava feita. Ele deve ser separado dela cuja sociedade ele tanto amou. Como ele poderia tê-lo assim? Seu amor por Eva era forte. E em total desânimo, ele resolveu compartilhar seu destino. Ele raciocinou que Eva era uma parte dele mesmo; e se ela devesse morrer, ele morreria com ela; pois ele não podia suportar o pensamento de separação dela. Faltava-lhe fé em seu misericordioso e benevolente Criador. Ele não achava que Deus, que o formou do pó da terra em uma forma viva e bela, e criou Eva para ser sua companheira, pudesse suprir o lugar dela. Afinal, as palavras desta sábia serpente não podem estar corretas? Eva estava diante dele, tão adorável e bela, e aparentemente tão inocente, quanto antes desse ato de desobediência. Ela expressou um amor maior e maior por ele do que antes de sua desobediência, como os efeitos da fruta que ela comeu. Ele não viu nela nenhum sinal de morte. Ela lhe falara da feliz influência da fruta, de seu amor ardente por ele, e ele decidiu enfrentar as consequências. Ele pegou a fruta e comeu rapidamente e, como Eva, não sentiu imediatamente seus efeitos nocivos.

Eve se achava capaz de decidir entre o certo e o errado. A esperança lisonjeira de entrar em um estado superior de conhecimento a levou a pensar que a serpente era sua amiga especial, possuindo um grande interesse em seu bem-estar. Se ela tivesse procurado seu marido, e eles tivessem relatado ao seu Criador as palavras da serpente, eles teriam sido libertados imediatamente de sua astuta tentação.

Deus instruiu nossos primeiros pais a respeito da árvore do conhecimento, e eles foram plenamente informados a respeito da queda de Satanás e do perigo de ouvir suas sugestões. Ele não os privou do poder de comer o fruto proibido. Ele os deixou como agentes morais livres para acreditar em sua palavra, obedecer seus mandamentos e viver, ou acreditar no tentador, desobedecer e perecer. Ambos comeram, e a grande sabedoria que obtiveram foi o

conhecimento do pecado e um sentimento de culpa. A cobertura de luz sobre eles logo desapareceu, e sob um sentimento de culpa e perda de sua cobertura divina, um calafrio os tomou, e eles tentaram cobrir suas formas expostas. O Senhor não queria que eles investigassem o fruto da árvore do conhecimento, pois então seriam expostos a Satanás mascarados. Ele sabia que eles estariam perfeitamente seguros se não tocassem na fruta.

Nossos primeiros pais escolheram acreditar nas palavras, como pensavam, de uma serpente; no entanto, ele não havia dado a eles nenhum sinal de seu amor. Ele não havia feito nada para sua felicidade e benefício; enquanto Deus lhes havia dado tudo o que era bom para comer e agradável à vista. Em todos os lugares onde os olhos pudessem descansar havia abundância e beleza; no entanto, Eva foi enganada pela serpente, ao pensar que havia algo retido que os tornaria sábios, mesmo como Deus. Em vez de acreditar e confiar em Deus, ela vilmente desconfiava de sua bondade e acalentava as palavras de Satanás.

Após a transgressão de Adão, ele a princípio imaginou que sentia a ascensão para uma existência nova e mais elevada. Mas logo o pensamento de sua transgressão o aterrorizou. O ar, que tinha uma temperatura amena e uniforme, parecia esfriá-los. O par culpado tinha uma sensação de pecado. Sentiam pavor do futuro, uma sensação de carência, uma nudez de alma. O doce amor, a paz e a felicidade feliz e satisfeita pareciam removidos deles e, em seu lugar, veio sobre eles uma necessidade de algo que eles nunca experimentaram antes. Eles então pela primeira vez voltaram sua atenção para o externo. Eles não estavam vestidos, mas estavam cobertos de luz como os anjos celestiais. Essa luz que os envolvia partiu. Para aliviar a sensação de falta e nudez que percebiam, sua atenção foi direcionada para buscar uma cobertura para suas formas; pois como eles poderiam encontrar os olhos de Deus e os anjos despidos?

Seu crime está agora diante deles em sua verdadeira luz. Sua transgressão da ordem expressa de Deus assume um caráter mais claro. Adão censurou a tolice de Eva em deixar seu lado e ser enganado pela serpente. Ambos se gabavam de que Deus, que lhes dera tudo para fazê-los felizes, ainda pudesse desculpar sua desobediência, por causa de seu grande amor por eles, e que seu castigo não seria tão terrível, afinal.

Satanás exultou com seu sucesso. Ele agora havia tentado a mulher a desconfiar de Deus, questionar sua sabedoria e procurar penetrar em seus planos oniscientes. E por meio dela ele também causou a derrubada de Adão, que, por causa de seu amor por Eva, desobedeceu ao mandamento de Deus e caiu com ela.

A notícia da queda do homem se espalhou pelo céu — todas as harpas foram silenciadas. Os anjos lançaram suas coroas de suas cabeças em tristeza. Todo o Céu estava em agitação. Os anjos se entristeceram com a vil ingratidão do homem, em troca das ricas graças que Deus proveu. Um conselho foi realizado para decidir o que deveria ser feito com o par culpado. Os anjos temiam que estendessem a mão e comessem da árvore da vida, perpetuando assim uma vida de pecado.

O Senhor visitou Adão e Eva e lhes deu a conhecer as consequências de sua desobediência. Ao ouvirem a majestosa abordagem de Deus, procuram esconder-se de sua inspeção, a quem se deleitam, enquanto em sua inocência e santidade, encontram. "E o Senhor Deus chamou a Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a tua voz no jardim, e tive medo porque estava nu, e me escondi. E ele disse: Quem disse a ti que estavas nu? Comeste da árvore da qual te ordenei que não comesses? Essa pergunta foi feita pelo Senhor, não porque ele precisava de informações, mas para a condenação do casal culpado. Como você ficou envergonhado e temeroso? Adão reconheceu sua transgressão, não porque fosse penitente por sua grande desobediência, mas para refletir sobre Deus.

"A mulher que tu quiseste estar comigo, ela me deu da árvore, e eu comi." A mulher foi então dirigida: "O que é isso que você fez?" Eva respondeu: "A serpente me enganou, e eu comi". O Senhor então se dirigiu à serpente: "Porque tu clonaste isto, tu és amaldiçoada acima de todo gado, e acima de todo animal do campo: sobre o teu ventre andarás, e comerás pó todos os dias da tua vida." Como a serpente havia sido exaltada acima dos animais do campo, deveria ser degradada abaixo de todos eles, e ser detestada pelo homem, visto que era o meio pelo qual Satanás agia. "E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por tua causa; com tristeza comerás dela todos os dias da tua vida; espinhos e cardos também te produzirá; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o pão, até que voltes à terra.

Deus amaldiçoou a terra por causa de seu pecado em comer da árvore do conhecimento, e declarou: "Com tristeza comerás dela todos os dias da tua vida." A mentira lhes havia distribuído o bem, mas retido o mal. Agora Deus declara que eles comerão dele, isto é, eles devem estar familiarizados com o mal todos os dias de sua vida.

A corrida daquele tempo em diante seria afligida pelas tentações de Satanás. Uma vida de labuta e ansiedade perpétuas foi designada a Adão, em vez do trabalho feliz e alegre que ele até então havia desfrutado. Eles devem estar sujeitos à decepção, tristeza e dor, e finalmente chegar à dissolução. Eles foram feitos do pó da terra, e ao pó devem retornar.

Eles foram informados de que teriam que perder sua casa no Éden. Eles se renderam ao engano de Satanás e creram na palavra de Satanás, de que Deus mentiria. Por sua transgressão eles abriram um caminho para Satanás ter acesso a eles mais prontamente, e não era seguro para eles permanecerem no jardim do Éden, para que em seu estado de pecado não tivessem acesso à árvore da vida, e perpetuar uma vida de pecado. Eles pediram permissão para permanecer, embora reconhecessem que haviam perdido todo o direito ao bem-aventurado Éden. Eles prometeram que no futuro renderiam obediência implícita a Deus. Eles foram informados de que em sua queda da inocência para a culpa, eles não ganharam força, mas grande fraqueza. Eles não preservaram sua integridade enquanto estavam em um estado de santa e feliz inocência, e teriam muito menos força para permanecer verdadeiros e leais em um estado de culpa consciente. Eles estavam cheios de profunda angústia e remorso. Eles agora perceberam que a penalidade do pecado era a morte.

Os anjos foram comissionados para guardar imediatamente o caminho da árvore da vida. Foi o plano estudado de Satanás que Adão e Eva desobedecessem a Deus, recebessem sua desaprovação e então participassem da árvore da vida, para que pudessem perpetuar uma vida de pecado. Mas santos anjos foram enviados para barrar seu caminho para a árvore da vida. Ao redor desses anjos brilhavam raios de luz de todos os lados, que pareciam espadas reluzentes.

CAPÍTULO IV.

O PLANO DE SALVAÇÃO.

A tristeza encheu o céu, pois se percebeu que o homem estava perdido, e o mundo que Deus criou deveria ser preenchido com mortais condenados à miséria, doença e morte, e não havia como escapar para o ofensor. Toda a família de Adão deve morrer. Vi o amável Jesus e vi uma expressão de simpatia e tristeza em seu semblante. Logo eu o vi se aproximar da luz

extremamente brilhante que envolvia o Pai. Disse meu anjo acompanhante, Ele está em íntima conversa com seu Pai. A ansiedade dos anjos parecia ser intensa enquanto Jesus estava em comunhão com seu Pai. Três vezes ele foi fechado pela luz gloriosa sobre o Pai, e na terceira vez que ele veio do Pai, sua pessoa podia ser vista. Seu semblante era calmo, livre de toda perplexidade e problemas, e brilhava com benevolência e amabilidade, como palavras não podem expressar. Ele então deu a conhecer à hoste angelical que uma maneira de escapar havia sido feita para o homem perdido. Ele lhes disse que estava suplicando a seu Pai, e se ofereceu para dar sua vida em resgate, e tomar sobre si a sentença de morte, para que por meio dele o homem pudesse encontrar perdão; que através dos méritos de seu sangue e obediência à lei de Deus, eles poderiam ter o favor de Deus, e ser levados ao belo jardim, e comer do fruto da árvore da vida.

A princípio os anjos não puderam se alegrar, pois seu comandante nada escondia deles, mas expunha diante deles o plano de salvação. Jesus lhes disse que ficaria entre a ira de seu Pai e o homem culpado, que levaria iniquidade e escárnio, e poucos o receberiam como Filho de Deus. Quase todos o odiariam e o rejeitariam. Ele deixaria toda a sua glória no céu, apareceria na terra como um homem, se humilharia como um homem, conheceria por sua própria experiência as várias tentações com que o homem seria assediado, para que pudesse saber como socorrer aqueles que deveriam ser tentado; e que, finalmente, depois que sua missão como professor fosse cumprida, ele seria entregue nas mãos dos homens e suportaria quase toda crueldade e sofrimento que Satanás e seus anjos pudessem inspirar homens iníquos a infligir; que ele deveria morrer a mais cruel das mortes, pendurado entre os céus e a terra como um pecador culpado; que ele deveria sofrer horríveis horas de agonia, que nem mesmo os anjos podiam ver, mas esconderiam seus rostos da visão. Não apenas a agonia do corpo ele sofreria; mas agonia mental, aquela com a qual o sofrimento corporal não pode de modo algum ser comparado. O peso dos pecados do mundo inteiro estaria sobre ele. Ele lhes disse que morreria e ressuscitaria no terceiro dia, e deveria ascender a seu Pai para interceder pelo homem rebelde e culpado.

Os anjos se prostraram diante dele. Eles ofereceram suas vidas. Jesus lhes disse que por sua morte salvaria muitos; que a vida de um anjo não poderia pagar a dívida. Somente sua vida poderia ser aceita por seu Pai como resgate pelo homem. Jesus também lhes disse que deveriam ter uma parte a cumprir, estar com ele e, em diferentes momentos, fortalecê-lo. Que ele tomasse a natureza caída do homem, e sua força não seria igual à deles. E eles devem ser testemunhas de sua humilhação e grandes sofrimentos. E como eles deveriam testemunhar seus sofrimentos, e o ódio dos homens por ele, eles seriam agitados com o. emoções mais profundas e, através de seu amor por ele, desejariam resgatá-lo e libertá-lo de seus assassinos; mas que eles não devem interferir para impedir qualquer coisa que devam ver; e que eles deveriam fazer parte de sua ressurreição; que o plano de salvação foi elaborado, e seu Pai havia aceitado o plano.

Com uma santa tristeza, Jesus consolou e alegrou os anjos, e informou-os de que dali em diante aqueles a quem ele deveria redimir estariam com ele, e sempre habitariam com ele; e que por sua morte ele deveria resgatar muitos, e destruir aquele que tinha o poder da morte. E seu Pai lhe daria o reino, e a grandeza do reino debaixo de todo o céu, e ele o possuiria para todo o sempre. Satanás e os pecadores devem ser destruídos, para nunca mais perturbar o Céu ou a nova terra purificada. Jesus ordenou que as hostes celestiais se reconciliassem com o plano que seu Pai aceitara e se regozijassem porque o homem caído poderia ser exaltado novamente por meio de sua morte, para obter o favor de Deus e desfrutar o Céu.

Então alegria, alegria inexprimível, encheu o Céu. E a hoste celestial cantou uma canção de louvor e adoração. Eles tocaram suas harpas e cantaram uma nota mais alta do que haviam feito antes, pela grande misericórdia e condescendência de Deus em entregar seu amado amado para morrer por uma raça de rebeldes. Louvor e adoração foram derramados pela abnegação e sacrifício de Jesus; que ele consentiria em deixar o seio de seu Pai, e escolher uma vida de sofrimento e angústia, e morrer uma morte ignominiosa para dar sua vida pelos outros.

Disse o anjo: Pensais que o Pai entregou seu amado Filho sem luta? Não não. Foi até mesmo uma luta com o Deus do Céu, seja para deixar o homem culpado perecer, ou para dar seu Filho amado para morrer por eles. Os anjos estavam tão interessados na salvação do homem que podiam ser encontrados entre eles aqueles que entregariam sua glória e dariam sua vida pelo homem que perece. Mas, disse meu anjo acompanhante, Isso de nada adiantaria. A transgressão foi tão grande que a vida de um anjo não pagaria a dívida. Nada além da morte e intercessões de seu Filho pagaria a dívida e salvaria o homem perdido da tristeza e miséria sem esperança.

Mas a obra dos anjos foi designada a eles, para subir e descer com bálsamo fortalecedor da glória para acalmar o Filho de Deus em seus sofrimentos e administrá-lo. Além disso, seu trabalho seria guardar e manter os súditos da graça dos anjos maus, e das trevas constantemente lançadas ao redor deles por Satanás. Vi que era impossível para Deus alterar ou mudar sua lei, para salvar o homem perdido e perecível; portanto, ele permitiu que seu Filho amado morresse pela transgressão do homem.

Satanás novamente se alegrou com seus anjos por poder, causando a queda do homem, derrubar o Filho de Deus de sua posição exaltada. Ele disse a seus anjos que quando Jesus tomasse a natureza do homem caído, ele poderia dominá-lo e impedir a realização do plano de salvação.

Foi-me então mostrado Satanás como ele era, um anjo feliz e exaltado. Então me foi mostrado como ele é agora. Ele ainda tem uma forma real. Suas feições ainda são nobres, pois ele é um anjo caído. Mas a expressão de seu semblante está cheia de ansiedade, cuidado, infelicidade, malícia, ódio, maldade, engano e todo mal. Aquela sobranceira que já foi tão nobre, eu particularmente notei. Sua testa começou de seus olhos a recuar para trás. Eu vi que ele se rebaixou por tanto tempo que toda boa qualidade foi rebaixada e todo mau traço foi desenvolvido. Seus olhos eram astutos e astutos, e mostravam grande penetração. Sua estrutura era grande; mas a carne pendia frouxamente sobre suas mãos e rosto. Enquanto eu o via, seu queixo estava apoiado em sua mão esquerda. Ele parecia estar em profundo pensamento. Um sorriso estava em seu rosto, o que me fez tremer, estava tão cheio de maldade e astúcia satânica. Esse sorriso é o que ele usa antes de se certificar de sua vítima; e enquanto ele prende a vítima em sua armadilha, esse sorriso fica horrível.

Com humildade e tristeza inexprimível, Adão e Eva deixaram o lindo jardim onde haviam sido tão felizes até desobedecerem ao mandamento de Deus. A atmosfera foi alterada. Não era mais invariável como antes da transgressão. Deus os vestiu com túnicas de peles para protegê-los da sensação de frio e depois do calor a que estavam expostos.

Todo o Céu lamentou por causa da desobediência e queda de Adão e Eva, que trouxe a ira de Deus sobre toda a raça humana. Eles foram cortados da comunhão com Deus e mergulhados em uma miséria sem esperança. A lei de Deus não podia ser mudada para atender às necessidades do homem; pois no arranjo de Deus nunca deveria perder sua força, nem desistir da menor parte de suas reivindicações.

Os anjos de Deus foram comissionados para visitar o casal caído e informá-los de que, embora não pudessem mais manter a posse de seu estado santo, seu lar edênico, por causa de sua transgressão da lei de Deus, ainda assim seu caso não era totalmente sem esperança. Eles foram então informados de que o Filho de Deus, que havia conversado com eles no Éden, se compadeceu ao ver sua condição desesperadora, e se ofereceu para tomar sobre si o castigo devido a eles e morrer por eles para que o homem pudesse ainda viver, pela fé na expiação que Cristo se propôs a fazer por ele. Por meio de Cristo, uma porta de esperança foi aberta, para que o homem, não obstante seu grande pecado, não estivesse sob o controle absoluto de Satanás. A fé nos méritos do Filho de Deus elevaria tanto o homem que ele poderia resistir aos ardis de Satanás. A provação lhe seria concedida na qual, por meio de uma vida de arrependimento e fé na expiação do Filho de Deus, ele pudesse ser redimido de sua transgressão da lei do Pai, e assim ser elevado a uma posição em que seus esforços para manter sua lei pode ser aceita.

Os anjos relataram-lhes a dor sentida no Céu, quando foi anunciado que eles haviam transgredido a lei de Deus, que tornara conveniente para Cristo fazer o grande sacrifício de sua preciosa vida.

Quando Adão e Eva perceberam quão exaltada e sagrada era a lei de Deus, cuja transgressão tornou necessário um sacrifício tão custoso para salvá-los e a sua posteridade da ruína total, eles suplicaram que morressem eles mesmos, ou que eles e sua posteridade suportassem o pena de sua transgressão, em vez de que o amado Filho de Deus fizesse este grande sacrifício. A angústia de Adão aumentou. Ele viu que seus pecados eram de tão grande magnitude que envolviam terríveis consequências. E deve ser que o céu seja honrado

Comandante, que tinha andado com ele, e falado com ele, enquanto em sua santa inocência, a quem os anjos honraram e adoraram, deve ser trazido de sua posição exaltada para morrer por causa de sua transgressão. Adão foi informado de que a vida de um anjo não poderia pagar a dívida. A lei de Jeová, fundamento de seu governo no Céu e na Terra, era tão sagrada quanto o próprio Deus; e por esta razão a vida de um anjo não poderia ser aceita por Deus como sacrifício por sua transgressão. Sua lei era mais importante aos seus olhos do que os santos anjos ao redor de seu trono. O Pai não poderia abolir nem mudar um preceito de sua lei para encontrar o homem em sua condição decaída. Mas o Filho de Deus, que em uníssono com o Pai criou o homem, pôde fazer uma expiação pelo homem aceitável a Deus, dando sua vida em sacrifício e suportando a ira de seu Pai. Os anjos informaram a Adão que, como sua transgressão trouxera morte e miséria, a vida e a imortalidade seriam trazidas à luz pelo sacrifício de Jesus Cristo.

A Adão foram revelados eventos futuros e importantes, desde sua expulsão do Éden até o dilúvio, e adiante até o primeiro advento de Cristo sobre a terra. Seu amor por Adão e sua posteridade levaria o Filho de Deus a condescender em assumir a natureza humana e, assim, elevar, por meio de sua própria humilhação, todos os que cressem nele. Tal sacrifício foi de valor suficiente para salvar o mundo inteiro; mas apenas alguns se beneficiariam da salvação trazida a eles por meio de um sacrifício tão maravilhoso. Os muitos não cumpriram as condições exigidas deles para que pudessem ser participantes de sua grande salvação. Preferiram o pecado e a transgressão da lei de Deus, a arrependimento e obediência, confiando pela fé nos méritos do sacrifício oferecido. Esse sacrifício era de valor tão infinito que tornava um homem que se valesse dele, mais precioso do que o ouro fino, até mesmo um homem do que a cunha de ouro de Ofir.

Adão foi levado através de sucessivas gerações, e viu o aumento do crime, da culpa e da corrupção, porque o homem cederia às suas fortes inclinações naturais para transgredir a

santa lei de Deus. Foi-lhe mostrada a maldição de Deus repousando cada vez mais pesadamente sobre a raça humana, sobre o gado e sobre a terra, por causa da contínua transgressão do homem. Foi-lhe mostrado que a iniquidade e a violência aumentariam constantemente; ainda assim, em meio a toda a maré de miséria e aflição humana, sempre haveria alguns que preservariam o conhecimento de Deus e permaneceriam imaculados em meio à degeneração moral predominante. Adão foi feito para compreender o que é o pecado - a transgressão da lei. Foi-lhe mostrado que a degeneração moral, mental e física resultaria para a raça, da transgressão, até que o mundo se enchesse de miséria humana de todo tipo.

Os dias do homem foram encurtados por sua própria conduta de pecado em transgredir a justa lei de Deus. A raça foi finalmente tão depreciada que parecia inferior e quase sem valor. Eles eram geralmente incompetentes para apreciar o mistério do Calvário, os grandes e elevados fatos da expiação e do plano de salvação, por causa da indulgência da mente carnal. No entanto, não obstante a fraqueza e os poderes mentais, morais e físicos enfraquecidos da raça humana, Cristo, fiel ao propósito pelo qual deixou o Céu, continua seu interesse pelos espécimes fracos, depreciados e degenerados da humanidade, e os convida a esconder suas fraquezas e grandes deficiências nele. Se eles vierem a ele, ele suprirá todas as suas necessidades.

Quando Adão, de acordo com as instruções especiais de Deus, fez uma oferta pelo pecado, foi para ele uma cerimônia muito dolorosa. Sua mão deve ser levantada para tirar a vida, que somente Deus poderia dar, e fazer uma oferta pelo pecado. Foi a primeira vez que presenciou a morte. Ao olhar para a vítima ensanguentada, contorcendo-se nas agonias da morte, devia esperar pela fé o Filho de Deus, a quem a vítima prefigurava, que haveria de morrer como sacrifício do homem.

Essa oferta cerimonial, ordenada por Deus, deveria ser um lembrete perpétuo para Adão de sua culpa, e também um reconhecimento penitencial de seu pecado. Este ato de tirar a vida deu a Adão um sentido mais profundo e perfeito de sua transgressão, que nada menos que a morte do querido Filho de Deus poderia expiar. Maravilhou-se com a bondade infinita e o amor incomparável que daria tal resgate para salvar o culpado. Enquanto Adão matava a vítima inocente, parecia-lhe que estava derramando o sangue do Filho de Deus por suas próprias mãos. Ele sabia que se tivesse permanecido firme a Deus e fiel à sua santa lei, não teria havido morte de animais nem de homens. No entanto, nas ofertas de sacrifício, apontando para a grande e perfeita oferta do querido Filho de Deus, apareceu uma estrela de esperança para iluminar o futuro sombrio e terrível, e aliviá-lo de sua total desesperança e ruína.

No início, o chefe de cada família era considerado governante e sacerdote de sua própria casa. Depois, à medida que a raça se multiplicava sobre a terra, homens de designação divina realizavam esta solene adoração de sacrifício pelo povo. O sangue dos animais deveria ser associado na mente dos pecadores com o sangue do Filho de Deus. A morte da vítima era uma evidência para todos de que a pena do pecado era a morte. Pelo ato do sacrifício, o pecador reconheceu sua culpa e manifestou sua fé, esperando o grande e perfeito sacrifício do Filho de Deus, que a oferta de animais prefigurava. Sem a expiação do Filho de Deus não poderia haver comunicação de bênção ou salvação de Deus para o homem. Deus era zeloso pela honra de sua lei. A transgressão dessa lei causou uma terrível separação entre Deus e o homem. A Adão em sua inocência foi concedida a comunhão, direta, livre e feliz, com seu Criador. Após sua transgressão, Deus se comunicaria com o homem por meio de Cristo e dos anjos.

CAPÍTULO V.

CAIM E ABEL.

CAIM e Abel, os filhos de Adão, eram muito diferentes em caráter. Abel temia a Deus. Caim acalentava sentimentos rebeldes e murmurava contra Deus por causa da maldição pronunciada sobre Adão, e porque o solo foi amaldiçoado por seu pecado. Esses irmãos haviam sido instruídos quanto à provisão feita para a salvação da raça humana. Exigiu-se deles um sistema de humilde obediência, mostrando sua reverência a Deus, e sua fé e dependência do Redentor prometido, matando os primogênitos do rebanho e apresentando-os solenemente com o sangue, como holocausto para Deus. Esse sacrifício os levaria a manter continuamente em mente seu pecado e o Redentor por vir, que seria o grande sacrifício para o homem.

Caim trouxe sua oferta ao Senhor com murmuração e infidelidade em seu coração em relação ao sacrifício prometido. Ele não estava disposto a seguir estritamente o plano de obediência, e buscar um cordeiro e oferecê-lo com o fruto da terra. Ele meramente tomou do fruto da terra, e desrespeitou a exigência de Deus. Deus fez saber a Adão que sem derramamento de sangue não poderia haver remissão de pecados. Caim não era exigente em trazer nem mesmo os melhores frutos. Abel aconselhou seu irmão a não comparecer perante o Senhor sem o sangue de um sacrifício. Caim sendo o mais velho, não quis ouvir seu irmão. Ele desprezou seu conselho e, com dúvida e murmuração quanto à necessidade das oferendas cerimoniais, apresentou sua oferenda. Mas Deus não aceitou.

Abel trouxe das primícias do seu rebanho e da gordura como Deus havia ordenado; e em plena fé no Messias por vir, e com humilde reverência, ele apresentou a oferta. Deus teve respeito por sua oferta. Uma luz brilha do céu e consome a oferenda de Abel. Caim não vê nenhuma manifestação de que o seu seja aceito. Ele está zangado com o Senhor e com seu irmão. Deus condescende em enviar um anjo a Caim para conversar com ele.

O anjo pergunta a ele o motivo de sua raiva e informa-o que, se ele fizer bem e seguir as instruções que Deus deu, ele o aceitará e respeitará sua oferta. Mas se ele não se submeter humildemente aos arranjos de Deus, e acreditar e obedecer a ele, ele não poderá aceitar sua oferta. O anjo diz a Caim que não foi injustiça da parte de Deus, ou parcialidade mostrada a Abel; mas que foi por causa de seu próprio pecado e desobediência à ordem expressa de Deus, por que ele não pôde respeitar sua oferta - e se ele fizesse bem, seria aceito por Deus, e seu irmão deveria ouvi-lo, e ele deveria assumir a liderança, porque ele era o mais velho. Mas mesmo depois de ter sido fielmente instruído, Caim não se arrependeu. Em vez de se censurar e se abominar por sua incredulidade, ele ainda reclama da injustiça e da parcialidade de Deus. E em seu ciúme e ódio ele contende com Abel, e o repreende. Abel humildemente aponta o erro de seu irmão e mostra a ele que o erro está nele mesmo. Mas Caim odeia seu irmão desde o momento em que Deus lhe manifesta os sinais de sua aceitação. Seu irmão Abel procura aplacar sua ira lutando pela compaixão de Deus em salvar a vida de seus pais, quando ele poderia ter trazido sobre eles a morte imediata. Ele diz a Caim que Deus os amava, ou não teria dado seu Filho, inocente e santo, para sofrer a ira que o homem por sua desobediência merecia sofrer. Enquanto Abel justifica o plano de Deus, Caim se enfurece, e sua ira aumenta e arde contra Abel, até que em sua ira ele o mata. Deus pergunta a Caim por seu irmão, e Caim profere uma falsidade culpada: "Não sei; sou eu o guardião de meu irmão?" Deus informa a Caim que ele sabia em relação ao seu pecado - que ele estava familiarizado com todos os seus atos, e até mesmo os pensamentos de seu coração, e diz a ele: "O sangue de teu irmão clama a mim da terra. E agora és maldito da

terra que abriu a sua boca para receber da tua mão o sangue de teu irmão. Quando lavrares a terra, ela não te dará mais a sua força. Fugitivo e vagabundo serás na terra."

A maldição no chão a princípio foi sentida, mas levemente; mas agora uma dupla maldição repousava sobre ela. Caim e Abel representam as duas classes, os justos e os ímpios, os crentes e os incrédulos, que deveriam existir desde a queda do homem até a segunda vinda de Cristo. Caim está matando seu irmão Abel, representa os ímpios que terão inveja dos justos e os odiarão porque são melhores do que eles mesmos. Eles terão inveja dos justos, e os perseguirão e os matarão porque suas ações corretas condenam seu proceder pecaminoso.

A vida de Adão foi de tristeza, humildade e arrependimento contínuo. Ao ensinar a seus filhos e netos o temor do Senhor, muitas vezes ele foi amargamente repreendido por seu pecado que resultou em tanta miséria para sua posteridade. Quando ele deixou o belo Éden, o pensamento de que ele deveria morrer o emocionou de horror. Ele via a morte como uma terrível calamidade. Ele conheceu pela primeira vez a terrível realidade da morte na família humana por seu próprio filho Caim matando seu irmão Abel. Cheio do mais amargo remorso por sua própria transgressão, e privado de seu filho Abel, e olhando para Caim como seu assassino, e conhecendo a maldição que Deus pronunciou sobre ele, inclinou o coração de Adão com tristeza. Mais amargamente ele se censurou por sua primeira grande transgressão. Ele implorou o perdão de Deus por meio do sacrifício prometido. Profundamente sentiu-se a ira de Deus por seu crime cometido no Paraíso. Ele testemunhou a corrupção geral que depois finalmente provocou Deus a destruir os habitantes da terra por um dilúvio. A sentença de morte pronunciada sobre ele por seu Criador, que a princípio lhe pareceu tão terrível, depois de ter vivido algumas centenas de anos, parecia justa e misericordiosa em Deus, para pôr fim a uma vida miserável.

Quando Adam testemunhou os primeiros sinais da natureza decadente na folha caindo e nas flores caídas, ele lamentou mais profundamente do que os homens agora choram por seus mortos. As flores caídas não eram motivo de tristeza tão profunda, porque eram mais ternas e delicadas; mas as árvores altas, nobres e robustas para derrubar suas folhas, apodrecer, apresentavam diante dele a dissolução geral da bela natureza, que Deus havia criado para o benefício especial do homem.

Para seus filhos, e para os filhos deles, até a nona geração, ele delineou as perfeições de seu lar edênico; e também sua queda e seus terríveis resultados, e a carga de dor que lhe trouxe por causa da ruptura em sua família, que terminou com a morte de Abel. Ele relatou a eles os sofrimentos que Deus lhe trouxera, para ensiná-lo a necessidade de aderir estritamente à sua lei. Ele declarou a eles que o pecado seria punido de qualquer forma que existisse. Suplicou-lhes que obedecessem a Deus, que os trataria misericordiosamente se o amassem e temessem.

Anjos mantiveram comunicação com Adão após sua queda, e o informaram sobre o plano de salvação, e que a raça humana não estava além da redenção. Embora uma terrível separação tivesse ocorrido entre Deus e o homem, ainda assim, a provisão havia sido feita através da oferta de seu Filho amado, pela qual o homem poderia ser salvo. Mas sua única esperança era através de uma vida de arrependimento humilde e fé na provisão feita. Todos aqueles que assim pudessem aceitar a Cristo como seu único Salvador, deveriam ser novamente trazidos ao favor de Deus pelos méritos de seu Filho.

Adão foi ordenado a ensinar a seus descendentes o temor do Senhor e, por seu exemplo e obediência humilde, ensiná-los a considerar altamente as ofertas que tipificavam um Salvador vindouro. Adão cuidadosamente entesourou o que Deus havia revelado a ele, e

transmitiu de boca em boca para seus filhos e filhos dos filhos. Por este meio o conhecimento de Deus foi preservado. Havia alguns justos na terra que conheciam e temiam a Deus mesmo nos dias de Adão. O sábado foi observado antes da queda. Porque Adão e Eva desobedeceram a ordem de Deus, e comeram do fruto proibido, eles foram expulsos do Éden; mas eles observaram o sábado depois de sua queda. Eles experimentaram os frutos amargos da desobediência e aprenderam que todo transgressor dos mandamentos de Deus mais cedo ou mais tarde aprenderá que Deus quer dizer exatamente o que diz, e que certamente punirá o transgressor.

Aqueles que se atrevem a estimar levemente o dia em que Jeová descansou, o dia que ele santificou e abençoou, o dia que ele ordenou que fosse santificado, ainda saberão que a morte é a recompensa do transgressor. Por causa das honras especiais que Deus conferiu ao sétimo dia, ele exigiu que seu povo numerasse por sete para que não se esquecessem de seu Criador, que fez os céus e a terra em seis dias e descansou no sétimo.

Os descendentes de Caim não tiveram o cuidado de respeitar o dia em que Deus descansou. Eles escolheram seu próprio tempo para trabalhar e descansar, independentemente da ordem especial de Jeová. Havia duas classes distintas sobre a terra. Uma classe estava em rebelião aberta contra a lei de Deus, enquanto a outra classe obedecia a seus mandamentos e reverenciava seu sábado.

CAPÍTULO VI.

SETE E ENOQUE.

SETH era um personagem digno, e deveria tomar o lugar de Abel em fazer o que era certo. No entanto, ele era um filho de Adão como o pecador Caim, e não herdou da natureza de Adão mais bondade natural do que Caim. Ele nasceu em pecado; mas pela graça de Deus, ao receber as instruções fiéis de seu pai Adão, ele honrou a Deus ao fazer sua vontade. Ele se separou dos descendentes corruptos de Caim e trabalhou, como Abel teria feito se estivesse vivo, para fazer com que as mentes dos pecadores reverenciassem e obedecessem a Deus.

Enoque era um homem santo. Ele serviu a Deus com singeleza de coração. Ele percebeu as corrupções da família humana, separou-se dos descendentes de Caim e os reprovou por sua grande maldade. Havia aqueles na terra que reconheciam a Deus, que o temiam e o adoravam. No entanto, o justo Enoque estava tão angustiado com a crescente maldade dos ímpios, que não se associava diariamente com eles, temendo ser afetado por sua infidelidade, e que seus pensamentos nunca considerassem a Deus com aquela santa reverência que lhe era devida. caráter exaltado. Sua alma estava aflita ao testemunhar diariamente o pisoteio deles sobre a autoridade de Deus. Ele escolheu se separar deles e passou grande parte de seu tempo na solidão, que dedicou à reflexão e à oração. Ele esperou diante de Deus e orou para conhecer sua vontade mais perfeitamente, para que pudesse realizá-la. Deus comungou com Enoque por meio de seus anjos, e deu-lhe instrução divina. Ele lhe fez saber que nem sempre suportaria o homem em sua rebelião - que seu propósito era destruir a raça pecadora trazendo um dilúvio de águas sobre a terra.

O puro e amável jardim do Éden, do qual nossos primeiros pais foram expulsos, permaneceu até que Deus propôs destruir a terra por um dilúvio. Deus plantou aquele jardim e o abençoou especialmente; e em sua maravilhosa providência ele a retirou da terra e a devolverá à terra novamente, mais gloriosamente adornada do que antes de ser

removida da terra. Deus se propôs a preservar um espécime de sua perfeita obra de criação livre da maldição com que amaldiçoara a terra.

O Senhor abriu mais plenamente a Enoque o plano de salvação e, pelo espírito de profecia, conduziu-o através das gerações que deveriam viver após o dilúvio, e mostrou-lhe os grandes eventos relacionados com a segunda vinda de Cristo e o fim do mundo. .

Enoque estava preocupado com os mortos. Parecia-lhe que os justos e os ímpios iriam juntos para o pó, e esse seria o fim deles. Ele não podia ver claramente a vida dos justos além-túmulo. Em visão profética, ele foi instruído a respeito do Filho de Deus, que haveria de morrer como sacrifício do homem, e foi-lhe mostrada a vinda de Cristo nas nuvens do céu, assistido pelo exército angélico, para dar vida aos justos mortos e resgatar eles de seus túmulos. Ele também viu o estado corrupto do mundo no momento em que Cristo deveria aparecer pela segunda vez - que haveria uma geração jactanciosa, presunçosa e obstinada, disposta em rebelião contra a lei de Deus, e negando o único Senhor Deus e nosso Senhor Jesus Cristo, e pisoteando o seu sangue, e desprezando a sua expiação. Ele viu os justos coroados de glória e honra, enquanto os ímpios foram separados da presença do Senhor e consumidos pelo fogo.

Enoque repetiu fielmente ao povo tudo o que Deus lhe havia revelado pelo espírito de profecia. Alguns acreditaram em suas palavras e se converteram de sua maldade para temer e adorar a Deus. Esses freqüentemente buscavam Enoque em seus lugares de retiro, e ele os instruía e orava por eles para que Deus lhes desse conhecimento de sua vontade. Por fim, ele escolheu certos períodos para o retiro, e não permitiu que o povo o encontrasse, pois eles interromperam sua santa meditação e comunhão com Deus. Ele não se excluiu em todos os momentos da sociedade daqueles que o amavam e ouviam suas palavras de sabedoria; nem se separou totalmente dos corruptos. Encontrou-se com os bons e os maus em tempos determinados, e trabalhou para desviar os ímpios de seu mau proceder, e instruí-los no conhecimento e temor de Deus. Ele ensinou aqueles que tinham o conhecimento de Deus a servi-lo mais perfeitamente. Ele permaneceria com eles enquanto pudesse beneficiá-los por sua conversação piedosa e exemplo santo, e então se retiraria de toda a sociedade – dos justos, dos escarnecedores e idólatras, para permanecer na solidão, faminto e sedento de comunhão com Deus. , e aquele conhecimento divino que somente ele poderia lhe dar.

Enoque continuou a crescer mais celestial enquanto comungava com Deus. Seu rosto estava radiante com uma luz sagrada que permaneceria em seu semblante enquanto instruía aqueles que ouvissem suas palavras de sabedoria. Sua aparência celestial e digna impressionou as pessoas com admiração. O Senhor amou Enoque porque ele o seguiu firmemente, e abominou a iniquidade, e buscou fervorosamente o conhecimento celestial para que ele pudesse fazer sua vontade perfeitamente. Ele ansiava por se unir ainda mais a Deus, a quem temia, reverenciava e adorava. Deus não permitiu que Enoque morresse como os outros homens, mas enviou seus anjos para levá-lo ao céu sem ver a morte. Na presença dos justos e dos ímpios, Enoque foi removido deles. Aqueles que o amavam pensavam que Deus poderia tê-lo deixado em alguns de seus lugares de retiro; mas depois de procurá-lo diligentemente e não poder encontrá-lo, relatou que ele não era, pois Deus o levou.

O Senhor aqui ensina uma lição da maior importância pela trasladação de Enoque, um descendente do caído Adão, que todos seriam recompensados, que pela fé confiassem no Sacrifício prometido e obedecessem fielmente a seus mandamentos. Duas classes estão aqui novamente representadas que deveriam existir até a segunda vinda de Cristo – os justos e os ímpios, os rebeldes e os leais. Deus se lembrará dos justos, que o temem. Por causa de seu

querido Filho, ele os respeitará e honrará, e lhes dará vida eterna. Mas os ímpios, que pisam a sua autoridade, ele cortará e destruirá da terra, e eles serão como se nunca tivessem existido.

Após a queda de Adão de um estado de perfeita felicidade para um estado de miséria e pecado, havia o perigo de o homem ficar desanimado e perguntar: “Que proveito há em guardarmos suas ordenanças e andarmos tristemente diante do pesada maldição está repousando sobre a raça humana, e a morte é a porção de todos nós? Mas as instruções que Deus deu a Adão, e que foram repetidas por Sete, e plenamente exemplificadas por Enoque, limpam as trevas e as trevas, e deram esperança ao homem, de que, assim como por meio de Adão veio a morte, por meio de Jesus, o Redentor prometido, vem a vida e a imortalidade.

No caso de Enoque, os fiéis desanimados foram ensinados que, embora vivessem entre um povo corrupto e pecador, que estava em rebelião aberta e ousada contra Deus, seu Criador, ainda assim, se o obedecessem e tivessem fé no Redentor prometido, eles poderiam praticar a justiça como o fiel Enoque, ser aceitos por Deus e finalmente exaltados ao seu trono celestial.

Enoque, separando-se do mundo e gastando muito do seu tempo em oração e em comunhão com Deus, representa o povo leal de Deus nos últimos dias, que será separado do mundo. A injustiça prevalecerá em uma extensão terrível sobre a terra. Os homens se entregarão a seguir toda imaginação de seus corações corruptos, e seguirão sua filosofia enganosa, e se rebelarão contra a autoridade do alto Céu.

O povo de Deus se separará das práticas injustas daqueles ao seu redor e buscará pureza de pensamento e santa conformidade com sua vontade, até que sua imagem divina seja refletida neles. Como Enoque, eles serão apropriados para serem trasladados para o Céu. Embora se esforcem para instruir e advertir o mundo, não se conformarão ao espírito e costumes dos incrédulos, mas os condenarão por sua santa conduta e exemplo piedoso. A transladação de Enoque para o céu pouco antes da destruição do mundo por um dilúvio, representa a transladação de todos os justos vivos da terra antes de sua destruição pelo fogo. Os santos serão glorificados na presença daqueles que os odiaram por sua obediência leal aos justos mandamentos de Deus.

Enoque instruiu sua família a respeito do dilúvio. Matusalém, filho de Enoque, ouviu a pregação de seu neto, Noé, que advertiu fielmente os habitantes do velho mundo de que um dilúvio de águas estava vindo sobre a terra. Matusalém e seus filhos e netos viveram na época da construção da arca. Eles, com alguns outros, receberam instruções de Noé e o ajudaram a construir a arca.

Sete era de estatura mais nobre do que Caim ou Abel, e se parecia mais com Adão do que qualquer um de seus outros filhos. Os descendentes de Sete se separaram dos ímpios descendentes de Caim. Eles acalentavam o conhecimento da vontade de Deus, enquanto a raça ímpia de Caim não tinha respeito por Deus e seus mandamentos sagrados. Mas quando os homens se multiplicaram sobre a terra, os descendentes de Sete viram que as filhas dos descendentes de Caim eram muito bonitas, e se afastaram de Deus e o desagradaram tomando esposas como escolheram da raça idólatra de Caim.

CAPÍTULO VII.

A INUNDAÇÃO.

AQUELES que honravam e temiam ofender a Deus, a princípio sentiram a maldição, mas levemente; enquanto aqueles que se afastaram de Deus e pisaram em sua autoridade sentiram mais fortemente os efeitos da maldição, especialmente em estatura e nobreza de forma. Os descendentes de Sete foram chamados filhos de Deus—os descendentes de Caim, os filhos dos homens. À medida que os filhos de Deus se misturavam com os filhos dos homens, tornaram-se corruptos e, pelo casamento com eles, perderam, pela influência de suas esposas, seu caráter peculiar e santo, e uniram-se aos filhos de Caim em sua idolatria. Muitos deixaram de lado o temor de Deus e pisotearam seus mandamentos. Mas havia alguns que praticavam a justiça, que temiam e honravam seu Criador. Noé e sua família estavam entre os poucos justos.

A maldade do homem foi tão grande, e aumentou a tal ponto terrível, que Deus se arrependeu de ter feito o homem sobre a terra; pois ele viu que a maldade do homem era grande, e que toda imaginação dos pensamentos de seu coração era apenas má continuamente.

A maldição não mudou imediatamente a aparência da terra. Ainda era rico na generosidade que Deus havia providenciado para ele. Havia ouro e prata em abundância. A raça dos homens então vivos era de grande estatura e possuía uma força maravilhosa. As árvores eram muito maiores e superavam em beleza e proporções perfeitas qualquer coisa que os mortais possam ver agora. A madeira dessas árvores era de grão fino e substância dura — neste aspecto mais parecida com pedra. Exigiu muito mais tempo e trabalho, mesmo daquela raça poderosa, para preparar a madeira para a construção, do que requer nesta era degenerada para preparar as árvores que agora estão crescendo sobre a terra, mesmo com a força atual mais fraca que os homens agora possuem. Essas árvores eram de grande durabilidade e não conheceriam nada de decomposição por muitos anos.

Uma pesada e dupla maldição, primeiro por causa da transgressão de Adão, e segundo, por causa do assassinato cometido por Caim, repousava sobre a terra; mas as montanhas e colinas ainda eram adoráveis. Nas elevações mais altas cresciam árvores majestosas, elevando-se a uma luz alta, seus galhos estendendo-se a uma grande distância por todos os lados, enquanto as planícies estavam cobertas de verdura e pareciam um vasto jardim de flores. Algumas das colinas estavam cobertas de belas árvores, e vinhas que subiam nas majestosas árvores estavam carregadas de uvas, enquanto belas flores enchiam o ar com sua fragrância. Mas, apesar da riqueza e beleza da terra, ainda assim, quando comparada com seu estado antes que a maldição fosse pronunciada sobre ela, havia evidência manifesta de certa e certa decadência.

As pessoas usavam o ouro, a prata, as pedras preciosas e a madeira escolhida para construir casas para si, cada uma se esforçando para superar a outra. Eles embelezaram e adornaram suas casas e terras com as obras mais engenhosas, e provocaram a Deus por seus atos perversos. Eles formavam imagens para adorar e ensinavam seus filhos a considerar essas peças de artesanato feitas com suas próprias mãos, como deuses, e adorá-las. Eles não escolheram pensar em Deus, o criador dos céus e da terra, e não agradeceram a Ele que lhes havia fornecido todas as coisas que possuíam. Eles até negaram a existência do Deus do Céu, e glorificaram e adoraram as obras de suas próprias mãos. Eles se corromperam com aquelas coisas que Deus havia colocado sobre a terra para o benefício do homem. Eles prepararam para si belos passeios, cobertos de árvores frutíferas de todos os tipos. Sob essas árvores majestosas e encantadoras, com seus amplos galhos, que eram verdes desde o início do ano até o fim, eles colocaram seus ídolos de adoração. Bosques inteiros, por causa do abrigo de seus galhos, eram dedicados a seus deuses ídolos e se tornavam atraentes para o povo recorrer para sua adoração idólatra.

Em vez de fazer justiça a seus vizinhos, eles realizaram seus próprios desejos ilegais. Eles tinham uma pluralidade de esposas, o que era contrário ao sábio arranjo de Deus. No princípio, Deus deu a Adão uma esposa—mostrando a todos os que deveriam viver na terra, sua ordem e lei a esse respeito. A transgressão e queda de Adão e Eva trouxe pecado e miséria sobre a raça humana, e o homem seguiu seus próprios desejos carnis e mudou a ordem de Deus. Quanto mais os homens multiplicavam as esposas para si mesmos, mais aumentavam em maldade e infelicidade. Se alguém escolheu tomar as mulheres, ou o gado, ou qualquer coisa pertencente ao seu próximo, ele não considerou justiça ou direito, mas se ele pudesse prevalecer sobre seu próximo por força ou por matá-lo, ele o fez. , e exultou em seus atos de violência. Eles adoravam destruir a vida dos animais. Eles os usavam como alimento, e isso aumentava sua ferocidade e violência, e os fazia olhar para o sangue de seres humanos com espantosa indiferença.

Mas se houve um pecado acima do outro que exigiu a destruição da raça pelo dilúvio, foi o crime básico de amálgama de homem e animal que desfigurou a imagem de Deus e causou confusão em todos os lugares. Deus se propôs a destruir por um dilúvio aquela raça poderosa e de vida longa que havia corrompido seus caminhos antes dele. Ele não permitiria que eles vivessem os dias de sua vida natural, que seriam centenas de anos. Foi apenas algumas gerações atrás quando Adão teve acesso àquela árvore que deveria prolongar a vida. Depois de sua desobediência, não lhe foi permitido comer da árvore da vida e perpetuar uma vida de pecado. Para que o homem possua uma vida sem fim, ele deve continuar comendo do fruto da árvore da vida. Privado daquela árvore, sua vida se desgastaria gradualmente.

Mais de cem anos antes do dilúvio, o Senhor enviou um anjo ao fiel Noé para lhe fazer saber que não mais teria misericórdia da raça corrupta. Mas ele não queria que ignorassem seu desígnio. Ele instruiria Noé e faria dele um pregador fiel para advertir o mundo de sua destruição vindoura, para que os habitantes da terra ficassem sem desculpa. Noé deveria pregar ao povo e também preparar uma arca conforme Deus o dirigisse para a salvação de si mesmo e de sua família. Ele não deveria apenas pregar, mas seu exemplo na construção da arca foi convencer a todos de que ele acreditava no que pregava.

Noé e sua família não estavam sozinhos em temer e obedecer a Deus. Mas Noé era o mais piedoso e santo de todos na terra, e foi aquele cuja vida Deus preservou para cumprir sua vontade de construir a arca e advertir o mundo de sua destruição vindoura. Matusalém, o avô de Noé, viveu até o ano do dilúvio; e houve outros que acreditaram na pregação de Noé e o ajudaram na construção da arca, que morreu antes que o dilúvio das águas viesse sobre a terra. Noé, por sua pregação e exemplo na construção da arca, condenou o mundo. Deus deu a todos os que escolheram uma oportunidade de se arrependerem e se voltarem para ele. Mas eles não creram na pregação de Noé. Eles zombaram de suas advertências e ridicularizaram a construção daquela imensa embarcação em terra firme. Os esforços de Noé para reformar seus semelhantes não tiveram sucesso. Mas por mais de cem anos ele perseverou em seus esforços para levar os homens ao arrependimento e a Deus. Cada golpe dado na arca estava pregando ao povo. Noé dirigiu, pregou, trabalhou, enquanto as pessoas olhavam com espanto e o consideravam um fanático.

Deus deu a Noé as dimensões exatas da arca e instruções explícitas em relação à construção em cada detalhe. Em muitos aspectos, não foi feito como um navio, mas preparado como uma casa, a fundação como um barco que flutuaria na água. Não havia janelas nas laterais da arca. Tinha três andares de altura, e a luz que recebiam vinha de uma janela no topo. A porta estava do lado. Os diferentes apartamentos preparados para a recepção de diferentes animais foram feitos de tal forma que a janela no topo dava luz a todos. A arca era feita de

cipreste ou madeira de gophir, que não saberia nada de decomposição por centenas de anos. Era um edifício de grande durabilidade, que nenhuma sabedoria do homem poderia inventar. Deus foi o projetista, e Noé seu mestre-de-obras.

Depois de Noé ter feito tudo ao seu alcance para corrigir cada parte da obra, era impossível que pudesse resistir à violência da tempestade que Deus, em sua ira feroz, traria sobre a terra. O trabalho de conclusão do edifício foi um processo lento. Cada pedaço de madeira estava bem encaixado e cada costura coberta com piche. Tudo o que os homens podiam fazer era para tornar o trabalho perfeito; no entanto, afinal, somente Deus poderia preservar o edifício sobre as ondas raivosas e pesadas, por seu poder milagroso.

A princípio, uma multidão aparentemente recebeu a advertência de Noé, mas não se voltou totalmente para Deus com verdadeiro arrependimento. Houve algum tempo dado a eles antes que o dilúvio viesse, no qual eles deveriam ser colocados em provação - para serem provados e julgados. Eles não resistiram ao julgamento. A degeneração prevalecente os venceu, e eles finalmente se juntaram a outros que eram corruptos, zombando e zombando do fiel Noé. Eles não abandonaram seus pecados, mas continuaram na poligamia e na indulgência de suas paixões corruptas.

O período de sua provação estava chegando ao fim. Os incrédulos e escarnecedores habitantes do mundo teriam um sinal especial do poder divino de Deus. Noé seguiu fielmente as instruções que Deus lhe dera. A arca foi terminada exatamente como Deus havia ordenado. Ele havia armazenado imensas quantidades de comida para homens e animais. E depois que isso foi realizado, Deus ordenou ao fiel Noé: "Entra tu e toda a tua casa na arca, porque te vi justo diante de mim." Anjos foram enviados para recolher da floresta e colocar em campo os animais que Deus havia criado. Os anjos iam adiante desses animais e eles os seguiam, dois a dois, macho e fêmea, e bestas limpas por sete. Essas bestas, desde as mais ferozes até as mais gentis e inofensivas, marcharam pacífica e solenemente para dentro da arca. O céu parecia nublado com pássaros de todos os tipos. Eles vieram voando para a arca, dois e dois, macho e fêmea, e as aves limpas por sete. O mundo olhava com admiração - alguns com medo, mas eles se tornaram tão endurecidos pela rebelião que esta manifestação mais notável do poder de Deus teve apenas uma influência momentânea sobre eles. Durante sete dias esses animais entraram na arca, e Noé os dispôs nos lugares preparados para eles.

E quando a raça condenada viu o sol brilhando em sua glória, e a terra vestida em quase sua beleza edênica, eles afastaram seus medos crescentes com alegria ruidosa; e por seus atos de violência pareciam estar encorajando sobre si mesmos a visitação da já despertada ira de Deus.

Tudo estava agora pronto para o fechamento da arca, o que não poderia ter sido feito por Noé de dentro. Um anjo é visto pela multidão zombeteira que desce do céu, revestido de brilho como o relâmpago. Ele fecha aquela enorme porta externa e então segue seu curso para o céu novamente. Sete dias estiveram a família de Noé na arca antes que a chuva começasse a cair sobre a terra. Neste tempo eles estavam planejando sua longa permanência enquanto as águas deveriam estar sobre a terra. E estes foram dias de alegria blasfema da multidão incrédula. Eles pensaram porque a profecia de Noé não foi cumprida imediatamente depois que ele entrou na arca, que ele foi enganado, e que era impossível que o mundo pudesse ser destruído por um dilúvio. Antes disso, não havia chuva sobre a terra. Uma névoa havia subido das águas, que Deus fez descer à noite como orvalho, revivendo a vegetação e fazendo-a florescer.

Apesar da exibição solene que eles testemunharam do poder de Deus - da ocorrência antinatural das bestas deixando as florestas e campos, e entrando na arca, e o anjo de Deus vestido com brilho e terrível em majestade, descendo do céu e fechando a porta; contudo, endureceram o coração e continuaram a deleitar-se e divertir-se com as manifestações marcantes do poder divino. Mas no oitavo dia os céus se escureceram. Os trovões sussurrantes e os relâmpagos vívidos começaram a aterrorizar os homens e os animais. A chuva descia das nuvens acima deles. Isso era algo que eles nunca haviam testemunhado, e seus corações começaram a desmaiar de medo. As feras vagavam no mais selvagem terror, e suas vozes discordantes pareciam gemer seu próprio destino e o destino do homem. A tempestade aumentou em violência até que a água parecia vir do céu como poderosas cataratas. Os limites dos rios romperam-se e as águas correram para os vales. Os fundamentos do grande abismo também foram quebrados. Jatos de água irrompiam da terra com força indescritível, jogando rochas maciças a centenas de metros no ar, e então se enterravam profundamente na terra.

O povo primeiro viu a destruição das obras de suas mãos. Seus esplêndidos edifícios, seus jardins e bosques lindamente arranjados, onde haviam colocado seus ídolos, foram destruídos por raios do céu. Suas ruínas estavam espalhadas por toda parte. Eles erigiram altares em bosques e os consagraram a seus ídolos, sobre os quais ofereceram sacrifícios humanos. Estes que Deus detestava foram derrubados em sua ira diante deles, e eles foram feitos a tremer diante do poder do Deus vivo, o Criador dos céus e da terra, e eles foram informados de que eram suas abominações e horríveis, sacrifícios idólatras, que exigiam sua destruição.

A violência da tempestade aumentou, e se misturaram com a guerra dos elementos, os lamentos do povo que havia desprezado a autoridade de Deus. Árvores, prédios, rochas e terra foram arremessados em todas as direções. O terror de homens e animais era indescritível. E até o próprio Satanás, que foi compelido a estar entre os elementos em guerra, temeu por sua própria existência. Ele se deleitava em controlar uma raça tão poderosa e desejava que vivessem para praticar suas abominações e aumentar sua rebelião contra o Deus do Céu. Ele proferiu imprecações contra Deus, acusando-o de injustiça e crueldade. Muitas pessoas, como Satanás, blasfemaram contra Deus e, se pudessem realizar sua rebelião, o teriam arrancado do trono da justiça. Enquanto muitos blasfemavam e amaldiçoavam seu Criador, outros estavam frenéticos de medo, estendendo as mãos em direção à arca, implorando para serem admitidos. Mas isso era impossível. Deus havia fechado a porta, a única entrada, e fechado Noé, e os ímpios fora. Só ele poderia abrir a porta. Seu medo e arrependimento vieram tarde demais. Eles foram compelidos a saber que havia um Deus vivo que era mais poderoso do que o homem, a quem eles haviam desafiado e blasfemado. Eles o invocaram fervorosamente, mas seu ouvido não estava aberto ao seu clamor. Alguns em seu desespero procuraram arrombar a arca, mas aquela estrutura firme resistiu a todos os seus esforços. Alguns se agarraram à arca até serem levados pela furiosa onda das águas, ou seu aprisionamento foi quebrado por rochas e árvores que foram lançadas em todas as direções. Aqueles que desprezaram a advertência de Noé e ridicularizaram aquele fiel pregador da justiça, arrependeram-se tarde demais de sua incredulidade. A arca foi severamente sacudida e sacudida. As feras dentro expressavam, por seus variados ruídos, o terror mais selvagem, mas em meio a toda a guerra dos elementos, o surgimento das águas e o arremesso de árvores e rochas, a arca cavalgava em segurança. Anjos que se destacam em força guiaram a arca e a preservaram do mal. A cada momento durante aquela terrível tempestade de quarenta dias e quarenta noites, a preservação da arca foi um milagre de poder onipotente.

Os animais expostos à tempestade correram para o homem, escolhendo a sociedade dos seres humanos, como se esperassem ajuda deles. Algumas pessoas amarravam seus filhos e a si mesmos em bestas poderosas, sabendo que seriam tenazes para a vida, e escalariam os pontos mais altos para escapar da água que subia. A tempestade não diminui sua fúria - as águas aumentam mais rápido do que no início. Alguns se prendem a árvores altas nos pontos mais altos da terra, mas essas árvores são arrancadas pelas raízes e levadas com violência pelo ar, e parecem como se fossem arremessadas com raiva, com pedras e terra, nas ondas inchadas e ferventes. Nas alturas mais altas, seres humanos e animais se esforçavam para manter sua posição até que todos fossem arremessados juntos nas águas espumosas, que quase alcançavam os pontos mais altos da terra. As alturas mais elevadas são finalmente alcançadas, e homens e animais perecem igualmente pelas águas do dilúvio.

Ansiosos, Noé e sua família assistiram à diminuição das águas. Ele desejou sair sobre a terra novamente. Ele enviou um corvo que voou de um lado para o outro da arca. Ele não recebeu a informação que desejava e enviou uma pomba que, não encontrando descanso, voltou para a arca novamente. Depois de sete dias a pomba foi lançada novamente, e quando a folha de oliveira foi vista em sua boca, houve grande alegria por esta família de oito, que havia tanto tempo estava trancada na arca. Novamente um anjo desce e abre a porta da arca. Noé conseguiu remover a tampa, mas não conseguiu abrir a porta que Deus havia fechado. Deus falou com Noé através do anjo que abriu a porta, e ordenou que a família de Noé saísse da arca, e trouxesse com eles todos os seres vivos.

Noé não se esqueceu de Deus que tão graciosamente os havia preservado, mas imediatamente erigiu um altar e tomou de todo animal limpo e de toda ave limpa, e ofereceu holocaustos sobre o altar, mostrando sua fé em Cristo, o grande sacrifício, e manifestando sua gratidão a Deus por sua maravilhosa preservação. A oferta de Noé subiu diante de Deus como um cheiro suave. Ele aceitou a oferta e abençoou Noé e sua família. Aqui uma lição é ensinada a todos os que devem viver sobre a terra, que para cada manifestação da misericórdia e amor de Deus para com eles, o primeiro ato de todos deve ser render-lhe agradecimentos gratos e humilde adoração.

E para que o homem não fique aterrorizado com o acúmulo de nuvens e chuvas caindo, e esteja em pavor contínuo, temendo outro dilúvio, Deus graciosamente encoraja a família de Noé por uma promessa. "E estabelecerei a minha aliança convosco; nem toda a carne será mais exterminada pelas águas do dilúvio, nem haverá mais dilúvio para destruir a terra. E disse Deus: Este é o sinal da aliança que faço entre mim e vós e todos os seres vivos que estão convosco, por gerações perpétuas; porei o meu arco nas nuvens, e será por sinal de aliança entre mim e a terra; e virá a passar, quando eu trouxer uma nuvem sobre a terra, o arco será visto na nuvem; e o arco estará na nuvem; e eu olharei para ele, para que eu me lembre da aliança eterna entre Deus e toda criatura vivente de toda carne que há sobre a terra".

Que condescendência da parte de Deus! Que compaixão para o homem que erra, para colocar nas nuvens o belo e variado arco-íris, um sinal da aliança do grande Deus com o homem! Este arco-íris foi para evidenciar o fato a todas as gerações que Deus destruiu os habitantes da terra por um dilúvio, por causa de sua grande maldade. Era seu desígnio que, como os filhos de gerações posteriores vissem o arco na nuvem, e indagassem a razão desse glorioso arco que atravessava os céus, que seus pais pudessem explicar-lhes a destruição do velho mundo por um dilúvio, porque o povo se entregou a todo tipo de maldade, e que as mãos do Altíssimo dobraram o arco e o colocaram nas nuvens, como sinal de que ele nunca mais traria um dilúvio de águas sobre a terra. Este símbolo nas nuvens era para confirmar a crença de todos e estabelecer sua confiança em Deus; pois era um sinal de misericórdia e

bondade divinas para o homem; que, embora Deus tenha sido provocado a destruir a terra pelo dilúvio, sua misericórdia ainda abrange a terra. Deus diz que quando ele olhar para o arco na nuvem, ele se lembrará. Ele não queria que entendêssemos que ele jamais esqueceria; mas ele fala ao homem em sua própria língua, para que o homem possa entendê-lo melhor.

Um arco-íris é representado no céu ao redor do trono, também acima da cabeça de Cristo, como símbolo da misericórdia de Deus envolvendo a terra. Quando o homem, por sua grande maldade, provoca a ira de Deus, Cristo, o intercessor do homem, implora por ele e aponta para o arco-íris na nuvem, como evidência da grande misericórdia e compaixão de Deus pelo homem que erra; também o arco-íris acima do trono e sobre sua cabeça, emblemático da glória e misericórdia de Deus repousando ali para o benefício do homem arrependido.

Todas as espécies de animais que Deus havia criado foram preservadas na arca. As espécies confusas que Deus não criou, que foram o resultado da amálgama, foram destruídas pelo dilúvio. Desde o dilúvio, houve amálgama de homem e animal, como pode ser visto nas variedades quase infinitas de espécies de animais e em certas raças de homens.

Depois que Noé saiu da arca, ele olhou ao redor para as feras poderosas e ferozes que ele trouxe para fora da arca, e então para sua família de oito pessoas, e ficou com muito medo de que elas fossem destruídas pelas feras. Mas o Senhor enviou seu anjo para dizer a Noé: "O medo de ti e o pavor de ti será sobre todos os animais da terra, e sobre todas as aves do ar, sobre todos os que se movem sobre a terra e sobre todos os peixes do mar; nas tuas mãos são entregues. Todo o réptil que vive vos servirá de mantimento; como a erva verde vos dei todas as coisas".

Antes dessa época, Deus não havia dado ao homem permissão para comer alimentos de origem animal. Toda substância viva sobre a face da terra sobre a qual o homem poderia subsistir havia sido destruída; portanto, Deus deu permissão a Noé para comer dos animais limpos que ele havia levado consigo para a arca. Deus disse a Noé: "Todo animal que se move e vive vos servirá de mantimento, como a erva verde vos dei todas as coisas". Como Deus anteriormente lhes havia dado a erva da terra e o fruto do campo, agora, nas circunstâncias peculiares em que são colocados, ele lhes permite comer comida animal. No entanto, vi que a carne dos animais não era o alimento mais saudável para o homem.

Toda a superfície da terra foi mudada no dilúvio. Uma terceira maldição terrível agora repousava sobre ela em consequência da transgressão do homem. As belas árvores e arbustos com flores foram destruídos, mas Noé preservou sementes e as levou consigo para dentro da arca, e Deus por seu poder milagroso preservou alguns dos diferentes tipos de árvores e arbustos vivos para as gerações futuras. Logo após o dilúvio, árvores e plantas pareciam brotar das próprias rochas. Na providência de Deus, sementes foram espalhadas e cravadas nas fendas das rochas, e ali escondidas com segurança para o uso futuro do homem.

As águas estavam quinze côvados acima das montanhas mais altas. O Senhor lembrou-se de Noé e, à medida que as águas diminuíram, ele fez com que a arca pousasse no topo de um aglomerado de montanhas, que Deus em seu poder havia preservado e feito permanecer firme durante toda aquela violenta tempestade. Essas montanhas estavam apenas a uma pequena distância uma da outra, e a arca se moveu e pousou em uma, depois em outra dessas montanhas, e não foi mais impelida sobre o oceano sem limites. Isso deu grande alívio a Noé e a todos dentro da arca. À medida que as montanhas e colinas apareciam, elas

estavam em uma condição áspera e quebrada, e tudo ao seu redor parecia um mar de água turva ou lama mole.

No tempo do dilúvio, as pessoas, e também os animais, reuniram-se nos pontos mais altos da terra, e quando as águas voltaram da terra, corpos mortos foram deixados nas altas montanhas e nas colinas, bem como nas planícies. Sobre a superfície da terra estavam os corpos de homens e animais. Mas Deus não queria que estes permanecessem sobre a face da terra para decompor e poluir a atmosfera, portanto ele fez da terra um vasto cemitério. Ele fez passar um vento poderoso sobre a terra com o propósito de secar as águas, o que as moveu com grande força - em alguns casos levando os cumes das montanhas como poderosas avalanches, formando enormes colinas e altas montanhas onde não havia nenhuma. para ser visto antes, e enterrando os cadáveres com árvores, pedras e terra. Essas montanhas e colinas aumentaram de tamanho e tornaram-se mais irregulares em forma por coleções de pedras, saliências, árvores e terra, que foram empurradas sobre e ao redor delas. A preciosa madeira, pedra, prata e ouro, que enriqueceu e adornou o mundo antes do dilúvio, e que os habitantes idolatraram, foi afundado sob a superfície da terra. As águas que irromperam com tão grande poder, moveram a terra e as rochas, e os amontoaram sobre os tesouros da terra, e em muitos casos formaram montanhas acima deles para escondê-los da vista e busca dos homens.

Deus viu que quanto mais ele enriquecia e prosperava o homem pecador, mais ele corrompia seu caminho diante dele. Esses tesouros, que deveriam ter levado o homem a glorificar o doador generoso, foram adorados em vez de Deus, enquanto o doador foi rejeitado.

As belas montanhas de formato regular haviam desaparecido. Pedras, saliências e rochas irregulares apareceram em algumas partes da terra que antes estavam fora de vista. Onde havia colinas e montanhas, nenhum vestígio deles era visível. Onde havia belas planícies cobertas de verdura e belas plantas, colinas e montanhas eram formadas de pedras, árvores e terra, acima dos corpos de homens e animais. Toda a superfície da terra apresentava uma aparência de desordem. Algumas partes da terra estavam mais desfiguradas do que outras. Onde antes estavam os mais ricos tesouros de ouro, prata e pedras preciosas da terra, foram vistas as marcas mais pesadas da maldição. E sobre os países que não eram habitados, e aquelas porções da terra onde houve o menor crime, a maldição descansou mais levemente.

Antes do dilúvio havia imensas florestas. As árvores eram muitas vezes maiores do que quaisquer árvores que vemos agora. Eram de grande durabilidade. Eles não sabiam nada de decadência por centenas de anos. Na época do dilúvio, essas florestas foram arrancadas ou derrubadas e enterradas na terra. Em alguns lugares, grandes quantidades dessas imensas árvores foram jogadas juntas e cobertas de pedras e terra pelas comoções do dilúvio. Desde então, eles se petrificaram e se tornaram carvão, o que explica as grandes jazidas de carvão que agora são encontradas. Este carvão produziu petróleo. Deus faz com que grandes quantidades de carvão e óleo se incendeiem e queimem. As rochas são intensamente aquecidas, o calcário é queimado e o minério de ferro derretido. Água e fogo sob a superfície da terra se encontram. A ação da água sobre o calcário adiciona fúria ao calor intenso e causa terremotos, vulcões e problemas de fogo. A ação do fogo e da água sobre as bordas das rochas e minérios causa explosões altas que soam como trovões abafados. Essas maravilhosas exibições serão mais numerosas e terríveis pouco antes da segunda vinda de Cristo e do fim do mundo, como sinais de sua rápida destruição.

Carvão e petróleo geralmente são encontrados onde não há montanhas em chamas ou questões de fogo. Quando o fogo e a água sob a superfície da terra se encontram, as

questões ígneas não podem dar vazão suficiente aos elementos aquecidos abaixo. A terra é convulsionada, o chão se levanta e se eleva em ondas ou ondas, e há sons pesados como trovões sob o solo. O ar é aquecido e sufocante. A terra rapidamente se abre, e eu vi aldeias, cidades e montanhas em chamas serem levadas juntas para dentro da terra.

Deus controla todos esses elementos; são seus instrumentos para fazer sua vontade; ele os chama à ação para servir ao seu propósito. Essas questões ardentes foram e serão seus agentes para apagar da terra cidades muito perversas. Como Coré, Datã e Abirão, eles descem vivos à cova. Estas são evidências do poder de Deus. Aqueles que viram essas montanhas em chamas derramando fogo, chamas e uma vasta quantidade de minério derretido, secando rios e fazendo com que eles desaparecessem, ficaram aterrorizados com a grandeza da cena. Eles ficaram cheios de temor como se estivessem contemplando o poder infinito de Deus.

Essas manifestações trazem as marcas especiais do poder de Deus, e são projetadas para fazer o povo da terra tremer diante dele, e silenciar aqueles que, como Faraó, orgulhosamente diriam: "Quem é o Senhor, para que eu obedeça à sua voz??" Isaías refere-se a essas exhibições do poder de Deus, onde exclama: "Oh! ferver, para dar a conhecer o teu nome aos teus adversários, para que as nações estremeçam diante da tua presença! Quando fizeste coisas terríveis, as quais não esperávamos, tu descias, os montes desciam à tua presença. É um. 64: 1-3.

"O Senhor é tardio em irar-se, e grande em poder, e de modo algum absolverá o ímpio. O Senhor tem o seu caminho no redemoinho e na tempestade, e as nuvens são o pó dos seus pés. Ele repreende o mar e a seca e seca todos os rios; Basã e Carmelo, e a flor do Líbano definham; os montes estremeçam diante dele, e as colinas derretem, e a terra se queima na sua presença, sim, o mundo, e todos os que nela habitam. Quem pode resistir à sua indignação? E quem pode permanecer no furor da sua ira? O seu furor se derramou como fogo, e as rochas são derrubadas por ele." Não. 1: 3-6.

"Inclina os teus céus, ó Senhor, e desce; toca os montes, e eles fumegarão. Lança relâmpagos e espalha-os; dispara as tuas flechas e destrói-os." Ps. 144: 5, 6.

Maravilhas maiores do que as já vistas serão testemunhadas por aqueles na terra um curto período antes da vinda de Cristo. "E mostrarei maravilhas em cima no céu, e sinais embaixo na terra: sangue, fogo e vapor de fumaça". "E houve vozes, e trovões, e relâmpagos; e houve um grande terremoto, qual nunca houve desde que os homens estão sobre a terra, um terremoto tão forte e tão grande." "E todas as ilhas fugiram, e os montes não foram achados. foi muito grande."

As entranhas da terra eram o arsenal do Senhor, do qual ele extraiu as armas que empregou na destruição do velho mundo. Águas nas entranhas da terra jorraram e se uniram com as águas do céu, para realizar a obra de destruição. Desde o dilúvio, Deus tem usado água e fogo na terra como seus agentes para destruir cidades iníquas.

No dia do Senhor, pouco antes da vinda de Cristo, Deus enviará relâmpagos do céu em sua ira, que se unirão com fogo na terra. As montanhas queimarão como uma fornalha e derramarão terríveis torrentes de lava, destruindo jardins e campos, aldeias e cidades; e à medida que eles despejam seu minério derretido, rochas e lama aquecida nos rios, os farão ferver como uma panela, e lançarão rochas maciças, e espalharão seus fragmentos quebrados sobre a terra com violência indescritível. Rios inteiros serão secos. A terra será convulsionada, e haverá terríveis erupções e terremotos por toda parte. Deus atormentará os ímpios habitantes da terra até que sejam destruídos dela. Os santos são preservados na

terra em meio a essas terríveis comoções, como Noé foi preservado na arca na época do dilúvio.

CAPÍTULO VIII.

INFIDELIDADE DISFARÇADA.

Fui então levado de volta à criação, e foi-me mostrado que a primeira semana, na qual Deus realizou a obra da criação em seis dias e descansou no sétimo dia, foi exatamente como todas as outras semanas. O grande Deus, em seus dias de criação e dia de descanso, mediu o primeiro ciclo como uma amostra para semanas sucessivas até o fim dos tempos. "Estas são as gerações dos céus e da terra quando foram criados." Deus nos dá as produções de sua obra no final de cada dia literal. Cada dia dele era considerado uma geração, porque a cada dia ele gerava ou produzia alguma nova porção de sua obra. No sétimo dia da primeira semana Deus descansou de seu trabalho, e então abençoou o dia de seu descanso, e o separou para uso do homem. O ciclo semanal de sete dias literais, seis para o trabalho e o sétimo para o descanso, que foi preservado e trazido ao longo da história bíblica, originou-se nos grandes fatos dos primeiros sete dias.

Quando Deus falou sua lei com uma voz audível do Sinai, ele introduziu o sábado dizendo: "Lembre-se do dia de sábado para santificá-lo". ele então declara definitivamente o que deve ser feito nos seis dias, e o que não deve ser feito no sétimo. Ele então, ao dar a razão para observar a semana, aponta-os de volta ao seu exemplo nos primeiros sete dias de tempo. "Porque em SEIS dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou; por isso o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou." Essa razão parece bela e convincente quando entendemos que o registro da criação significa dias literais. Os primeiros seis dias de cada semana são dados ao homem para trabalhar, porque Deus empregou o mesmo período da primeira semana na obra da criação. O sétimo dia Deus reservou como um dia de descanso, em comemoração ao seu descanso durante o mesmo período de tempo depois de ter realizado a obra da criação em seis dias.

Mas a suposição infiel de que os eventos da primeira semana exigiram sete vastos e indefinidos períodos para sua realização atinge diretamente o fundamento do sábado do quarto mandamento. Torna indefinido e obscuro o que Deus tornou muito claro. É o pior tipo de infidelidade; pois com muitos que professam acreditar no registro da criação, é infidelidade disfarçada. Encarrega Deus de ordenar aos homens que observem a semana de sete dias literais em comemoração de sete períodos indefinidos, o que é diferente de seus tratos com os mortais e é um impedimento de sua sabedoria.

Geólogos infiéis afirmam que o mundo é muito mais antigo do que o registro bíblico mostra. Eles rejeitam o registro bíblico por causa daquelas coisas que são para eles evidências da própria terra de que o mundo existe há dezenas de milhares de anos. E muitos que professam crer no registro bíblico não sabem explicar as coisas maravilhosas que são encontradas na terra, com a visão de que a semana da criação foi de apenas sete dias literais, e que o mundo agora tem apenas cerca de seis mil anos. Estes, para se livrarem das dificuldades lançadas em seu caminho por geólogos infiéis, adotam a visão de que os seis dias da criação foram seis períodos vastos e indefinidos, e o dia do descanso de Deus foi outro período indefinido; tornando sem sentido o quarto mandamento da santa lei de Deus. Alguns recebem ansiosamente essa posição; pois destrói a força do quarto mandamento, e eles sentem-se livres de suas reivindicações sobre eles. Eles têm idéias limitadas do

tamanho dos homens, animais e árvores, antes do dilúvio, e das grandes mudanças que ocorreram na terra.

Ossos de homens e animais são encontrados na terra, nas montanhas e nos vales, mostrando que homens e animais muito maiores já viveram sobre a terra. Foi-me mostrado que existiam animais muito grandes e poderosos antes do dilúvio, que não existem agora. Às vezes são encontrados instrumentos de guerra; também madeira petrificada. Porque os ossos de seres humanos e de animais encontrados na terra são muito maiores do que os de homens e animais que vivem agora, ou que existiram por muitas gerações passadas, alguns concluem que o mundo é mais antigo do que temos qualquer registro bíblico, e foi povoado muito antes do registro da criação, por uma raça de seres muito superior em tamanho aos homens agora sobre a terra.

Foi-me mostrado que, sem história bíblica, a geologia não pode provar nada. As relíquias encontradas na terra dão evidência de um estado de coisas diferente em muitos aspectos do presente. Mas o tempo de sua existência, e por quanto tempo essas coisas estiveram na terra, só podem ser entendidos pela história bíblica. Pode ser inocente conjecturar além da história bíblica, se nossas suposições não contradizem os fatos encontrados nas Sagradas Escrituras. Mas quando os homens abandonam a Palavra de Deus com respeito à história da criação, e procuram explicar as obras criativas de Deus com base em princípios naturais, encontram-se diante de um oceano ilimitado de incertezas. Exatamente como Deus realizou a obra da criação em seis dias literais, ele nunca revelou aos mortais. Suas obras criativas são tão incompreensíveis quanto sua existência.

"Grande é o Senhor, e mui digno de ser louvado; e a sua grandeza é insondável."

"O qual faz grandes coisas inexplicáveis; sim, e maravilhas sem número."

"O qual faz coisas grandes e inescrutáveis; coisas maravilhosas sem número."

"Deus treme maravilhosamente com sua voz; grandes coisas ele faz, que não podemos compreender."

"Oh! a profundidade das riquezas, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! quão insondáveis são seus julgamentos, e seus caminhos inexplicáveis!"

Pois quem conhece a mente do Senhor? ou quem foi seu conselheiro?"

A palavra de Deus é dada como lâmpada para os nossos pés e luz para o nosso caminho. Aqueles que lançam sua palavra atrás deles, e procuram por sua própria filosofia cega desvendar os maravilhosos mistérios de Jeová, tropeçarão nas trevas. Um guia foi dado aos mortais por meio do qual eles podem rastrear Jeová e suas obras até onde for para o bem deles. A inspiração, ao nos dar a história do dilúvio, explicou mistérios maravilhosos que a geologia, independente da inspiração, nunca poderia.

Tem sido obra especial de Satanás levar o homem caído a se rebelar contra o governo de Deus, e ele tem tido muito sucesso em seus esforços. Ele tentou obscurecer a lei de Deus, que em si é muito clara. Ele manifestou uma luta especial contra o quarto preceito do decálogo, porque define o Deus vivo, o criador dos céus e da terra. Os mais claros preceitos de Jeová são desviados, para receber fábulas infiéis.

O homem ficará sem desculpa. Deus deu evidência suficiente sobre a qual basear a fé, se ele deseja crer. Nos últimos dias, a terra será quase destituída da verdadeira fé. Sob a mera pretensão, a palavra de Deus será considerada não confiável, enquanto o raciocínio humano será recebido, embora seja em oposição aos fatos claros das Escrituras. Os homens se esforçarão para explicar a partir de causas naturais a obra da criação, que Deus nunca

revelou. Mas a ciência humana não pode descobrir os segredos do Deus do Céu e explicar as estupendas obras da criação, que foram um milagre de todo-poderoso poder, tão cedo quanto possa mostrar como Deus veio à existência.

"As coisas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus, mas as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre." Homens, professando ser ministros de Deus, levantam suas vozes contra a investigação da profecia e dizem ao povo que as profecias, especialmente de Daniel e João, são obscuras e que não podemos entendê-las. Mas alguns dos próprios homens que se opõem à investigação da profecia por ser obscura, recebem avidamente as suposições dos geólogos, que contestam o registro mosaico. Mas se a vontade revelada de Deus é tão difícil de ser compreendida, certamente os homens não devem basear sua fé em meras suposições em relação ao que ele não revelou. Os caminhos de Deus não são como os nossos caminhos, nem os seus pensamentos como os nossos pensamentos. A ciência humana nunca pode explicar suas obras maravilhosas. Deus assim ordenou que homens, animais e árvores, muitas vezes maiores do que aqueles agora sobre a terra, e outras coisas, fossem enterrados na terra na época do dilúvio, e ali fossem preservados para evidência ao homem de que os habitantes de o velho mundo pereceu por um dilúvio. Deus planejou que a descoberta dessas coisas na terra estabelecesse a fé dos homens na história inspirada. Mas os homens, com seus raciocínios vãos, fazem um uso errado dessas coisas que Deus designou para levá-los a exaltá-lo. Eles caem no mesmo erro que as pessoas antes do dilúvio – aquelas coisas que Deus lhes deu como um benefício, eles transformaram em maldição, fazendo um uso errado delas.

CAPÍTULO IX.

A TORRE DE BABEL.

ALGUNS dos descendentes de Noé logo começaram a apostatar. Uma parte seguiu o exemplo de Noé e obedeceu aos mandamentos de Deus; outros eram incrédulos e rebeldes, e mesmo estes não acreditavam da mesma forma em relação ao dilúvio. Alguns não acreditaram na existência de Deus, e em suas próprias mentes explicaram o dilúvio por causas naturais. Outros acreditavam que Deus existia e que ele destruiu a raça antediluviana por um dilúvio; e seus sentimentos, como Caim, se rebelaram contra Deus, porque ele destruiu as pessoas da terra e amaldiçoou a terra pela terceira vez por um dilúvio.

Aqueles que eram inimigos de Deus sentiam-se diariamente reprovados pela conversa justa e vida piedosa daqueles que amavam, obedeciam e exaltavam a Deus. Os incrédulos consultaram entre si e concordaram em separar-se dos fiéis, cujas vidas justas eram uma restrição contínua ao seu caminho perverso. Eles viajaram para longe deles e escolheram uma grande planície para morar. Eles construíram uma cidade para eles e então conceberam a idéia de construir uma grande torre para alcançar as nuvens, para que pudessem morar juntos na cidade e na torre, e não serem mais dispersos. Eles raciocinaram que se protegeriam no caso de outro dilúvio, pois construiriam sua torre a uma altura muito maior do que as águas prevaleceram no tempo do dilúvio, e todo o mundo os honraria, e eles seriam como deuses, e governar o povo. Esta torre foi calculada para exaltar seus construtores, e foi projetada para desviar a atenção de outros que deveriam viver na terra de Deus para unir-se a eles em sua idolatria. Antes que o trabalho de construção fosse concluído, as pessoas moravam na torre. Os quartos eram esplendidamente mobiliados, decorados e dedicados a seus ídolos. Aqueles que não acreditavam em Deus, imaginavam que se sua torre alcançasse as nuvens, poderiam descobrir os motivos do dilúvio.

Eles se exaltaram contra Deus. Mas ele não permitiu que eles completassem seu trabalho. Eles haviam construído sua torre a uma altura elevada, quando o Senhor enviou dois anjos para confundi-los em seu trabalho. Homens haviam sido designados com o propósito de receber a palavra dos operários no topo da torre, pedindo material para seu trabalho, que o primeiro comunicaria ao segundo, e ele ao terceiro, até que a palavra chegasse aos que estavam no chão. À medida que a palavra passava de um para outro em sua descida, os anjos confundiram sua linguagem, e quando a palavra alcançou os trabalhadores no solo, foi necessário material que não havia sido necessário. E depois do laborioso processo de levar o material aos operários do alto da torre, não era o que desejavam. Desapontados e enfurecidos, eles repreenderam aqueles que eles supunham que estavam em falta. Depois disso, não houve harmonia em seu trabalho. Irados uns com os outros, e incapazes de explicar o mal-entendido e as palavras estranhas entre eles, eles deixaram o trabalho e se separaram uns dos outros, e se espalharam pela terra. Até então, os homens falavam apenas uma língua. Um relâmpago do céu, como sinal da ira de Deus, quebrou o topo de sua torre, lançando-a no chão. Assim Deus mostraria ao homem rebelde que ele é supremo.

CAPÍTULO X.

ABRAÃO.

O SENHOR escolheu Abraão para cumprir sua vontade. Ele foi instruído a deixar sua nação idólatra e se separar de seus parentes. O Senhor havia se revelado a Abraão em sua juventude, e lhe deu entendimento e o preservou da idolatria. Ele pretendia torná-lo um exemplo de fé e verdadeira devoção para seu povo que depois viveria na Terra. Seu caráter foi marcado pela integridade, generosidade e hospitalidade. Ele impôs respeito como um poderoso príncipe entre o povo. Sua reverência e amor a Deus, e sua estrita obediência no cumprimento de sua vontade, ganharam para ele o respeito de seus servos e vizinhos. Seu exemplo piedoso e proceder justo, unido às suas instruções fiéis aos seus servos e a toda a sua casa, levaram-nos a temer, amar e reverenciar o Deus de Abraão. O Senhor apareceu a Abraão e lhe prometeu que sua semente seria como as estrelas do céu em número. Ele também lhe deu a conhecer, através da figura do horror da grande escuridão que veio sobre ele, a longa e servil escravidão de seus descendentes no Egito.

No princípio, Deus deu a Adão uma esposa, mostrando assim sua ordem. Ele nunca planejou que o homem tivesse uma pluralidade de esposas. Lameque foi o primeiro que se desviou neste respeito do sábio arranjo de Deus. Ele tinha duas esposas, o que criou discórdia em sua família. A inveja e o ciúme de ambos deixaram Lamech infeliz. Quando os homens começaram a se multiplicar sobre a face da terra, e filhas nasceram para eles, eles tomaram para si esposas de todas as que escolheram. Este foi um dos grandes pecados dos habitantes do velho mundo, que trouxe a ira de Deus sobre eles. Este costume foi praticado após o dilúvio, e tornou-se tão comum que até os homens justos caíram na prática, e tiveram uma pluralidade de esposas. No entanto, não foi menos pecado porque eles se corromperam e se afastaram desta coisa da ordem de Deus.

O Senhor disse a respeito de Noé e sua família que foram salvos na arca: “Pois a ti vi justo diante de mim nesta geração”. Noé teve apenas uma esposa; e sua disciplina familiar unida foi abençoada por Deus. Porque os filhos de Noé eram justos, eles foram preservados na arca com seu pai justo. Deus não sancionou a poligamia em um único caso. Era contrário à sua vontade. Ele sabia que a felicidade do homem seria destruída por isso. A paz de Abraão foi muito prejudicada por seu casamento infeliz com Agar.

Após a separação de Abraão de Ló, o Senhor disse-lhe: "Levanta agora os teus olhos e olha desde o lugar onde estás, para o norte, e para o sul, e para o oriente e para o ocidente; porque toda a terra que vês, a ti darei dá-a e à tua descendência para sempre. E farei a tua descendência como o pó da terra; de modo que, se alguém puder contar o pó da terra, também a tua descendência será contada". "A palavra do Senhor veio a Abrão em visão, dizendo: Não temas, Abrão, eu sou o teu escudo e o teu galardão muito grande." "E disse Abrão: Eis que não me deste semente; e eis que um nascido em minha casa é meu herdeiro."

Como Abraão não tinha filho, ele a princípio pensou que seu fiel servo, Eliezer, deveria se tornar seu filho por adoção e seu herdeiro. Mas Deus informa a Abraão que seu servo não será seu filho e herdeiro, mas que ele realmente deveria ter um filho. "E levou-o para fora e disse: Olha agora para o céu, e dize-me as estrelas, se as podes contar; e disse-lhe: Assim será a tua descendência."

Se Abraão e Sara tivessem esperado com fé confiante pelo cumprimento da promessa de que teriam um filho, muita infelicidade teria sido evitada. Eles acreditavam que seria exatamente como Deus havia prometido, mas não podiam acreditar que Sara, em sua velhice, teria um filho. Sara sugeriu um plano pelo qual ela achava que a promessa de Deus poderia ser cumprida. Ela rogou a Abraão que tomasse Agar como sua esposa. Nisto ambos careciam de fé e de perfeita confiança no poder de Deus. Ao dar ouvidos à voz de Sara e tomar Agar como sua esposa, Abraão falhou em suportar o teste de sua fé no poder ilimitado de Deus, e trouxe sobre si mesmo e sobre Sara muita infelicidade. O Senhor pretendia provar a firme fé e confiança de Abraão nas promessas que lhe fizera.

Agar era orgulhosa e jactanciosa, e se portava com altivez diante de Sara. Ela se gabava de ser a mãe da grande nação que Deus havia prometido fazer de Abraão. E Abraão foi compelido a ouvir as queixas de Sara a respeito da conduta de Agar, acusando Abraão de errado no assunto. Abraão fica aflito e diz a Sara que Agar é sua serva e que ela pode ter o controle dela, mas se recusa a mandá-la embora, pois ela será a mãe de seu filho através de quem ele pensa que a promessa deve ser cumprida. Ele informa a Sara que não deveria ter tomado Hagar como esposa se não fosse seu pedido especial. Abraão também foi obrigado a ouvir as queixas de Agar sobre o abuso de Sara. Abraão está perplexo. Se ele procura reparar os erros de Hagar, ele aumenta o ciúme e a infelicidade de Sara, sua primeira e muito amada esposa. Agar fugiu do rosto de Sara. Um anjo de Deus a encontra e a conforta, e também a reprova por sua conduta altiva, pedindo-lhe que volte para sua senhora e se submeta sob suas mãos.

Após o nascimento de Ismael, o Senhor se manifestou novamente a Abraão, e disse-lhe: "Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti, e a tua descendência depois de ti, nas suas gerações, por aliança perpétua." Novamente o Senhor repetiu por meio de seu anjo sua promessa de dar um filho a Sara, e que ela seria mãe de muitas nações. Abraão ainda não entendeu a promessa de Deus. Sua mente imediatamente repousa sobre Ismael, como se através dele viesse as muitas nações prometidas, e ele exclama, em sua afeição por seu filho: "Oh, que Ismael viva diante de ti!"

Mais uma vez, a promessa é repetida mais definitivamente a Abraão: "Sara, tua mulher, deveras te dará um filho; e porás o seu nome Isaque; e estabelecerei com ele a minha aliança por aliança perpétua, e com a sua descendência depois dele." Anjos são enviados pela segunda vez a Abraão em seu caminho para destruir Sodoma, e eles repetem a promessa mais distintamente de que Sara terá um filho.

Após o nascimento de Isaque, a grande alegria manifestada por Abraão e Sara fez com que Agar ficasse muito ciumenta. Ismael havia sido instruído por sua mãe que ele deveria ser

especialmente abençoado por Deus, como filho de Abraão, e ser herdeiro daquilo que lhe foi prometido. Ismael participou dos sentimentos de sua mãe e ficou zangado por causa da alegria manifestada pelo nascimento de Isaque. Ele desprezou Isaque porque achava que era preferido antes dele. Sara viu a disposição manifestada por Ismael contra seu filho Isaac e ficou muito comovida. Ela relatou a Abraão a conduta desrespeitosa de Ismael para com ela, e para seu filho Isaac, e disse-lhe: "Expulsa esta escrava e seu filho, porque o filho desta escrava não será herdeiro com meu filho, nem com Isaque. ."

Abraão está muito angustiado. Ismael é seu filho, amado por ele. Como ele pode mandá-lo embora! Ele ora a Deus em sua perplexidade, pois não sabe que caminho tomar. O Senhor informa Abraão, por meio de seus anjos, para ouvir a voz de Sara, sua esposa, e que ele não deve deixar que suas afeições por seu filho, ou por Agar, impeçam sua conformidade com os desejos dela. Pois este era o único caminho que ele poderia seguir para restaurar a harmonia e a felicidade novamente em sua família. Abraão tem a promessa consoladora do anjo, que Ismael, embora separado da casa de seu pai, não deveria morrer, nem ser abandonado por Deus; que ele deveria ser preservado porque ele era filho de Abraão. Deus também promete fazer de Ismael uma grande nação.

Abraão era de disposição nobre e benevolente, que se manifestou em sua súplica tão fervorosa pelo povo de Sodoma. Seu espírito forte sofreu muito. Ele se curvou de tristeza, e seus sentimentos paternos ficaram profundamente comovidos quando ele mandou Hagar e seu filho Ismael para vagar como estranhos em uma terra estranha.

Se Deus tivesse sancionado a poligamia, ele não teria ordenado a Abraão que mandasse embora Agar e seu filho. Ele ensinaria a todos uma lição sobre isso, que os direitos e a felicidade da relação matrimonial devem ser sempre, respeitados e guardados, mesmo com grande sacrifício. Sara foi a primeira e única esposa verdadeira de Abraão. Ela tinha direitos, como esposa e mãe, que nenhuma outra poderia ter na família. Ela reverenciava o marido, chamando-o de senhor; mas ela estava com ciúmes para que suas afeições não fossem divididas com Hagar. Deus não repreendeu Sara pelo proceder que ela seguiu. Abraão foi repreendido pelos anjos por desconfiar do poder de Deus, que o levou a tomar Agar como esposa, e a pensar que por meio dela a promessa se cumpriria.

Mais uma vez o Senhor achou por bem testar a fé de Abraão por uma provação muito terrível. Se ele tivesse suportado a primeira prova, e tivesse esperado pacientemente que a promessa fosse cumprida em Sara, e não tivesse tomado Agar como sua esposa, ele não teria sido submetido à prova mais rigorosa que já foi exigida do homem. O Senhor ordenou a Abraão: "Toma agora teu filho, teu único filho de Isaque, a quem amas, e vai para a terra de Moriá; e oferece-o ali em holocausto sobre um dos montes que eu lhe direi. "

Abraão não desacreditou em Deus, nem hesitou, mas de manhã cedo tomou dois de seus servos, e seu filho Isaque, e a lenha para o holocausto, e foi ao lugar que Deus lhe havia dito. Ele não revelou a verdadeira natureza de sua jornada a Sara, sabendo que sua afeição por Isaque a levaria a desconfiar de Deus e reter seu filho. Abraão não sofreu sentimentos paternos para controlá-lo e levá-lo a se rebelar contra Deus. A ordem de Deus foi calculada para agitar as profundezas de sua alma. "Tome agora seu filho." Então, como que para sondar o coração um pouco mais fundo, ele acrescenta: "teu único filho Isaque, a quem você ama"; isto é, o único filho da promessa, "e oferecê-lo como holocausto".

Três dias esse pai viajou com seu filho, tendo tempo suficiente para raciocinar e duvidar de Deus se estivesse disposto a duvidar. Mas ele não desconfiou de Deus. Ele não raciocinou agora que a promessa seria cumprida por meio de Ismael; pois Deus lhe disse claramente que através de Isaque a promessa deveria ser cumprida.

Abraão acreditava que Isaque era o filho da promessa. Ele também acreditava que Deus quis dizer exatamente o que disse quando lhe pediu para ir oferecê-lo como holocausto. Ele não vacilou na promessa de Deus; mas acreditava que Deus, que em sua providência deu a Sara um filho em sua velhice, e que exigiu que ele tirasse a vida desse filho, também poderia dar vida novamente e ressuscitar Isaque dos mortos.

Abraão deixou os servos pelo caminho e propôs ir sozinho com seu filho para adorar a alguma distância deles. Ele não permitiria que seus servos os acompanhassem, para que o amor deles por Isaque não os levasse a impedi-lo de cumprir o que Deus lhe ordenou que fizesse. Ele pegou a lenha das mãos de seus servos e a colocou sobre os ombros de seu filho. Ele também pegou o fogo e a faca. Ele estava preparado para executar a terrível missão que Deus lhe deu. Pai e filho caminharam juntos.

"E Isaque falou a Abraão, seu pai, e disse: Meu pai, e disse: Eis-me aqui, meu filho. E disse: Eis o fogo e a lenha; mas onde está o cordeiro para o holocausto? E Abraão disse: Meu filho, Deus proverá para si um cordeiro para holocausto; assim foram ambos juntos". Caminhou com firmeza naquele pai severo, amoroso e sofredor ao lado de seu filho. Ao chegarem ao lugar que Deus havia indicado a Abraão, ele constrói ali um altar, e põe a lenha em ordem, pronta para o sacrifício, e então informa a Isaque da ordem de Deus para oferecê-lo como holocausto. . Ele repete para ele a promessa que Deus lhe fez várias vezes de que através de Isaque ele deveria se tornar uma grande nação, e que ao cumprir a ordem de Deus em matá-lo, Deus cumpriria sua promessa; porque ele era capaz de ressuscitá-lo dentre os mortos.

Isaque acreditava em Deus. Ele havia aprendido a obediência implícita a seu pai, e ele amava e reverenciava o Deus de seu pai. Ele poderia ter resistido a seu pai se tivesse escolhido fazê-lo. Mas depois de abraçar afetosamente seu pai, ele se submeteu a ser amarrado e colocado sobre a madeira. E quando a mão de seu pai é levantada para matar seu filho, um anjo de Deus que havia marcado toda a fidelidade de Abraão no caminho para Moriá, o chama do céu e diz: "Abraão, Abraão; e ele disse: Aqui sou eu. E disse: Não estendas a mão sobre o rapaz, nem lhe faças coisa alguma, porque agora sei que temes a Deus, visto que não me negaste o teu filho, o teu único filho.

"E levantou Abraão os olhos, e olhou, e eis atrás de si um carneiro apanhado pelos chifres numa moita; e foi Abraão, tomou o carneiro e o ofereceu em holocausto em lugar de seu filho."

Abraão agora suportou plena e nobremente a prova, e por sua fidelidade redimiu sua falta de perfeita confiança em Deus, falta que o levou a tomar Agar como sua esposa. Após a exibição da fé e confiança de Abraão, Deus renova sua promessa a ele. "E o anjo do Senhor chamou a Abraão do céu segunda vez, e disse: Por mim mesmo jurei, diz o Senhor, porque fizeste isto, e não negaste teu filho, teu único filho, que abençoando-te te abençoarei, e multiplicando multiplicarei a tua descendência como as estrelas do céu e como a areia que está na praia do mar; e a tua descendência possuirá a porta dos seus inimigos. benditas sejam as nações da terra, porque obedeceste à minha voz".

CAPÍTULO XI.

ISAAC.

OS cananeus eram idólatras, e o Senhor ordenara que seu povo não se casasse com eles, para que não fossem levados à idolatria. Abraão era velho e esperava morrer em breve.

Isaque ainda não era casado. Abraão tinha medo. a influência corruptora que cercava Isaque, e estava ansioso para ter uma esposa escolhida para ele que não o afastasse de Deus. Ele confiou esse assunto ao seu fiel e experiente servo que governava tudo o que ele tinha. Abraão exigiu que seu servo lhe fizesse um juramento solene perante o Senhor, de que não tomaria uma esposa para Isaque dos cananeus, mas que iria à família de Abraão, que acreditava no Deus verdadeiro, e escolheria uma esposa para Isaque. . Ele o encarregou de tomar cuidado e não levar Isaac para o país de onde ele veio; pois quase todos foram afetados pela idolatria. Se ele não pudesse encontrar uma esposa para Isaque que deixasse seus parentes e viesse para onde ele estava, então ele deveria estar livre do juramento que havia feito.

Este importante assunto não foi deixado com Isaac, para ele escolher por si mesmo, independente de seu pai. Abraão diz a seu servo que Deus enviará seu anjo diante dele para orientá-lo em sua escolha. O servo a quem esta missão foi confiada iniciou sua longa jornada. Ao entrar na cidade onde moravam os parentes de Abraão, ele orou fervorosamente a Deus para orientá-lo na escolha de uma esposa para Isaque. Ele pediu que certas provas lhe fossem dadas, para que ele não errasse no assunto. Ele descansou junto a um poço que era um lugar de maior ajuntamento. Aqui ele notou particularmente as maneiras envolventes e a conduta cortês de Rebeca; e todas as provas que ele havia pedido a Deus, ele recebeu que Rebeca era aquela a quem Deus teve o prazer de escolher para se tornar a esposa de Isaque. Ela convidou o servo para a casa de seu pai. Ele então relatou ao pai de Rebeca e ao irmão dela as evidências que recebera do Senhor de que Rebeca se tornaria a esposa do filho de seu senhor Isaque. O servo de Abraão então lhes disse: "E agora, se vocês tratarem com bondade e verdade o meu senhor, digam-me; e se não, digam-me, para que eu possa virar para a direita ou para a esquerda". O pai e o irmão responderam: "Isto procede do Senhor; não podemos falar-te mal nem bem. Eis que Rebeca está diante de ti; toma-a e vai, e seja ela mulher do filho de teu senhor, como o Senhor falou. . E aconteceu que, quando o servo de Abraão ouviu suas palavras, adorou ao Senhor, curvando-se em terra".

Depois de tudo arranjado, obtido o consentimento do pai e do irmão, então Rebeca foi consultada se ela iria com o servo de Abraão para longe da família de seu pai, para se tornar a esposa de Isaque. Ela acreditou pelas circunstâncias que aconteceram, que a mão de Deus a havia escolhido para ser a esposa de Isaque, "e ela disse, eu irei".

Os contratos de casamento eram então geralmente feitos pelos pais, mas nenhuma compulsão era usada para fazê-los se casar com aqueles que não podiam amar. Mas os filhos confiavam no julgamento de seus pais, e seguiam seus conselhos, e concediam suas afeições àqueles que seus pais experientes e tementes a Deus escolheram para eles. Era considerado crime seguir um curso contrário a este.

Que contraste com o proceder agora seguido por muitas crianças! Em vez de mostrar reverência e devida honra por seus pais, consultando-os e tendo as vantagens de seu julgamento experiente ao escolher por eles, eles se movem apressadamente no assunto e são controlados por impulso e não pelo julgamento de seus pais e da medo de Deus. Muitas vezes, eles contraem casamento sem nem mesmo o conhecimento de seus pais. E, em muitos casos, suas vidas são amarguradas por casamentos apressados, porque o genro ou a nora não se sentem obrigados a fazer seus pais felizes.

Rapazes e moças às vezes manifestam grande independência em relação ao casamento, como se o Senhor não tivesse nada a ver com eles, ou eles com o Senhor, nesse assunto; e que era puramente uma questão própria, que nem Deus nem seus pais deveriam controlar

de forma alguma. Eles parecem pensar que a doação de suas afeições é uma questão em que somente o eu deve ser consultado. Tais cometem um erro grave; e alguns anos de experiência matrimonial geralmente lhes ensinam que é um erro miserável. Esta é a grande razão de tantos casamentos infelizes, nos quais há tão pouco amor verdadeiro e generoso, e tão pouco exercício de nobre tolerância um para com o outro. Estes muitas vezes se comportam em suas próprias casas mais como crianças mesquinhas do que como marido e mulher dignos e afetuosos.

Isaque havia sido treinado no temor de Deus para uma vida de obediência. E quando ele tinha quarenta anos, ele se submeteu a ter o servo experiente e temente a Deus de seu pai escolher para ele. Ele cria que Deus dirigiria em relação à sua obtenção de uma esposa.

As crianças agora de quinze a vinte anos geralmente se consideram competentes para fazer sua própria escolha, sem o consentimento de seus pais. E eles olhariam com espanto, se lhes fosse proposto mover-se no temor de Deus e fazer do assunto um assunto de oração. O caso de Isaque fica registrado, como um exemplo para as crianças imitarem em gerações posteriores, especialmente aquelas que professam temer a Deus.

O curso que Abraão seguiu na educação de Isaque, que o levou a amar uma vida de nobre obediência, é registrado para o benefício dos pais, e deve levá-los a comandar seus lares depois deles. Eles devem instruir seus filhos a ceder e respeitar sua autoridade. E devem sentir que recai sobre eles a responsabilidade de guiar as afeições de seus filhos, para que possam ser confiadas a pessoas que seu julgamento lhes ensinaria que seriam companheiras adequadas para seus filhos e filhas. É um fato triste que Satanás controle em grande medida as afeições dos jovens. E alguns pais acham que os afetos não devem ser guiados ou reprimidos. O curso seguido por Abraão é uma repreensão a todos esses.

CAPÍTULO XII.

JACÓ E ESAÚ.

DEUS conhece o fim desde o princípio. Ele sabia, antes do nascimento de Jacó e Esaú, exatamente quais personagens ambos desenvolveriam. Ele sabia que Esaú não teria coração para obedecê-lo. Ele respondeu à oração conturbada de Rebeca, e a informou que ela teria dois filhos, e o mais velho deveria servir ao mais novo. Ele apresentou a história futura de seus dois filhos diante dela, que seriam duas nações, uma maior que a outra, e o mais velho deveria servir ao mais novo. O primogênito tinha direito a vantagens peculiares e privilégios especiais, que não pertenciam a nenhum outro membro da família.

Isaque amava Esaú mais do que Jacó, porque Esaú lhe forneceu caça. Ire estava satisfeito com seu espírito ousado e corajoso manifestado na caça de animais selvagens. Jacó era o filho favorito de sua mãe, porque sua disposição era branda e mais bem calculada para fazer sua mãe feliz. Jacó havia aprendido de sua mãe o que Deus lhe havia ensinado, que o mais velho deveria servir ao mais novo, e seu raciocínio juvenil o levou a concluir que essa promessa não poderia ser cumprida enquanto Esaú tivesse os privilégios conferidos ao primogênito. E quando Esaú voltou do campo, desfalecido de fome, Jacó aproveitou a oportunidade para tirar proveito da necessidade de Esaú e propôs alimentá-lo com guisado, se ele renunciasse a todos os direitos de seu direito de primogenitura; e Esaú vendeu sua primogenitura a Jacó.

Esaú tomou duas esposas idólatras, o que foi uma grande tristeza para Isaque e Rebeca. Apesar disso, Isaque amava Esaú mais do que Jacó. E quando ele pensou que estava prestes a morrer, pediu a Esaú que lhe preparasse carne, para que a mentira o abençoasse antes de morrer. Esaú não disse a seu pai que havia vendido sua primogenitura a Jacó, e confirmou isso com um juramento. Rebeca ouviu as palavras de Isaque e lembrou-se das palavras do Senhor: "O mais velho servirá ao mais novo", e ela sabia que Esaú havia desprezado sua primogenitura e a vendido a Jacó. Ela persuadiu Jacó a enganar seu pai e, por fraude, receber a bênção de seu pai, que ela achava que não poderia ser obtida de outra maneira. Jacob não estava disposto a praticar esse engano, mas finalmente consentiu com os planos de sua mãe.

Rebeca estava familiarizada com a parcialidade de Isaque por Esaú e estava convencida de que o raciocínio não mudaria seu propósito. Em vez de confiar em Deus, o ordenador dos acontecimentos, ela manifestou sua falta de fé ao persuadir Jacó a enganar seu pai. O curso de Jacó nisso não foi aprovado por Deus. Rebeca e Jacó deveriam ter esperado que Deus realizasse seus próprios propósitos, à sua própria maneira e em seu próprio tempo, em vez de tentar realizar os eventos preditos com a ajuda do engano. Se Esaú tivesse recebido a bênção de seu pai, que foi concedida ao primogênito, sua prosperidade poderia ter vindo somente de Deus; e ele o teria abençoado com prosperidade, ou trazido sobre ele adversidade, de acordo com seu curso de ação. Se ele amasse e reverenciasse a Deus, como o justo Abel, ele seria aceito e abençoado por Deus. Se, como o ímpio Caim, ele não tivesse respeito por Deus, nem por seus mandamentos, mas seguisse seu próprio curso corrupto, ele não receberia uma bênção de Deus, mas seria rejeitado por Deus, como Caim. Se o proceder de Jacó fosse justo, se ele amasse e temesse a Deus, ele seria abençoado por Deus, e a próspera mão de Deus estaria com ele, mesmo que ele não obtivesse as bênçãos e privilégios geralmente concedidos ao primogênito. .

Rebeca arrependeu-se com amargura pelo conselho errado que deu a Jacó, pois era o meio de separá-lo dela para sempre. Ele foi obrigado a fugir para salvar sua vida da ira de Esaú, e sua mãe nunca mais viu seu rosto. Isaque viveu muitos anos depois de ter dado a bênção a Jacó e foi convencido, pelo curso de Esaú e Jacó, de que a bênção pertencia justamente a Jacó.

As circunstâncias em que Esaú vendeu sua primogenitura representam os injustos, que consideram de pouco valor a redenção comprada para eles por Cristo, e sacrificam sua herança ao Céu por tesouros perecíveis. Muitos são controlados por seu apetite e, em vez de negar um apetite doentio, sacrificarão considerações elevadas e valiosas. Se alguém deve ser rendido, a gratificação de um apetite depravado, ou as bênçãos elevadas e celestiais que Deus promete apenas aos abnegados e tementes a Deus, os clamores do apetite, como no caso de Esaú, geralmente prevalecerão, e para autogratificação, Deus e o Céu serão virtualmente desprezados. Até mesmo cristãos professos usarão chá, café, rapé, tabaco e bebidas espirituosas, os quais entorpecem as sensibilidades mais refinadas da alma. Se você lhes disser que eles não podem ter o céu e essas indulgências prejudiciais, e que devem negar seus apetites e purificar-se de toda imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santidade no temor do Senhor, eles ficam ofendidos, parecem tristes, e concluem que se o caminho é tão estreito que eles não podem satisfazer seus apetites grosseiros, eles não vão mais andar nele.

Especialmente as paixões corruptas controlarão a mente daqueles que valorizam o Céu de tão pouco valor. A saúde será sacrificada, as faculdades mentais enfraquecidas e o Céu será vendido por esses prazeres, como Esaú vendeu sua primogenitura. Esaú era uma pessoa imprudente. Ele fez um juramento solene de que Jacó teria seu direito de primogenitura.

Este caso é deixado registrado como um aviso para os outros. Quando Esaú soube que Jacó havia obtido a bênção que lhe pertenceria, se não a tivesse vendido precipitadamente, ficou muito angustiado. Ele se arrependeu de seu ato precipitado, quando já era tarde demais para remediar o assunto. Assim será com os pecadores no dia de Deus, que trocaram sua herança para o Céu por gratificações egoístas e concupiscências prejudiciais. Eles então não encontrarão lugar para arrependimento, embora possam buscá-lo, como Esaú, com cuidado e com lágrimas.

Jacó não estava feliz em sua relação conjugal, embora suas esposas fossem irmãs. Ele formou o contrato de casamento com Labão para sua filha Raquel, a quem ele amava. Depois de servir sete anos por Raquel, Labão o enganou e lhe deu Lia. Quando Jacó percebeu o engano que havia sido praticado contra ele, e que Lia havia desempenhado sua parte em enganá-lo, ele não pôde amar Lia. Labão desejava reter os serviços fiéis de Jacó por mais tempo, portanto o enganou dando-lhe Lia, em vez de Raquel. Jacó repreendeu Labão por brincar assim com suas afeições, dando-lhe Lia, a quem ele não amava. Labão rogou a Jacó que não repudiasse Lia, pois isso era considerado uma grande desgraça, não só para a esposa, mas para toda a família. Jacob foi colocado na posição mais difícil; mas ele decidiu ainda manter Leah, e também se casar com a irmã dela. Leah era amada em muito menos grau do que Rachel. Labão foi egoísta em 'suas relações com Jacó'. Ele só pensou em se beneficiar pelos fiéis labores de Jacó. Ele teria deixado o astuto Labão muito antes, mas estava com medo de encontrar Esaú. Ele ouviu a queixa dos filhos de Labão, dizendo: "Jacó tirou tudo o que era de nosso pai; e do que era de nosso pai ele obteve toda essa glória. E Jacó viu o semblante de Labão, e eis que não era para ele como antes."

Jacó estava angustiado. Ele não sabia para que lado se virar. Ele leva seu caso a Deus e intercede por sua direção. O Senhor responde misericordiosamente à sua oração angustiada. "E disse o Senhor a Jacó: Volta para a terra de teus pais, e para a tua parentela, e eu serei contigo. E Jacó mandou chamar Raquel e Lia ao campo, ao seu rebanho, e disse-lhes: Vejo semblante de vosso pai, que não é para mim como antes; mas o Deus de meu pai tem estado comigo. E vós sabeis que com todas as minhas forças servi a vosso pai. E vosso pai me enganou, e mudou meu salário dez vezes; mas Deus permitiu que ele não me machucasse". Jacó relatou-lhes o sonho que Deus lhe deu, de deixar Labão e ir para seus parentes. Rachel e Leah expressaram sua insatisfação com os procedimentos de seu pai. Enquanto Jacó lhes relatava seus erros e propunha deixar Labão, Raquel e Lia disseram a Jacó: "Ainda há alguma porção ou herança para nós na casa de nosso pai? Não somos considerados por ele como estrangeiros? porque ele nos vendeu, e devorou também o nosso dinheiro, pois todas as riquezas que Deus tomou de nosso pai, são nossas e de nossos filhos; agora, pois, faze tudo o que Deus te disser.

Era costume antigamente que o noivo pagasse uma quantia em dinheiro, de acordo com suas circunstâncias, ao pai de sua esposa. Se ele não tivesse dinheiro, ou qualquer coisa de valor, seu trabalho era aceito por um determinado período de tempo antes que ele pudesse obter a filha como sua esposa. Esse costume era considerado uma salvaguarda ao contrato de casamento. Os pais não consideravam seguro confiar a felicidade de suas filhas a homens que não tinham feito provisões suficientes para cuidar de uma família. Se eles não tivessem capacidade de administrar negócios, adquirir gado ou terras, eles temiam que suas vidas não valessem nada. Mas para que os verdadeiramente dignos não desanimassem, foi feita uma provisão para testar o valor daqueles que não tinham nada de valor para pagar por uma esposa. Eles foram autorizados a trabalhar para o pai cuja filha eles amavam. Seus trabalhos eram contratados por um certo período de tempo, regulado pelo valor do dote exigido para sua filha. Ao fazer isso, os casamentos não eram apressados, e havia

oportunidade de testar a profundidade dos afetos do pretendente. Se ele fosse fiel em seus serviços e fosse considerado digno, a filha era dada a ele como esposa. E, geralmente, todo o dote que o pai havia recebido era dado à filha no casamento.

Que contraste com o proceder agora seguido por pais e filhos! Há muitos casamentos infelizes por causa de tanta pressa. Dois unem seus interesses no altar do casamento, pelos votos mais solenes diante de Deus, sem pesar previamente o assunto, e dedicando tempo à reflexão sóbria e oração fervorosa. Muitos se movem por impulso. Eles não têm conhecimento profundo das disposições um do outro. Eles não percebem que a felicidade de sua vida está em jogo. Se eles se movem errado neste assunto, e sua vida conjugal se mostra infeliz, não pode ser retirada. Se eles descobrirem que não são calculados para fazer um ao outro feliz, eles devem suportar o melhor que puderem. Em alguns casos, o marido se mostra muito indolente para sustentar uma família, e sua esposa e filhos sofrem. Se a capacidade de tal tivesse sido provada, como era costume antigamente, antes do casamento, muita miséria teria sido salva. No caso de Raquel e Lia, Labão guardou egoisticamente o dote que deveria ter sido dado a eles. Eles se referem a isso quando dizem: "Ele nos vendeu e devorou também nosso dinheiro".

Na ausência de Labão, Jacó pegou sua família e tudo o que tinha e deixou Labão. Depois de três dias de viagem, Labão soube que ele o havia deixado e ficou muito zangado. E ele o perseguiu, determinado a trazê-lo de volta à força. Mas o Senhor teve piedade de Jacó e, quando Labão estava prestes a alcançá-lo, deu-lhe um sonho de não falar bem ou mal a Jacó. Ou seja, ele não deve forçá-lo a retornar, ou incentivá-lo por incentivos lisonjeiros. Quando Labão encontrou Jacó, ele perguntou por que ele havia roubado de surpresa e levado suas filhas como cativas tomadas pela espada. Labão lhe diz: "Está no poder da minha mão fazer-te mal, mas o Deus de teus pais me falou ontem à noite, dizendo: Guarda-te, que não fales a Jacó nem bem nem mal." Jacó então ensaiou com Labão a atitude pouco generosa que ele havia seguido em relação a ele, que ele só havia estudado sua própria vantagem. Ele apela a Labão quanto à retidão de sua conduta enquanto estava com ele, e diz: "O que foi dilacerado de animais eu não trouxe para ti; , ou roubado durante a noite. Assim eu era; de dia a seca me consumia, e a geada de noite, e meu sono afastou-se de meus olhos."

A vida de um pastor era de diligência. Ele era obrigado a vigiar seus rebanhos dia e noite. Os animais selvagens eram comuns, e muitas vezes ousados, e causavam grandes danos aos rebanhos de ovelhas e gado que não eram guardados por um pastor fiel. Embora Jacó tivesse vários servos para ajudá-lo a cuidar dos rebanhos de sua propriedade e de Labão, ainda assim a responsabilidade de todo o assunto recaiu sobre ele. E em algumas estações do ano ele era obrigado a estar com os rebanhos, dia e noite, para protegê-los na estação mais seca do ano, para que não morressem de sede; e na parte mais fria da estação, para evitar que esfriem com as fortes geadas noturnas. Seus rebanhos também corriam o risco de serem roubados por pastores sem princípios, que desejavam enriquecer roubando o gado do vizinho.

A vida de um pastor era de cuidados constantes. Ele não estava qualificado para um pastor a menos que fosse misericordioso e possuísse coragem e perseverança. Jacó era o pastor principal, e tinha pastores sob ele que eram chamados de servos. O pastor-chefe chamava esses servos, a quem confiava o cuidado do rebanho, a uma conta estrita, se não fossem encontrados em condições florescentes. Se faltasse algum gado, o pastor-chefe sofria a perda.

A relação de Cristo com seu povo é comparada a um pastor. Ele viu, após a queda, suas ovelhas em uma condição lamentável, expostas à destruição certa. Ele deixou as honras e a

glória da casa de seu Pai para se tornar um pastor, para salvar as ovelhas miseráveis e errantes, que estavam prestes a perecer. Sua voz vencedora foi ouvida chamando-os para seu rebanho, uma retirada segura e segura das mãos dos ladrões; também um abrigo contra o calor escaldante e uma proteção contra as rajadas de frio. Seu cuidado era continuamente exercido para o bem de suas ovelhas. Ele fortaleceu os fracos, alimentou os sofredores, e reuniu os cordeiros do rebanho em seus braços, e os carregou em seu seio. Suas ovelhas o amam. Ele vai adiante de suas ovelhas, e elas ouvem sua voz e o seguem. "E não seguirão o estranho, mas fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos." Cristo diz: "Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas. Mas aquele que é mercenário, e não o pastor, de quem não são as ovelhas, vê vir o lobo, e deixa as ovelhas, e foge, e o lobo as arrebatou e dispersa as ovelhas. O mercenário foge, porque é mercenário, e não se importa com as ovelhas. Eu sou o bom pastor, e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido".

Cristo é o pastor principal. Ele confiou o cuidado de seu rebanho a pastores. Ele exige que esses pastores tenham por suas ovelhas o mesmo interesse que ele sempre manifestou, e que sempre sintam a responsabilidade do encargo que lhes confiou. Os ministros, que são chamados por Deus para trabalhar na palavra e na doutrina, são pastores de Cristo. Ele os designou para supervisionar e cuidar de seu rebanho. Ele ordenou solenemente que eles fossem pastores fiéis, alimentassem o rebanho com diligência, seguissem seu exemplo, fortalecessem os fracos, nutrissem os desfalecidos e os protegessem dos animais devoradores. Ele os aponta para seu exemplo de amor por suas ovelhas. Para garantir sua libertação, ele deu sua vida por eles. Se eles imitarem seu exemplo de abnegação, o rebanho prosperará sob seus cuidados. Eles manifestarão um interesse mais profundo do que Jacó, que foi um pastor fiel das ovelhas e do gado de Labão. Eles estarão constantemente trabalhando para o bem-estar do rebanho. Eles não serão meros mercenários, de quem Jesus fala, que não possuem nenhum interesse particular nas ovelhas; que, em tempo de perigo ou prova, fogem e abandonam as ovelhas. Um pastor que trabalha apenas pelo salário que obtém, cuida apenas de si mesmo e está continuamente estudando seu próprio interesse e facilidade, em vez do bem-estar de seu rebanho.

Diz Pedro: "Apascentai o rebanho de Deus que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; não por torpe ganância, mas de ânimo pronto; nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo aos rebanho." Diz Paulo: "Guardai-vos, pois, de vós mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentares a igreja de Deus, que ele resgatou com o seu próprio sangue".

Todos aqueles que professam ser pastores, que sentem que ministrar na palavra e na doutrina, e carregar os fardos e ter o cuidado que todo pastor fiel deve ter, é uma tarefa desagradável, são reprovados pelo apóstolo: "Não por constrangimento, mas voluntariamente; não por torpe ganância, mas de uma mente pronta." Todos esses pastores infiéis, o pastor supremo voluntariamente libertaria. A igreja de Deus é comprada com o sangue de Cristo, e todo pastor deve compreender que as ovelhas sob seus cuidados custam uma quantia inestimável. Devem ser diligentes em seu trabalho e perseverantes em seus esforços para manter o rebanho numa condição saudável e próspera. Devem considerar as ovelhas confiadas aos seus cuidados do mais alto valor, e compreender que serão chamadas a prestar contas estritas de seu ministério. E se forem achados fiéis, receberão uma rica recompensa. "E quando o sumo Pastor aparecer, receberéis uma coroa de glória que não murcha."

Jacó diz: "Assim estou vinte anos em tua casa. Catorze anos te servi pelas tuas duas filhas, e seis anos pelo teu gado; e dez vezes mudaste o meu salário. Exceto o Deus de meu pai, o Deus de Abraão e o temor de Isaque estiveram comigo, certamente tu me despediste agora vazio. Deus viu minha aflição e o trabalho de minhas mãos, e te repreendeu ontem à noite".

Labão então assegurou a Jacó que ele tinha interesse por suas filhas e seus filhos, que ele não poderia prejudicá-los. Ele propôs fazer uma aliança entre eles. E Labão disse: "Agora, pois, vem tu, façamos uma aliança, eu e tu, e seja por testemunha entre mim e ti. E Jacó tomou uma pedra, e a pôs por coluna. E Jacó disse a seus irmãos: Ajuntem pedras, e tomaram pedras, e fizeram um montão, e comeram ali sobre o montão".

Labão compreendeu o mal da poligamia, embora tenha sido sozinho por meio de seu artifício que Jacó tomou duas esposas. Ele bem sabia que foi o ciúme de Lia e Raquel que os levou a entregar suas servas a Jacó, o que confundiu a relação familiar e aumentou a infelicidade de suas filhas. E agora, como suas filhas estão viajando a uma grande distância dele, e o interesse delas é ser inteiramente separado do seu, ele protegeria, na medida do possível, a felicidade delas. Labão não queria que Jacó trouxesse ainda maior infelicidade sobre si mesmo, e sobre Lia e Raquel, tomando outras esposas. E Labão disse: "O Senhor guarde entre mim e ti, quando estivermos ausentes um do outro. Se você afligir minhas filhas, ou se você tomar outras mulheres além de minhas filhas, nenhum homem está conosco; veja, Deus é testemunha entre mim e ti."

Jacó fez uma aliança solene perante o Senhor, de que não tomaria outras esposas. "E disse Labão a Jacó: Eis este montão, e eis esta coluna que lancei entre mim e ti; este montão seja testemunha, e esta coluna seja testemunha de que não passarei este montão para ti, e que tu não me passará este montão e esta coluna para mal algum. O Deus de Abraão, e o Deus de Naor, o Deus de seu pai, julgue entre nós. E Jacó jura pelo temor de seu pai Isaque".

Enquanto Jacó seguia seu caminho, os anjos de Deus o encontraram. E quando ele os viu, ele disse: "Este é o exército de Deus". Ele viu os anjos de Deus, em sonho, acampando ao redor dele. Jacó enviou uma humilde mensagem conciliadora a seu irmão Esaú. "E voltaram os mensageiros a Jacó, dizendo: Fomos ter com teu irmão Esaú, e também ele vem ao teu encontro, e quatrocentos homens com ele. e os rebanhos e manadas, e os camelos, em dois bandos, e disse: Se Esaú vier a um grupo e ferir-lo, então o outro grupo que ficar escapará.

"E Jacó disse: Ó Deus de meu pai Abraão, e Deus de meu pai Isaque, o Senhor que me disseste: Volta para a tua terra e para a tua parentela, e eu te farei bem; não sou digno do a menor de todas as misericórdias e de toda a fidelidade que mostraste ao teu servo; porque com o meu cajado passei este Jordão, e agora me tornei dois bandos. Livra-me, peço-te, da mão do meu irmão, da mão de Esaú; porque eu o temo, para que não venha e me fira, e a mãe com os filhos. E disseste: Certamente te farei bem, e farei a tua descendência como a areia do mar, que não podem ser contados pela multidão."

CAPÍTULO XIII.

JACOB E O ANJO.

O erro de JACÓ, ao receber a bênção de seu irmão por fraude, é novamente trazido à força diante dele, e ele teme que Deus permita que Esaú tire sua vida. Em sua angústia, ele ora a Deus a noite toda. Um anjo me foi apresentado como estando diante de Jacó, apresentando seu erro diante dele em seu verdadeiro caráter. Quando o anjo se vira para deixá-lo, Jacó o

agarra e não o deixa ir. Ele faz súplicas com lágrimas. Ele alega que se arrependeu profundamente de seus pecados e das injustiças contra seu irmão, que foram o meio de separá-lo da casa de seu pai por vinte anos. Ele se aventura a pleitear as promessas de Deus e os sinais de seu favor a ele de tempos em tempos, em sua ausência da casa de seu pai. Durante toda a noite Jacó lutou com o anjo, suplicando uma bênção. O anjo parecia estar resistindo à sua oração, continuamente chamando seus pecados à sua memória, ao mesmo tempo tentando romper com ele. Jacó estava determinado a segurar o anjo, não apenas pela força física, mas pelo poder da fé viva. Em sua angústia Jacó referiu-se ao arrependimento de sua alma, a profunda humildade que sentiu por seus erros. O anjo considerou sua oração com aparente indiferença, continuamente fazendo esforços para se libertar das garras de Jacó. Ele pode ter exercido seu poder sobrenatural e se forçado a sair das garras de Jacó, mas ele não escolheu fazer isso. Mas quando ele viu que não prevaleceu contra Jacó, para convencê-lo de seu poder sobrenatural, ele tocou sua coxa, que foi imediatamente desarticulada. Mas Jacó não desistiu de seus esforços sinceros por dores corporais. Seu objetivo era obter uma bênção; e a dor do corpo não foi suficiente para desviar sua mente de seu objetivo. Sua determinação foi mais forte nos últimos momentos do conflito do que no início. Sua fé tornou-se mais fervorosa e perseverante até o fim, até o raiar do dia. Ele não largaria o anjo até que o abençoasse. "E ele disse: Deixa-me ir, porque já amanhece. E ele disse: Não te deixarei ir, a menos que me abençoes." O anjo então perguntou: "Qual é o teu nome? E ele disse: Jacó. E ele disse: Teu nome não será mais chamado Jacó, mas Israel; porque como um príncipe tens poder com Deus e com os homens, e prevaleceste."

A fé perseverante de Jacó prevaleceu. Ele segurou o anjo até obter a bênção que desejava e a certeza do perdão de seus pecados. Seu nome foi então mudado de Jacó, o suplantador, para Israel, que significa príncipe de Deus. "E Jacó lhe perguntou e disse: Diga-me, peço-te, o teu nome. E ele disse: Por que é que perguntas pelo meu nome? E ele o abençoou ali. E Jacó chamou o nome do lugar Peniel; porque Eu vi Deus face a face, e minha vida foi preservada." Foi Cristo que esteve com Jacó durante aquela noite, com quem lutou e a quem manteve perseverantemente até que o abençoou.

O Senhor ouviu as súplicas de Jacó e mudou os propósitos do coração de Esaú. Ele não sancionou nenhum curso errado que Jacó seguiu. Sua vida tinha sido de dúvida, perplexidade e remorso, por causa de seu pecado, até sua luta fervorosa com o anjo, e a evidência que obteve ali de que Deus havia perdoado seus pecados.

"Sim, ele teve poder sobre o anjo e prevaleceu. Ele chorou e suplicou a ele. Ele o encontrou em Betel, e ali falou conosco, o Senhor Deus dos Exércitos. O Senhor é o seu memorial."

Esaú estava marchando contra Jacó com um exército, com o propósito de matar seu irmão. Mas enquanto Jacó lutava com o anjo naquela noite, outro anjo foi enviado para tocar o coração de Esaú em suas horas de sono. Em seu sonho, ele viu Jacó exilado da casa de seu pai por vinte anos, porque temia por sua vida. E marcou sua tristeza ao encontrar sua mãe morta. Ele viu em seu sonho a humildade de Jacó e anjos de Deus ao seu redor. Ele sonhou que quando eles se encontraram ele não tinha intenção de machucá-lo. Quando Esaú acordou, ele relatou seu sonho aos seus quatrocentos homens, e disse-lhes que eles não deveriam ferir Jacó, pois o Deus de seu pai estava com ele. E quando eles deveriam conhecer Jacó, nenhum deles deveria lhe fazer mal. "E Jacob levantou os olhos, e olhou, e eis que vinha Esaú, e com ele quatrocentos homens." "E ele passou adiante deles, e inclinou-se em terra sete vezes, até que ele chegou perto de seu irmão. E Esaú correu ao seu encontro, e o abraçou, e se lançou em seu pescoço, e o beijou, e eles choraram." Jacó suplicou a Esaú que aceitasse uma oferta de paz, que Esaú recusou, mas Jacó insistiu com ele: "Tome, peço-te, a

minha bênção que te trouxe, porque Deus se compadeceu de mim, e porque tenho o suficiente. insisti, e ele aceitou."

Jacó e Esaú representam duas classes: Jacó, o justo; e Esaú, o ímpio. A angústia de Jacó quando soube que Esaú estava marchando contra ele com quatrocentos homens representa a angústia dos justos quando sai o decreto para matá-los, pouco antes da vinda do Senhor. À medida que os ímpios se reúnem em torno deles, eles ficarão cheios de angústia; pois, como Jacó, eles não podem ver escapatória para suas vidas. O anjo se colocou diante de Jacó, e ele agarrou o anjo, e o segurou, e lutou com ele a noite toda. Assim também os justos, em seu tempo de angústia e angústia, lutarão em oração com Deus, como Jacó lutou com o anjo. Jacó, em sua aflição, orou a noite toda por libertação da mão de Esaú. Os justos em sua angústia mental clamarão a Deus dia e noite por libertação das mãos dos ímpios que os cercam.

Jacó confessou sua indignidade: "Não sou digno da menor de todas as misericórdias e de toda a verdade que mostraste ao teu servo." Os justos em sua aflição terão um profundo senso de sua indignidade, e com muitas lágrimas reconhecerão sua total indignidade e, como Jacó, pleitearão as promessas de Deus por meio de Cristo, feitas a tais pecadores dependentes, desamparados e arrependidos.

Jacó segurou firmemente o anjo em sua angústia e não o deixou ir. Ao suplicar com lágrimas, o anjo o lembrou de seus erros passados e se esforçou para escapar de Jacó, para testá-lo e prová-lo. Assim os justos, no dia de sua angústia, serão testados, provados e provados, para manifestar sua força de fé, sua perseverança e confiança inabalável no poder de Deus para livrá-los.

Jacó não seria rejeitado. Ele sabia que Deus era misericordioso e apelou à sua misericórdia. Ele apontou para sua tristeza passada e arrependimento de seus erros, e insistiu em seu pedido de libertação das mãos de Esaú. Assim, sua importunação continuou a noite toda. Ao rever seus erros passados, foi levado quase ao desespero. Mas ele sabia que deveria ter ajuda de Deus ou pereceria. Ele segurou o anjo com firmeza e insistiu em sua petição com gritos agonizantes e sinceros, até que ele prevaleceu. Assim será com os justos. Ao reverem os eventos de suas vidas passadas, suas esperanças quase afundarão. Mas ao perceberem que é um caso de vida ou morte, eles clamarão fervorosamente a Deus, e apelarão a ele em relação à sua tristeza passada e arrependimento humilde de seus muitos pecados, e então se referirão à sua promessa, "Que ele se apodere da minha força, para que faça paz comigo, e ele fará paz comigo." Assim suas fervorosas petições serão oferecidas a Deus dia e noite.

Deus não teria ouvido a oração de Jacó e misericordiosamente salvo sua vida, se ele não tivesse se arrependido anteriormente de seus erros ao obter a bênção por fraude.

Os justos, como Jacó, manifestarão fé inabalável e determinação sincera, que não aceitarão negação. Eles sentirão sua indignidade, mas não terão erros ocultos para revelar. Se eles tivessem pecados, não confessados e dos quais não se arrependeram, para aparecer diante deles, enquanto torturados com medo e angústia, com um vivo senso de toda a sua indignidade, eles seriam esmagados. O desespero cortaria sua fé fervorosa, e eles não poderiam ter confiança para suplicar a Deus tão fervorosamente por libertação, e seus preciosos momentos seriam gastos em confessar pecados ocultos e lamentar sua condição desesperadora.

Aqueles crentes professos que chegam despreparados para o tempo de angústia, em seu desespero, confessarão seus pecados diante de todos com palavras de angústia ardente, enquanto os ímpios exultam por sua angústia. O caso de tudo isso é desesperador. Quando

Cristo se levanta e deixa o lugar santíssimo, então começa o tempo de angústia, e o caso de cada alma é decidido, e não haverá sangue expiatório para purificar do pecado e da poluição. Ao deixar o santíssimo, Jesus fala em tom de decisão e autoridade régia: "Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está imundo, suje-se ainda; e quem é justo, seja justo ainda; e quem é santo, santifique-se ainda.

Aqueles que adiaram a preparação para o dia de Deus não podem obtê-la no tempo de angústia ou em qualquer período futuro. Os justos não cessarão seus fervorosos e agonizantes clamores por libertação. Eles não podem trazer à mente quaisquer pecados em particular; mas em toda a sua vida eles podem ver pouca coisa boa. Seus pecados foram de antemão para julgamento, e o perdão foi escrito. Seus pecados foram levados para a terra do esquecimento, e eles não puderam trazê-los à lembrança. Certa destruição os ameaça e, como Jacó, eles não permitirão que sua fé enfraqueça porque suas orações não são respondidas imediatamente. Embora sofrendo as dores da fome, eles não cessarão suas intercessões. Eles se apoderam da força de Deus, como Jacó se apoderou do anjo; e a linguagem de sua alma é: "Não te deixarei ir se não me abençoares." Os santos finalmente prevalecem, como Jacó, e são gloriosamente libertados pela voz de Deus.

Essa época de aflição e angústia exigirá um esforço de fervor e fé determinada que pode suportar atraso e fome, e não falhará sob fraqueza, embora severamente provada. O período de provação é o tempo concedido a todos para se prepararem para o dia de Deus. Se alguém negligenciar a preparação e não atender às fiéis advertências dadas, não terá desculpa. A luta fervorosa e perseverante de Jacó com o anjo deve ser um exemplo para os cristãos. Jacó prevaleceu porque era perseverante e determinado. Todos os que desejam a bênção de Deus, como Jacó, e se apegam às promessas como ele fez, e são tão fervorosos e perseverantes quanto ele, terão sucesso como ele. Por que há tão pouco exercício da verdadeira fé, e tão pouco do peso da verdade que repousa sobre muitos crentes professos, é porque eles são indolentes nas coisas espirituais. Eles não estão dispostos a fazer esforços, negar o próprio eu, agonizar diante de Deus, orar longa e fervorosamente pela bênção e, portanto, não a obtêm. Essa fé que sobreviverá no tempo de angústia deve ser exercitada diariamente agora. Aqueles que não fazem grandes esforços agora para exercer fé perseverante, estarão totalmente despreparados para exercer aquela fé que os habilitará a resistir no dia da angústia.

Os filhos de Jacó não eram todos justos. Eles foram afetados em algum grau pela idolatria. Deus não sancionou a conduta cruel e vingativa dos filhos de Jacó para com os siquemitas. Jacó ignorava seu propósito, até que sua obra de crueldade fosse cumprida. Ele repreendeu seus filhos, e disse-lhes que eles o haviam perturbado, para torná-lo desprezado entre os habitantes da terra. E por causa desse erro, as nações vizinhas manifestariam sua indignação destruindo ele e sua casa. Em sua angústia, Jacó novamente clama a Deus. "E Deus disse a Jacó: Levanta-te, sobe a Betel, e habita ali, e faz ali um altar ao Deus, que te apareceu quando fugias da presença de 'Esaú, teu irmão. Então Jacó disse à sua casa, e a todos os que estavam com ele, tirai os deuses estranhos que estão entre vós, e purificai-vos, e mudai as vossas vestes, e levantemo-nos, e subamos a Betel, e ali farei um altar ao Deus, que me respondeu no dia da minha angústia, e foi comigo no caminho que eu andei; e deram a Jacó todos os deuses estranhos que estavam em suas mãos, e todos os seus brincos que estavam em suas orelhas, e Jacó os escondeu debaixo do carvalho que foi por Siquém." E a família de Jacó nunca mais os encontrou. "E eles partiram; e o terror de Deus caiu sobre as cidades que os rodeavam, e não perseguiram os filhos de Jacó."

Jacó foi humilhado e exigiu que sua família se humilhasse e abandonasse todos os seus ornamentos, pois ele deveria fazer expiação por seus pecados, oferecendo um sacrifício a

Deus, para que ele pudesse ser suplicado por eles e não os abandonasse. ser destruído por outras nações. Deus aceitou os esforços de Jacó para remover o mal de sua família, e apareceu a ele, e o abençoou, e renovou aquela promessa feita a ele, porque seu medo estava diante dele. "E Jacó levantou uma coluna no lugar onde falava com ele, uma coluna de pedra."

CAPÍTULO XIV.

JOSÉ E SEUS IRMÃOS.

JOSÉ ouviu as instruções de seu pai e temeu ao Senhor. Ele foi mais obediente aos ensinamentos justos de seu pai do que qualquer um de seus irmãos. Ele valorizava suas instruções e, com integridade de coração, amava obedecer a Deus. Ele ficou magoado com a conduta errada de alguns de seus irmãos, e humildemente rogou-lhes que seguissem um proceder justo e abandonassem seus atos iníquos. Isso só os amargurou contra ele. Seu ódio ao pecado era tal que ele não podia suportar ver seus irmãos pecando contra Deus. Ele colocou o assunto diante de seu pai, esperando que sua autoridade pudesse reformá-los. Esta exposição de seus erros enfureceu seus irmãos contra ele. Eles haviam observado o forte amor de seu pai por José e tinham inveja dele. A inveja deles transformou-se em ódio e, finalmente, em assassinato.

O anjo de Deus instruiu José em sonhos que ele inocentemente relatou a seus irmãos: "Pois eis que estávamos amarrando os molhos no campo, e eis que o meu molho se levantou e também ficou em pé; e eis que os teus molhos estavam ao redor, e fez reverência ao meu molho. E seus irmãos lhe disseram: Tu deves reinar sobre nós, ou deves ter domínio sobre nós?"

"E sonhou ainda outro sonho, e o contou a seus irmãos, e disse: Eis que sonhei mais um sonho, e eis que o sol, a lua e as onze estrelas se prostraram a mim. pai, e a seus irmãos, e seu pai o repreendeu, e disse-lhe: Que sonho é este que sonhaste? Porventura, devo eu e tua mãe e teus irmãos nos prostrarmos a ti em terra? E seus irmãos o invejava; mas seu pai observava o ditado."

Jacob parecia considerar os sonhos de seu filho com indiferença. Mas ele havia sido muitas vezes instruído pelo Senhor em sonhos, e acreditava que o Senhor estava ensinando José da mesma maneira. Ele reprovou José, para que seus verdadeiros sentimentos não fossem descobertos por seus irmãos invejosos.

Os filhos de Jacó eram pastores e alimentavam seus rebanhos onde encontravam as melhores pastagens. Ao viajar de um lugar para outro com seu gado, eles muitas vezes vagavam bastante longe da casa de seu pai, de modo que não o viam por vários meses. Em sua ansiedade por eles, ele enviou Joseph para ver se estavam todos bem. Com o verdadeiro interesse de um irmão, José procurou seus irmãos, onde seu pai supunha que os encontraria, mas eles não estavam lá. Um certo homem o encontrou vagando no campo em busca de seus irmãos e o encaminhou para Dothan. Esta foi uma longa jornada para Joseph. Mas ele o fez alegremente, porque amava seus irmãos e também desejava aliviar a ansiedade de seu pai. Mas ele foi mal recompensado por seu amor a eles e obediência a seu pai.

"E, quando o viram de longe, antes mesmo que se aproximasse deles, conspiraram contra ele para matá-lo. E diziam uns aos outros: Eis que vem este sonhador. Venham agora, e

matemo-lo, e lancemos ele em alguma cova, e diremos: Alguma fera o devorou; e veremos o que será de seus sonhos. E Rúben o ouviu, e o livrou de suas mãos, e disse: Não o matemos. . E Rúben disse-lhes: Não derrameis sangue, mas lançai-o nesta cova que está no deserto, e não lhe ponhais a mão, para que o livrasse das mãos deles, e o entregasse a seu pai”.

José, sem suspeitar do que lhe aconteceria, aproximou-se de seus irmãos com alegria de coração para saudá-los após sua longa e cansativa jornada. Seus irmãos o repeliram rudemente. Ele lhes disse sua missão, mas eles não lhe responderam. Joseph ficou alarmado com seus olhares raivosos. O medo tomou o lugar da alegria, e ele instintivamente se encolheu de pavor diante da presença deles. Eles então o agarraram violentamente. Eles o insultaram com as advertências que ele lhes dera no passado e o acusaram de relatar seus sonhos para se exaltar acima deles na mente de seu pai, para que ele pudesse amá-lo mais do que a si mesmos. Eles o acusaram de hipocrisia. Ao expressarem seus sentimentos de inveja, Satanás controlou-lhes a mente, e eles não tiveram nenhum sentimento de piedade, nem sentimentos de amor por seu irmão. Eles o despojaram de seu casaco de muitas cores que ele usava, que era uma prova do amor de seu pai, e que excitava seus sentimentos de inveja.

José estava cansado e com fome, mas não lhe deram descanso nem comida. "E, tomando-o, lançaram-no numa cova; e a cova estava vazia, não havia água nela." Quando Judá pensou em José deitado na cova, sofrendo uma morte prolongada por fome, ele ficou perturbado. Por um curto período de tempo, ele, com outros de seus irmãos, parecia possuir um frenesi satânico. Mas depois que começaram a cumprir seus propósitos perversos para o indefeso e inocente Joseph, alguns deles ficaram pouco à vontade. Eles não sentiram aquela satisfação que achavam que deveriam ter ao ver Joseph perecer. Judá foi o primeiro a expressar seus sentimentos. Ele "disse a seus irmãos: Que proveito há se matarmos nosso irmão e ocultarmos o seu sangue? Vinde, e vamos vendê-lo aos ismaelitas, e não seja nossa mão sobre ele; porque ele é nosso irmão e nosso e seus irmãos ficaram contentes. Então passaram por midianitas, mercadores, e tiraram e levantaram José da cova, e venderam José aos ismaelitas por vinte moedas de prata, e levaram José para o Egito”.

O pensamento de ser vendido como escravo era mais terrível para José do que morrer. Ele manifestou a mais profunda angústia e apelou primeiro a um de seus irmãos, depois a outro, por compaixão. Alguns de seus corações se comoveram com pena, mas por medo do escárnio do resto, permaneceram em silêncio. Todos eles pensaram que tinham ido longe demais para se arrepender de seus atos; pois José poderia expô-los a seu pai, e ele ficaria extremamente zangado com eles pelo tratamento que deram a seu muito amado José. Eles endureceram seus corações contra sua angústia e não ouviram suas súplicas por causa de seu pai para deixá-lo ir, mas o venderam como escravo.

Rúben afastou-se de seus irmãos, para que não aprendessem seu propósito em relação a José. Ele os aconselhou a colocá-lo na cova e planejou voltar e levá-lo para seu pai. "E Rúben voltou à cova, e eis que José não estava na cova; Seus irmãos lhe disseram que haviam vendido Joseph.

"E tomaram a túnica de José, e mataram um cabrito, e molharam a túnica no sangue; e enviaram a túnica de muitas cores, e a trouxeram a seu pai, e disseram: Isto achamos; saiba agora seja a túnica de teu filho ou não." Eles causaram intensa angústia ao pai, enquanto ele imaginava a morte violenta que seu filho deve ter sofrido ao ser despedaçado por animais selvagens. Seus filhos não imaginaram que a dor do pai seria tão profunda. Todos os seus filhos tentaram consolá-lo, mas ele se recusou a conter sua dor. Declarou aos filhos que desceria à sepultura de luto.

Os irmãos de Joseph se gabavam de que estavam tomando um rumo certo para impedir a realização dos estranhos sonhos de Joseph. Mas o Senhor controlou os acontecimentos, e fez com que o proceder cruel dos irmãos de José trouxesse a realização dos sonhos que eles lutavam para frustrar.

José foi grandemente afligido por ser separado de seu pai, e sua mais amarga tristeza foi refletir sobre a dor de seu pai. Mas Deus não deixou José para ir sozinho ao Egito. Anjos prepararam o caminho para sua recepção. Potifar, oficial de Faraó, capitão da guarda, comprou-o dos ismaelitas. E o Senhor estava com José, e o fez prosperar, e deu-lhe o favor de seu senhor, de modo que tudo o que possuía confiou aos cuidados de José. "E deixou tudo o que tinha na mão de José, e não sabia que devia ter, senão o pão que comia". Era considerado uma abominação para um hebreu preparar comida para um egípcio.

Quando José foi tentado a desviar-se do caminho certo, a transgredir a lei de Deus e mostrar-se infiel a seu senhor, ele resistiu firmemente e deu evidência do elevado poder do temor de Deus, em sua resposta à esposa de seu senhor. Depois de falar da grande confiança de seu mestre nele, confiando tudo o que tinha com ele, ele exclama: "como então posso fazer essa grande maldade e pecar contra Deus?" Ele não seria persuadido a desviar-se do caminho da justiça, e pisar na lei de Deus, por quaisquer incentivos ou ameaças. E quando ele foi acusado, e um crime vil foi falsamente acusado, ele não caiu em desespero. Na consciência da inocência e do direito, ele ainda confiava em Deus. E Deus, que até então o havia sustentado, não o abandonou. Ele foi amarrado com grilhões e mantido em uma prisão sombria. No entanto, Deus transformou até mesmo esse infortúnio em uma bênção. Ele lhe deu o favor do carcereiro da prisão, e a José logo foi confiada a acusação de todos os presos.

Aqui está um exemplo para todas as gerações que devem viver sobre a terra. Embora possam ser expostos a tentações, devem sempre perceber que há uma defesa à mão, e será sua própria culpa se não forem preservados. Deus será um socorro presente, e seu Espírito um escudo. Embora cercados pelas mais severas tentações, há uma fonte de força à qual eles podem aplicar e resistir a elas. Quão feroz foi o ataque à moral de Joseph. Veio de alguém de influência, o mais propenso a se desviar. No entanto, com que rapidez e firmeza foi resistida. Ele sofreu por sua virtude e integridade; pois aquela que o levaria ao erro, vingou-se da virtude que não podia subverter e, por sua influência, fez com que ele fosse lançado na prisão, acusando-o de um erro repugnante. Aqui José sofreu porque não quis ceder sua integridade. Ele havia colocado sua reputação e interesse nas mãos de Deus. E embora a mentira tenha sido afligida por um tempo, para prepará-lo para ocupar uma posição importante, Deus guardou com segurança aquela reputação que foi enegrecida por um acusador perverso e depois, em seu próprio tempo, fez com que ela brilhasse. Deus fez até da prisão o caminho para a sua elevação. A virtude trará com o tempo sua própria recompensa. O escudo que cobria o coração de José era o temor de Deus, que o levou a ser fiel e justo ao seu mestre e fiel a Deus. Desprezava aquela ingratidão que o levaria a abusar da confiança de seu mestre, embora seu mestre pudesse nunca saber o fato. A graça de Deus ele chamou em seu auxílio, e então lutou com o tentador. Ele nobremente diz: "Como, então, posso fazer esta grande maldade e pecar contra Deus?" Ele saiu vencedor.

Em meio às armadilhas a que todos estão expostos, eles precisam de defesas fortes e confiáveis nas quais possam confiar. Muitos, nesta era corrupta, têm um suprimento tão pequeno da graça de Deus, que em muitos casos sua defesa é quebrada pelo primeiro ataque, e tentações ferozes os levam cativos. O escudo da graça pode preservar tudo o que não foi vencido pelas tentações do inimigo, embora cercado das mais corruptoras influências. Por princípios firmes e confiança inabalável em Deus, sua virtude e nobreza de

caráter podem brilhar; e, embora cercados pelo mal, nenhuma mancha precisa ser deixada em sua virtude e integridade. E se, como José, sofrerem calúnias e falsas acusações, a Providência anulará para sempre todos os artifícios do inimigo, e Deus, em seu próprio tempo, exaltará tanto mais alto quanto por algum tempo eles foram rebaixados por vingança perversa.

A parte que José desempenhou em conexão com as cenas da prisão sombria foi a que o elevou finalmente à prosperidade e honra. Deus planejou que ele obtivesse uma experiência por meio de tentações, adversidades e dificuldades, a fim de prepará-lo para ocupar uma posição elevada.

Enquanto ele estava confinado na prisão, Faraó se ofendeu com dois de seus oficiais, o padeiro-chefe e o copeiro-chefe, e eles foram colocados na prisão onde José estava preso. "E o capitão da guarda encarregou-os de José, e ele os serviu; José tornou sua vida útil mesmo na prisão. Sua conduta exemplar, comportamento humilde e fidelidade, obtiveram para ele a confiança de todos na prisão e daqueles que estavam ligados a ela. Ele não gastou seu tempo em luto pela injustiça de seus acusadores, que o privaram de sua liberdade.

Certa manhã, enquanto Joseph trazia comida para os oficiais do rei, ele observou que eles pareciam muito tristes. Ele gentilmente perguntou: "Por que você está tão triste hoje? E eles lhe disseram: Nós sonhamos um sonho, e não há intérprete para ele. E José lhes disse: As interpretações não pertencem a Deus? , Eu oro por voce." Então o mordomo relatou a José seu sonho, que ele interpretou, de que o mordomo seria restaurado ao favor do rei e entregaria a taça de Faraó em sua mão, como havia feito anteriormente. O mordomo ficou satisfeito com a interpretação, e sua mente ficou imediatamente aliviada.

Joseph disse ao mordomo-chefe que em três dias ele não seria mais um prisioneiro. Sentiu-se muito grato a Joseph por causa do interesse que havia manifestado por ele e pelo tratamento gentil que recebera de suas mãos; e, sobretudo, por auxiliá-lo em grande aflição de espírito, interpretando seu sonho. Então José, de uma maneira muito comovente, aludiu ao seu cativo e rogou-lhe: "Mas pensa em mim quando tudo vai bem para ti, e mostra-me benignidade, peço-te, e faz menção de mim a Faraó, e tira-me desta casa, porque na verdade fui roubado da terra dos hebreus; e aqui também nada fiz para que me pusessem na masmorra. Quando o padeiro-mor viu que a interpretação era boa. tomou coragem e deu a conhecer o seu sonho. Assim que relatou seu sonho, Joseph parecia triste. Ele entendeu seu terrível significado. Joseph possuía um coração bondoso e solidário, mas seu alto senso de dever o levou a dar a interpretação verdadeira, mas triste, do sonho do padeiro-chefe. Ele lhe disse que os três cestos em sua cabeça significavam três dias; e que, como em seu sonho, os pássaros comiam as carnes assadas do cesto superior, para que comessem sua carne enquanto ele estava pendurado em uma árvore.

"E aconteceu que ao terceiro dia, que era o aniversário de Faraó, deu um banquete a todos os seus servos; novamente ao seu mordomo, e entregou o cálice na mão de Faraó; mas ele enforcou o padeiro-mor, como José havia interpretado para eles. O mordomo era culpado do pecado da ingratidão. Depois de obter alívio de sua ansiedade, pela interpretação animadora de José, ele pensou que deveria, se trazido novamente ao favor do rei, certamente se lembrar do cativo José e falar em seu favor ao rei. Ele viu a interpretação do sonho exatamente cumprida, mas em sua prosperidade ele esqueceu de José em sua aflição e confinamento. A ingratidão é considerada pelo Senhor como um dos pecados mais agravantes. E embora abominável por Deus e pelo homem, ainda assim é de ocorrência diária.

Mais dois anos, Joseph permaneceu em sua prisão sombria. O Senhor deu a Faraó sonhos notáveis. De manhã, o rei estava preocupado porque não conseguia entendê-los. Chamou os magos do Egito e os sábios. O rei pensou que em breve eles o ajudariam a entender esses sonhos, pois eles tinham fama de resolver dificuldades. O rei relatou seus sonhos a eles, mas ficou muito desapontado ao descobrir que, com toda a sua magia e sabedoria, eles não podiam explicá-los. A perplexidade e a angústia do rei aumentaram. Quando o mordomo-chefe viu sua angústia de repente, Joseph veio à sua mente e, ao mesmo tempo, uma convicção de seu esquecimento e ingratidão. "Então falou o copeiro-chefe ao Faraó, dizendo: Lembro-me de minhas faltas neste dia." Ele então relatou ao rei os sonhos que ele e o padeiro-chefe tiveram, que os perturbavam como os sonhos que agora perturbavam o rei, e disse: "E estava conosco um jovem hebreu, servo do capitão do guarda; e nós lhe contamos, e ele nos interpretou os nossos sonhos; a cada um interpretou segundo o seu sonho; e aconteceu que, como ele nos interpretou, assim foi; e a ele enforcou."

Foi humilhante para Faraó se afastar dos magos e sábios de seu reino para um servo hebreu. Mas seus sábios e sábios falharam com ele, e ele agora condescenderá em aceitar os humildes serviços de um escravo, se sua mente perturbada puder obter alívio.

"Então Faraó mandou chamar José, e eles o tiraram às pressas do calabouço; e ele se barbeou, e mudou de roupa, e foi ter com Faraó. E Faraó disse a José: Eu sonhei um sonho, e não há que pode interpretá-lo; e ouvi dizer de ti que podes entender um sonho para interpretá-lo. E José respondeu a Faraó, dizendo: Não está em mim; Deus dará a Faraó uma resposta de paz.

A resposta de José ao rei mostra sua forte fé e humilde confiança em Deus. Ele modestamente nega toda honra de possuir em si sabedoria superior para interpretar. Ele diz ao rei que seu conhecimento não é maior do que o daqueles a quem ele consultou. "Não está em mim." Só Deus pode explicar esses mistérios. "E Faraó disse a José: Em meu sonho, eis que eu estava na margem do rio, e eis que subiam do rio sete vacas, de carne gorda e de boa aparência; e pastavam em um prado; e eis que, depois deles, subiram outras sete vacas, pobres, muito desfavorecidas e magras, como nunca vi em toda a terra do Egito por maldade. 'sete vacas gordas; e quando as comeram, não se sabia que as haviam comido; mas ainda eram desfavorecidas, como no início. Sol acordou.

"E vi no meu sonho, e eis que numa só haste subiam sete espigas, cheias e boas; e eis que sete espigas, mirradas, finas e queimadas pelo vento oriental, brotavam depois de morrerem; e as espigas finas devorei as sete espigas boas: e eu disse isso aos magos, mas não houve quem pudesse declarar isso para mim.

"E José disse a Faraó: O sonho de Faraó é um. Deus mostrou a Faraó o que ele está prestes a fazer. As sete vacas boas são sete anos, e as sete espigas boas são sete anos; o sonho é um. E os sete vacas magras e desfavorecidas que subiram depois deles são sete anos; e as sete espigas vazias sopradas pelo vento oriental serão sete anos de fome".

José disse ao rei que haveria sete anos de grande fartura. Tudo cresceria em grande abundância. Campos e jardins renderiam mais abundantemente do que antes. Frutas e grãos renderiam em abundância. E esses sete anos de abundância seriam seguidos por sete anos de fome. Os anos de fartura seriam dados para que ele pudesse se preparar para os próximos anos de fome. "E a abundância não será conhecida na terra por causa da fome que se seguirá, porque será muito grave. faça-o acontecer. Agora, pois, Faraó procure um homem prudente e sábio, e o ponha sobre a terra do Egito".

O rei acreditou em tudo o que José disse. Ele acreditava que Deus estava com ele e ficou impressionado com o fato de que ele era o homem mais adequado para ser colocado em autoridade à frente dos negócios. Ele não o desprezou porque ele era um escravo hebreu. Ele viu que possuía um espírito excelente. "E Faraó disse a seus servos: Podemos encontrar alguém como este, um homem em quem o Espírito de Deus está? E Faraó disse a José: Visto que Deus te mostrou tudo isso, não há ninguém tão discreto e sábio como tu és. Tu estarás sobre a minha casa, e segundo a tua palavra todo o meu povo será governado; somente no trono eu serei maior do que tu."

Embora José tenha sido exaltado como governante de toda a terra, ele não se esqueceu de Deus. Ele sabia que era um estranho em uma terra estranha, separado de seu pai e de seus irmãos, o que muitas vezes lhe causava tristeza, mas ele acreditava firmemente que a mão de Deus havia anulado seu curso, para colocá-lo em uma posição importante. E dependendo de Deus continuamente, ele cumpriu todos os deveres de seu ofício, como governante da terra do Egito com fidelidade. "E nos sete anos de abundância a terra produziu aos punhados. E ele juntou todo o mantimento dos sete anos que estavam na terra do Egito, e guardou o mantimento nas cidades, o mantimento do campo que estava ao redor cerca de cada cidade, deitou-se na mesma. E José juntou trigo como a areia do mar, em grande quantidade, até que deixou de contar, porque era inumerável".

José viajou por toda a terra do Egito, ordenando a construção de imensos armazéns, e usando sua mente lúcida e excelente discernimento para ajudar nos preparativos para garantir o alimento, necessário para os longos anos de fome. Por fim, os sete anos de fartura na terra do Egito terminaram. "E começaram a vir os sete anos de fome, como José tinha dito; e havia fome em todas as terras, mas em toda a terra do Egito havia pão. E quando toda a terra do Egito ficou faminta, o povo clamou Faraó por pão. E Faraó disse a todos os egípcios: Ide a José; fazei o que ele vos disser. ; e a fome se agravou na terra do Egito".

A fome foi severa na terra de Canaã. Jacó e seus filhos ficaram perturbados. Seu suprimento de comida estava quase esgotado e eles aguardavam o futuro com perplexidade. Eles conversavam desanimados uns com os outros a respeito de serem capazes de suprir suas famílias com alimentos. Desejo e fome os encararam. Por fim, Jacó ouviu falar das maravilhosas provisões que o rei do Egito havia feito; que ele foi instruído por Deus em um sonho sete anos antes da fome para estocar grandes suprimentos para os sete anos de fome que se seguiriam, e que todos os países viajaram para o Egito para comprar milho. Ele disse a seus filhos: "Por que vocês olham uns para os outros? E ele disse: Eis que ouvi dizer que há trigo no Egito; E os dez irmãos de José desceram para comprar trigo no Egito. Mas Benjamim, irmão de José, Jacó não enviou com seus irmãos, porque disse: Para que não lhe aconteça algum mal.

Os filhos de Jacó vieram com a multidão de compradores para comprar o trigo de José; e eles "curvaram-se diante dele com o rosto em terra". E José conhecia seus irmãos, mas parecia não conhecê-los, e falou-lhes asperamente. "E disse-lhes: De onde vens? E eles disseram: Da 'terra de Canaã para comprar mantimento." "E José lembrou-se dos sonhos que teve com eles, e disse-lhes: Vós sois espias; viestes para ver a nudez da terra."

Eles asseguraram a José que sua única missão no Egito era comprar comida. Joseph novamente os acusa de serem espíões. Ele queria saber se eles possuíam o mesmo espírito altivo que tinham quando ele estava com eles; e ele estava ansioso para extrair deles alguma informação a respeito de seu pai e Benjamim. Eles se sentem humilhados em sua adversidade e manifestam pesar, em vez de raiva, pelas suspeitas de José. Eles lhe asseguram que não são espíões, mas os SODS de um homem; que eles são doze irmãos; que

o mais novo está agora com o pai, e o outro não. Seu pai e Benjamim são exatamente aqueles sobre quem Joseph deseja aprender. Ele professa duvidar da veracidade de sua história e lhes diz que os provará e que não sairão do Egito até que seu irmão mais novo venha aqui. Ele propõe mantê-los em confinamento até que alguém vá e traga seu irmão, para provar suas palavras, se havia alguma verdade nelas. Se eles não consentissem com isso, ele os consideraria espiões.

Os filhos de Jacó não se sentiram dispostos a consentir com esse arranjo. Levaria algum tempo para ir ao pai, buscar Benjamin, e suas famílias sofreriam por comida. E, novamente, quem entre eles empreenderia a viagem sozinho, deixando seus irmãos na prisão? Como aquele poderia conhecer seu pai? Eles viram sua angústia com a suposta morte de José, e ele se sentiria privado de todos os seus filhos. Enquanto conversavam entre si dessa maneira, Joseph os ouviu. Disseram ainda: Pode ser que percamos nossas vidas ou nos tornemos escravos. E se alguém voltar a nosso pai por Benjamim, e o trouxer aqui, ele também poderá ser feito escravo, e nosso pai certamente morrerá. Eles decidiram ficar todos e sofrer juntos em vez de trazer maior tristeza ao pai pela perda de seu muito amado Benjamin.

Os três dias de confinamento foram dias de amarga tristeza com os filhos de Jacó. Eles refletiram sobre seu proceder errado no passado, especialmente sua crueldade para com José. Eles sabiam que se fossem condenados por serem espiões e não pudessem apresentar provas para se inocentar, todos teriam que morrer ou se tornar escravos. Eles duvidavam que qualquer esforço que qualquer um deles pudesse fazer faria com que seu pai consentisse em que Benjamin se afastasse dele, após a morte cruel, como ele pensava, que José havia sofrido. Eles venderam José como escravo e temiam que Deus planejasse puni-los fazendo com que se tornassem escravos. Joseph considera que seu pai e as famílias de seus irmãos podem estar sofrendo por causa da comida, e ele está convencido de que seus irmãos se arrependeram de seu tratamento cruel, e que de modo algum tratariam Benjamim como o haviam tratado.

Joseph faz outra proposta a seus irmãos. E disse-lhes ao terceiro dia: Fazei isto e vivei, porque temo a Deus. Se sois homens de verdade, seja preso um de vossos irmãos na casa da vossa prisão; ide, levai trigo para a fome de vossas casas, mas trazei-me vosso irmão mais novo; assim se verificarão vossas palavras, e não morrereis. Eles concordam em aceitar esta proposta de José, mas expressam um ao outro pouca esperança de que seu pai deixará Benjamin voltar com eles. Eles acusam a si mesmos e uns aos outros em relação ao tratamento que dispensaram a José. "E diziam uns aos outros: Na verdade somos culpados de nosso irmão, visto que vimos a angústia de sua alma, quando ele nos rogou, e não quisemos ouvir; por isso esta angústia nos sobreveio. E Rúben lhes respondeu: dizendo: Não vos falei, dizendo: Não pequeis contra o menino, e não quisestes ouvir? Portanto, eis que também o seu sangue é requerido. E eles não sabiam que José os entendia, porque lhes falava por um intérprete. E ele se afastou deles, e chorou, e tornou a eles novamente, e comungou com eles, e tomou deles Simeão, e o amarrou diante de seus olhos".

José escolheu Simeão para ser amarrado, porque ele era o instigador e o principal ator da crueldade de seus irmãos para com ele. Ele então ordenou que seus irmãos fossem liberalmente supridos com provisões, e que o dinheiro de cada homem fosse colocado em seu saco. Eles seguiram sua jornada de volta para casa com tristeza. Quando um deles abriu seu saco para alimentar seu animal com forragem, ele encontrou seu dinheiro, exatamente como havia trazido a José. Ele contou a seus irmãos, e eles consideraram que um novo mal surgiria; e ficaram com medo e diziam uns aos outros: Que é isto que Deus nos fez? Devemos considerar isso como um sinal do bem do Senhor, ou ele permitiu que isso ocorresse para nos punir por nossos pecados e nos mergulhar ainda mais fundo na aflição?

Eles reconhecem que Deus viu seus pecados e marcou seus erros, e que agora os está visitando por causa de suas transgressões.

Quando chegaram a seu pai Jacó, contaram-lhe tudo o que havia acontecido e disseram: "O homem que é o senhor da terra falou-nos asperamente, e nos tomou por espíões do país. E nós lhe dissemos: Somos homens de verdade; não somos espíões. Somos doze irmãos, filhos de nosso pai; um não é, e o mais novo está hoje com nosso pai na terra de Canaã". Disseram a seu pai que não acreditaria na palavra deles, e disseram: Se não sois espíões, deixai um de vossos irmãos comigo e levai mantimento para vossas casas; e quando você voltar, traga seu irmão mais novo, e então eu libertarei seu irmão que está preso, e você terá a liberdade de negociar na terra.

Enquanto esvaziavam seus sacos, o dinheiro de cada homem foi encontrado em seu saco, e todos ficaram com medo. Jacó ficou aflito, e disse-lhes: "Vocês me desfizeram de meus filhos; José não existe, e Simeão não existe, e vocês levarão Benjamin. Todas essas coisas são contra mim". Reuben assegurou ao pai que, se confiasse Benjamin aos seus cuidados, certamente o traria de volta ao pai; se não, ele poderia matar seus dois filhos. Este discurso precipitado não aliviou a mente de Jacob. Ele disse: "Meu filho não descera com você, porque seu irmão está morto, e ele ficou sozinho. Se algum mal lhe acontecer no caminho por onde você for, então farei descer meus cabelos grisalhos com tristeza ao Cova."

As afeições de Jacó se apegam a Benjamin com toda a força do amor de uma mãe. Ele mostra como sentiu profundamente a perda de Joseph. Mas a necessidade pressiona Jacó e seus filhos, e suas famílias estão pedindo comida. Jacó pede a seus filhos que voltem ao Egito e comprem comida. Judá diz a seu pai que ele não pode descer a menos que Benjamin esteja com eles; pois "o homem protestou solenemente para nós, dizendo: Vocês não verão minha face, a menos que seu irmão esteja com vocês". Judá assegura a seu pai que ele será fiador de seu irmão, que se ele o enviasse com eles eles iriam, e se ele não trouxesse Benjamin de volta, ele levaria a culpa disso para sempre.

Ele diz a seu pai que enquanto eles estavam demorando, por causa de sua relutância em enviar Benjamin, eles poderiam ter viajado para o Egito e retornado novamente. Jacó se sente compelido a permitir que seu filho Benjamin vá com seus irmãos. Ele também enviou um presente ao governante, esperando com isso obter seu favor. Ele também instruiu seus filhos a pegarem o dobro do dinheiro e devolverem o dinheiro encontrado em seus sacos; pois pode ter sido colocado lá por engano. Ele lhes diz: "Tome também seu irmão, e levante-se, vá novamente ao homem."

Quando seus filhos estavam prestes a deixá-lo para ir em sua jornada duvidosa, seu pai idoso se levantou e, de pé. no meio deles, ergueu as mãos para o céu e implorou ao Senhor que fosse com eles, e pronunciou sobre eles uma graciosa bênção. "E Deus Todo-Poderoso te dê misericórdia diante do homem, para que ele possa mandar embora seu outro irmão, e Benjamin. Se eu for despojado de meus filhos, eu sou despojado."

"E os homens tomaram aquele presente, e tomaram dinheiro em dobro na mão, e Benjamin, e se levantaram, e descera ao Egito, e se apresentaram diante de José." E quando José viu Benjamin com eles, mal pôde conter seus sentimentos fraternos de amor. Ele deu instruções para fazer os preparativos para seus irmãos jantarem com ele. Quando foram levados para a casa de José, temeram que fosse com o propósito de pedir contas por causa do dinheiro encontrado em seus sacos. E eles pensaram que poderia ter sido intencionalmente colocado lá com o propósito de encontrar ocasião contra eles para torná-los escravos, e que eles foram trazidos para a casa do governante para melhor realizar esse objetivo. Procuraram fazer amizade com o mordomo da casa e lhe deram a conhecer que

tinham encontrado o dinheiro na boca dos seus sacos, temendo que o governante que os tratara com tanta grosseria os acusasse de injustiça em relação ao assunto. . Eles informaram ao mordomo que haviam trazido de volta o dinheiro encontrado em seus sacos, com todo o peso; também outro dinheiro para comprar comida; e acrescentou: "Não podemos dizer quem colocou nosso dinheiro em nossos sacos."

"E ele disse: Paz seja convosco, não temais; o vosso Deus, e o Deus de vosso pai, vos deu um tesouro nos vossos sacos. Eu tinha o vosso dinheiro. E trouxe-lhes Simeão." As palavras do mordomo aliviaram sua ansiedade, e eles pensaram que Deus era realmente gracioso para com eles, como seu pai havia suplicado que ele fosse.

Quando José voltou para casa, seus irmãos lhe deram o presente em nome de seu pai, e eles se curvaram a ele em terra. "E perguntou-lhes pelo seu bem-estar, e disse: Está bem seu pai, o velho de quem você falou? Ele ainda está vivo? E eles responderam: Teu servo nosso pai está bem, ele ainda vive. E eles inclinou a cabeça e prostrou-se e, levantando os olhos, viu seu irmão Benjamim, filho de sua mãe, e disse: É este vosso irmão mais novo, de quem me falastes? E disse: Deus tenha misericórdia de ti, meu filho. E José apressou-se, porque as suas entranhas ansiavam por seu irmão; e ele procurou onde chorar, e entrou no seu quarto, e lá chorou; e lavou o rosto, e saiu, e se conteve, e disse: Põe-te no pão."

José não comia na mesma mesa com seus irmãos, pois os egípcios consideravam uma abominação para eles comerem pão com os hebreus. Joseph colocou seus irmãos à mesa, como era costume quando suas idades eram conhecidas, começando com o mais velho, de acordo com seu direito de primogenitura, organizando-os em ordem para o mais novo, como se ele conhecesse perfeitamente suas idades. Seus irmãos ficaram surpresos com esse ato de José, que eles pensavam não ter conhecimento de suas idades.

Ao enviar uma porção de comida a cada um de seus irmãos, enviou a Benjamim cinco vezes mais do que os outros. Ele fez isso não apenas para mostrar sua consideração particular por seu irmão Benjamin, mas para prová-los e ver se eles consideravam Benjamin com os mesmos sentimentos de inveja que tinham por ele. Eles achavam que Joseph não entendia a língua deles e eram livres para conversar uns com os outros em sua presença; portanto, Joseph teve uma boa oportunidade de aprender o verdadeiro estado de seus sentimentos sem que eles soubessem. José ordenou novamente que fornecessem alimentos a seus irmãos, tanto quanto eles pudessem carregar, e que colocassem o dinheiro de cada homem na boca do seu saco, e que colocassem seu copo de prata no saco do mais novo. Quando seus irmãos saíram da cidade, José enviou seu mordomo para alcançá-los e perguntar por que eles haviam recompensado o mal com o bem, tomando o cálice de prata pertencente ao rei, pelo qual, de fato, ele adivinhava.

Reis e governantes tinham um copo do qual bebiam, o que era considerado um detetive seguro se alguma substância venenosa fosse colocada em sua bebida. "E disseram-lhe: Por que diz meu senhor estas palavras? Deus não permita que teus servos façam conforme esta coisa. Eis que o dinheiro que achamos na boca de nossos sacos, nós trouxemos novamente para ti da terra de Canaã. Como, pois, roubaremos prata ou ouro da casa de teu senhor? Com quem dos teus servos for achado, que morra, e também nós seremos servos de meu senhor. E ele disse: Agora também seja conforme vossas palavras; aquele com quem se achar será meu servo; e vós sereis irreprensíveis. Então, rapidamente desmontaram cada um o seu saco por terra, e cada um abriu o seu saco. E ele procurou, e começou pelo mais velho, e deixou o mais novo; e a taça foi achada no saco de Benjamim".

Com esta descoberta, todos ficaram muito surpresos; e, para expressar sua grande angústia, eles alugam suas vestes, que era o costume quando em grande aflição. Benjamin ficou mais

surpreso e confuso do que seus irmãos. Eles voltaram para a cidade tristes e com medo. Eles pensavam que a mão de Deus estava contra eles por causa de sua maldade passada. Por sua própria promessa, Benjamin foi designado para uma vida de escravidão. E os medos de seu pai eles pensavam que seriam totalmente realizados. O mal havia acontecido com seu amado Benjamin.

Judá havia se comprometido a ser fiador de Benjamim. "E vieram Judá e seus irmãos à casa de José, porque ele ainda estava ali, e prostraram-se diante dele por terra. E José lhes disse: Que feito é isto que fizestes? pode certamente divinar?" Joseph fez essa pergunta para extrair de seus irmãos um reconhecimento de seu proceder errado no passado, para que seus verdadeiros sentimentos pudessem ser revelados mais plenamente. Ele não reivindicou nenhum poder de adivinhação, mas estava disposto a que seus irmãos acreditassem que ele poderia ler os atos secretos de suas vidas. "E disse Judá: Que diremos a meu senhor? Que diremos? ou como nos esclareceremos? Deus descobriu a iniquidade de teus servos. Eis que somos servos de meu senhor, tanto nós, como ele também com quem se achou o cálice." Judá disse a seus irmãos que Deus havia descoberto sua iniquidade por vender seu irmão no Egito, e agora estava devolvendo sobre eles suas transgressões, permitindo que também se tornassem escravos.

José recusou-se a aceitar todos eles, de acordo com a palavra de Judá, como escravos. "E ele disse: Deus não permita que eu faça isso; mas o homem em cuja mão o cálice foi encontrado, esse será meu servo; e quanto a você, suba em paz para seu pai". Judá falou com José além do resto, e relatou-lhe a relutância de seu pai em deixar Benjamim ir com eles para o Egito, e que ele se comprometeu a ser fiador de Benjamim, que se ele não o trouxesse a seu pai, ele carregar a culpa para sempre. Ele suplicou eloquentemente em favor de seu pai, relatando sua grande dor pela perda de José, e que Benjamim era tudo o que restava da mãe que seu pai amava, e que se Benjamim fosse separado de seu pai, ele morreria; pois sua vida estava ligada à vida do rapaz. Judá então nobremente se ofereceu para se tornar um escravo em vez de seu irmão; pois ele não poderia encontrar seu pai sem que Benjamin estivesse com ele. Disse Judá: "Agora, pois, rogo-te que seja teu servo em lugar do moço como escravo de meu senhor, e suba o moço com seus irmãos".

José ficou satisfeito. Ele havia provado seus irmãos e visto neles os frutos do verdadeiro arrependimento por seus pecados; e ele ficou tão profundamente afetado que não conseguiu mais esconder seus sentimentos e pediu para ser deixado a sós com seus irmãos. Ele então deu vazão aos seus sentimentos há muito reprimidos e chorou em voz alta. "E disse José a seus irmãos: Eu sou José; meu pai ainda vive? Seus irmãos não puderam responder-lhe de espanto. Eles não podiam realmente acreditar que o governante do Egito era seu irmão José, a quem eles invejavam e teriam assassinado, mas finalmente ficaram satisfeitos em vender como escravo. Todos os maus tratos ao irmão passaram dolorosamente diante deles, e especialmente seus sonhos, que desprezaram e trabalharam para impedir que se realizassem. Eles fizeram sua parte na realização desses sonhos. Repetidamente eles fizeram reverência a José, de acordo com seu sonho. E agora eles estavam diante dele condenados e maravilhados.

Vendo José a confusão de seus irmãos, disse-lhes: "Aproximem-se de mim, peço-vos. E eles chegaram. E ele disse: Eu sou José, vosso irmão, que vendestes para o Egito." Ele procurou nobremente tornar esta ocasião tão fácil para seus irmãos quanto possível. Ele não tinha nenhum desejo de aumentar o embaraço deles por censurá-los. Ele sentiu que eles haviam sofrido o suficiente por sua crueldade para com ele, e ele se esforçou para consolá-los. Ele lhes disse: "Agora, pois, não vos entristeçais nem vos irriteis contra vós mesmos, porque me vendestes aqui; porque Deus me enviou adiante de vós para conservar a vida. cinco anos,

nos quais não haverá colheita nem colheita. E Deus me enviou antes de você para preservar sua posteridade na terra, e para salvar sua vida com um grande livramento. Portanto, agora não foi você que me enviou aqui, mas Deus, e ele me constituiu por pai de Faraó, e senhor de toda a sua casa, e governador em toda a terra do Egito. Apressai-vos, e subi a meu pai, e dizei-lhe: Assim diz teu filho José. , Deus me fez senhor de todo o Egito. Desce a mim, não te demores. E habitarás na terra de Gósen, e estarás perto de mim, tu e teus filhos, e os filhos de teus filhos, e teus rebanhos , e os teus rebanhos, e tudo o que tens, e ali te alimentarei; porque ainda há cinco anos de fome; para que tu e a tua casa não e tudo o que tens, chega à pobreza. E eis que os vossos olhos vêem, e os olhos de meu irmão Benjamim, que é a minha boca que vos fala. E contareis a meu pai toda a minha glória no Egito, e tudo o que vistes; e vós vos apressareis a trazer meu pai para cá. E lançou-se ao pescoço de seu irmão Benjamim e chorou; e Benjamim chorou em seu pescoço. Além disso, ele beijou todos os seus irmãos e chorou sobre eles, e depois disso seus irmãos conversaram com ele”.

Eles humildemente confessaram seus erros que cometeram contra José, e imploraram seu perdão, e ficaram muito alegres ao descobrir que ele estava vivo; pois eles haviam sofrido remorso e grande angústia mental desde sua crueldade para com ele. E agora, como eles sabiam que não eram culpados de seu sangue, suas mentes perturbadas ficaram aliviadas.

José de bom grado perdoou seus irmãos, e os mandou embora abundantemente providos de provisões, e carruagens, e tudo o que fosse necessário para a remoção da família de seu pai, e sua própria, para o Egito. Joseph deu a seu irmão Benjamin presentes mais valiosos do que a seus outros irmãos. Ao despedi-los, ordenou-lhes: "Cuidado para não cairdes no caminho". Ele estava com medo de que eles pudessem entrar em uma disputa e imputar um ao outro a causa de sua culpa em relação ao tratamento cruel de si mesmo. Com alegria eles voltaram para seu pai e lhe contaram, dizendo: "José ainda está vivo , e ele é governador sobre toda a terra do Egito. E o coração de Jacó desmaiou, porque ele não acreditou neles. E eles lhe contaram todas as palavras de José, que ele lhes havia dito; e quando ele viu as carroças que José tinha enviado para levá-lo, o espírito de seu pai Jacó reviveu. E Israel disse: Basta; Joseph meu filho ainda está vivo. Irei vê-lo antes de morrer."

Os filhos de Jacó então fizeram suas confissões humilhantes a seu pai, de seu mau tratamento de José, e imploraram seu perdão. Jacó não suspeitou que seus filhos fossem culpados de tal crueldade. Mas ele viu que Deus havia anulado tudo para o bem, e perdoou e abençoou seus filhos errantes. Ele começou sua jornada com alegria de coração e, quando chegou a Berseba, ofereceu sacrifícios agradecidos e implorou a Deus que o abençoasse e lhe informasse se estava satisfeito com a mudança para o Egito. Jacó queria uma evidência de Deus de que iria com eles. "E Deus falou a Israel nas visões da noite, e disse: Jacó, Jacó. E seja dito: Aqui estou. E ele disse: Eu sou Deus, o Deus de teu pai. Não temas descer ao Egito, porque ali farei de ti uma grande nação, descerei contigo ao Egito, e certamente também te farei subir, e José porá a mão sobre os teus olhos.

O encontro de Joseph e seu pai foi muito comovente. José deixou sua carruagem e correu ao encontro de seu pai a pé, e o abraçou, e eles choraram um sobre o outro. Jacó então expressou sua vontade de morrer, já que ele havia visto novamente seu filho José, por quem ele havia chorado por tanto tempo como morto.

José aconselhou seus irmãos, quando Faraó lhes perguntasse sobre sua ocupação, que lhe dissessem francamente que eram pastores, embora tal ocupação fosse considerada pelos egípcios como degradante. José amava a justiça e temia a Deus. Ele não queria que seus irmãos fossem expostos à tentação, portanto, não os queria nos serviços especiais do rei, em meio à influência corruptora e idólatra na corte. Se eles dissessem ao rei que eram pastores,

ele não procuraria empregá-los em seu serviço, nem os exaltaria a alguma posição honrosa por causa de José. Quando o rei soube que eram pastores, deu permissão a José para instalar seu pai e seus irmãos na melhor parte do país do Egito. Joseph selecionou Goshen como um local adequado, provido de boas pastagens, bem regadas. Aqui também eles podiam adorar a Deus sem serem perturbados com as cerimônias que acompanhavam a adoração idólatra dos egípcios. A região ao redor de Gósen era habitada pelos israelitas, até que com poder e poderosos sinais e maravilhas Deus tirou seu povo do Egito.

José trouxe Jacó perante o Faraó e apresentou seu muito honrado pai ao rei. Jacó abençoou Faraó por sua bondade para com seu filho José. "E Faraó disse a Jacó: Quantos anos tens? E Jacó disse a Faraó: Os dias dos anos da minha peregrinação são cento e trinta anos. Poucos e maus foram os dias dos anos da minha vida, e não foram alcançado até os dias dos anos da vida de meus pais nos dias de sua peregrinação".

Jacó disse ao rei que seus anos haviam sido poucos e maus; isto é, ele havia visto muitos problemas e sofrido muita perplexidade, o que abreviou seus anos. A vida de Jacob não tinha sido suave e pacífica. O ciúme de suas esposas trouxe uma série de males. Alguns de seus filhos o entristeceram e tornaram sua vida muito amarga. Mas os últimos anos da vida de Jacob foram mais pacíficos. Seus filhos tinham reformado.

Quando Jacó estava prestes a morrer, seus filhos se reuniram em torno dele para receber sua bênção e ouvir suas últimas palavras de conselho para eles. Ele perdoou seus filhos por toda sua conduta desfilhada e por seu tratamento perverso a José, o que lhe causou muitos anos de tristeza ao refletir sobre sua suposta morte terrível. Ao falar com seus filhos pela última vez, o Espírito do Senhor repousou sobre ele, e ele proferiu profecias a respeito deles, que alcançaram um futuro distante. Enquanto sob o espírito de inspiração, ele expôs diante deles suas vidas passadas e sua história futura, revelando os propósitos de Deus com relação a eles. Mostrou-lhes que Deus de modo algum sancionaria a crueldade ou a maldade. Ele começou com o mais velho. Embora Rúben não tivesse participado da venda de José, ainda antes dessa transação ele havia pecado gravemente. Seu proceder era corrupto, pois havia transgredido a lei de Deus. Jacó proferiu sua profecia a respeito dele: "Rúben, tu és meu primogênito, minha força e o princípio da minha força, a excelência da dignidade e a excelência do poder; instável como a água, não serás excelente."

Ele então profetizou a respeito de Simeão e Levi, que enganaram os siquemitas, e então, da maneira mais cruel e vingativa, os destruiu. Eles também foram os mais culpados no caso de José. "Simeão e Levi são irmãos; instrumentos de crueldade estão em suas habitações. Ó minha alma, não entres no seu segredo; à sua assembléia, minha honra, não te unas; porque na sua ira mataram um homem, e na sua obstinação cavaram um muro. Maldita seja a sua ira, porque foi feroz, e a sua ira, porque foi cruel. Eu os dividirei em Jacó, e os espalharei em Israel.

Jacó proferiu assim as palavras de inspiração a seus filhos tristes, apresentando-lhes a luz na qual Deus via seus atos de violência e que os visitaria por seus pecados. Suas palavras proféticas a respeito de seus outros filhos não foram tão sombrias.

Em relação a Judá, as palavras de inspiração de Jacó foram mais alegres. Seu olho profético olhou centenas de anos no futuro para o nascimento de Cristo, e ele disse: "O cetro não se arredará de Judá, nem o legislador dentre seus pés, até que venha Siló; e a ele se ajuntarão do povo seja."

Jacob previu um futuro alegre para a maioria de seus filhos. Especialmente para José, ele pronunciou palavras de eloquência de um caráter feliz: "José é um ramo frutífero, um ramo

frutífero junto a um poço, cujos ramos correm sobre o muro. mas o seu arco permaneceu forte, e os braços das suas mãos foram fortalecidos pelas mãos do poderoso Deus de Jacó. (Dali é o pastor, a pedra de Israel.)" "As bênçãos de teu pai prevaleceram sobre as bênçãos de meus progenitores, até o limite dos montes eternos; elas estarão sobre a cabeça de José e sobre o alto da cabeça daquele que foi separado de seus irmãos".

Jacob era um pai carinhoso. As palavras que ele proferiu a seus filhos não eram suas, ditas porque ele retinha um espírito implacável por causa de seus erros. Ele os havia perdoado. Ele os tinha amado até o fim. Ele lamentou profundamente a perda de José e, quando Simeão foi retido no Egito, manifestou pesar e expressou seu desejo ansioso de que seus filhos voltassem em segurança do Egito com seu irmão Simeão. Ele não tinha nenhum sentimento de ressentimento em relação a seus filhos tristes. Mas Deus, pelo espírito de profecia, elevou a mente de Jacó acima de seus sentimentos naturais. Em suas últimas horas, anjos estavam ao seu redor, e o poder da graça de Deus brilhou sobre ele. Seus sentimentos paternos o teriam levado a proferir, em seu testemunho moribundo, apenas expressões de amor e ternura. Mas sob a influência da inspiração ele pronunciou a verdade, embora dolorosa.

Após a morte de Jacó, os irmãos de José ficaram cheios de tristeza e angústia. Eles pensaram que Joseph havia escondido seu ressentimento, por respeito ao pai; e agora que estava morto, seria vingado pelos maus tratos que sofrera nas mãos deles. "E quando os irmãos de José viram que seu pai estava morto, disseram: José porventura nos odiará, e certamente nos retribuirá todo o mal que lhe fizemos. E enviaram um mensageiro a José, dizendo: Teu pai ordenou antes morreu, dizendo: Assim direis a José: Perdoa, rogo-te, a ofensa de teus irmãos, e o seu pecado, porque te fizeram mal; e agora, rogo-te, perdoa a ofensa dos servos de Deus de teu pai, e José chorou quando lhe falaram, e seus irmãos também foram e prostraram-se diante dele, e disseram: Eis que somos teus servos. E José lhes disse: Não temais, porque estou em lugar de Deus? Mas quanto a vós, vós pensastes mal contra mim, mas Deus o intentou para o bem, para que, como é hoje, salve com vida a muitos. Agora, pois, não temais; eu vos alimentarei, e os vossos pequeninos. E ele os consolou, e falou-lhes amavelmente."

Joseph não podia suportar a idéia de que seus irmãos pensassem que ele nutria um espírito de vingança para com aqueles que ele amava cordialmente.

José ilustra Cristo. Jesus veio para os seus, mas os seus não o receberam. Ele foi rejeitado e desprezado, porque seus atos eram justos, e sua vida consistente e abnegada era uma repreensão contínua sobre aqueles que professavam piedade, mas cujas vidas eram corruptas. A integridade e a virtude de Joseph foram atacadas ferozmente; e ela que o desencaminhava não podia prevalecer, portanto seu ódio era forte contra a virtude e integridade que ela não podia corromper, e ela testemunhou falsamente contra ele. O inocente sofreu por causa de sua justiça. Ele foi lançado na prisão por causa de sua virtude. José foi vendido a seus inimigos, por seus próprios irmãos, por uma pequena soma de dinheiro. O Filho de Deus foi vendido a seus inimigos mais amargos por um de seus próprios discípulos. Jesus era manso e santo. Sua vida foi de abnegação, bondade e santidade incomparáveis. Ele não era culpado de nenhum erro; contudo, falsas testemunhas foram contratadas para depor contra ele. Ele era odiado porque tinha sido um fiel reprovador do pecado e da corrupção. Os irmãos de José o detiveram de sua túnica de muitas cores. Os carrascos de Jesus lançaram sortes sobre sua túnica sem costura.

Os irmãos de José pretendiam matá-lo, mas acabaram se contentando em vendê-lo como escravo, para evitar que ele se tornasse maior do que eles. Eles pensaram que o haviam colocado onde não seriam mais perturbados com seus sonhos e onde não haveria a

possibilidade de sua realização. Mas o próprio curso que eles seguiram, Deus rejeitou para trazer o que eles projetaram nunca deveria acontecer - que ele deveria ter domínio sobre eles.

Os principais sacerdotes e anciãos tinham inveja de Cristo, para que ele chamasse a atenção do povo para longe de si mesmo, para ele. Eles sabiam que ele estava fazendo obras maiores do que eles já haviam feito, ou jamais poderiam realizar; e eles sabiam que se ele fosse permitido continuar seus ensinamentos, ele se tornaria maior em autoridade do que eles, e poderia se tornar rei dos judeus. Eles concordaram juntos em evitar isso, levando-o em particular e contratando testemunhas para depor falsamente contra ele, para que pudessem condená-lo e matá-lo. Eles não o aceitaram como seu rei, mas gritaram: Crucifique-o! crucifique-o! Os judeus pensavam que, tirando a vida de Cristo, poderiam impedir que ele se tornasse rei. Mas ao assassinar o Filho de Deus, eles estavam fazendo exatamente o que procuravam impedir. José, ao ser vendido por seus irmãos ao Egito, tornou-se o salvador da família de seu pai. No entanto, esse fato não diminuiu a culpa de seus irmãos. A crucificação de Cristo por seus inimigos, fez dele o Redentor da humanidade, o Salvador da raça caída e governante de todo o mundo. O crime de seus inimigos foi tão hediondo como se a mão providencial de Deus não tivesse controlado os acontecimentos para sua própria glória e bem do homem.

José andou com Deus. Ele não seria persuadido a desviar-se do caminho da justiça e transgredir a lei de Deus, por quaisquer incentivos ou ameaças. E quando ele foi preso, e sofreu por causa de sua inocência, ele suportou mansamente sem murmurar. Seu domínio próprio, paciência na adversidade e inabalável fidelidade são deixados registrados para o benefício de todos os que mais tarde viverão na Terra. Quando os irmãos de Joseph reconheceram seu pecado diante dele, ele os perdoou livremente e mostrou por seus atos de benevolência e amor que não nutria ressentimentos por sua antiga conduta cruel para com ele. A vida de Jesus, o Salvador do mundo, foi um modelo de benevolência, bondade e santidade. No entanto, ele foi desprezado e insultado, zombado e ridicularizado, por nenhuma outra razão senão por causa de sua vida justa, que era uma constante repreensão ao pecado. Seus inimigos não ficariam satisfeitos até que ele fosse entregue em suas mãos, para que pudessem matá-lo com uma morte vergonhosa. Ele morreu pela raça culpada; e, enquanto sofria a mais cruel tortura, humildemente perdoou seus assassinos. Ele ressuscitou dos mortos, ascendeu a seu pai, e recebeu todo poder e autoridade, e retornou à terra novamente para transmiti-lo a seus discípulos. Ele deu presentes aos homens. E todos os que já foram a ele arrependidos, confessando seus pecados, ele os recebeu em seu favor e os perdoou gratuitamente. E se permanecerem fiéis a ele, ele os exaltará ao seu trono e os fará herdeiros da herança que comprou com seu próprio sangue. Os filhos de Israel não eram escravos. Eles nunca venderam seu gado, suas terras e a si mesmos ao Faraó como alimento, como muitos egípcios haviam feito. Eles receberam uma porção de terra para morar, com seus rebanhos e gado, por causa do serviço que Joseph havia prestado ao reino. Faraó apreciava sua sabedoria na administração de todas as coisas relacionadas com o reino, especialmente nos preparativos para os longos anos de fome que vieram sobre a terra do Egito. Ele sentiu que todo o reino estava em dívida por sua prosperidade com a sábia administração de José; e, como sinal de sua gratidão, disse a José: "A terra do Egito está diante de ti; no melhor da terra faze habitar teu pai e irmãos; na terra de Gósen, que habitem; e se tu sabes quaisquer homens de atividade entre eles, então os faça governantes sobre meu gado". "E José pôs a seu pai e a seus irmãos, e deu-lhes possessão na terra do Egito, no melhor da terra, na terra de Ramsés, como Faraó ordenara. E José sustentou seu pai, e seus irmãos, e toda a casa de seu pai, com pão segundo as suas famílias".

Nenhum imposto foi exigido do pai e irmãos de José pelo rei do Egito, e José teve o privilégio de supri-los liberalmente com comida. O rei disse aos seus governantes: Não somos devedores a Deus? de José, e para ele, por este suprimento liberal de comida? Não foi por causa de sua sabedoria que depositamos tão abundantemente? Enquanto outras terras estão perecendo, temos o suficiente! Sua gestão enriqueceu muito o reino.

“E morreu José, e todos os seus irmãos, e toda aquela geração. sobre o Egito, que não conheceu a José. E disse ao seu povo: Eis que o povo dos filhos de Israel é maior e mais poderoso do que nós. Vamos, tratemos com sabedoria para que não se multipliquem e aconteça, que, quando houver qualquer guerra, eles também se unam aos nossos inimigos e lutam contra nós, e assim os tiram da terra”.

Este novo rei do Egito aprendeu que os filhos de Israel foram de grande serviço para o reino. Muitos deles eram operários capazes e compreensivos, e ele não estava disposto a perder o trabalho deles. Esse novo rei classificou os filhos de Israel com aquela classe de escravos que venderam seus rebanhos, seus rebanhos, suas terras e a si mesmos ao reino. "Por isso puseram sobre eles feitores, para afligi-los com seus fardos. E construíram para Faraó cidades-tesouros, Pitom e Ramsés. Mas quanto mais os afligiam, mais eles se multiplicavam e cresciam. E eles se entristeciam por causa de os filhos de Israel, e os egípcios fizeram com que os filhos de Israel servissem com rigor, e amargaram as suas vidas com dura servidão, em argamassa, e em tijolo, e em todo o serviço no campo; todo o seu serviço em que eles os fez servir foi com rigor." Eles obrigavam suas mulheres a trabalhar nos campos, como se fossem escravas. No entanto, seus números não diminuían. Como o rei e seus governantes viram que eles aumentavam continuamente, eles se consultaram para compeli-los a realizar uma certa quantia todos os dias. Eles pensaram em subjugar-los com trabalho duro e ficaram com raiva porque eles não podiam diminuir seu número e esmagar seu espírito independente.

E porque eles falharam em cumprir seu propósito, eles endureceram seus corações para ir ainda mais longe. O rei ordenou que os meninos fossem mortos assim que nascessem. Satanás foi o motor nestes assuntos. Ele sabia que um libertador deveria ser levantado entre os hebreus para resgatá-los da opressão. Ele pensou que se pudesse mover o rei para destruir os filhos do sexo masculino, o propósito de Deus seria derrotado. As mulheres temeram a Deus e não fizeram como o rei do Egito lhes ordenara, mas salvaram com vida os meninos. As mulheres não ousaram matar as crianças hebréias; e porque não obedeceram à ordem do rei, o Senhor os fez prosperar. Como o rei do Egito foi informado de que sua ordem não havia sido obedecida, ele ficou muito zangado. Ele então tornou seu comando mais urgente e extenso. Ele encarregou todo o seu povo de manter uma vigilância estrita, dizendo: "Todo filho que nascer lançareis no rio, e toda filha salvareis com vida".

CAPÍTULO XV.

MOISÉS.

QUANDO este decreto cruel estava em pleno vigor, Moisés nasceu. Sua mãe o escondeu o quanto pôde com alguma segurança, e então preparou um pequeno vaso de juncos, prendendo-o com piche, para que nenhuma água entrasse na pequena arca, e a colocou à beira da água, enquanto sua irmã deve estar vagando ao redor da água com aparente indiferença. Ela estava ansiosa para ver o que aconteceria com seu irmãozinho. Os anjos também estavam cuidando para que nenhum mal acontecesse à criança indefesa, que havia

sido colocada ali por uma mãe afetuosa e entregue aos cuidados de Deus por suas fervorosas orações misturadas com lágrimas. E esses anjos dirigiram os passos da filha de Faraó para o rio, perto do mesmo local onde estava o inocente pequeno estranho. Sua atenção foi atraída para a pequena embarcação estranha, e ela enviou uma de suas criadas para buscá-la. E quando ela removeu a tampa deste pequeno vaso de construção singular, ela viu um bebê adorável, “e eis que o bebê chorou; e ela teve compaixão dele”. Ela sabia que uma terna mãe hebréia havia tomado esse meio singular para preservar a vida de seu bebê muito amado, e decidiu imediatamente que deveria ser seu filho. A irmã de Moisés imediatamente se adiantou e perguntou: "Devo ir e chamar uma enfermeira das hebréias, para que ela amamente a criança para você? E a filha de Faraó disse-lhe: Vai."

Alegremente apressou a irmã a sua mãe, e contou-lhe as boas notícias, e a conduziu com toda pressa à filha do Faraó, onde a criança foi confiada à mãe para amamentar, e ela foi generosamente paga pela educação de seu próprio filho. . Felizmente esta mãe entrou em sua tarefa agora segura e feliz. Ela acreditava que Deus havia preservado sua vida. Fielmente ela aproveitou a preciosa oportunidade de educar seu filho em referência a uma vida útil. Ela era mais cuidadosa em sua instrução do que na de seus outros filhos; pois ela estava confiante de que ele foi preservado para algum grande trabalho. Por seus ensinamentos fiéis, ela incutiu em sua mente jovem o temor de Deus e o amor pela veracidade e justiça. Ela não descansou aqui em seus esforços, mas orou fervorosamente a Deus por seu filho para que ele fosse preservado de toda influência corruptora. Ela o ensinou a se curvar e orar a Deus, o Deus vivo, pois somente ele poderia ouvi-lo e ajudá-lo em qualquer emergência. Ela procurou impressionar sua mente com a pecaminosidade da idolatria. Ela sabia que ele logo seria separado de sua influência e entregue à sua mãe real adotiva, para ser cercado de influências calculadas para fazê-lo descrever na existência do Criador dos céus e da terra.

As instruções que recebeu de seus pais foram tais que fortaleceram sua mente e o protegeram de ser exaltado e corrompido pelo pecado, e tornar-se orgulhoso em meio ao esplendor e extravagância da vida da corte. Ele tinha uma mente clara e um coração compreensivo, e nunca perdeu as impressões piedosas que recebeu em sua juventude. Sua mãe o manteve o quanto pôde, mas foi obrigada a se separar dele quando ele tinha cerca de doze anos, e ele então se tornou filho da filha de Faraó.

Aqui Satanás foi derrotado. Ao mover Faraó para destruir os meninos, ele pensou em desviar os propósitos de Deus e destruir aquele a quem Deus levantaria para libertar seu povo. Mas esse mesmo decreto, designando os filhos hebreus para a morte, foi o meio que Deus anulou para colocar Moisés na família real, onde ele tinha vantagens para se tornar um homem instruído e eminentemente qualificado para liderar seu povo do Egito. Faraó esperava exaltar seu neto adotivo ao trono. Ele o educou para ficar à frente dos exércitos do Egito, e liderá-los para a batalha. Moisés era um grande favorito do exército de Faraó, e foi honrado porque ele conduziu a guerra com habilidade e sabedoria superiores. "E Moisés foi instruído em toda a sabedoria dos egípcios, e era poderoso em palavras e obras." Os egípcios consideravam Moisés como um personagem notável.

Os anjos instruíram Moisés que Deus o havia escolhido para libertar os filhos de Israel. Os governantes entre os filhos de Israel também foram ensinados por anjos que o tempo de sua libertação estava próximo, e que Moisés era o homem a quem Deus usaria para realizar esta obra. Moisés pensou que os filhos de Israel seriam libertados pela guerra, e que ele ficaria à frente do exército hebreu, para conduzir a guerra contra os exércitos egípcios e libertar seus irmãos do jugo da opressão. Tendo isso em vista, Moisés guardou suas afeições, para que

não fossem fortemente colocadas em sua mãe adotiva, ou em Faraó, para que não fosse mais difícil para ele permanecer livre para fazer a vontade de Deus.

O esplendor e orgulho exibidos na corte egípcia, e a lisonja que recebeu, não o fizeram esquecer seus desprezados irmãos na escravidão. Ele não seria induzido, mesmo com a promessa de usar a coroa do Egito, a se identificar com os egípcios e se envolver com eles em sua adoração idólatra. Ele não abandonaria seus irmãos oprimidos, que ele sabia serem o povo escolhido de Deus. O rei estava interessado em Moisés e ordenou que ele fosse instruído na adoração dos egípcios. Este trabalho foi confiado aos sacerdotes, que oficiavam nas festas idólatras observadas pelo povo em honra de seus deuses ídolos. Mas eles não podiam, por quaisquer ameaças ou promessas de recompensas, convencer Moisés a se envolver com eles em suas cerimônias pagãs. Ele foi ameaçado com a perda da coroa, e que ele deveria ser deserdado pela filha do Faraó, a menos que ele renunciasse à sua fé hebraica. Mas ele não renunciaria à sua fé. Ele foi firme em prestar homenagem a nenhum objeto, exceto a Deus, o criador dos céus e da terra, a quem somente reverência e honra são devidas. Ele até raciocinou com os sacerdotes e adoradores idólatras sobre sua adoração cerimonial supersticiosa de objetos sem sentido. Eles não puderam lhe responder. Sua firmeza a esse respeito foi tolerada, porque ele era o neto adotivo do rei e era um favorito universal dos mais influentes do reino.

O Senhor preservou Moisés de ser ferido pelas influências corruptoras ao seu redor. Os princípios da verdade, recebidos em sua juventude de pais tementes a Deus, nunca foram esquecidos por ele. E quando ele mais precisava ser protegido das influências corruptoras que acompanhavam uma vida na corte, então as lições de sua juventude deram frutos. O temor de Deus estava diante dele. E tão forte era seu amor por seus irmãos, e tão grande era seu respeito pela fé hebraica, que ele não escondeu sua ascendência pela honra de ser herdeiro da família real.

Quando Moisés tinha quarenta anos, "saiu a seus irmãos e olhou para os seus fardos; e viu um egípcio ferindo um hebreu, um de seus irmãos. E olhou para um lado e para outro, e quando viu que havia ninguém, matou o egípcio, e o escondeu na areia. E, saindo ele no segundo dia, eis que dois hebreus pelejavam entre si, e ele disse ao malfeitor: Por que feres o teu companheiro? E ele disse: Quem te constituiu príncipe e juiz sobre nós? Queres matar-me como mataste o egípcio? E Moisés temeu, e disse: Certamente isto é conhecido. Ora, quando Faraó ouviu isso, procurou matar Moisés. Mas Moisés fugiu da presença de Faraó, e habitou na terra de Midiã".

A questão de Moisés matar o egípcio foi dada a conhecer aos egípcios pelo hebreu invejoso a quem Moisés reprovou. E quando chegou ao Faraó, foi muito exagerado. E os egípcios disseram a Faraó que Moisés pretendia fazer guerra com os egípcios, e vencê-los, e governar-se como rei. Faraó ficou extremamente zangado. Ele achava que essa conduta de Moisés significava muito e que não havia segurança para seu reino enquanto ele vivesse. Ele ordenou que Moisés fosse morto. Mas ele não ignorava o desígnio do Faraó, e secretamente deixou o Egito. O Senhor dirigiu seu curso, e ele encontrou um lar com Jetro, um homem que adorava a Deus. Ele era um pastor, também sacerdote de Midiã. Suas filhas cuidavam de seus rebanhos. Mas os rebanhos de Jetro logo foram colocados sob os cuidados de Moisés, que se casou com a filha de Jetro e permaneceu em Midiã quarenta anos.

Moisés foi rápido demais em matar o egípcio. Ele supôs que o povo de Israel entendia que a providência especial de Deus o havia levantado para libertá-los. Mas Deus não pretendia libertar os filhos de Israel pela guerra, como Moisés pensava; mas por seu próprio grande poder, para que a glória seja atribuída somente a ele.

Deus anulou o ato de Moisés em matar o egípcio para realizar seu propósito. Ele em sua providência trouxe Moisés para a família real do Egito, onde recebeu uma educação completa; e, no entanto, ele não estava preparado para que Deus lhe confiasse a grande obra que o havia levantado para realizar. Moisés não podia deixar imediatamente a corte do rei, e as indulgências concedidas a ele como neto do rei, para realizar a obra especial de Deus. Deve ter tempo para adquirir experiência e ser educado na escola da adversidade e da pobreza. Seu sogro temia a Deus e foi especialmente honrado por todas as pessoas ao seu redor por seu julgamento de longo prazo. Sua influência com Moisés foi grande.

Enquanto Moisés vivia aposentado, o Senhor enviou seus anjos para instruí-lo especialmente com relação ao futuro. Aqui ele aprendeu mais plenamente a grande lição de autocontrole e humildade. Ele manteve os rebanhos de Jetro; e enquanto ele estava cumprindo seus humildes deveres como pastor, Deus o estava preparando para se tornar um pastor espiritual de suas ovelhas, mesmo de seu povo Israel. Ele havia sido totalmente qualificado como general, para ficar à frente dos exércitos; e agora o Senhor quer que ele aprenda os deveres e desempenhe os ofícios de um fiel pastor de seu povo, para cuidar ternamente de suas ovelhas errantes e desgarradas. Quando Moisés conduziu o rebanho para o deserto, e chegou ao monte de Deus, até Horebe, "o anjo do Senhor lhe apareceu numa chama de fogo, do meio de uma sarça. E ele olhou, e eis que , a sarça queimou no fogo, e a sarça não se consumiu. E Moisés disse: Agora me desviarei, e verei esta grande visão, por que a sarça não se queima. E quando o Senhor viu que se desviou para ver, Deus chamou-o do meio da sarça, e disse: Moisés, Moisés. E ele disse: Eis-me aqui. E disse: Não te aproximes. é terra santa. E disse: Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó. E Moisés escondeu o rosto, porque temeu olhar para Deus. E o Senhor disse: Certamente vi a aflição do meu povo que está no Egito, e ouvi o seu clamor por causa dos seus capatazes; porque conheço as suas dores; e desci para livrá-los da mão dos egípcios, e para fazê-los subir daquela terra para uma terra boa e grande, para uma terra que mana leite e mel; ao lugar dos cananeus, e dos heteus, e dos amorreus, e dos ferezeus, e dos heveus, e dos jebuseus. Agora, pois, eis que chegou a mim o clamor dos filhos de Israel; e também vi a opressão com que os egípcios os oprimem. Vem agora, pois, e eu te enviarei a Faraó, para que tire do Egito o meu povo, os filhos de Israel".

Chegara plenamente o tempo em que Deus faria com que Moisés trocasse o cajado do pastor pela vara de Deus, que ele tornaria poderosa em realizar sinais e maravilhas, em libertar seu povo da opressão e em preservá-lo quando perseguido por seus inimigos. "E disse Moisés a Deus: Quem sou eu, para ir a Faraó, e tirar do Egito os filhos de Israel? E ele disse: Certamente serei contigo; e isto será por sinal para a ti, que te envie; quando fizeres sair o povo do Egito, servireis a Deus neste monte. E disse Moisés a Deus: Eis que quando eu for aos filhos de Israel, e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós, e eles me dirão: Qual é o seu nome? o que lhes direi? E Deus disse a Moisés: EU SOU O QUE SOU. E ele disse: Assim dirás aos filhos de Israel EU SOU me enviou a vós. E Deus disse mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O Senhor Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó, me enviou a vós. Este é o meu nome para sempre, e este é o meu memorial de geração em geração".

Moisés não esperava que essa fosse a maneira pela qual o Senhor o usaria. para libertar Israel do Egito. Ele pensou que seria pela guerra. E quando o Senhor lhe fez saber que ele deveria comparecer diante de Faraó, e em seu nome exigir que ele deixasse Israel ir, ele recuou da tarefa.

O faraó diante de quem ele deveria comparecer não era aquele que havia decretado que ele deveria ser morto. Aquele rei estava morto e outro havia tomado as rédeas do governo.

Quase todos os reis egípcios eram chamados pelo nome de Faraó. Moisés teria preferido ficar à frente dos filhos de Israel como seu general e fazer guerra aos egípcios. Mas este não era o plano de Deus. Ele seria engrandecido diante de seu povo e ensinaria não apenas a eles, mas aos egípcios, que existe um Deus vivo, que tem poder para salvar e destruir. Moisés foi ordenado primeiro a reunir os anciãos de Israel, os mais nobres e justos entre eles, que há muito haviam sofrido por causa de sua escravidão, e dizer-lhes: "O Senhor Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, apareceu-me, dizendo: Certamente vos visitei, e vi o que vos foi feito no Egito; e eu disse: Eu vos farei subir da aflição do Egito, para a terra dos cananeus, e os heteus, e os amorreus, e os ferezeus, e os heveus, e os jebuseus, para uma terra que mana leite e mel; e eles ouvirão a tua voz, e tu e os anciãos de Israel virás a ao rei do Egito, e lhe direis: O Senhor Deus dos hebreus nos encontrou; e agora vamos, rogamos-te, caminho de três dias para o deserto, para que sacrifiquemos ao Senhor nosso Deus."

O Senhor também assegurou a Moisés que Faraó não deixaria Israel ir. No entanto, sua coragem não deve falhar; pois ele faria disso a ocasião de manifestar seus sinais e maravilhas diante dos egípcios e diante de seu povo. "E estou certo de que o rei do Egito não vos deixará ir, não, não por mão forte. E estenderei a minha mão e ferirei o Egito com todas as minhas maravilhas que farei no meio dele; e depois que ele vai deixar você ir."

As poderosas obras de Deus, que ele realizou diante dos egípcios para a libertação dos hebreus, lhes dariam favor aos olhos dos egípcios, para que, quando saíssem do Egito, não fossem de mãos vazias; "Toda mulher, porém, tomará emprestado ao seu vizinho e à que peregrina na sua casa joias de prata, e joias de ouro, e vestidos; e os poreis sobre vossos filhos e sobre vossas filhas, e despojareis o egípcios."

Os egípcios fizeram escravos dos filhos de Israel, quando não eram escravos, e os egípcios não tinham direito ao seu trabalho. Eles apenas permitiram aos filhos de Israel um sustento, e se enriqueceram com o trabalho que haviam extorquido deles. Eles os oprimiram e os amarraram sob pesados fardos, até que Deus interpôs em seu favor. E como eles deveriam sair de seus opressores, eles precisariam para sua longa jornada aquilo que pudessem trocar por pão e usar conforme suas circunstâncias exigissem. Portanto, Deus os orientou a tomar emprestado de seus vizinhos e do estrangeiro que peregrinou com eles; isto é, o egípcio que havia sido designado sobre eles para cuidar de que realizassem uma certa quantidade de trabalho a cada dia. Embora pudessem emprestar uma quantia considerável, seria apenas uma pequena recompensa pelo trabalho árduo que haviam realizado, que enriquecera os egípcios.

Moisés suplicou ao Senhor, e disse: "Mas eis que não me crerão, nem ouvirão a minha voz, porque dirão: O Senhor não te apareceu." O Senhor então assegurou-lhe pelo milagre da vara se tornar uma serpente, e a mão se tornar leprosa, que por tais sinais e obras maravilhosas ele faria temer os egípcios e o Faraó, para que eles não ousassem prejudicá-lo. Por esses sinais, ele assegurou a Moisés que convenceria o rei e seu povo de que um maior do que ele estava manifestando seu poder diante deles. E, no entanto, depois de realizarem muitos milagres diante de Faraó aos olhos do povo, eles não deixaram Israel ir. Moisés desejava ser dispensado da laboriosa tarefa. Ele alegou falta de fala pronta como desculpa; isto é, ele estava há tanto tempo dos egípcios, que não tinha conhecimento tão claro e pronto uso de sua língua como quando estava entre eles.

O Senhor repreendeu Moisés por seu temor, como se o Deus que o escolheu para realizar sua grande obra fosse incapaz de qualificá-lo para isso, ou como se Deus tivesse cometido

um erro na escolha do homem: "E o Senhor lhe disse, Quem fez a boca do homem? Ou quem fez o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não fiz eu, o Senhor? Que apelo! Que repreensão aos desconfiados!

"Agora, pois, vai e estarei com a tua boca, e te ensinarei o que hás de dizer. E ele disse: Ó meu Senhor, envia-te, peço-te, pela mão daquele a quem enviases." Ele rogou ao Senhor que escolhesse uma pessoa mais apropriada. O atraso de Moisés, a princípio, procedeu da humildade, de uma modesta desconfiança. Mas depois que Deus prometeu remover suas dificuldades, e estar com sua boca, e ensiná-lo o que dizer, e dar-lhe finalmente sucesso em sua missão, então para ele ainda manifestar relutância era desagradável a Deus. Sua falta de vontade de executar a missão que Deus preservou sua vida para cumprir, e o qualificou para realizar, após a garantia de que Deus estaria com ele, mostrou incredulidade e desânimo criminoso, e desconfiança do próprio Deus. O Senhor o repreendeu por essa desconfiança. A libertação de Israel do Egito, da maneira que Deus propôs para fazer a obra, parecia impossível para ele de que a missão fosse sempre bem-sucedida.

Moisés se destacou em sabedoria na condução dos negócios. Aarão, o irmão mais velho de Moisés, usava diariamente a língua dos egípcios e a compreendia perfeitamente. Ele foi eloquente.

"E a ira do Senhor se acendeu contra Moisés, e ele disse: Não é Aarão, o levita, teu irmão?, ele se alegrará no seu coração, e tu lhe falarás, e porás palavras na sua boca; e eu serei com a tua boca e com a sua boca, e te ensinarei o que deveis fazer. porta-voz do povo; e ele será, ele será para ti por boca, e tu serás para ele por Deus. E tomarás esta vara na tua mão, com a qual farás sinais."

Moisés consentiu em realizar a missão. Ele primeiro visitou seu sogro e obteve seu consentimento para ele e sua família retornarem ao Egito. Ele não se atreveu a contar a Jetro sua mensagem ao Faraó, para que ele não estivesse disposto a deixar sua esposa e filhos acompanhá-lo em uma missão tão perigosa. O Senhor o fortaleceu e removeu seus temores, dizendo-lhe: "Volta para o Egito, porque morreram todos os homens que buscavam a tua vida."

"E disse o Senhor a Moisés: Quando fores voltar ao Egito, vê que faças diante de Faraó todas aquelas maravilhas que pus na tua mão; mas eu lhe endurecerei o coração, para que não deixe ir o povo. " Ou seja, a demonstração de poder onipotente diante de Faraó, sendo rejeitado por ele, o tornaria mais duro e firme em sua rebelião. Sua dureza de coração aumentaria por uma resistência contínua do poder de Deus. Mas ele anularia a dureza do coração de Faraó, de modo que sua recusa em deixar Israel ir, engrandeceria seu nome diante dos egípcios, e também diante de seu povo.

O Senhor ordenou a Moisés que dissesse ao Faraó: "Assim diz o Senhor: Israel é meu filho, meu primogênito. E eu te digo: Deixa ir meu filho, para que me sirva. vai, eis que matarei teu filho, teu primogênito". O Senhor chamou Israel de seu primogênito porque os havia escolhido dentre todo o povo para serem os depositários de sua lei, cuja obediência os preservaria puros em meio às nações idólatras. Ele conferiu a eles privilégios especiais, como geralmente eram conferidos ao filho primogênito.

Enquanto Moisés viajava para o Egito, o anjo do Senhor o encontrou e assumiu uma postura ameaçadora, como se fosse matá-lo. Ele estava com medo de sua vida. Ele cedeu à recusa de sua esposa de que seu filho fosse circuncidado e, em conformidade com seus desejos, negligenciou obedecer a Deus. Sua esposa, com medo de que seu marido pudesse ser morto, superou seus sentimentos de afeição indevida. para seu filho, e realizou o ato ela mesma.

Depois disso, o anjo deixou Moisés ir. Em sua missão ao faraó, ele deveria ser colocado em uma posição perigosa, onde sua vida seria exposta à vontade do rei, se Deus não o preservasse por seu poder, através da presença de seus anjos. Enquanto Moisés vivesse negligenciando um dos mandamentos positivos de Deus, sua vida não estaria segura; pois os anjos de Deus não puderam protegê-lo enquanto em desobediência. Por isso o anjo encontrou no caminho e ameaçou sua vida. Ele não explicou a Moisés por que ele assumiu esse aspecto ameaçador. Moisés sabia que havia uma causa. Ele estava indo para o Egito de acordo com a ordem expressa de Deus, portanto a viagem estava certa. Ele imediatamente se lembrou de que não havia obedecido a Deus ao realizar a ordenança da circuncisão em seu filho mais novo, e cedeu às súplicas de sua esposa para adiar a cerimônia. Depois de ter obedecido à ordem de Deus, ele estava livre para ir à presença de Faraó, e não havia nada no caminho que impedisse o ministério dos anjos em conexão com sua obra.

No tempo de angústia, imediatamente anterior à vinda de Cristo, a vida dos justos será preservada pelo ministério dos santos anjos. Aqueles que chegam a esse tempo difícil negligenciando obedecer aos mandamentos de Deus, não terão segurança em suas vidas. Os anjos não podem protegê-los da ira de seus inimigos enquanto vivem negligenciando qualquer dever conhecido, ou expressando ordem de Jeová.

O Senhor havia informado a Moisés que Arão, seu irmão três anos mais velho que ele, viria ao seu encontro e, quando o visse, ficaria feliz. Eles estavam separados há muitos anos. Anjos de Deus haviam instruído Moisés quanto à obra que deveria realizar. Anjos também foram enviados para ensinar Arão a ir ao encontro de Moisés, pois o Senhor o havia escolhido para estar com Moisés; e quando ele deveria encontrar seu irmão, para ouvir suas 'palavras; pois Deus havia dado a Moisés palavras para falar com ele com respeito à parte que ele deveria desempenhar em conexão com a libertação de Israel. "E o Senhor disse a Arão: Vai ao deserto ao encontro de Moisés. E ele foi, e o encontrou no monte de Deus, e beijou-o. E Moisés contou a Arão todas as palavras do Senhor que o enviou, e todos os sinais que lhe tinha ordenado, e foram Moisés e Arão, e reuniram todos os anciãos dos filhos de Israel, e Arão falou todas as palavras que o Senhor tinha falado a Moisés, e fez os sinais aos olhos do povo. E o povo creu. E quando eles ouviram que o Senhor tinha visitado os filhos de Israel, e que ele havia visto a sua aflição, então eles inclinaram suas cabeças e adoraram".

Os hebreus esperavam ser libertos de sua escravidão sem qualquer prova particular de sua fé, ou sofrimento de sua parte. Eram muitos deles prontos para deixar o Egito, mas não todos. Os hábitos de alguns se tornaram tão parecidos com os egípcios que preferiram permanecer com eles. "Depois, Moisés e Arão entraram e disseram a Faraó: Assim diz o Senhor Deus de Israel: Deixa ir o meu povo, para que me celebre uma festa no deserto. E disse Faraó: Quem é o Senhor, que eu obedecer à sua voz para deixar ir Israel? Não conheço o Senhor, nem deixarei ir Israel. E eles disseram: O Deus dos hebreus nos encontrou; deixamos ir, rogamos-te, caminho de três dias ao deserto e sacrifícios ao Senhor nosso Deus, para que não caia sobre nós com pestilência ou com espada". O pedido de Moisés e Arão foi muito modesto. Eles pediram para ir apenas três dias de viagem. Mas o faraó recusou isso com altivez e professou ser totalmente ignorante do Deus de Israel. Mas o Senhor propôs que Faraó soubesse que sua voz deveria ser obedecida; que ele está acima de tudo, e obrigará os governantes orgulhosos a se curvarem à sua autoridade. "E disse-lhes o rei do Egito: Por que vós, Moisés e Arão, deixais o povo de suas obras? Levai-vos aos vossos fardos. E Faraó disse: Eis que o povo da terra agora é muitos, e vós os fazeis descansar de seus fardos. E Faraó ordenou no mesmo dia aos feitores do povo e seus oficiais, dizendo: Não dareis mais palha ao povo para fazer tijolos, como dantes; vão e ajuntem palha para si. E a história Dos

tijolos que eles fizeram até agora, vós os colocareis sobre eles; nada diminuireis; porque estão ociosos; por isso clamam, dizendo: Vamos e sacrifiquemos ao nosso Deus”.

O coração de Faraó estava se tornando mais insensível para com os filhos de Israel. Ele aumentou muito o trabalho deles. Os capatazes colocados sobre os hebreus eram egípcios. Eles tinham oficiais sob eles que supervisionavam o trabalho e dirigiam o povo. Esses oficiais eram hebreus e eram responsáveis pelo trabalho do povo sob eles. E quando lhes foi dada a injusta exigência de fazê-los recolher para seus tijolos a palha e o restolho espalhados nos campos, o povo não pôde realizar sua quantidade habitual de trabalho. "Assim o povo se espalhou por toda a terra do Egito, para recolher restolho em vez de palha. E os feitores os apressaram, dizendo: Cumpre as tuas obras, as tuas tarefas diárias, como quando havia palha. E os oficiais dos filhos de Israel, que os capatazes de Faraó haviam colocado sobre eles, foi espancado e perguntou: Por que você não cumpriu sua tarefa de fazer tijolos ontem e hoje, como antes?

Como a quantidade total de trabalho não foi realizada, os capatazes egípcios chamaram os oficiais para prestar contas e os puniram cruelmente porque não obrigaram o povo a realizar sua quantidade habitual de trabalho. Esses oficiais pensavam que sua opressão vinha de seus capatazes, e não do próprio rei. Portanto, eles foram com seu caso ao rei, e lhe contaram suas queixas e o tratamento cruel de seus capatazes. O coração de Faraó se endureceu contra a angústia deles, e ele os zombou e zombou de todas as suas queixas. Ele estava cheio de ódio contra eles.

"Então os oficiais dos filhos de Israel vieram e clamaram a Faraó, dizendo: Por que fazes assim com os teus servos? Não se dá palha aos teus servos, e eles nos dizem: Fazei tijolos, e eis que os teus servos são açoitados; mas a culpa está no teu próprio povo. Mas ele disse: Vós estais ociosos, estais ociosos; por isso dizeis: Vamos e sacrifiquemos ao Senhor. Ide, pois, agora, e trabalhai, porque não haverá palha vos seja dada, contudo vos diráis a história de tijolos. E os oficiais dos filhos de Israel viram que estavam em mau caso, depois que foi dito: Não diminuireis de vossos tijolos de vossa tarefa diária. encontraram Moisés e Arão, que estavam no caminho, quando saíam de Faraó; e disseram-lhes: O Senhor olha para vós e julgai, porque fizestes o nosso cheiro abominável aos olhos de Faraó, e aos olhos de seus servos, que pusessem na mão uma espada para nos matar. E Moisés voltou ao Senhor, e disse: Senhor, por que tu tão mal suplicaste a este povo? Por que você me enviou pela última vez? Pois desde que vim a Faraó para falar em teu nome, ele tem feito mal a este povo; nem de modo algum livraste o teu povo”.

Quando os filhos de Israel imputaram todo o seu sofrimento a Moisés, ele ficou muito angustiado, e quase sentiu vontade de murmurar porque o Senhor demorou para libertar seu povo. Eles ainda não estavam preparados para serem entregues. Eles tinham pouca fé e não estavam dispostos a sofrer pacientemente e suportar perseverantemente suas aflições, até que Deus operasse por eles uma libertação gloriosa.

"Então disse o Senhor a Moisés: Agora verás o que hei de fazer a Faraó; porque com mão forte os deixará ir, e com mão forte os lançará da sua terra. E falou Deus a Moisés, e disse-lhe: Eu sou o Senhor; e apareci a Abraão, a Isaque e a Jacó, pelo nome de Deus Todo-Poderoso; mas pelo meu nome Jeová não lhes fui conhecido; e também estabeleci a minha aliança com para dar-lhes a terra de Canaã, a terra da sua peregrinação, onde foram peregrinos. E também ouvi o gemido dos filhos de Israel, aos quais os egípcios escravizam, e lembrei-me da minha aliança”.

Por muitos anos os filhos de Israel estiveram em servidão aos egípcios. Apenas algumas famílias desceram ao Egito, mas se tornaram uma grande multidão. E estando cercados de

idolatria, muitos deles perderam o conhecimento do verdadeiro Deus, e tinha esquecido sua lei. E eles se uniram aos egípcios em sua adoração do sol, da lua e das estrelas, também de animais e imagens, obra das mãos dos homens. Tudo ao redor dos filhos de Israel foi planejado para fazê-los esquecer o Deus vivo. No entanto, havia aqueles entre os hebreus que preservaram o conhecimento do verdadeiro Deus, o criador dos céus e da terra. Eles ficaram tristes ao ver seus filhos testemunhando diariamente, e até mesmo engajados, nas abominações do povo idólatra ao seu redor, e se curvando às divindades egípcias, feitas de madeira e pedra, e oferecendo sacrifício a esses objetos sem sentido. Os fiéis ficaram entristecidos e, em sua angústia, clamaram ao Senhor por libertação do jugo egípcio; que ele os tiraria do Egito, onde eles poderiam se livrar da idolatria e das influências corruptoras que os cercavam.

Mas muitos dos hebreus se contentavam em permanecer em cativeiro, em vez de ir para um novo país e enfrentar as dificuldades inerentes a tal jornada. Por isso, o Senhor não os livrou pela primeira manifestação de seus sinais e maravilhas diante de Faraó. Ele anulou os eventos para desenvolver mais plenamente o espírito tirânico do Faraó, e para que ele pudesse manifestar seu grande poder aos egípcios, e também diante de seu povo, para deixá-los ansiosos para deixar o Egito e escolher o serviço de Deus. A tarefa de Moisés teria sido muito mais fácil se muitos dos hebreus não tivessem se corrompido e não estivessem dispostos a deixar o Egito.

CAPÍTULO XVI.

AS PRAGAS NO EGITO.

O Senhor disse a Moisés: "Portanto, diga aos filhos de Israel: Eu sou o Senhor, e eu os tirarei de debaixo das cargas dos egípcios, e os livrarei da escravidão deles, e os resgatarei com braço estendido, e com grandes juízos; e eu vos tomarei por povo, e serei para vós um Deus; e sabereis que eu sou o Senhor vosso Deus, que vos tira de debaixo os fardos dos egípcios; e vos trarei à terra que jurei dar a Abraão, a Isaque e a Jacó; e vo-la darei por herança; eu sou o Senhor Assim falou Moisés aos filhos de Israel, mas eles não deram ouvidos a Moisés, por causa da angústia de espírito e da cruel servidão. E o Senhor falou a Moisés, dizendo: Entra, fala a Faraó, rei do Egito, que deixe o filhos de Israel saíam da sua terra".

Moisés estava um pouco desanimado. Em seu desânimo, perguntou ao Senhor: Se os filhos de Israel, teu próprio povo circuncidado, não me derem ouvidos, como me dará à luz Faraó, que é incircunciso e idólatra? "E disse o Senhor a Moisés: Eis que te pus por deus a Faraó, e Arão, teu irmão, será o teu profeta; falarás tudo o que eu te mandar; e Arão, teu irmão, falará a Faraó, para que envie o filhos de Israel da sua terra; e endurecerei o coração de Faraó, e multiplicarei os meus sinais e as minhas maravilhas na terra do Egito; mas Faraó não vos ouvirá, para que eu ponha a mão sobre o Egito, e faça sair os meus exércitos e o meu povo, os filhos de Israel, da terra do Egito, por grandes juízos; e os egípcios saberão que eu sou o Senhor, quando eu estender a mão sobre o Egito, e tirar do meio deles os filhos de Israel. E Moisés e Arão fizeram como o Senhor lhes ordenara, assim fizeram".

O Senhor disse a Moisés que os sinais e prodígios que ele fazia diante de Faraó endureceriam seu coração, porque ele não os receberia, e Deus multiplicaria seus sinais. Todo castigo que o rei rejeitasse traria o próximo castigo mais próximo e severo, até que o coração orgulhoso do rei fosse humilhado, e ele reconhecesse o Criador dos céus e da terra como o Deus vivo e todo-poderoso.

O Senhor tirou seu povo de sua longa servidão de maneira notável, dando aos egípcios uma oportunidade de exibir a débil sabedoria de seus homens poderosos, e ordenar o poder de seus deuses em oposição ao Deus do Céu. O Senhor mostrou-lhes por meio de seu servo Moisés que o Criador dos céus e da terra é o Deus vivo e todo-poderoso, acima de todos os deuses; que sua força é mais poderosa que o mais forte - que a Onipotência pode trazer seu povo com mão alta e braço estendido. Os sinais e milagres realizados na presença de Faraó não foram dados apenas para seu benefício, mas para o benefício do povo de Deus, para dar-lhes uma visão mais clara e exaltada de Deus, e que todo o Israel deve temê-lo, e estar disposto e ansioso deixar o Egito e escolher o serviço do Deus verdadeiro e misericordioso. Não fosse por essas manifestações maravilhosas, muitos teriam ficado satisfeitos em permanecer no Egito em vez de viajar pelo deserto.

"Então Moisés e Arão foram ter com Faraó, e fizeram como o Senhor ordenara; e Arão lançou a sua vara diante de Faraó e diante de seus servos, e ela se tornou uma serpente. Então Faraó chamou também os sábios e os feiticeiros Assim também fizeram os magos do Egito com os seus encantamentos, porque cada um derrubou a sua vara, e tornaram-se em serpentes, mas a vara de Arão tragou as suas varas, e endureceu o coração de Faraó, que não deu ouvidos a eles, como o Senhor havia dito".

Os magos pareciam realizar várias coisas - com seus encantamentos semelhantes às coisas que Deus operou pelas mãos de Moisés e Arão. Eles realmente não fizeram com que suas varas se tornassem serpentes, mas por magia, ajudados pelo grande enganador, fizeram com que parecessem serpentes, para falsificar a obra de Deus. Satanás ajudou seus servos a resistir à obra do Altíssimo, a fim de enganar o povo e encorajá-lo em sua rebelião. Faraó agarraria a menor evidência que pudesse obter para justificar-se em resistir à obra de Deus realizada por Moisés e Arão. Ele disse a esses servos de Deus que seus magos podiam fazer todas essas maravilhas. A diferença entre a obra de Deus e a dos magos era que uma era de Deus, a outra de Satanás. Uma era verdadeira, a outra falsa.

Faraó declarou que Moisés e Arão eram impostores e não podiam realizar mais do que seus magos. Disseram Moisés e Arão a Faraó: Que Jeová, a quem tu finges não conhecer, te convencerá de que ele é mais poderoso do que todos os deuses. Eles o informaram que Deus ainda realizaria maravilhas maiores, que o deixariam sem desculpa e que seriam monumentos perpétuos de sua providência e poder em favor de Israel.

"E disse o Senhor a Moisés: O coração de Faraó está endurecido, ele recusa deixar o povo ir. Vai a Faraó pela manhã, eis que ele sai às águas, e ficarás à beira do rio contra ele; e a vara que se transformou em serpente tomarás na tua mão e lhe dirás: O Senhor Deus dos hebreus me enviou a ti, dizendo: Deixa ir o meu povo, para que me sirva no deserto e eis que até agora não quiseste ouvir. Assim diz o Senhor: Nisto conhecerás que eu sou o Senhor: eis que com a vara que tenho na mão ferirei as águas que estão no rio, e eles se transformarão em sangue, e os peixes que estão no rio morrerão, e o rio cheirá mal.' e os egípcios terão nojo de beber da água do rio".

Faraó não deu ouvidos a Moisés e Arão, mas desprezou suas palavras; no entanto, ele não tinha poder para prejudicá-los. "E Moisés e Arão fizeram assim, como o Senhor ordenara; e levantou a vara, e feriu as águas que estavam no rio, diante de Faraó, e diante dos seus servos; e todas as águas que estavam no rio se transformaram em sangue." Por sete dias a praga sobre as águas continuou. No entanto, o rei não se humilhou, mas endureceu seu coração. Moisés e Arão foram ordenados, primeiro, antes de trazer as pragas, a relatar fielmente ao Faraó a natureza de cada praga que estava por vir e o efeito da praga, para que ele pudesse ter o privilégio de se salvar dela se assim o desejasse, deixando os filhos de

Israel irem sacrificar a Deus. Mas se o rei se recusasse a obedecer ao mandamento de Deus, ele ainda o visitaria com julgamentos.

"E o Senhor falou a Moisés: Vai a Faraó, e dize-lhe: Assim diz o Senhor: Deixa ir o meu povo, para que me sirva. fronteiras com sapos."

"E Arão estendeu a mão sobre as águas do Egito, e as rãs subiram, e cobriram a terra do Egito. E os magos fizeram assim com seus encantamentos, e trouxeram rãs sobre a terra do Egito. Então Faraó chamou Moisés e Arão, e disse: Rogai ao Senhor, que tire as rãs de mim e do meu povo; e deixarei ir o povo, para que ofereça sacrifícios ao Senhor. E disse Moisés a Faraó: Glória sobre Quando rogarei por ti, e por teus servos, e por teu povo, que destruas as rãs de ti e de tuas casas, e que fiquem somente no rio? E ele disse: Amanhã. E ele disse, Seja conforme a tua palavra, para que saibas que ali não há semelhante ao Senhor nosso Deus."

Embora os magos parecessem produzir sapos como Moisés e Arão, eles não conseguiram removê-los. Quando Faraó viu que os magos não podiam deter a praga, ou remover as rãs, ele ficou um pouco humilhado, e pediu a Moisés e Arão que suplicassem ao Senhor por ele, para remover a praga das rãs. Ele estava começando a saber algo sobre aquele Deus que ele professava ser totalmente ignorante. Moisés e Arão haviam dito a Faraó que eles não produziram as rãs por magia, ou por qualquer poder que possuíssem; que Deus, o Deus vivo, os fez vir por seu poder, e que somente ele poderia removê-los. Antes disso, Faraó havia exultado sobre Moisés e Arão, porque os magos podiam fazer com que as mesmas coisas aparecessem com seus encantamentos. E quando ele pediu a Moisés que suplicasse ao Senhor por ele, ele o lembrou de sua antiga jactância e glória altiva por causa das obras realizadas por seus magos; e ele perguntou a Faraó onde estava agora sua glória sobre ele, e onde estava o poder daqueles magos para remover a praga.

O Senhor ouviu as súplicas de Moisés, e parou a praga das rãs. Quando o rei foi aliviado de sua angústia imediata, ele novamente se recusou a deixar Israel ir. Moisés e Arão, por ordem do Senhor, transformou o pó da terra em piolhos em toda a terra do Egito. Faraó chamou os magos para se apresentarem diante dele para fazer o mesmo com seus encantamentos, mas eles não puderam. Moisés e Arão, os servos de Deus, por ordem dele, produziram a praga dos piolhos. Os magos, os servos de Satanás, a seu comando, tentaram produzir o mesmo com seus encantamentos, mas não conseguiram. A obra de Deus mostrou-se superior ao poder de Satanás; pois os magos com seus encantamentos podiam realizar apenas algumas coisas. Quando os magos viram que não podiam produzir os piolhos, disseram a Faraó: "Este é o dedo de Deus. E o coração de Faraó se endureceu, e ele não lhes deu ouvidos, como o Senhor havia dito".

O Senhor ordenou novamente a Moisés e Arão que dissessem ao Faraó: "Deixa ir o meu povo, para que me sirva. Do contrário, se não deixares o meu povo ir, eis que enviarei enxames de moscas sobre ti e sobre os teus servos. , e sobre o teu povo, e nas tuas casas; e as casas dos egípcios se encherão de enxames de moscas, e também o solo em que eles estão. , para que ali não haja enxames de moscas; para que saibas que eu sou o Senhor no meio da terra. E porei separação entre o meu povo e o teu povo. Amanhã será este sinal. E o Senhor assim fez, e um enxame de moscas entrou na casa de Faraó, e nas casas dos seus servos, e em toda a terra do Egito; a terra foi corrompida por causa do enxame de moscas. Moisés e para Arão, e disse: Ide, sacrificai ao vosso Deus na terra. E Moisés disse: Não convém fazer assim; porque sacrificar a abominação dos egípcios ao Senhor nosso Deus. Eis que sacrificaremos a abominação dos egípcios diante de seus olhos, e não nos apedrejarão? Iremos caminho de três dias ao deserto, e sacrificaremos ao Senhor nosso Deus, como ele nos ordenar".

Os egípcios adoravam certos animais e consideravam uma ofensa imperdoável matar um desses animais. E se um de seus objetos de adoração fosse morto, mesmo que acidentalmente, a vida da pessoa sozinha poderia responder pela ofensa. Moisés mostra a Faraó a impossibilidade de sacrificarem a Deus na terra do Egito, na Baía dos Egípcios; pois eles poderiam selecionar para sua oferta algum dos animais que consideravam sagrados.

Moisés novamente propôs uma viagem de três dias para o deserto. O rei consentiu, enquanto estava sob a mão castigadora de Deus. "E disse Faraó: Eu vos deixarei ir, para que sacrifiqueis ao Senhor vosso Deus no deserto; só que não ireis muito longe. Rogai por mim. E Moisés disse: Eis que saio de ti, e Rogarei ao Senhor que os enxames de moscas se afastem de Faraó, de seus servos e de seu povo amanhã; mas que Faraó não faça mais dolosamente, não deixando o povo ir sacrificar ao Senhor. E Moisés Saiu de Faraó e suplicou ao Senhor, e o Senhor fez conforme a palavra de Moisés, e tirou os enxames de moscas de Faraó, dos seus servos e do seu povo; não ficou um só. E Faraó endureceu o seu coração ao desta vez também, nem ele deixaria o povo ir."

E o Senhor ordenou a Moisés e Arão que fossem novamente diante de Faraó e lhe dissessem: "Assim diz o Senhor Deus dos hebreus: Deixa ir o meu povo, para que me sirva". E se ele se recusasse a deixá-los ir, e os mantivesse quietos, a praga deveria estar sobre seu gado. "E o Senhor separará o gado de Israel e o gado do Egito; e nada morrerá de tudo o que é dos filhos de Israel." E morreu todo o gado que foi visitado com a praga, mas nenhum do gado dos hebreus morreu. E Faraó enviou mensageiros para perguntar se algum do gado dos israelitas estava morto. O mensageiro voltou ao rei com a palavra de que nenhum deles havia morrido, nem eles foram afligidos com a praga. No entanto, seu coração estava endurecido e ele se recusou a deixar Israel ir.

Então Moisés e Arão, de acordo com a ordem de Deus, "tomaram a cinza da fornalha e se apresentaram diante de Faraó; e Moisés a espargiu para o céu; os magos não puderam comparecer diante de Moisés por causa do furúnculo, porque o furúnculo estava sobre os magos e sobre todos os egípcios. E o Senhor endureceu o coração de Faraó, e ele não lhes deu ouvidos, como o Senhor havia falado a Moisés".

Os magos, com toda sua magia e suposto poder, não podiam, por nenhum de seus encantamentos, proteger-se da terrível praga dos furúnculos. Eles não podiam mais ficar diante de Moisés e Arão, por causa dessa aflição grave. Os egípcios foram assim autorizados a ver quão inútil seria para eles confiar no poder dos magos, quando eles não podiam salvar nem seus próprios corpos das pragas.

"E disse o Senhor a Moisés: Levanta-te de madrugada, e põe-te diante de Faraó, e dize-lhe: Assim diz o Senhor Deus dos hebreus: Deixa ir o meu povo, para que me sirva. tempo envia todas as minhas pragas sobre o teu coração, e sobre os teus servos, e sobre o teu povo, para que saibas que não há ninguém semelhante a mim em toda a terra. povo com pestilência; e serás exterminado da terra; e para isso mesmo te levantei, para mostrar em ti o meu poder, e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra. tu mesmo contra o meu povo, para que não o deixes ir? Eis que amanhã, por esta hora, farei chover uma saraiva muito grave, como nunca houve no Egito desde a sua fundação até agora. Portanto, agora, ajunta o teu gado e tudo o que tens no campo, porque sobre todo homem e animal que no campo, e não forem trazidos para casa, a saraiva cairá sobre eles, e morrerão. Aquele que temia a palavra do Senhor entre os servos de Faraó fez seus servos e seu gado fugir para as casas; e aquele que não considerou a palavra do Senhor deixou seus servos e seu gado no campo. E disse o Senhor a Moisés: Estende a mão para o céu, para que caia saraiva em toda a terra do Egito, sobre o homem, e sobre os animais, e sobre toda erva do campo, em toda a terra do Egito. E

Moisés estendeu a sua vara para o céu, e o Senhor enviou trovões e saraiva, e o fogo correu sobre a terra; e o Senhor fez chover saraiva sobre a terra do Egito”.

Aqueles que respeitavam a palavra do Senhor ajuntavam seu gado em celeiros e casas, enquanto aqueles cujo coração estava endurecido, como o de Faraó, deixavam seu gado no campo. Aqui estava uma oportunidade para testar o orgulho exaltado dos egípcios e mostrar o número cujos corações foram realmente afetados pelos maravilhosos tratos de Deus com seu povo, a quem desprezaram e imploraram cruelmente. "Assim houve saraiva, e fogo misturado com a saraiva, mui grave, como nunca houve em toda a terra do Egito, desde que se tornou uma nação. E a saraiva feriu em toda a terra do Egito tudo o que havia no campo, tanto homens como animais; e a saraiva feriu toda erva do campo, e quebrou todas as árvores do campo; somente na terra de Gósen, onde estavam os filhos de Israel, não houve saraiva. E Faraó enviou, e chamou por Moisés e Arão, e disse-lhes: Desta vez pequei; o Senhor é justo, e eu e o meu povo somos maus. Rogai ao Senhor (porque basta) que não haja mais fortes trovões e saraiva, e eu vos deixarei ir, e não ficareis mais. E disse-lhe Moisés: Logo que eu sair da cidade, estenderei as minhas mãos ao Senhor, e cessarão os trovões, e não haverá mais saraiva, para que saibas que a terra é do Senhor. Mas, quanto a ti e aos teus servos, sei que ainda não temereis o Senhor Deus. E o linho e a cevada foram feridos; porque a cevada estava na espiga, e o linho foi cozido. Mas o trigo e o centeio não foram feridos; porque eles não cresceram”.

Depois que a praga foi detida, o rei se recusou a deixar Israel ir. A rebelião produz rebelião. O rei tornara-se tão endurecido com sua contínua oposição à vontade de Deus, que todo o seu ser se rebelou contra as terríveis exibições de seu poder divino.

Moisés e Arão foram ordenados a ir novamente ao Faraó e pedir-lhe que deixasse Israel ir. O Senhor lhes diz que ele permitiu que o rei resistisse a eles, e suportou sua contínua rebelião, para que ele pudesse mostrar seus grandes sinais e prodígios diante dele e diante dos filhos de Israel, "para que contes aos ouvidos de teu filho, e do filho de teu filho, as coisas que fiz no Egito, e os meus sinais que fiz entre eles, para que saibais que eu sou o Senhor”.

Aqui o Senhor estava manifestando seu poder para confirmar a fé de seu povo Israel nele como sendo o único Deus vivo e verdadeiro. Ele lhes daria evidências inconfundíveis da diferença que colocou entre os egípcios e seu povo. Suas maravilhosas obras em sua libertação devem fazer com que todas as nações saibam que, embora tenham sido aprisionadas pelo trabalho árduo e desprezadas, ele os escolheu como seu povo peculiar e que trabalharia por sua libertação de uma maneira maravilhosa. .

Moisés e Aarão obedeceram à ordem de Deus e relataram ao rei a natureza da grave praga que Deus estava prestes a enviar sobre ele; que se ele não deixasse Israel ir, ele traria gafanhotos para as costas do Egito, que cobririam a face da terra, e comeriam o resto do que escapou do granizo. O rei teve permissão para escolher - humilhar-se diante de Deus e deixar Israel ir, ou recusar e sofrer os efeitos da praga.

"E os servos de Faraó lhe disseram: Até quando este homem será um laço para nós? Deixa ir os homens, para que sirvam ao Senhor seu Deus. Ainda não sabes que o Egito está destruído?" Os governantes ou conselheiros do rei eram chamados seus servos, porque estavam sob o comando de Faraó. Eles suplicaram ao rei que deixasse Israel ir. Eles relataram a ele que haviam sofrido grande perda pela morte de seu gado, e que o Egito foi quase arruinado por um raio. E o granizo misturado com fogo destruiu suas florestas e destruiu seus frutos e quase todos os grãos; que tudo estava em uma condição ruínosa e que eles estavam perdendo tudo o que ganharam com o trabalho dos hebreus. O rei mandou chamar Moisés e Arão e disse-lhes: Ide, servi ao Senhor vosso Deus, mas quem são os que

irão? E disse Moisés: Iremos com os nossos jovens e com os nossos velhos, com os nossos filhos e com as nossas filhas, com os nossos rebanhos e com os nossos gados iremos, porque temos de fazer uma festa ao Senhor. E ele lhes disse: Assim seja o Senhor convosco, como eu vos deixarei ir, e os vossos pequeninos. Olhe para isso, pois o mal está diante de você. Não é assim; ide agora, vós que sois homens e servi ao Senhor, pois o que desejastes. E eles foram expulsos da presença de Faraó ".

O rei mostra seu desprezo pela ordem de Deus por sua resposta a Moisés e Arão. Deixe seu Deus exigir isso de você, se quiser, para que você leve seus pequeninos; Eu não vou deixar você ir. Seus filhinhos não são necessários em sua jornada. Será que seu Deus acha que vou fazer isso, e deixá-los ir com suas esposas e filhos pequenos para o deserto em uma expedição tão perigosa para eles? Eu não vou fazer isso; mas somente vocês que são homens irão servir ao Senhor. Esse rei de coração duro e opressor agora fingiria aos hebreus que tinha um interesse especial em seu bem-estar e um carinho terno por seus pequeninos. Ele tentou destruir os israelitas com trabalho duro; mas agora, para servir a seu próprio propósito, ele professa ter um cuidado muito especial com eles, e declara claramente a Moisés e Arão que Deus, que exigiria algo como para eles irem com suas famílias para o deserto, não deveria ser obedecido; pois ele apenas os levaria para destruí-los, e seus corpos certamente ficariam no deserto.

"E disse o Senhor a Moisés: Estende a tua mão sobre a terra do Egito para os gafanhotos, para que subam à terra do Egito e comam toda a erva da terra, tudo o que deixou o banho de granizo. E Moisés estendeu a sua vara sobre a terra do Egito, e o Senhor trouxe sobre a terra um vento oriental todo aquele dia e toda aquela noite; e, ao amanhecer, o vento oriental trouxe os gafanhotos; e os gafanhotos subiram sobre todo o terra do Egito, e pousaram em todos os termos do Egito; muito dolorosos foram; antes deles não houve gafanhotos como eles, nem depois deles haverá; porque cobriram a face de toda a terra, de modo que a terra foi escureceram; e comeram toda a erva da terra, e todo o fruto das árvores que a saraiva deixou; e não ficou nada verde nas árvores, nem nas ervas do campo, em toda a terra do Egito Então Faraó chamou apressadamente Moisés e Arão, e disse: Pequei contra o Senhor vosso Deus, e contra você. Agora, pois, perdoe, peço-te, o meu pecado só esta vez, e roga ao Senhor teu Deus, que me tire apenas esta morte." Os egípcios temiam que, depois que os gafanhotos tivessem comido tudo no campo, eles até atacariam o povo do Egito e os devorariam.

"E ele saiu de Faraó, e suplicou ao Senhor. E o Senhor fez soprar um forte vento ocidental, que levou os gafanhotos e os lançou no Mar Vermelho; não ficou um gafanhoto em todos os termos do Egito. Mas o Senhor endureceu o coração de Faraó, para que não deixasse ir os filhos de Israel". Apesar de sua humildade enquanto a morte o ameaçava, e sua promessa de deixar Israel ir, depois que ele foi aliviado da praga, ele endureceu seu coração e se recusou a deixá-los ir.

"E disse o Senhor a Moisés: Estende a mão para o céu, para que haja trevas sobre a terra do Egito, trevas que se possam apalpar. E Moisés estendeu a mão para o céu, e houve trevas espessas em todos os três dias na terra do Egito; não se viram, nem se levantaram do seu lugar por três dias; mas todos os filhos de Israel tinham luz nas suas tendas. E Faraó chamou a Moisés, e disse: Ide, servi Senhor, só que as tuas ovelhas e os teus gados sejam detidos, e também os teus pequeninos vão contigo. E Moisés disse: Tu também nos debes dar sacrifícios e holocaustos, para que sacrifiquemos ao Senhor nosso Deus. O nosso gado também será vai conosco; não ficará para trás uma unha sequer, pois dela importa tomarmos para servir ao Senhor nosso Deus; e não sabemos com que havemos de servir ao Senhor, até lá chegarmos. Mas o Senhor endureceu o coração de Faraó, e ele não os deixou

ir. E Faraó lhe disse: Afasta-te de mim, guarda-te a si mesmo, não veja mais meu rosto; porque naquele dia vires a minha face, morrerás. E Moisés disse: Tu falaste bem; Não verei mais a tua face novamente."

Faraó endureceu seu coração contra o Senhor, e ele se aventurou, apesar de todos os sinais e grandes maravilhas que ele havia testemunhado, ameaçar que se Moisés e Arão aparecessem diante dele novamente, eles morreriam. Se o rei não tivesse se endurecido em sua rebelião contra Deus, ele teria sido humilhado sob o senso do poder do Deus vivo que poderia salvar ou destruir. Ele sabia que Aquele que podia fazer tais milagres e multiplicar seus sinais e maravilhas preservaria a vida de seus servos escolhidos, mesmo que tivesse que matar o rei do Egito.

À medida que Moisés havia testemunhado as maravilhosas obras de Deus, sua fé se fortalecera e sua confiança se estabelecera, enquanto Deus o capacitava e o qualificava, por manifestações de seu poder, para estar à frente dos exércitos de Israel, e , como pastor de seu povo, para tirá-los do Egito. Ele foi elevado acima do medo por sua firme confiança em Deus, o que o levou a dizer ao rei: "Nosso gado irá conosco; nenhum casco será deixado para trás". Essa coragem firme na presença do rei irritou seu orgulho altivo, e ele proferiu a ameaça de matar os servos de Deus. Ele não percebeu em sua cegueira que não estava apenas lutando contra Moisés e Arão, mas contra o poderoso Jeová, o criador dos céus e da terra. Moisés havia obtido o favor do povo. Ele era considerado um homem maravilhoso, e o rei não ousaria prejudicá-lo.

"E disse o Senhor a Moisés: Ainda trarei mais uma praga sobre Faraó e sobre o Egito; depois vos deixará ir daqui. Quando vos deixar ir, vos lançará de uma vez por todas. Falai agora nos carros. do povo, e cada um tome emprestado ao seu próximo, e cada mulher à sua vizinha, joias de prata e joias de ouro".

Apesar de Moisés ter sido proibido de voltar à presença de Faraó, pois no dia em que visse seu rosto, ele morreria; ainda assim ele tinha mais uma mensagem de Deus para o rei rebelde, e ele caminhou firmemente em sua presença, e ficou destemidamente diante dele, para declarar-lhe a palavra do Senhor.

"E disse Moisés: Assim diz o Senhor: À meia-noite sairei pelo meio do Egito, e todos os primogênitos na terra do Egito morrerão, desde o primogênito de Faraó, que se assenta no seu trono, até o primogênito da serva que está atrás do moinho, e todo primogênito dos animais; e haverá grande clamor por toda a terra do Egito, qual não houve, nem haverá seja mais como ele. Mas contra nenhum dos filhos de Israel nem um cão moverá a sua língua, nem contra homem nem contra animal, para que saibais que o Senhor fez diferença entre os egípcios e os israelitas. E todos estes teus servos descerão a mim, e se curvarão a mim, dizendo: Sai, e todo o povo que te segue, e depois disso eu sairei. E ele saiu de Faraó com grande ira".

Quando Moisés contou ao rei sobre a praga que viria sobre eles, mais terrível do que qualquer outra que já havia visitado o Egito, que faria com que todos os seus grandes conselheiros se curvassem diante dele e implorassem aos israelitas que deixassem o Egito, o rei ficou extremamente zangado. Ele ficou furioso porque não conseguiu intimidar Moisés e fazê-lo tremer diante de sua autoridade real. Bit Moses apoiou-se em um braço mais poderoso do que o de qualquer monarca terrestre.

CAPÍTULO XVII.

A PASCOA.

O Senhor então deu a Moisés instruções especiais para dar aos filhos de Israel, com respeito ao que eles deveriam fazer para preservar a si mesmos e suas famílias da terrível praga que ele estava prestes a enviar sobre o Egito. Moisés também devia dar-lhes instruções a respeito de sua saída do Egito. Ele relatou a eles a ordem de Deus para matar um cordeiro sem defeito, e tomar o sangue do cordeiro e atingi-lo nas ombreiras das portas, e também nas ombreiras superiores, de suas casas. E enquanto este sinal deveria estar fora de um sinal, e eles deveriam estar comendo o cordeiro, assado inteiro, com ervas amargas, dentro, o anjo de Deus estaria passando pela terra do Egito fazendo sua terrível obra, matando o primogênito do homem e o primogênito dos animais. "E assim o comereis: os vossos lombos cingidos, os vossos sapatos nos pés, e o vosso cajado na mão; e comê-lo-eis às pressas; é a páscoa do Senhor. Porque passarei pela terra do Egito neste noite, e ferirei todos os primogênitos na terra do Egito, desde os homens até os animais; e contra todos os deuses do Egito executarei juízo: Eu sou o Senhor, e o sangue vos será por sinal sobre o casas onde estais; e, vendo eu o sangue, passarei por cima de vós, e não haverá sobre vós praga para vos destruir, quando eu ferir a terra do Egito; e este dia vos será por memorial; e celebrá-lo-eis por festa ao Senhor nas vossas gerações; celebrá-la-eis por estatuto perpétuo".

Aqui estava uma obra exigida dos filhos de Israel, que eles deveriam realizar de sua parte, para prová-los e mostrar sua fé por suas obras na grande libertação que Deus estava trazendo para eles. A fim de escapar do grande julgamento de Deus que ele traria sobre os egípcios, o sinal de sangue deve ser visto em suas casas. E eles foram obrigados a separar a si mesmos e seus filhos dos egípcios, e ajuntá-los em suas próprias casas; pois se algum dos israelitas fosse encontrado nas casas dos egípcios, cairia pela mão do anjo destruidor. Eles também foram orientados a guardar a festa da páscoa como uma ordenança, para que quando seus filhos perguntasse o que significava tal serviço, eles deveriam relatar a eles sua maravilhosa preservação no Egito: Que quando o anjo destruidor saiu à noite para matar o primogênito do homem, e primogênito dos animais, passou por cima de suas casas, e nenhum dos hebreus que tinham o sinal de sangue em suas ombreiras foi morto. E o povo inclinou a cabeça e adorou, agradecido por este notável memorial dado para preservar a seus filhos a lembrança do cuidado de Deus por seu povo. Houve um grande número de egípcios que foram levados a reconhecer, pelas manifestações dos sinais e maravilhas mostrados no Egito, que o Deus dos hebreus era o único Deus verdadeiro. Suplicaram que lhes fosse permitido ir às casas dos israelitas com suas famílias naquela noite terrível em que o anjo de Deus mataria o primogênito dos egípcios. Eles estavam convencidos de que seus deuses que eles adoravam não tinham conhecimento e não tinham poder para salvar ou destruir. E eles se comprometeram a escolher a partir de agora o Deus de Israel como seu Deus. Eles decidiram deixar o Egito e ir com os filhos de Israel para adorar o seu Deus. Os israelitas receberam os egípcios crentes em suas casas.

A páscoa apontava para trás, para a libertação dos filhos de Israel, e também era típica, apontando para Cristo, o Cordeiro de Deus, morto para a redenção do homem caído. O sangue aspergido nas ombreiras das portas prefigurava o sangue expiatório de Cristo, e também a contínua dependência do homem pecador dos méritos desse sangue para a segurança do poder de Satanás e para a redenção final. Cristo comeu a ceia da páscoa com seus discípulos pouco antes de sua crucificação, e na mesma noite, instituiu a ordenança da ceia do Senhor, a ser observada em comemoração de sua morte. A páscoa havia sido observada para comemorar a libertação dos filhos de Israel do Egito. Tinha sido comemorativo e típico. O tipo alcançou o antítipo quando Cristo, o Cordeiro de Deus sem

mancha, morreu na cruz. Ele deixou uma ordenança para comemorar os eventos de sua crucificação.

Cristo comeu a ceia da páscoa com seus discípulos, levantou-se da mesa e disse-lhes: "Desejei com desejo comer esta páscoa convosco, antes que padeça". Cristo deu a seus discípulos a ordenança de lavar os pés para eles praticarem, o que lhes ensinaria lições de humildade. Ele associou essa ordenança com a ceia, oportunidade de conhecer os verdadeiros sentimentos de seus próprios corações em relação a Deus e uns aos outros. Se o orgulho existisse em seus corações, com que rapidez seria descoberto aos que erram honestamente, como deveriam se envolver neste humilde dever. Se egoísmo ou ódio um ao outro existisse, seria mais facilmente descoberto à medida que se engajassem nesse humilde trabalho. Essa ordenança foi projetada para resultar em confissões mútuas e aumentar os sentimentos de tolerância, forg integridade dos erros uns dos outros, e amor verdadeiro, preparatório para se engajar na solene ordenança de comemorar os sofrimentos e a morte de Cristo. Ele amou seus discípulos o suficiente para morrer por eles. Ele os exortou a amar uns aos outros, como ele os havia amado.

O exemplo de lavar os pés de seus discípulos foi dado para o benefício de todos os que cressem nele. Ele exigia que seguissem seu exemplo. Essa humilde ordenança não foi projetada apenas para testar sua humildade e fidelidade, mas para manter fresca em sua lembrança que a redenção de seu povo foi adquirida sob condições de humildade e obediência contínua de sua parte. "E, depois de lhes lavar os pés, tomar as suas vestes e voltar a sentar-se, disse-lhes: Sabeis o que vos fiz? Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem; porque assim eu Se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós também deveis lavar os pés uns aos outros, porque vos dei o exemplo, para que façais como vos fiz. Em verdade, em verdade vos digo a vós, o servo não é maior do que o seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou. Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes." Jesus então tomou seu lugar novamente à mesa, onde foram colocados pão e vinho não fermentado, os quais foram feitos de acordo com as instruções de Cristo. Ele parecia muito triste. "E tomou o pão, deu graças, partiu-o e deu-lhes, dizendo: Isto é o meu corpo, que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim. Assim também o cálice depois da ceia, dizendo: Este cálice é o novo testamento em meu sangue, que é derramado por você." "Em verdade vos digo que não beberei mais do fruto da vide até aquele dia em que o beba novo no reino de Deus."

Aqui nosso Salvador instituiu a ceia do Senhor, a ser celebrada muitas vezes, para manter fresca na memória de seus seguidores as cenas solenes de sua traição e crucificação pelos pecados do mundo. Ele deseja que seus seguidores percebam sua contínua dependência de seu sangue para a salvação. O pão partido era um símbolo do corpo partido de Cristo, dado para a salvação do mundo. O vinho era um símbolo de seu sangue, derramado para a purificação dos pecados de todos aqueles que viessem a ele em busca de perdão e o recebessem como seu Salvador.

A salvação dos homens depende de uma aplicação contínua ao coração do sangue purificador de Cristo. Portanto, a ceia do Senhor não deveria ser observada apenas ocasionalmente ou anualmente, mas com mais frequência do que a páscoa anual. Esta ordenança solene comemora um evento muito maior do que a libertação dos filhos de Israel do Egito. Essa libertação foi típica da grande expiação que Cristo fez pelo sacrifício de sua própria vida pela libertação final de seu povo.

CAPÍTULO XVIII.

ISRAEL SAI DO EGITO.

OS FILHOS de Israel haviam seguido as orientações dadas por Deus; e enquanto o anjo da morte passava de casa em casa entre os egípcios, todos estavam prontos para sua jornada, esperando que o rei rebelde e seus grandes homens os mandassem ir. "E aconteceu que, à meia-noite, o Senhor feriu todos os primogênitos na terra do Egito, desde o primogênito de Faraó, que estava assentado no seu trono, até o primogênito do cativo que estava na masmorra, e todos os primogênitos do gado; e Faraó se levantou de noite, ele e todos os seus servos, e todos os egípcios; e houve grande clamor no Egito, porque não havia casa em que não houvesse um morto. E de noite chamou Moisés e Arão, e disse: Levantai-vos, e saí do meio do meu povo, vós e os filhos de Israel, e ide servir ao Senhor, como tendes dito. vossos gados, como dissestes, e vão-me, e abençoai-me também. o povo tomava a sua massa antes que fosse levedada, e as suas amassadeiras estavam amarradas nas suas vestes sobre os ombros; e os filhos de Israel fizeram conforme o palavra de Moisés; e tomaram emprestado dos egípcios jóias de prata, jóias de ouro e roupas. E o Senhor deu ao povo graça aos olhos dos egípcios, de modo que lhes emprestaram o que pediam; e despojaram os egípcios".

O Senhor revelou isso a Abraão cerca de quatrocentos anos antes de ser cumprido: "E disse a Abrão: Sabe com certeza que a tua semente será peregrina em terra que não é deles, e os servirá; e eles afligirão quatrocentos anos. E também aquela nação a quem eles servirem, eu julgarei;

"E uma multidão mista subiu também com eles, e rebanhos e manadas, até mesmo muito gado." Os filhos de Israel saíram do Egito com seus bens, que não pertenciam a Faraó, pois nunca os venderam a ele. Jacó e seus filhos levaram seus rebanhos e gado para o Egito. Os filhos de Israel se tornaram extremamente numerosos, e seus rebanhos e manadas aumentaram muito. Deus julgou os egípcios enviando pragas sobre eles, e os fez apressar seu povo para fora do Egito, com tudo o que possuíam.

"E aconteceu que, quando Faraó deixou ir o povo, Deus não os conduziu pelo caminho da terra dos filisteus, embora estivesse perto; porque Deus disse: Para que não se arrependa o povo, vendo a guerra, e voltaram para o Egito, mas Deus conduziu o povo pelo caminho do deserto do Mar Vermelho, e os filhos de Israel subiram atrelados da terra do Egito, e Moisés levou consigo os ossos de José, porque tinha jurado aos filhos de Israel, dizendo: Certamente Deus vos visitará, e levareis os meus ossos daqui convosco. E partiram de Sucote, e acamparam-se em Etam, à beira do deserto. O Senhor ia adiante deles de dia numa coluna de nuvem, para os guiar pelo caminho, e de noite numa coluna de fogo, para os alumiar, para que andassem de dia e de noite. dia, nem a coluna de fogo. de noite, de diante do povo."

O Senhor sabia que os filisteus se oporiam à sua passagem por sua terra. Eles diriam deles: Roubaram de seus senhores no Egito e fariam guerra com eles. Assim Deus, trazendo-os pelo caminho do mar, revelou-se um Deus compassivo, bem como um Deus de julgamento. O Senhor informou a Moisés que Faraó os perseguiria, e ele o orientou exatamente onde acampar diante do mar. Ele disse a Moisés que seria honrado diante de Faraó e de todo o seu exército. Depois que os hebreus saíram do Egito alguns dias, os egípcios disseram ao faraó que haviam fugido e nunca mais voltariam para servi-lo. E choraram porque lhes permitiram sair do Egito. Foi uma perda muito grande para eles serem privados de seus serviços; e eles se arrependeram de terem consentido em deixá-los ir. Apesar de tudo o que sofreram com os julgamentos de Deus, ficaram tão endurecidos por sua contínua rebelião que decidiram perseguir os filhos de Israel e trazê-los de volta à força para o Egito. O rei

tomou um exército muito grande e seiscentos carros, e os perseguiu, e os alcançou enquanto estavam acampados à beira-mar.

"E, aproximando-se Faraó, os filhos de Israel levantaram os olhos, e eis que os egípcios marchavam atrás deles, e temeram muito; e os filhos de Israel clamaram ao Senhor, e disseram a Moisés: Porque não havia sepulturas no Egito, tu nos levaste para morrermos no deserto? Por que procedeste assim conosco, para nos tirares do Egito? Não é esta a palavra que te dissemos no Egito, dizendo: só nós, para servirmos aos egípcios, porque melhor nos fora servir aos egípcios do que morrermos no deserto. E disse Moisés ao povo: Não temais; estai parados e vede a salvação de Senhor, que ele hoje vos mostrará; porque os egípcios que hoje vistes, nunca mais os tornareis a ver. O Senhor pelejará por vós, e vos calareis.

Quão cedo os israelitas desconfiaram de Deus! Eles haviam testemunhado todos os seus julgamentos sobre o Egito para obrigar o rei a deixar Israel ir; mas quando sua confiança em Deus foi testada, eles murmuraram, apesar de terem visto tais evidências de seu poder em sua maravilhosa libertação. Em vez de confiar em Deus em sua necessidade, murmuraram contra o fiel Moisés, lembrando-o de suas palavras de incredulidade que proferiram no Egito. Acusaram-no de ser a causa de toda a sua angústia. Ele os encorajou a confiar em Deus e reter suas expressões de incredulidade, e eles deveriam ver o que o Senhor faria por eles. Moisés clamou fervorosamente ao Senhor para libertar seu povo escolhido.

"E disse o Senhor a Moisés: Por que clamas a mim? Dize aos filhos de Israel que vão adiante. Mas levanta a tua vara, e estende a mão sobre o mar, e divide-o; e os filhos de Israel passará em seco pelo meio do mar". Deus queria que Moisés entendesse que ele trabalharia por seu povo - que a necessidade deles seria sua oportunidade. Quando eles deveriam ir o mais longe que pudessem, ele deveria ordenar que eles ainda seguissem em frente; que ele deveria usar a vara que Deus lhe havia dado para dividir as águas.

"E eu, eis que endurecerei o coração dos egípcios, e eles os seguirão; e obterei honra sobre Faraó, e sobre todo o seu exército, sobre seus carros e sobre seus cavaleiros. E os egípcios saberão que eu sou o Senhor, quando obtiver honra sobre Faraó, sobre seus carros e sobre seus cavaleiros. saiu de diante deles e pôs-se atrás deles, e veio entre o arraial dos egípcios e o arraial de Israel; e era uma nuvem e escuridão para eles, mas de noite alumia a estes. não perto do outro a noite toda."

Os egípcios não podiam ver os hebreus; pois a nuvem de densas trevas estava diante deles, nuvem essa que era toda luz para os israelitas. Assim Deus mostrou seu poder para provar seu povo, se eles confiariam nele depois de lhes dar tais sinais de seu cuidado e amor por eles, e repreender sua incredulidade e murmuração. "E Moisés estendeu a mão sobre o mar, e o Senhor fez com que o mar voltasse por um forte vento oriental toda aquela noite, e fez do mar terra seca, e as águas se dividiram. E os filhos de Israel entraram no meio do mar em seco; e as águas foram-lhes um muro à sua direita e à sua esquerda". As águas subiram e ficaram paradas, como paredes congeladas de ambos os lados, enquanto Israel caminhava no meio do mar em terra seca.

A hoste egípcia estava triunfando naquela noite que os filhos de Israel estavam novamente em seu poder. Eles achavam que não havia possibilidade de fuga; pois diante deles se estendia o Mar Vermelho, e seus grandes exércitos estavam logo atrás deles. Pela manhã, ao chegarem ao mar, eis que havia um caminho seco, as águas se dividiram e ficaram como um muro de cada lado, e os filhos de Israel estavam na metade do mar, andando em terra seca. Eles esperaram um pouco para decidir que curso deveriam seguir. Eles ficaram desapontados e enfurecidos, pois, como os hebreus estavam quase em seu poder, e tinham certeza deles, um caminho inesperado foi aberto para eles no mar. Eles decidiram segui-los.

"E os egípcios perseguiram, e foram atrás deles, até o meio do mar, todos os cavalos de Faraó, seus carros e seus cavaleiros. E aconteceu que, pela vigília da manhã, o Senhor olhou para o exército do Egípcios pela coluna de fogo e de nuvem, e perturbaram o exército dos egípcios, e tiraram as rodas dos carros, que os impeliam fortemente; de modo que os egípcios diziam: Fugamos da face de Israel; porque o Senhor luta por eles contra os egípcios".

Os egípcios ousaram se aventurar no caminho que Deus havia preparado para seu povo, e anjos de Deus passaram por seu exército e removeram as rodas de suas carruagens. Eles foram atormentados. O progresso deles era muito lento e eles começaram a ficar preocupados. Eles se lembraram dos julgamentos que o Deus dos hebreus havia feito sobre eles no Egito, para obrigá-los a deixar Israel ir, e pensaram que Deus poderia entregá-los todos nas mãos dos israelitas. Eles decidiram que Deus estava lutando pelos israelitas, e eles estavam com muito medo, e estavam se virando para fugir deles, quando "o Senhor disse a Moisés: Estende a mão sobre o mar, para que as águas voltem sobre os egípcios, sobre os seus carros e sobre os seus cavaleiros; E Moisés estendeu a mão sobre o mar, e o mar voltou à sua força ao amanhecer; e os egípcios fugiram contra ele; e o Senhor derrubou os egípcios no meio do E as águas voltaram, e cobriram os carros, e os cavaleiros, e todo o exército de Faraó, que entrou no mar depois deles; não ficou um só deles. Mas os filhos de Israel andaram em terra seca em no meio do mar, e as águas foram para eles um muro à sua direita e à sua esquerda. Assim o Senhor livrou a Israel naquele dia da mão dos egípcios, e Israel viu os egípcios mortos na praia do mar. E Israel viu aquela grande obra que o Senhor d id sobre os egípcios; e o povo temeu ao Senhor, e creu no Senhor e em seu servo Moisés".

Ao testemunharem a maravilhosa obra de Deus na destruição dos egípcios, os hebreus se uniram em um cântico inspirado de elevada eloquência e louvor agradecido. Miriã, a irmã de Moisés, uma profetisa, liderou as mulheres na música.

"Então cantaram Moisés e os filhos de Israel este cântico ao Senhor, e falaram, dizendo: Cantarei ao Senhor, porque gloriosamente triunfou. O cavalo e o seu cavaleiro lançou ao mar. O Senhor é a minha força. e cântico, e ele se tornou a minha salvação; ele é o meu Deus, e eu lhe prepararei uma habitação; o Deus de meu pai, e o exaltarei; o Senhor é um homem de guerra; o Senhor é o seu nome. Os carros e o seu exército lançou no mar; os seus capitães escolhidos também se afogaram no mar Vermelho. As profundezas os cobriram; afundaram-se no fundo como uma pedra. A tua destra, ó Senhor, tornou-se gloriosa em poder. A tua direita A mão, ó Senhor, despedaçou o inimigo, e na grandeza da tua majestade destruístes os que se levantaram contra ti; enviaste a tua ira, que os consumiu como restolho; e com o sopro das tuas narinas as águas se ajuntaram, os rios se levantaram como um montão, e as profundezas se congelaram no coração t do mar. O inimigo disse, vou perseguir, vou alcançar, vou dividir o despojo. Minha concupiscência será satisfeita sobre eles; Eu desembainharei minha espada, minha mão os destruirá. Tu sopraste com teu vento, o mar os cobriu. Afundaram como chumbo nas águas impetuosas.

"Quem é semelhante a ti, ó Senhor, entre os deuses? Quem é como tu, glorioso em santidade, admirável em louvores, fazendo maravilhas? Tu estendeste a tua mão direita, a terra os engoliu. Tu, na tua misericórdia, trouxeste o povo que remiste; com a tua força os guiaste para a tua santa morada; o povo ouvirá e temerá; a tristeza se apoderará dos habitantes de Palestina; então os príncipes de Edom ficarão maravilhados, os valentes de Moabe, o tremor se apoderará deles; todos os habitantes de Canaã se desfarão; temor e pavor cairão sobre eles; pela grandeza do teu braço, emudecerão como uma pedra; até que o teu povo passe, ó Senhor, até que passe o povo que compraste; tu o farás entrar e o plantarás no monte da tua

herança, no lugar, ó Senhor, que fizeste para a tua habitação; no santuário, ó Senhor, que tuas mãos estabeleceram.

"O Senhor reinará para todo o sempre. Porque o cavalo do Faraó entrou no mar com seus carros e com seus cavaleiros, e o Senhor tornou a trazer sobre eles as águas do mar; mas os filhos de Israel foram a seco em meio do mar."

Faraó, que não quis reconhecer a Deus e se curvar à sua autoridade, deleitou-se em mostrar seu poder como governante sobre aqueles a quem ele podia controlar. Moisés declarou a Faraó, depois de exigir que o povo fizesse tijolo sem palha, que Deus, a quem ele fingia não conhecer, o obrigaria a ceder às suas reivindicações e reconhecer sua autoridade, como governante supremo.

Chegara o tempo em que Deus responderia às orações de seu povo oprimido e os traria do Egito com tão poderosas demonstrações de seu poder que os egípcios seriam obrigados a reconhecer que o Deus dos hebreus, a quem desprezavam, estava acima todos os deuses. Ele agora os puniria por sua idolatria e por sua orgulhosa jactância das misericórdias concedidas a eles por seus deuses sem sentido. Deus glorificaria seu próprio nome, para que outras nações ouvissem de seu poder e tremessem diante de seus atos poderosos, e que seu povo, testemunhando suas obras milagrosas, se afastasse completamente de sua idolatria para prestar-lhe adoração pura.

Deus ordenou a Moisés que dissesse a Faraó: "Para isso te levantei, para mostrar em ti o meu poder." Isso não significa que Deus lhe deu uma existência para esse propósito; mas sua providência anulou os eventos de tal maneira que um tirano rebelde como o Faraó deveria estar no trono do Egito no momento em que Deus libertaria os hebreus. Para esse propósito, sua vida havia sido preservada, embora ele tivesse justamente perdido a misericórdia de Deus por seus crimes. Deus achou por bem poupar sua vida, para manifestar, por meio de sua teimosia, suas maravilhas na terra do Egito. Ele faria com que a rebelião de Faraó contra ele fosse a ocasião para multiplicar as evidências de seu poder para o bem de seu povo, e para que seu nome fosse magnificado diante dos egípcios e levado ao conhecimento daqueles que depois viveriam na terra. A disposição dos eventos é de sua providência. Ele poderia ter colocado um rei mais misericordioso sobre o trono do Egito, que não ousaria persistir em sua rebelião com a demonstração do grande poder de Deus manifestado diante dele como foi diante de Faraó. Mas então os propósitos de Deus não teriam sido cumpridos. Seu povo teria sido enganado em relação à pecaminosidade da idolatria dos egípcios, e não teria experimentado em si mesmo a crueldade de coração duro que os egípcios idólatras podiam praticar. Deus manifestaria diante deles que odeia a idolatria e que punirá a crueldade e a opressão onde quer que existam.

Embora muitos dos israelitas tivessem se corrompido pela idolatria, os fiéis permaneceram firmes. Eles não esconderam sua fé, mas reconheceram abertamente diante dos egípcios que serviam ao único Deus vivo e verdadeiro. Eles ensaiaram as evidências da existência e poder de Deus desde a criação. Os egípcios tiveram a oportunidade de se familiarizar com a fé dos hebreus e seu Deus. Eles tentaram subverter os fiéis adoradores do Deus verdadeiro, e ficaram aborrecidos porque não conseguiram, seja por ameaças, promessa de recompensas, seja por tratamento cruel.

Os dois últimos reis que ocuparam o trono do Egito foram tirânicos e imploraram cruelmente aos hebreus. Os anciãos de Israel haviam se esforçado para encorajar a fé que afundava dos israelitas, referindo-se à promessa feita a Abraão e às palavras proféticas de José pouco antes de morrer, predizendo sua libertação do Egito. Alguns ouviriam e acreditariam. Outros olhavam para sua própria condição triste e não esperavam. Os egípcios

havia aprendido as expectativas dos filhos de Israel, e zombavam de suas esperanças de libertação, e falavam com desprezo do poder de seu Deus. Eles os apontaram para sua própria situação como um povo, como meramente uma nação de escravos, e zombeteiros disseram a eles: Se o seu Deus é tão justo e misericordioso, e possui poder acima dos deuses egípcios, por que ele não faz de vocês um povo livre? Por que não manifestar sua grandeza e poder, e exaltar você? Os egípcios então chamaram a atenção dos israelitas para seu próprio povo que adorava deuses de sua própria escolha, que os israelitas chamavam de falsos deuses. Eles exultantes disseram que seus deuses os haviam prosperado, e lhes deram comida, roupas e grandes riquezas; e que seus deuses também haviam entregado os israelitas em suas mãos para servi-los, e que eles tinham poder para oprimir-los e destruir suas vidas, para que não fossem um povo. Eles ridicularizavam a ideia de que os hebreus seriam libertados da escravidão.

Faraó se gabou de que gostaria de ver o Deus deles livrá-los de suas mãos. Essas palavras destruíram as esperanças de muitos dos filhos de Israel. Parecia-lhes muito como o rei e seus conselheiros haviam dito. Eles sabiam que eram tratados como escravos e que deveriam suportar exatamente aquele grau de opressão que seus capatazes e governantes poderiam colocar sobre eles. Seus filhos homens foram caçados e mortos. Suas próprias vidas eram um fardo; e eles estavam acreditando e adorando o Deus do Céu. Então eles contrastaram sua condição com a dos egípcios. Eles não acreditavam em um Deus vivo, que tinha poder para salvar ou destruir. Alguns deles adoravam ídolos, imagens feitas de madeira e pedra, enquanto outros preferiam adorar o sol, a lua e as estrelas; no entanto, eles eram prósperos e ricos. E alguns dos hebreus pensavam que se Deus estivesse acima de todos os deuses, ele não os deixaria como escravos de uma nação idólatra.

Os fiéis servos de Deus entenderam que foi por causa de sua infidelidade a Deus como um povo, e sua disposição de se casar com outras nações, e assim serem levados à idolatria, que o Senhor permitiu que fossem para o Egito. E eles declararam firmemente a seus irmãos que Deus logo os tiraria do Egito e quebraria seu jugo opressivo.

Na libertação de Israel do Egito, Deus mostrou claramente sua distinta misericórdia para com seu povo, diante de todos os egípcios. Deus achou por bem executar seus julgamentos sobre Faraó, para que ele soubesse por triste experiência, pois de outra forma não se convenceria, que seu poder era superior a todos os outros. Para que seu nome fosse declarado em toda a terra, ele daria provas exemplares e demonstrativas a todas as nações de seu poder e justiça divinos. Era o desígnio de Deus que essas exhibições de poder fortalecessem a fé de seu povo, e que sua posteridade adorasse firmemente somente a Ele que havia realizado tais maravilhas misericordiosas em seu favor.

O milagre da vara se tornar uma serpente, e o rio se transformar em sangue, não comoveu o duro coração de Faraó, apenas para aumentar seu ódio pelos israelitas. O trabalho dos magos o levou a acreditar que esses milagres eram realizados por magia; mas ele tinha evidências abundantes de que esse não era o caso quando a praga das rãs foi removida. Deus poderia tê-los feito desaparecer e voltar ao pó em um momento; mas ele não fez isso, para que, depois de serem removidos, o rei e os egípcios dissessem que era o resultado da magia, como o trabalho dos magos. Eles morreram, e então os reuniram em montes. Seus corpos eles podiam ver diante deles, e eles corrompiam a atmosfera. Aqui o rei, e todo o Egito, tinham evidências que sua vã filosofia não podia descartar, que esta obra não era mágica, mas um julgamento do Deus do Céu.

Os magos não conseguiram produzir os piolhos. O Senhor não permitiria que fizessem parecer à sua própria vista, ou à dos egípcios, que poderiam produzir a praga dos piolhos.

Ele removeria toda desculpa de incredulidade do Faraó. Ele obrigou até os próprios magos a dizerem: "Este é o dedo de Deus".

Em seguida veio a praga dos enxames de moscas. Não eram moscas que nos incomodam inofensivamente em algumas estações do ano; mas as moscas trazidas ao Egito eram grandes e venenosas. Sua picada foi muito dolorosa para homens e animais. Deus separou seu povo dos egípcios e não permitiu que moscas aparecessem em suas costas.

O Senhor então enviou a praga da murrain sobre seu gado, e ao mesmo tempo preservou o gado dos hebreus, para que nenhum deles morresse. Em seguida veio a praga do furúnculo sobre homens e animais, e os magos não puderam se proteger dela. O Senhor então enviou sobre o Egito a praga da saraiva misturada com fogo, com relâmpagos e trovões. O tempo de cada praga foi dado antes de acontecer, para que não se diga que aconteceu por acaso. O Senhor demonstrou aos egípcios que toda a terra estava sob o comando do Deus dos hebreus - que trovões, granizo e tempestade obedecem à sua voz. Faraó, o rei orgulhoso que certa vez perguntou: "Quem é o Senhor para que eu obedeça à sua voz?" humilhou-se e disse: "Pequei. O Senhor é justo, e eu e meu povo somos ímpios". Ele implorou a Moisés para ser seu intercessor junto a Deus, para que os terríveis trovões e relâmpagos cessassem.

Em seguida, o Senhor enviou a terrível praga dos gafanhotos. O rei escolheu receber as pragas em vez de se submeter a Deus. Sem remorso, ele vê todo o seu reino sob o milagre desses terríveis julgamentos. O Senhor então enviou trevas sobre o Egito. As pessoas não estavam apenas privadas de luz, mas a atmosfera era muito opressiva, de modo que a respiração era difícil; no entanto, os hebreus tinham uma atmosfera pura e luz em suas habitações. Mais uma praga terrível que Deus trouxe sobre o Egito, mais severa do que qualquer outra antes dela. Foi o rei e seus sacerdotes idólatras que se opuseram ao último pedido de Moisés. O povo desejava que os hebreus pudessem deixar o Egito. Moisés relatou ao Faraó, e ao povo do Egito, também aos israelitas, a natureza e o efeito da última praga. Naquela noite, tão terrível para os egípcios e tão gloriosa para o povo de Deus, foi instituída a solene ordenança da páscoa.

Foi muito difícil para o rei egípcio e um povo orgulhoso e idólatra ceder às exigências do Deus do Céu. Muito lento foi o rei do Egito a ceder. Enquanto sob a mais grave aflição, ele cederia um pouco; mas quando a aflição fosse removida, ele retiraria tudo o que havia concedido. Assim, praga após praga foi trazida ao Egito, e ele não cedeu mais do que foi compelido pelas terríveis visitas da ira de Deus. O rei ainda persistiu em sua rebelião depois que o Egito foi arruinado. Moisés e Arão relataram ao Faraó a natureza e o efeito de cada praga que deveria seguir sua recusa em deixar Israel ir. Todas as vezes, ele viu essas pragas virem exatamente como lhe disseram que viriam; ainda assim ele não cederia. Primeiro, ele apenas lhes daria permissão para sacrificar a Deus na terra do Egito; então, depois que o Egito sofreu pela ira de Deus, ele concedeu que apenas os homens fossem. Depois que o Egito quase foi destruído pela praga dos gafanhotos, então ele concedeu que seus filhos e suas esposas também fossem; mas não deixou seu gado ir. Moisés então disse ao rei que o anjo de Deus mataria seus primogênitos.

Cada praga havia chegado um pouco mais perto e mais severa, e isso seria mais terrível do que qualquer outro antes. Mas o orgulhoso rei ficou muito zangado e não se humilhou. E quando os egípcios viram os grandes preparativos sendo feitos entre os israelitas para aquela noite terrível, eles ridicularizaram o sinal de sangue em suas ombreiras. Mas quando os egípcios, desde o rei em seu trono até o servo mais humilde, foram afligidos, e seus primogênitos foram mortos, então houve pranto em todo o Egito. Então Faraó lembrou-se de sua orgulhosa jactância: "Quem é o Senhor, para que eu obedeça à sua voz para deixar ir

Israel? Eu não conheço o Senhor, nem deixarei Israel ir". Ele se humilhou, e foi com seus conselheiros e seus chefes às pressas para Gósen, e se curvou diante de Moisés e Arão, e ordenou-lhes que fossem e servissem ao seu Deus. Seus rebanhos e manadas também deveriam ir, como haviam solicitado. Eles imploraram para que fossem embora, temendo que se continuassem por mais tempo, seriam todos como homens mortos. Faraó também rogou a Moisés que o abençoasse, pensando na época que uma bênção do servo de Deus o protegeria dos efeitos adicionais da terrível praga.

Os israelitas deixaram o Egito às pressas, mas em ordem. Eles foram divididos em vários corpos, e cada divisão tinha seu líder. A obstinação de Faraó era tal que, depois de terem enterrado seus mortos e visto que os terríveis juízos de Deus haviam cessado, ele se arrependeu de ter dado permissão a Moisés para partir. Os egípcios se arrependeram de terem sido tão tolos a ponto de pensar que a morte de seus primogênitos era resultado do poder de Deus. Eles perguntaram com amargura uns aos outros: "Por que fizemos isso e deixamos Israel deixar de nos servir?" Faraó preparou um exército bem equipado, composto dos sacerdotes de seus deuses ídolos, e dos governantes, e de todos os grandes homens de seu reino. Eles achavam que se seus padres os acompanhassem, eles teriam mais certeza do sucesso. Os mais poderosos do Egito foram selecionados para intimidar os israelitas com a grande demonstração de seu poder e grandeza. Eles pensavam que quando a notícia chegasse a outras nações, que fossem compelidos a ceder ao poder do Deus de Israel, a quem desprezaram, seriam vistos com escárnio. Mas se eles fossem com grande pompa e trouxessem Israel de volta com força, eles redimiriam sua glória e também teriam os serviços dos filhos de Israel novamente. Eles alcançaram os hebreus no Mar Vermelho. Este lugar foi designado para a última demonstração do poder de Deus diante dos apaixonados egípcios. De manhã, eles chegaram ao Mar Vermelho e viram o exército hebreu andando por um caminho seco preparado para eles no mar, enquanto altos muros de água estavam de ambos os lados, congelados pelo poder de Deus. Essa exibição do poder de Deus só aumentou seus sentimentos de rebelião; e eles resistiram por tanto tempo a tais manifestações, que foram endurecidos; e em sua cegueira, precipitaram-se no caminho que Deus preparou milagrosamente para seu povo. Então se cumpriram as palavras que o Senhor falou a Moisés: "E contra todos os deuses do Egito executarei juízo. Eu sou o Senhor". O julgamento de Deus foi manifestado na destruição total do exército egípcio.

CAPÍTULO XIX.

SUAS VIAGENS.

OS FILHOS de Israel viajaram pelo deserto e, por três dias, não encontraram água boa para beber. Eles sofriam de sede: "E o povo murmurou contra Moisés, dizendo: Que havemos de beber? ali os fez um estatuto e uma ordenança, e ali os provou, e disse: Se diligentemente ouvires a voz do Senhor teu Deus, e fizeres o que é reto aos seus olhos, e te der ouvir os seus mandamentos e guardar todos os seus estatutos, não porei sobre ti nenhuma destas doenças que trouxe sobre os egípcios, porque eu sou o Senhor que te sara". Os filhos de Israel pareciam possuir um coração perverso de incredulidade. Eles não estavam dispostos a suportar dificuldades no deserto. Quando encontravam dificuldades no caminho, as consideravam como impossibilidades. Sua confiança em Deus falharia, e eles não podiam ver nada diante deles a não ser a morte. "E toda a congregação dos filhos de Israel murmurou contra Moisés e Arão no deserto. E os filhos de Israel lhes disseram: Quisera Deus tivéssemos morrido pela mão do Senhor na terra do Egito, quando estávamos as

panelas de carne, e quando comemos o pão a fartar, porque nos trouxestes a este deserto para matar de fome toda esta assembléia”.

Eles não tinham realmente sofrido as dores da fome. Eles tinham comida para o presente, mas temiam pelo futuro. Eles não podiam ver como o exército de Israel deveria subsistir, em suas longas viagens pelo deserto, com a comida simples que eles tinham, e em sua incredulidade eles viram seus filhos famintos. O Senhor estava desejando que eles fossem reduzidos em seu alimento, e que eles encontrassem dificuldades, que seus corações se voltassem para aquele que até então os havia ajudado, para que pudessem acreditar nele. Ele estava pronto para ser para eles uma ajuda presente. Se, em sua necessidade, eles o invocassem, ele lhes manifestaria sinais de seu amor e cuidado contínuo. Mas eles pareciam não estar dispostos a confiar no Senhor mais do que podiam testemunhar diante de seus olhos as contínuas evidências de seu poder. Se tivessem possuído fé verdadeira e uma firme confiança em Deus, inconvenientes e obstáculos, ou mesmo sofrimento real, teriam sido suportados alegremente, depois que o Senhor operou de maneira tão maravilhosa para sua libertação da servidão. Além disso, o Senhor prometeu a eles que se obedecessem a seus mandamentos, nenhuma doença deveria cair sobre eles; pois ele diz: "Eu sou o Senhor que te sara".

Depois dessa promessa segura de Deus, foi uma incredulidade criminosa da parte deles prever que eles mesmos e os filhos poderiam morrer de fome. Eles sofreram muito no Egito por serem sobrecarregados de trabalho. Seus filhos foram mortos e, em resposta às suas orações de angústia, Deus os libertou misericordiosamente. Ele prometeu ser o Deus deles, levá-los para si como um povo e levá-los a uma terra grande e boa. Mas eles estavam prontos para desmaiar com qualquer sofrimento que tivessem de suportar no caminho para aquela terra. Eles haviam suportado muito no serviço dos egípcios, mas agora não podiam suportar o sofrimento no serviço de Deus. Eles estavam prontos para desistir de dúvidas sombrias e afundar no desânimo, quando foram provados. Murmuraram contra o devotado servo de Deus, Moisés, e o acusaram de todas as suas provações, e expressaram um desejo perverso de que tivessem permanecido no Egito, onde pudessem sentar-se junto às panelas de carne e comer pão até fartar.

A incredulidade e as murmurações dos filhos de Israel ilustram o povo de Deus agora sobre a Terra. Muitos olham para eles e se maravilham com sua incredulidade e contínuas murmurações, depois que o Senhor fez tanto por eles, dando-lhes repetidas evidências de Seu amor e cuidado por eles. Eles pensam que não deveriam ter se mostrado tão ingratos. Mas alguns que assim pensam, murmuram e se queixam de coisas de menor importância. Eles não se conhecem. Deus freqüentemente os prova e prova sua fé em pequenas coisas; e eles não suportam a provação melhor do que o antigo Israel.

Muitos têm suas necessidades presentes supridas, mas não confiarão no Senhor para o futuro. Eles manifestam incredulidade e afundam em desânimo e melancolia, diante da necessidade antecipada. Alguns estão em problemas contínuos para que não venham a ter necessidade, e seus filhos sofram. Quando surgem dificuldades, ou quando são levados a situações difíceis - quando sua fé e seu amor a Deus são testados - eles se esquivam da provação e murmuram sobre o processo pelo qual Deus escolheu purificá-los. O amor deles não se mostra puro e perfeito, para suportar todas as coisas. A fé do povo do Deus do Céu deve ser forte, ativa e duradoura — a substância das coisas que se esperam. Então a linguagem de tais será, Bendize o Senhor, ó minha alma, e tudo o que está dentro de mim, bendiga o seu santo nome; porque ele me tratou generosamente. A abnegação é considerada por alguns como um sofrimento real. Apetites depravados são satisfeitos. E uma restrição sobre o apetite doentio levaria até mesmo muitos cristãos professos a recomeçar agora,

como se a fome real fosse a consequência de uma dieta simples. E, como os filhos de Israel, eles prefeririam a escravidão, corpos doentes e até a morte, a serem privados dos potes de carne. Pão e água é tudo o que é prometido ao remanescente no tempo de angústia.

"E quando o orvalho que havia subido, eis que sobre a face do deserto jazia uma pequena coisa redonda, tão pequena como a geada, no chão. E quando os filhos de Israel viram isso, disseram um a outro: É maná, porque não sabiam o que era. E disse-lhes Moisés: Este é o pão que o Senhor vos deu a comer; isto é o que o Senhor ordenou: Colhei dele cada um, segundo o que comer, um ômer para cada homem, segundo o número de vossas pessoas; tomai cada um para os que estão em suas tendas.

"E assim fizeram os filhos de Israel, e colheram, uns mais, outros menos. E, quando deram um ômer, ao que muito colheu nada sobrou, e ao que pouco colheu não faltou. Eles ajuntaram cada um segundo para comer. E disse Moisés: Ninguém a deixe até pela manhã. Contudo, eles não deram ouvidos a Moisés, mas alguns deles deixaram até pela manhã, e deu vermes e cheirava mal. E Moisés indignou-se com eles. ... E eles o recolhiam todas as manhãs, cada homem de acordo com sua alimentação, e quando o sol se aqueceu, ele derreteu.

"E aconteceu que no sexto dia colheram o dobro do pão, dois gomos para um homem. E vieram todos os príncipes da congregação e anunciaram a Moisés. E ele lhes disse: Isto é o que o Senhor tem disse: Amanhã é o descanso do santo sábado para o Senhor. Assa o que você vai assar hoje, e coza o que você vai cozer; e o que sobrar, guarde para você, para ser guardado até o E a puseram até pela manhã, como Moisés ordenara, e não cheirava mal, nem havia bicho nela. E Moisés disse: Coma hoje, porque hoje é sábado ao Senhor. -dia não o achareis no campo. Seis dias o colhereis, mas no sétimo dia, que é o sábado, nele não haverá".

O Senhor não é menos específico agora em relação ao seu sábado, do que quando deu as instruções especiais anteriores aos filhos de Israel. Ele exigia que assassem o que iriam assar, e fervessem (isto é, fervessem) o que fervessem, no sexto dia, preparatório para o descanso do sábado. Aqueles que negligenciam a preparação para o sábado no sexto dia, e que cozinham no sábado, violam o quarto mandamento e são transgressores da lei de Deus. Todos os que estão realmente ansiosos para observar o sábado de acordo com o mandamento, não cozinharão nenhum alimento no sábado. Eles vão, no temor daquele Deus que deu sua lei do Sinai, negar a si mesmos e comer comida preparada no sexto dia, mesmo que não seja tão saborosa. Deus proibiu os filhos de Israel de assar e cozinhar no sábado. Essa proibição deve ser considerada por todos os observadores do sábado, como uma ordem solene de Jeová para eles. O Senhor protegeria seu povo de se entregar à gula no sábado, que ele reservou para meditação e adoração sagradas.

O sábado do Senhor é um dia de descanso do trabalho; e a dieta nesse dia deve ser mais simples, e em menor quantidade, do que nos seis dias de trabalho, porque não temos aquele exercício no sábado que temos nos outros dias da semana. Muitos têm errado em não praticar a abnegação no sábado. Ao participar de refeições completas, como nos seis dias de trabalho, suas mentes ficam obscurecidas; são estúpidos e muitas vezes sonolentos; alguns sofrem com dor de cabeça. Esses não têm sentimentos verdadeiramente devocionais sobre o sábado, e a bênção que repousa sobre o sábado não prova uma bênção para eles. Os doentes e sofredores requerem cuidado e atenção no sábado, bem como nos outros seis dias da semana; e pode ser necessário para seu conforto preparar alimentos e bebidas quentes no sábado. Nesses casos, não é violação do quarto mandamento torná-los o mais confortável possível. O grande Legislador é um Deus de compaixão, bem como de justiça.

Deus manifestou seu grande cuidado e amor por seu povo enviando-lhes pão do céu. "O homem comeu a comida dos anjos"; isto é, comida fornecida a eles pelos anjos. O triplo milagre do maná - uma quantidade dobrada no sexto dia, e nenhuma no sétimo, e sua manutenção fresca durante o sábado, enquanto nos outros dias se tornaria impróprio para uso - foi projetado para impressioná-los com a santidade do sábado. Depois de terem sido abundantemente supridos de alimentos, ficaram envergonhados de sua incredulidade e murmurações, e prometeram confiar no Senhor para o futuro; mas eles logo esqueceram sua promessa e falharam na primeira prova de sua fé. Partiram do deserto de Sim e acamparam em Refidim, e não havia água para o povo beber. "Pelo que o povo brigou com Moisés, e disse: Dá-nos água para bebermos. E Moisés disse-lhes: Por que repreendeis comigo? Por que tentais o Senhor? E o povo ali teve sede de água; e o O povo murmurou contra Moisés, e disse: Por que é isto que nos tiraste do Egito, para matar de sede nós, nossos filhos e nosso gado? E Moisés clamou ao Senhor, dizendo: Que farei a este povo? Eles estão quase prontos para me apedrejar. E o Senhor disse a Moisés: Vai adiante do povo, e toma contigo dos anciãos de Israel; e a tua vara com que feriste o rio, toma na tua mão, e vai. , estarei ali diante de ti sobre a rocha em Horebe, e ferirás a rocha, e dela sairá água, para que o povo beba. chamou o nome do lugar Massá e Meribá, por causa da repreensão dos filhos de Israel, e porque eles tentam d o Senhor, dizendo: O Senhor está no meio de nós ou não?"

Deus orientou os filhos de Israel a acamparem naquele lugar, onde não havia água, para prová-los, para ver se olhariam para ele em sua angústia ou murmurariam como haviam feito anteriormente. Em vista do que Deus havia feito por eles em sua maravilhosa libertação, eles deveriam ter acreditado nele em sua angústia. Eles deveriam saber que ele não permitiria que perecessem de sede, a quem ele havia prometido tomar para si como seu povo. Mas, em vez de suplicar humildemente ao Senhor para suprir suas necessidades, murmuraram contra Moisés e exigiram dele água. Deus estava continuamente manifestando seu poder de uma maneira maravilhosa diante deles, para fazê-los entender que todos os benefícios que recebiam vinham dele; que ele poderia dá-los, ou removê-los, de acordo com sua própria vontade. Às vezes eles tinham plena consciência disso e se humilhavam grandemente diante do Senhor; mas quando estavam com sede ou com fome, eles cobravam tudo sobre Moisés, como se tivessem deixado o Egito para agradá-lo. Moisés ficou magoado com seus murmúrios cruéis. Ele perguntou ao Senhor o que deveria fazer; pois o povo estava pronto para apedrejá-lo. O Senhor ordenou-lhe que fosse ferir a rocha com a vara de Deus. A nuvem de sua glória repousava diretamente diante da rocha. "caver as rochas no deserto, e deu-lhes de beber como de grandes profundezas. Ele também trouxe correntes para fora da rocha, e fez as águas correrem como rios." Moisés feriu a rocha, mas foi Cristo quem ficou ao lado dele e fez a água fluir da rocha dura. O povo tentou o Senhor em sua sede e disse: Se Deus nos trouxe aqui, por que ele não nos dá água e pão? Isso mostrou incredulidade criminosa, e fez Moisés temer que Deus os puniria por suas más murmurações. O Senhor testou a fé de seu povo, mas eles não suportaram a provação. Murmuraram por comida e água, e reclamaram de Moisés. Por causa de sua incredulidade, Deus permitiu que seus inimigos fizessem guerra contra eles, para que pudesse manifestar a seu povo de onde vem sua força.

"Então veio Amaleque, e pelejou com Israel em Refidim. E Moisés disse a Josué: Escolhe-nos homens, e sai, peleja com Amaleque. Amanhã estarei no cume do monte com a vara de Deus na minha mão. Então Josué fez como Moisés lhe dissera, e pelejou com Amaleque. E Moisés, Arão e Hur subiram ao cume do monte. E aconteceu que, levantando Moisés a mão, prevaleceu Israel. e, baixando ele a mão, prevaleceu Amaleque; mas as mãos de Moisés eram pesadas; e tomaram uma pedra e a puseram debaixo dele, e ele se sentou sobre ela; e Arão e

Hur lhe sustentaram as mãos, o que estava de um lado , e o outro do outro lado; e suas mãos permaneceram firmes até o pôr do sol”.

Moisés ergueu as mãos para o céu, com a vara de Deus na mão direita, suplicando a ajuda de Deus. Então Israel prevaleceu e expulsou seus inimigos. Quando Moisés baixou as mãos, viu-se que Israel logo perdeu tudo o que havia conquistado e estava sendo vencido por seus inimigos. Moisés novamente ergueu as mãos para o céu, e Israel prevaleceu, e o inimigo foi repellido.

Este ato de Moisés estendendo suas mãos para Deus, foi para ensinar a Israel que enquanto eles confiassem em Deus, e se apegassem à sua força, e exaltassem seu trono, ele lutaria por eles e subjugaria seus inimigos. Mas quando eles abandonassem sua força e confiassem em seu próprio poder, seriam ainda mais fracos do que seus inimigos, que não tinham o conhecimento de Deus, e seus inimigos prevaleceriam sobre eles. Então "Josué desbaratou Amaleque e seu povo com o fio da espada. E o Senhor disse a Moisés: Escreve isto para memória num livro, e relata-o nos carros de Josué; de debaixo do céu. E Moisés edificou um altar, e chamou-lhe o nome de Jeová-Nissi, porque disse: Porque o Senhor jurou que o Senhor fará guerra contra Amaleque de geração em geração”. Se os filhos de Israel não tivessem murmurado contra o Senhor, ele não teria permitido que seus inimigos fizessem guerra contra eles.

Antes de Moisés deixar o Egito, ele enviou sua esposa e filhos de volta para seu sogro. E depois que Jetro ouviu falar da maravilhosa libertação dos israelitas do Egito, ele visitou Moisés no deserto e trouxe sua esposa e filhos para ele. "E Moisés saiu ao encontro de seu sogro, e inclinou-se, e beijou-o; e eles se perguntaram sobre seu bem-estar, e entraram na tenda. E Moisés contou a seu sogro tudo o que o Senhor fizera a Faraó e aos egípcios por amor de Israel, e todo o trabalho que lhes sobreviera no caminho, e como o Senhor os livrara. que ele livrou da mão dos egípcios, e Jetro disse: Bendito seja o Senhor, que Lath vos livrou da mão dos egípcios, e da mão de Faraó, que livrou o povo da mão dos egípcios; agora eu sei que o Senhor é maior do que todos os deuses, porque no que eles fizeram soberbamente, ele estava acima deles. E Jetro, sogro de Moisés, tomou holocausto e sacrifícios para Deus . E veio Arão, e todos os anciãos de Israel, a comer pão com o sogro de Moisés diante de Deus”.

O olho perspicaz de Jetro logo viu que os encargos sobre Moisés eram muito grandes, pois o povo lhe trazia todos os seus assuntos de dificuldade, e ele os instruía com relação aos estatutos e à lei de Deus. Ele disse a Moisés: "Ouve agora a minha voz. Eu te darei conselho, e Deus será contigo. Sê tu pelo povo diante de Deus, para que tragas as causas a Deus. E tu lhes ensinarás ordenanças. e leis, e mostrar-lhes-ás o caminho por onde devem andar e a obra que devem fazer; e, de todo o povo, proverás de todo o povo homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza; e sobre eles, por maiores de mil, maiores de cem, maiores de cinquenta e maiores de dez. E julguem o povo em todos os tempos. E será que todo grande negócio eles te trarão; mas pequena coisa eles julgarão. Assim será mais fácil para ti, e eles levarão o fardo contigo. Se fizeres isso, e Deus te ordenar, então poderás suportar, e todo este povo também vá para o seu lugar em paz. Então Moisés deu ouvidos à voz de seu sogro, e fez tudo o que era ajuda. E Moisés escolheu homens capazes de todo o Israel, e os fez cabeças sobre o povo, chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez. E eles julgavam o povo em todas as estações. As causas difíceis eles trouxeram a Moisés, mas cada pequena questão eles julgaram a si mesmos. E Moisés deixou seu sogro partir; e ele foi para a sua própria terra”.

Moisés não estava acima de ser instruído por seu sogro. Deus o exaltou grandemente e fez maravilhas por sua mão. No entanto, Moisés não raciocinou que Deus o havia escolhido para instruir os outros e havia realizado coisas maravilhosas por sua mão, e, portanto, ele não precisava ser instruído. Ele ouviu de bom grado as sugestões de seu sogro e adotou seu plano como um arranjo sábio.

CAPÍTULO XX.

A LEI DE DEUS.

DEPOIS que os filhos de Israel deixaram Refidim, eles chegaram ao "deserto do Sinai, e se acamparam no deserto; e ali Israel acampou diante do monte. E Moisés subiu a Deus, e o Senhor o chamou do monte, dizendo: Assim dirás à casa de Jacó, e dirás aos filhos de Israel: Vistes o que fiz aos egípcios, e como vos carreguei sobre asas de águias, e vos trouxe a mim. ouvireis a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis para mim um tesouro peculiar acima de todos os povos, porque toda a terra é minha, e vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa. as palavras que dirás aos filhos de Israel. E veio Moisés e chamou os anciãos do povo, e pôs diante deles todas estas palavras que o Senhor lhe ordenara. E todo o povo respondeu ao mesmo tempo e disse: Tudo o que o Senhor falou, faremos. E Moisés devolveu as palavras do povo ao L ordem."

O povo aqui entrou em uma aliança solene com Deus e o aceitou como seu governante, pelo qual eles se tornaram os súditos peculiares de sua autoridade divina. "E disse o Senhor a Moisés: Eis que venho a ti numa nuvem espessa, para que o povo ouça quando falo contigo e creia em ti para sempre." Quando os hebreus encontraram dificuldades no caminho, eles se dispuseram a murmurar contra Moisés e Arão e acusá-los de levar o exército de Israel do Egito para destruí-los. Deus honraria Moisés diante deles, para que pudessem ser levados a confiar em suas instruções e saber que ele havia colocado seu Espírito sobre ele.

O Senhor então deu a Moisés instruções expressas a respeito de preparar o povo para que ele se aproximasse deles, para que ouvissem sua lei falada, não por anjos, mas por ele mesmo. "E disse o Senhor a Moisés: vai ao povo, e santifica-o hoje e amanhã, e lavem as suas vestes, e preparem-se para o terceiro dia; porque ao terceiro dia descera o Senhor no vista de todo o povo no monte Sinai". O povo era obrigado a abster-se de trabalhos e cuidados mundanos, e possuir pensamentos devocionais. Deus exigiu que eles também lavassem suas roupas. Ele não é menos exigente agora do que era então. Ele é um Deus de ordem, e requer que seu povo agora na Terra observe hábitos de estrita limpeza. E aqueles que adoram a Deus com roupas e pessoas impuras, não se apresentam diante dele de maneira aceitável. Ele não está satisfeito com sua falta de reverência por ele, e ele não aceitará o serviço de adoradores imundos, pois eles insultam seu Criador. O Criador dos céus e da terra considerou a limpeza de tanta importância que disse: "E que lavem suas roupas".

"E porás limites ao povo em redor, dizendo: Guardai-vos, que não subais ao monte, nem toqueis nos seus limites; quem tocar no monte certamente morrerá. mão tocará, mas certamente será apedrejado, ou fuzilado; seja animal ou homem, não viverá. Quando a trombeta soar longamente, subirão ao monte". Esta ordem foi projetada para impressionar as mentes deste povo rebelde com uma profunda veneração por Deus, o autor e autoridade de suas leis.

"E aconteceu que, ao terceiro dia pela manhã, houve trovões e relâmpagos, e uma espessa nuvem sobre o monte, e a voz da trombeta mui forte, de modo que todo o povo que estava

no arraial estremeceu. " A hoste angelical que atendeu a divina Majestade convocou o povo com um som semelhante ao de uma trombeta, que foi ficando cada vez mais alto até que toda a terra tremeu.

"E Moisés tirou o povo do arraial ao encontro de Deus, e puseram-se na parte inferior do monte. E o monte Sinai estava todo fumegante, porque o Senhor desceu sobre ele em fogo; e a sua fumaça subiu como a fumaça de uma fornalha, e todo o monte estremeceu muito". A divina Majestade desceu em uma nuvem com um glorioso séquito de anjos, que apareceram como chamas de fogo.

"E quando a voz da trombeta soou longamente, e aumentou cada vez mais alto, Moisés falou, e Deus lhe respondeu por uma voz. E o Senhor desceu sobre o monte Sinai, no cume do monte, e o Senhor chamou Moisés para cima ao cume do monte; e Moisés subiu. E disse o Senhor a Moisés: Desce, dá ordens ao povo, para que não cheguem ao Senhor a olhar, e muitos deles pereçam. E também os sacerdotes, que vêm perto do Senhor, santifiquem-se, para que o Senhor não irrompa sobre eles. Assim o Senhor, em terrível grandeza, fala sua lei do Sinai, para que o povo creia. Ele então acompanha a entrega de sua lei com exibições sublimes de sua autoridade. , para que saibam que ele é o único Deus vivo e verdadeiro. Não foi permitido a Moisés entrar na nuvem de glória, mas apenas aproximar-se e entrar nas densas trevas que a cercavam. E ele ficou entre o povo e o Senhor.

Depois que o Senhor lhes deu tais evidências de seu poder, ele lhes diz quem ele é: "Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão." O mesmo Deus que exaltou seu poder entre os egípcios, agora fala sua lei:

"Não terás outros deuses diante de mim.

"Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te prostrarás a elas, nem os sirvo; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam, e faço misericórdia a milhares daqueles que me amam e guardam meus mandamentos .

"Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão; porque o Senhor não terá por inocente aquele que tomar o seu nome em vão.

"Lembra-te do dia de sábado, para o santificar; seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra; mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; nele não farás nenhuma obra, nem tu nem teu filho. , nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu gado, nem o estrangeiro que está dentro das tuas portas; porque em seis dias fez o Senhor o céu e a terra, o mar e tudo o que neles há, e descansou no dia de sábado; por isso o Senhor abençoou o dia de sábado, e o santificou.

"Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá.

"Não matarás.

"Não cometerás adultério. "Não roubarás.

"Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

"Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo."

O primeiro e o segundo mandamentos proferidos por Jeová são preceitos contra a idolatria; pois a idolatria, se praticada, levaria os homens ao pecado e à rebelião, e resultaria na oferta de sacrifícios humanos. Deus se protegeria contra a menor aproximação de tais abominações. Os primeiros quatro mandamentos foram dados para mostrar aos homens seu dever para com Deus. O quarto é o elo de ligação entre o grande Deus e o homem. O sábado, especialmente, foi dado para o benefício do homem e para a honra de Deus. Estes últimos seis preceitos mostram o dever do homem para com seu próximo.

O sábado deveria ser um sinal entre Deus e seu povo para sempre. Desta maneira deveria ser um sinal – todos os que observassem o sábado, significado por tal observância que eles eram adoradores do Deus vivo, o criador dos céus e da terra. O sábado deveria ser um sinal entre Deus e seu povo enquanto ele tivesse um povo na terra para servi-lo.

“E todo o povo viu os trovões, e os relâmpagos, e o barulho da trombeta, e o monte fumegando; e, vendo o povo, eles se afastaram e ficaram de longe. E disseram a Moisés: Fala conosco, e nós ouviremos; mas não fale Deus conosco, para que não morramos. E Moisés disse ao povo: Não temais, porque Deus veio provar-vos, e para que o seu temor esteja diante de vossas faces, para que não pequeis. E o povo ficou de longe, e Moisés se aproximou da densa escuridão onde estava Deus. E o Senhor disse a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: Vós vistes que do céu falei convosco. A majestosa presença de Deus no Sinai e as comoções na terra ocasionadas por sua presença, os temíveis trovões e relâmpagos que acompanharam esta visita de Deus, impressionaram tanto as mentes do povo com medo e reverência à sua sagrada majestade, que eles instintivamente atraíram de volta da terrível presença de Deus, para que não sejam capazes de suportar sua terrível glória.

Novamente, Deus protegeria os filhos de Israel da idolatria. Ele lhes disse: "Não fareis comigo deuses de prata, nem fareis para vós deuses de ouro." Eles corriam o risco de imitar o exemplo dos egípcios e fazer para si imagens para representar Deus.

O Senhor disse a Moisés: "Eis que envio um anjo adiante de ti, para te guardar no caminho e te levar ao lugar que preparei. Acautela-te dele, obedece à sua voz, não o provoque, porque ele não perdoarei as vossas transgressões, porque nele está o meu nome, mas se ouvirdes a sua voz e fizerdes tudo o que eu disser, serei inimigo dos vossos inimigos e adversário dos vossos adversários, porque o meu anjo vá adiante de ti, e te leve aos amorreus, e aos heteus, e aos ferezeus, e aos cananeus, e aos heveus e aos jebuseus; e eu os exterminarei". O anjo que foi antes de Israel era o Senhor Jesus Cristo. "Não te encurvarás aos seus deuses, nem os servirás, nem farás segundo as suas obras; mas os destruirás totalmente, e derribarás as suas imagens. E servireis ao Senhor vosso Deus, e ele abençoará o vosso pão, e a tua água; e tirarei do meio de ti as enfermidades".

Deus queria que seu povo entendesse que somente ele deveria ser o objeto de sua adoração; e quando eles deveriam vencer as nações idólatras ao seu redor, eles não deveriam preservar nenhuma das imagens de sua adoração, mas destruí-los completamente. Muitas dessas divindades pagãs eram muito caras e de belo acabamento, o que poderia tentar aqueles que testemunharam a adoração de ídolos, tão comuns no Egito, a até mesmo considerar esses objetos sem sentido com algum grau de reverência. O Senhor queria que seu povo soubesse que era por causa da idolatria dessas nações, que os havia levado a todos os graus de maldade, que ele usaria os israelitas como seus instrumentos para puni-los e destruir seus deuses.

"Enviarei o meu temor adiante de ti, e destruirei todo o povo a quem vieres, e farei com que todos os teus inimigos voltem as costas para ti; e enviarei vespas adiante de ti, que expulsarão os heveus, os os cananeus e os heteus de diante de ti; não os lançarei fora de

diante de ti em um ano, para que a terra não fique desolada, e os animais do campo se multipliquem contra ti. Pouco a pouco os expulsarei de diante de ti. a ti, até que te engrandeças e possuas a terra; e estabelecerei os teus limites desde o Mar Vermelho até ao mar dos filisteus, e desde o deserto até ao rio; porque entregarei os moradores da terra nas tuas mãos. , e os expulsarás de diante de ti; não farás aliança com eles, nem com os seus deuses; não habitarão na tua terra, para que não te façam pecar contra mim; porque se servires aos seus deuses, certamente será uma armadilha para ti."

Essas promessas de Deus ao seu povo estavam condicionadas à sua obediência. Se eles servissem ao Senhor plenamente, ele faria grandes coisas por eles. Depois que Moisés recebeu os juízos do Senhor e os escreveu para o povo, também as promessas, sob condição de obediência, o Senhor lhe disse: "Sobe ao Senhor, tu e Arão, Nadabe e Abiú, e setenta dos anciãos de Israel, e adorai de longe; e só Moisés se chegará ao Senhor, mas eles não se aproximarão, nem o povo subirá com ele. E Moisés veio e contou ao povo todas as palavras do Senhor, e todos os juízos; e todo o povo respondeu a uma só voz, e disse: Todas as palavras que o Senhor tem dito faremos".

Moisés havia escrito, não os dez mandamentos, mas os julgamentos que Deus queria que eles observassem, e as promessas com a condição de que o obedecessem. Ele leu isso para o povo, e eles se comprometeram a obedecer a todas as palavras que o Senhor havia dito. Moisés então escreveu sua promessa solene em um livro, e ofereceu sacrifício a Deus pelo povo. "E tomou o livro da aliança, e o leu na audiência do povo, e eles disseram: Tudo o que o Senhor tem dito faremos, e obedeceremos. E Moisés tomou o sangue, e o espargiu sobre o povo, e disse: Eis o sangue da aliança que o Senhor fez convosco a respeito de todas estas palavras". O povo repetiu sua promessa solene ao Senhor de fazer tudo o que ele havia dito e ser obediente.

Moisés obedeceu à ordem de Deus e levou consigo Arão, Nadabe e Abiú, com setenta dos anciãos mais influentes de Israel, que o haviam ajudado em seu trabalho, e os colocou a tal distância que pudessem contemplar a majestade do divino presença, enquanto o povo deve adorar ao pé do monte. "E viram o Deus de Israel; e debaixo de seus pés estava como uma laje de pedra de safira, e como o corpo do céu na sua claridade. E sobre os nobres dos filhos de Israel não colocou sua mão; também viram a Deus, e comeram e beberam".

Eles não contemplaram a pessoa de Deus, mas apenas a glória inexprimível que o cercava. Antes disso, se tivessem contemplado tal glória sagrada, não poderiam ter vivido, pois não estavam preparados para isso. Mas as exibições do poder de Deus os encheram de temor, o que lhes trouxe arrependimento por suas transgressões passadas. Eles amavam e reverenciavam a Deus, e estavam se purificando e contemplando sua grande glória, pureza e misericórdia, até que pudessem se aproximar dAquele que havia sido o assunto de todas as suas meditações. Deus encobriu sua glória com uma nuvem espessa, para que o povo não pudesse contemplá-la. O ofício dos anciãos que Moisés levou consigo era ajudá-lo a conduzir o exército de Israel à terra prometida. Essa obra foi de tal magnitude que Deus condescendeu em colocar seu Espírito sobre eles. Ele os honrou com uma visão mais próxima da glória que cercava sua exaltada majestade, para que pudessem com sabedoria desempenhar sua parte na obra que lhes foi designada de guiar seu povo, com seu temor e glória continuamente diante deles.

"E disse o Senhor a Moisés: Sobe a mim ao monte, e fica ali, e eu te darei tábuas de pedra, e uma lei, e mandamentos que escrevi, para que os ensines. E Moisés se levantou , e seu ministro Josué; e Moisés subiu ao monte de Deus, e disse aos anciãos: Ficai por nós aqui, até que voltemos a vós; e eis que Arão e Hur estão convosco; se alguém tiver alguma coisa a

fazer, venha a eles. E Moisés subiu ao monte, e uma nuvem cobriu o monte. E a glória do Senhor ficou sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu seis dias; e no sétimo dia chamou a Moisés do meio da nuvem; e a visão da glória do Senhor foi como fogo consumidor no cume do monte, aos olhos dos filhos de Israel. E Moisés entrou no meio da nuvem, e o levaram ao monte; e Moisés esteve no monte quarenta dias e quarenta noites”.

Nem mesmo Moisés pôde subir imediatamente ao monte; pois ele não poderia se aproximar imediatamente de Deus e suportar as exibições de sua glória. Seis dias ele estava se preparando para se encontrar com Deus. Seus pensamentos e sentimentos comuns devem ser postos de lado. Durante seis dias ele dedicou seus pensamentos a Deus e se santificou pela meditação e oração, antes que pudesse estar preparado para conversar com Deus.

Depois que o Senhor deu instruções a Moisés quanto ao santuário, ele novamente lhe deu instruções especiais com respeito ao seu sábado. E então ele entregou da nuvem com suas próprias mãos divinas as tábuas de pedra a Moisés, nas quais ele havia gravado com seu próprio dedo os dez mandamentos.

Mas enquanto Moisés recebia instruções especiais de Deus, os filhos de Israel estavam se corrompendo ao pé do monte. "E, vendo o povo que Moisés demorava a descer do monte, o povo se ajuntou a Arão, e disse-lhe: Levanta-te, faze-nos deuses, que vão adiante de nós; porque quanto a este Moisés, o homem que nos tirou da terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu. E Arão lhes disse: Quebrai os brincos de ouro que estão nas orelhas de vossas mulheres, de vossos filhos e de vossas filhas, e trazê-los a mim. E todo o povo quebrou os brincos de ouro que estavam em suas orelhas, e trouxe-os a Arão. E ele os recebeu das mãos deles, e os formou com uma ferramenta de gravura, depois de ter feito um bezerro de fundição, e eles disseram: Estes são os teus deuses, ó Israel, que te fizeram subir da terra do Egito. E, vendo isso Arão, edificou um altar diante dele, e Arão pregou, e disse: A amanhã é festa ao Senhor, e no dia seguinte se levantaram cedo, ofereceram holocaustos e trouxeram ofertas pacíficas; e o povo desceu para comer e beber, e levantou-se para brincar."

Foi a multidão mista que veio do Egito com os israelitas que foram os principais impulsionadores desse terrível afastamento de Deus. Eles foram chamados de multidão mista, porque os hebreus se casaram com os egípcios.

Os filhos de Israel tinham visto Moisés subir ao monte e entrar na nuvem, enquanto o topo da montanha estava todo em chamas. Eles esperavam seu retorno todos os dias; e como ele não desceu do monte assim que eles esperavam, eles ficaram impacientes. Especialmente foram os egípcios crentes, que deixaram o Egito com o exército hebreu, impacientes e rebeldes.

Um grande grupo se reuniu ao redor da tenda de Arão e lhe disse que Moisés nunca mais voltaria - que a nuvem que até então os havia guiado agora repousava sobre o monte e não mais direcionaria sua rota pelo deserto. Eles desejavam algo que pudessem considerar semelhante a Deus. Os deuses dos egípcios estavam em suas mentes, e Satanás estava aproveitando esta oportunidade, na ausência de seu líder designado, para tentá-los a imitar os egípcios em sua idolatria. Eles sugeriram que, se Moisés nunca voltasse a eles, eles poderiam voltar ao Egito e encontrar o favor dos egípcios, levando esta imagem diante deles, reconhecendo-a como seu deus.

Aarão protestou contra seus planos, até que pensou que o povo estava determinado a cumprir seu propósito, e então cessou seu raciocínio com eles. Os clamores do povo fizeram Aarão temer por sua vida. E em vez de se levantar nobremente pela honra de Deus e confiar sua vida em suas mãos que haviam feito maravilhas para seu povo, ele perdeu sua coragem,

sua confiança em Deus e covardemente cedeu aos desejos de um povo impaciente; e isso também em oposição direta aos mandamentos de Deus. Ele fez um ídolo e construiu um altar sobre o qual eles ofereceram sacrifício a este ídolo. E Arão se submeteu a ouvir o povo proclamar: “Estes são os teus deuses, ó Israel, que te fizeram subir da terra do Egito”. Que insulto a Jeová! Eles haviam recentemente ouvido a proclamação da lei de Deus do Sinai, em meio às mais sublimes demonstrações do poder divino, e quando sua fé foi testada, por Moisés estar longe deles por algumas semanas, eles se envolveram em idolatria, que havia sido tão recentemente especificado e expressamente proibido por Jeová. Ao fazer isso, eles transgrediram o primeiro e o segundo mandamentos. A ira de Deus se acendeu contra eles.

"E o Senhor disse a Moisés: Vai, desce, porque o teu povo, que tiraste da terra do Egito, se corrompeu; rapidamente se desviaram do caminho que eu lhes ordenei; eles os fizeram um bezerro fundido, e o adoraram, e lhe ofereceram sacrifícios, e disseram: Estes são os teus deuses, ó Israel, que te fizeram subir da terra do Egito. E disse o Senhor a Moisés: Tenho visto este povo, e eis que é um povo de dura cerviz. Agora, pois, deixa-me, para que a minha ira se acenda contra eles, e eu os consuma, e de ti farei uma grande nação”.

Deus viu que os filhos de Israel, especialmente a multidão mista, estavam continuamente dispostos a se rebelar e, por suas obras, provocá-lo a destruí-los. Ele sabia que eles murmurariam contra Moisés, quando em dificuldade, e o entristeceriam por sua contínua rebelião. Ele propôs a Moisés consumi-los e fazer dele uma grande nação. Aqui o Senhor provou Moisés. Ele sabia que era um trabalho laborioso e penoso conduzir aquele povo rebelde até a terra prometida. Ele testaria a perseverança, a fidelidade e o amor de Moisés por um povo tão errante e ingrato. Mas Moisés não consentiu em destruir Israel. Ele mostrou por suas intercessões com Deus que ele valorizava a prosperidade do povo escolhido de Deus mais altamente do que um grande nome, ou ser chamado de pai de uma nação maior do que Israel.

"E Moisés rogou ao Senhor seu Deus, e disse: Senhor, por que se acende a tua ira contra o teu povo, que tiraste da terra do Egito, com grande poder e com mão poderosa? Por que deveriam falar os egípcios e dizer: Por maldade os tirou, para matá-los nos montes, e para consumi-los da face da terra? Afasta-te da tua ira feroz, e arrepende-te deste mal contra o teu povo. Lembra-te de Abraão, Isaque e Israel, teus servos, a quem juraste por ti mesmo, e lhes disseste: Multiplicarei a tua descendência como as estrelas do céu, e toda esta terra de que falei darei à tua descendência, e eles herdarão isso para sempre."

O pensamento de que as nações pagãs, e especialmente os egípcios, triunfariam sobre Israel e censurariam a Deus, foi esmagadora para Moisés. Ele não podia deixar Israel ir, apesar de toda a sua rebelião, e suas repetidas murmurações contra ele. Como ele poderia desistir de um povo por quem tanto havia sido feito e que de uma maneira tão maravilhosa havia sido trazido do Egito? A notícia de sua libertação havia sido espalhada entre todas as nações, e todas as pessoas estavam ansiosas para ver o que Deus faria por elas. E Moisés lembrou-se bem das palavras dos egípcios, que os estava conduzindo ao deserto para que pervessem, e ele recebeu seus bens. E agora, se Deus destruísse seu povo e o exaltasse a ser uma nação maior do que Israel, os pagãos não triunfariam, e zombariam do Deus dos hebreus, e diriam que ele não era capaz de conduzi-los à terra que havia prometido? eles? Quando Moisés intercedeu por Israel diante de Deus, sua timidez foi perdida em seu profundo interesse e amor por aquele povo para quem ele tinha, nas mãos de Deus, sido o meio de fazer tanto. Ele apresentou diante de Deus sua promessa feita a Abraão, Isaque e Jacó. Ele orou a Deus com fé firme e propósito determinado. O Senhor ouviu suas súplicas, considerou sua oração altruísta e prometeu a Moisés que pouparia Israel.

Nobrememente Moisés resistiu ao teste e mostrou que seu interesse em Israel não era obter um grande nome, nem exaltar a si mesmo. O fardo do povo de Deus estava sobre ele. Deus o havia provado e estava satisfeito com sua fidelidade, sua simplicidade de coração e integridade diante dele, e confiou a ele, como a um pastor fiel, o grande encargo de conduzir seu povo até a terra prometida.

"E Moisés voltou-se, e desceu do monte, e as duas tábuas do testemunho estavam na sua mão. As tábuas estavam escritas de ambos os lados; de um lado e do outro estavam escritas. E as tábuas foram a obra de Deus, e a escritura era a escritura de Deus, gravada nas tábuas. E, ouvindo Josué o barulho do povo que gritava, disse a Moisés: Há barulho de guerra no arraial. , Não é a voz dos que clamam por domínio, nem é a voz dos que clamam por serem vencidos, mas o barulho dos que cantam eu ouço. E aconteceu que, assim que ele se aproximou do arraial, viu o bezerro e as danças; e a ira de Moisés se acendeu, e ele lançou as tábuas de suas mãos, e as quebrou debaixo do monte, e tomou o bezerro que tinham feito, e queimou-o. no fogo, e moeu-o em pó, e o espargiu sobre a água, e deu a beber aos filhos de Israel".

Quando Moisés viu os filhos de Israel gritando e dançando de maneira excitada, em imitação das festas idólatras e adoradores de ídolos do Egito, tão diferente da adoração reverente de Deus, ele ficou impressionado. Ele acabara de sair da presença da glória de Deus e, embora tivesse sido avisado por Deus de que o povo havia se corrompido, feito um ídolo e sacrificado a ele; no entanto, ele estava de certa forma despreparado para a terrível exibição que testemunhou da degradação. Israel. Ele derrubou as tábuas de pedra, em total desânimo e ira por causa do grande pecado de Israel diante de Deus.

O ato de Moisés em queimar o bezerro e moê-lo em pó, e fazê-los beber dele, foi para mostrar-lhes a total inutilidade do deus que eles estavam adorando - que seu deus não tinha poder algum. Os homens podiam queimá-lo no fogo, moê-lo em pó e beber, sem sofrer nenhum dano. Ele lhes perguntou como, então, eles poderiam esperar que tal deus os salvasse, ou lhes fizesse algum bem ou algum mal. Então ele ensaiou para eles as exibições que eles testemunharam do poder, glória e majestade ilimitados do Deus vivo.

"E aconteceu que, quando ouvistes a voz do meio das trevas (porque o monte ardia em fogo), vos aproximastes de mim, todos os chefes das vossas tribos e os vossos anciãos. disse: Eis que o Senhor nosso Deus nos mostrou a sua glória e a sua grandeza, e ouvimos a sua voz do meio do fogo; vimos hoje que Deus fala com o homem, e ele vive. Portanto, por que devemos morrer, porque este grande fogo nos consumirá. Se ainda ouvirmos a voz do Senhor nosso Deus, morreremos. Pois quem há de toda a carne que tenha ouvido falar a voz do Deus vivo? do meio do fogo, como nós temos, e vivemos? Aproxima-te, e ouve tudo o que o Senhor nosso Deus disser, e fala-nos tudo o que o Senhor nosso Deus te disser, e ouviremos e faze-o. E o Senhor ouviu a voz das tuas palavras, quando me falaste. E o Senhor me disse: Eu ouvi a voz das palavras deste povo, que eles falaram a ti. Disseram bem tudo o que falaram. Oh, que houvesse tal coração neles, que eles me temessem e guardassem todos os meus mandamentos sempre, para que fosse bem com eles e com seus filhos para sempre!"

Moisés então apresentou diante deles sua conduta vergonhosa em adorar um bezerro, obra do homem, em vez de oferecer devoção sincera ao Deus vivo. Ele os apontou para as tábuas de pedra quebradas, que representavam para eles que assim haviam quebrado a aliança que haviam feito tão recentemente com Deus. Deus não repreendeu Moisés por quebrar as tábuas de pedra, mas ficou muito zangado com Arão por causa de seu pecado; e ele o teria

destruído, não fosse pelas intercessões especiais de Moisés em seu favor. Moisés perguntou a Arão: "Que te fez este povo, para que sobre ele trouxesses tão grande pecado?"

Arão se esforçou para desculpar seu pecado e relatou a Moisés os clamores do. pessoas - que se ele não tivesse cumprido seus desejos, eles o teriam matado. "E Arão disse: Não se acenda a ira do meu senhor. Tu conheces o povo, que eles são impelidos para o mal. Porque eles me disseram: Faze-nos deuses, que vão adiante de nós; porque quanto a este Moisés, o homem que nos tirou da terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu. E eu disse-lhes: Quem tiver ouro, quebre-o; e eles me deram, e eu o lancei no fogo, e saiu este bezerro". Ele queria que Moisés pensasse que um milagre havia sido realizado - que o ouro foi lançado no fogo e, por algum poder milagroso, foi transformado em um bezerro. Isso foi para diminuir sua culpa aos olhos de Moisés, e fazer com que parecesse que ele tinha uma desculpa plausível para permitir que o povo sacrificasse a ele, e proclamar: "Estes são os teus deuses, ó Israel, que te fizeram subir da terra do Egito".

Moisés repreendeu Arão e informou-o de que sua conduta era altamente censurável; pois ele havia sido abençoado acima do povo e havia sido admitido em estreita conversa com Deus. Que ele cometesse um pecado tão grande, mesmo para salvar sua vida, foi motivo de espanto para o fiel Moisés. Ele viu que as pessoas estavam nuas; isto é, foram despojados de seus ornamentos; porque Arão os desnudou para sua vergonha, entre seus inimigos. Ele os privou de seus ornamentos e os colocou em uso vergonhoso. Eles não apenas perderam seus ornamentos, mas foram despojados de sua defesa contra Satanás; pois eles perderam sua piedade e consagração a Deus e perderam sua proteção. Ele, em seu desagrado, removeu sua mão de apoio, e eles ficaram expostos ao desprezo e poder de seus inimigos. Seus inimigos estavam bem familiarizados com as obras maravilhosas realizadas pela mão de Moisés no Egito. E eles sabiam que Moisés os havia trazido do Egito, em obediência à ordem do Deus dos hebreus, para livrá-los da idolatria e assegurar para si suas afeições indivisíveis e seu culto sagrado.

Os filhos de Israel haviam quebrado sua fidelidade a Deus; e, se ele achasse adequado, ele os puniria como eles mereciam. "Então Moisés pôs-se à porta do arraial, e disse: Quem está do lado do Senhor? que venha a mim. E todos os filhos de Levi se reuniram a ele. E ele lhes disse: Assim diz o Senhor Deus de Israel, ponha cada um a sua espada ao seu lado, e entre e saia de porta em porta por todo o arraial, e mate cada um a seu irmão, e cada um a seu companheiro, e cada um a seu próximo. E os filhos de Levi fizeram conforme a palavra de Moisés, e naquele dia caíram do povo cerca de três mil homens, porque Moisés havia dito: Consagrai-vos hoje ao Senhor, cada um a seu filho e a seu irmão, para que ele conceda sobre ti uma bênção neste dia."

Moisés pediu a todos os que estavam livres desse grande pecado de idolatria, que viessem e ficassem ao seu lado direito; também, aqueles que se juntaram aos rebeldes na adoração desse ídolo, mas que se arrependeram de seus pecados ao se afastarem tão rapidamente de Deus, para ficar à sua mão esquerda. Havia um grupo bastante grande, principalmente da multidão mista, que instigou a fabricação do bezerro, que eram teimosos em sua rebelião e não ficaram com Moisés, nem à sua direita nem à sua esquerda.

Moisés então ordenou aos que estavam à sua direita que pegassem suas espadas e saíssem e matassem os rebeldes, que desejavam voltar para o Egito. Ninguém deveria executar o julgamento de Deus sobre os transgressores, apenas aqueles que não tomaram parte na idolatria. Ordenou-lhes que não poupassem nem irmão, nem companheiro, nem vizinho. Os que se empenhavam nessa obra de matar, por mais dolorosa que fosse, deviam agora perceber que estavam executando sobre seus irmãos um solene castigo de Deus; e por

executarem esse trabalho doloroso, contrário aos seus próprios sentimentos, Deus lhes concederia sua bênção. Ao realizar esse ato, eles mostraram seus verdadeiros sentimentos em relação ao alto crime da idolatria e se consagraram mais plenamente à adoração sagrada do único Deus verdadeiro. O terror do Senhor estava sobre o povo, e eles temiam que todos fossem destruídos. Ao ver sua aflição, Moisés prometeu, de acordo com seu sincero pedido, rogar ao Senhor que perdoasse seu grande pecado.

"E aconteceu que no dia seguinte Moisés disse ao povo: Grande pecado cometestes; e agora subirei ao Senhor; porventura farei expiação do vosso pecado. , e disse: Oh! este povo cometeu um grande pecado, e os fez deuses de ouro. Mas agora, se você perdoar o seu pecado; e se não, apague-me, peço-te, do teu livro que tu escreveste. E disse o Senhor a Moisés: A todo aquele que pecar contra mim, riscarei do meu livro. Portanto, vai agora, conduz o povo ao lugar de que te tenho falado. Eis que o meu anjo irá diante de ti; contudo, no dia em que eu os visitar, visitarei sobre eles o seu pecado. E o Senhor afligiu o povo, porque eles fizeram o bezerro que Arão fez".

Moisés manifestou seu grande amor pelo povo em sua súplica ao Senhor para perdoar seus pecados, ou apagar seu nome do livro que ele havia escrito. Suas intercessões aqui ilustram o amor e a mediação de Cristo pela raça pecadora. O Senhor recusou-se a permitir que Moisés sofresse pelos pecados de seu povo apóstata. Declarou-lhe que apagaria do livro que escrevera aqueles que pecaram contra ele; pois o justo não deve sofrer pela culpa do pecador. O livro aqui referido é o livro de registros no céu, onde cada nome é registrado, e seus atos, seus pecados e obediência são escritos fielmente. Quando alguém comete pecados que são muito graves para o Senhor perdoar, seus nomes são apagados do livro e eles são devotados à destruição. Embora Moisés percebesse o terrível destino daqueles cujos nomes deveriam ser retirados do livro de Deus, ele declarou claramente diante de Deus que se os nomes de seu Israel errante fossem apagados e não fossem mais lembrados por ele para sempre, ele desejava seu nome seja apagado com o deles; pois ele nunca poderia suportar ver a plenitude de sua ira vir sobre o povo para quem ele havia feito tais maravilhas.

"E disse o Senhor a Moisés: Vai, e sobe daqui, tu e o povo que fizeste subir da terra do Egito, para a terra que juro a Abraão, a Isaque e a Jacó, dizendo: Até a tua semente a darei, e enviarei um anjo adiante de ti, e lançarei fora o cananeu, o amorreu, o heteu, o ferezeu, o heveu e o jebuseu, para uma terra que mana leite e mel ; porque não subirei no meio de ti, porque és povo de dura cerviz; para que não te consuma no caminho. porque o Senhor dissera a Moisés: Dize aos filhos de Israel: Vós sois um povo de dura cerviz. Num momento subirei no meio de ti e te consumirei; portanto, agora, tira os teus ornamentos de ti, para que eu saiba o que te fazer. E os filhos de Israel se despojaram de seus ornamentos junto ao monte Horebe. E Moisés tomou a aba do tabernáculo, e o armou fora do arraial, longe do arraial, e o chamou de tabernáculo da congregação. E aconteceu que todo aquele que buscava ao Senhor saiu à tenda da congregação, que estava fora do arraial".

O tabernáculo aqui mencionado era uma tenda temporária preparada para a adoração de Deus. O tabernáculo, cujo modelo Deus deu a Moisés, ainda não havia sido construído.

Todos os que sinceramente se arrependeram de seus pecados, suplicaram a Deus no tabernáculo, confessando seus pecados com grande humildade, e depois voltaram novamente para suas tendas. Então Moisés entrou no tabernáculo. O povo observava com o mais profundo interesse para ver se Deus aceitaria suas intercessões em seu favor; e se ele condescendeu em se encontrar com Moisés, então eles poderiam esperar que não fossem totalmente consumidos. Quando a coluna nublada desceu e parou à porta do tabernáculo, então todo o povo chorou de alegria, e se levantou e adorou, cada um na porta da sua tenda.

Eles se curvaram sobre seus rostos para a terra em humildade. À medida que a coluna de nuvem, sinal da presença de Deus, continuava a repousar à porta do tabernáculo, eles sabiam que Moisés estava suplicando por eles diante de Deus. "E o Senhor falava a Moisés face a face, como um homem fala com seu amigo."

"E Moisés disse ao Senhor: Vê, tu me dizes: Faz subir este povo, e não me deixaste saber quem enviarás comigo. Mas tu disseste: Conheço-te pelo nome, e também achaste graça aos meus olhos. Agora, pois, rogo-te, se achei graça aos teus olhos, mostra-me agora o teu caminho, para que eu te conheça, para que eu ache graça aos teus olhos; e considera que esta nação é a tua pessoas." Moisés era muito urgente para que o Senhor lhe mostrasse exatamente o curso que ele queria que ele seguisse em relação a Israel. Ele desejava que Deus marcasse seu curso, para que suas instruções a Israel fossem com tanta sabedoria que o povo recebesse seus ensinamentos, e seu curso fosse aprovado por Deus, e que ele os considerasse novamente como seu povo.

O Senhor respondeu à ansiosa pergunta de Moisés, e disse: "A minha presença irá contigo, e eu te darei descanso. E disse-lhe: Se a tua presença não for comigo, não nos faças subir daqui. seja conhecido aqui que eu e teu povo achamos graça aos teus olhos? Não é porque tu vais conosco? Assim seremos separados, eu e teu povo, de todos os povos que estão sobre a face da terra. Ele implorou a Deus para saber como deveria ser conhecido que ele e seu povo haviam encontrado graça aos seus olhos, se ele não deixasse o sinal de sua presença repousar sobre o tabernáculo como antigamente. Moisés não estava disposto a cessar suas súplicas a Deus até que obtivesse a certeza de que o sinal de sua presença ainda repousaria sobre o tabernáculo como havia feito, e que ele continuaria a dirigir suas jornadas por uma coluna de nuvem durante o dia, e uma coluna de fogo à noite. Então Moisés poderia realizar com mais facilidade sua laboriosa tarefa de liderar o povo; pois esse sinal os lembraria continuamente do Deus vivo e também seria uma garantia para eles de sua presença divina. Então ele poderia influenciar mais facilmente as pessoas a ações corretas, como ele poderia apontá-los para a evidência da proximidade de Deus para eles.

O Senhor atendeu a fervorosa súplica de seu servo. "E disse o Senhor a Moisés: Farei também isto que disseste, porque achaste graça aos meus olhos, e te conheço pelo teu nome. E ele disse: Rogo-te, mostra-me a tua glória. E ele disse: Farei passar diante de ti toda a minha bondade, e diante de ti proclamarei o nome do Senhor, e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia. Não podes ver a minha face, porque ninguém me verá e viverá. E o Senhor disse: Eis que há um lugar perto de mim, e estarás em pé sobre uma rocha; e acontecerá, enquanto a minha glória passa, que te porei na fenda da rocha, e te cobrirei com a minha mão enquanto eu passar; e tirarei a minha mão, e verás as minhas costas; mas o meu rosto não será visto ."

Nunca antes o homem caído foi tão favorecido por Deus. Ao colocar sobre Moisés a grande obra de conduzir seu povo até a terra prometida, condescendeu em manifestar-lhe sua glória como nunca havia feito a nenhum outro na terra.

"E disse o Senhor a Moisés: Lavra para ti duas tábuas de pedra semelhantes às primeiras; e nestas tábuas escreverei as palavras que estavam nas primeiras tábuas que quebraste; e prepara-te pela manhã, e sobe ao pela manhã ao monte Sinai, e apresenta-te ali a mim no cume do monte. E ninguém subirá contigo, nem se veja homem algum em todo o monte; nem ovelhas nem gado pastam diante daquele monte."

O Senhor proibiu que qualquer homem fosse visto por todo o monte, por causa de sua recente transgressão, para que sua glória não os consumisse. Isso fará com que todos entendam como Deus considera a transgressão de seus mandamentos. Se o povo não pôde

contemplar sua glória, que apareceu no Sinai pela segunda vez, quando ele novamente escreveu sua lei, como os ímpios, que pisaram a autoridade de Deus, suportarão sua glória ardente ao encontrarem o grande Legislador sobre sua lei quebrada?

"E lavou duas tábuas de pedra, como as primeiras; e Moisés levantou-se de madrugada, e subiu ao monte Sinai, como o Senhor lhe ordenara, e tomou na mão as duas tábuas de pedra. Senhor desceu na nuvem, e ficou ali com ele, e proclamou o nome do Senhor. E o Senhor passou diante dele e proclamou: O Senhor, o Senhor Deus, misericordioso e misericordioso, longânimo, e abundante em bondade e verdade, guardando misericórdia para milhares, perdoadando a iniquidade, a transgressão e o pecado, e isso de modo algum inocenta o culpado; visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos até a terceira e quarta geração".

Deus não quis dizer com esta ameaça que os filhos deveriam ser compelidos a sofrer pelos pecados de seus pais, mas que o exemplo dos pais seria imitado pelos filhos. Se os filhos de pais ímpios servissem a Deus e praticassem a justiça, ele recompensaria suas ações corretas. Mas os efeitos de uma vida pecaminosa são muitas vezes herdados pelos filhos. Eles seguem os passos de seus pais. O exemplo pecaminoso tem sua influência de pai para filho, até a terceira e quarta gerações. Se os pais se entregam a apetites depravados, eles verão, em quase todos os casos, agir da mesma forma em seus filhos. As crianças desenvolverão personagens semelhantes aos de seus pais; e a menos que sejam renovados pela graça e vencidos, são verdadeiramente infelizes. Se os pais são continuamente rebeldes e inclinados a desobedecer a Deus, seus filhos geralmente imitam seu exemplo. Pais piedosos, que instruem seus filhos por preceito e exemplo nos caminhos da retidão, geralmente verão seus filhos seguindo seus passos. O exemplo de pais tementes a Deus será imitado por seus filhos, e os filhos de seus filhos imitarão o exemplo correto que seus pais lhes deram; e assim a influência é vista de geração em geração.

Quando o Senhor imprimiu no coração de Moisés um claro senso de sua bondade, sua misericórdia e compaixão, ele se encheu de arrebatamentos de alegria, que o levaram a adorar a Deus com profunda reverência. Ele rogou que o Senhor perdoasse a iniquidade de seu povo e os tomasse como sua herança. Então Deus graciosamente prometeu a Moisés que ele faria uma aliança diante de todo o Israel para fazer grandes coisas por seu povo; e que ele evidenciaria a todas as nações seu especial cuidado e amor por elas.

Deus então encarregou Moisés de não fazer nenhum pacto com os habitantes da terra para onde eles deveriam ir, para que não fossem enlaçados por isso. Mas eles deveriam destruir seus altares de ídolos, quebrar suas imagens e cortar seus bosques, que eram dedicados a seus ídolos, e onde o povo se reunia para realizar suas festas idólatras, dadas em homenagem a seus deuses ídolos. Ele então lhes disse: "Não adorarás outro deus, porque o Senhor, cujo nome é Zeloso, é um Deus zeloso." Deus reivindica a adoração suprema como sua devida. Ele deu instruções especiais a respeito de seu sábado: "Seis dias trabalharás, mas no sétimo dia descansarás. Na colheita e na colheita descansarás". O Senhor sabia que Satanás estava continuamente trabalhando para levar seu povo a transgredir a lei de Deus, e condescendeu em ser bem definido em suas orientações a seu povo errante, para que não errem e transgredissem seus mandamentos, por falta de conhecimento. . Ele sabia que na época mais movimentada do ano, quando seus frutos e grãos fossem garantidos, seriam tentados a transgredir o sábado e trabalhar em tempo sagrado. Ele gostaria que eles entendessem que suas bênçãos seriam aumentadas ou diminuídas de acordo com sua integridade de alma, ou infidelidade em seu serviço.

Deus não é menos específico agora em relação ao seu sábado do que quando fez essa exigência aos filhos de Israel. Seus olhos estão sobre todo o seu povo e sobre todas as obras de suas mãos. Ele não passará despercebido aos que se aglomeram em seu sábado e empregam o tempo para seu próprio uso que lhe pertence. Alguns professos guardadores do sábado se intrometerão no sábado fazendo as coisas que deveriam ter sido feitas antes do sábado. Esses podem pensar que ganham um pouco de tempo; mas em vez de serem beneficiados por roubar a Deus o tempo santo, que ele reservou para si mesmo, eles perderão. O Senhor os afligirá por sua transgressão do quarto mandamento; e aquele tempo que eles pensavam ganhar invadindo o sábado, será uma maldição para eles. A mão próspera de Deus retirada, causará uma diminuição em todas as suas posses, em vez de um aumento. Deus certamente punirá o transgressor. Embora ele possa suportá-lo por um tempo, sua punição pode vir de repente. Esses nem sempre percebem que os julgamentos são de Deus. Ele é um Deus zeloso, e requer serviço de coração e perfeita obediência a todos os seus mandamentos.

"E aconteceu que, quando Moisés desceu do monte Sinai (com as duas tábuas do testemunho na mão de Moisés, quando desceu do monte), Moisés não sabia que a pele do seu rosto brilhava enquanto ele falava com Ele. Quando Arão e todos os filhos de Israel viram Moisés, eis que a pele do seu rosto resplandeceu, e temeram aproximar-se dele. E Moisés os chamou, e Aarão e todos os príncipes da congregação voltaram para ele, e Moisés falou com eles; e depois todos os filhos de Israel se aproximaram, e ele lhes deu como mandamento tudo o que o Senhor lhe falara no monte Sinai; e até que Moisés acabou de falar com eles, colocou um véu sobre o seu rosto, quando Moisés entrou perante o Senhor, para falar com ele, tirou o véu, até que saiu; e, saindo, falou aos filhos de Israel o que lhe fora ordenado. E os filhos de Israel viram o rosto de Moisés, que a pele do rosto de Moisés resplandeceu; e Moisés tornou a pôr o véu sobre o seu rosto, até que ele entrou para falar com ele."

Aqueles que pisoteiam a autoridade de Deus e mostram desprezo aberto à lei dada em tamanha grandeza no Sinai, virtualmente desprezam o Legislador, o grande Jeová. Os filhos de Israel que transgrediram o primeiro e o segundo mandamentos foram instruídos a não serem vistos em qualquer lugar perto do monte, onde Deus deveria descer em glória para escrever a lei pela segunda vez em tábuas de pedra, para que não fossem consumidos pela queima. glória de sua presença. E se eles não podiam sequer olhar para o rosto de Moisés para a glória de seu semblante, porque ele estava comungando com Deus, quanto menos os transgressores da lei de Deus podem olhar para o Filho de Deus quando ele aparecer nas nuvens do céu na glória de seu Pai, cercado por todo o exército angélico, para executar julgamento sobre todos os que desprezaram os mandamentos de Deus e pisaram seu sangue!

A lei de Deus existia antes do homem ser criado. Os anjos eram governados por ela. Satanás caiu porque transgrediu os princípios do governo de Deus. Depois que Adão e Eva foram criados, Deus lhes deu a conhecer a sua lei. Não foi então escrito, mas ensaiado para eles por Jeová.

O sábado do quarto mandamento foi instituído no Éden. Depois que Deus fez o mundo e criou o homem na terra, ele fez o sábado para o homem. Depois do pecado e queda de Adão, nada foi tirado da lei de Deus. Os princípios dos dez mandamentos existiam antes da queda e eram de caráter adequado à condição de uma ordem sagrada de seres. Após a queda, os princípios desses preceitos não foram alterados, mas foram dados preceitos adicionais para encontrar o homem em seu estado caído.

Um sistema foi então estabelecido exigindo o sacrifício de animais, para manter diante do homem caído aquilo que a serpente fez Eva não acreditar, que a penalidade da desobediência é a morte. A transgressão da lei de Deus tornou necessário que Cristo morresse em sacrifício, e assim tornasse possível ao homem escapar da penalidade, e ainda assim a honra da lei de Deus ser preservada. O sistema de sacrifícios devia ensinar ao homem humildade, em vista de sua condição decaída, e levá-lo ao arrependimento, e a confiar somente em Deus, por meio do Redentor prometido, para perdão pela transgressão passada de sua lei. Se a lei de Deus não tivesse sido transgredida, nunca teria havido morte, e não haveria necessidade de preceitos adicionais para se adequar à condição decaída do homem.

Adão ensinou a seus descendentes a lei de Deus, lei essa que foi transmitida aos fiéis através de gerações sucessivas. A contínua transgressão da lei de Deus exigiu um dilúvio de águas sobre a terra. A lei foi preservada por Noé e sua família, que por fazer o que era certo foram salvos na arca por um milagre de Deus. Noé ensinou a seus descendentes os dez mandamentos. O Senhor preservou para si um povo desde Adão, em cujos corações estava a sua lei. Ele diz de Abraão, Ele "obedeceu à minha voz, e guardou a minha ordem, os meus mandamentos, os meus estatutos e as minhas leis".

O Senhor apareceu a Abraão e disse-lhe: "Eu sou o Deus Todo-Poderoso. Anda diante de mim, e sê perfeito. E farei uma aliança entre mim e ti, e te multiplicarei sobremaneira." "E estabelecerei a minha aliança entre mim e ti, e a tua descendência depois de ti, nas suas gerações, por aliança perpétua, para te ser por Deus a ti e à tua descendência depois de ti."

Ele então exigiu de Abraão e sua semente, a circuncisão, que era um círculo cortado na carne, como um sinal de que Deus os havia cortado. e os separou de todas as nações como seu tesouro peculiar. Por este sinal eles se comprometeram solenemente que não se casariam com outras nações; pois ao fazê-lo perderiam sua reverência por Deus e sua santa lei, e se tornariam como as nações idólatras ao seu redor. Pelo ato da circuncisão eles solenemente concordaram em cumprir de sua parte as condições da aliança feita com Abraão, de serem separados de todas as nações e de serem perfeitos. Se os descendentes de Abraão tivessem se mantido separados de outras nações, não teriam sido seduzidos à idolatria. Mantendo-se separado de outras nações, uma grande tentação de se envolver em suas práticas pecaminosas e se rebelar contra Deus seria removida delas. Eles perderam em grande medida seu caráter peculiar e santo, misturando-se com as nações ao seu redor. Para puni-los, o Senhor trouxe uma fome sobre sua terra, o que os obrigou a descer ao Egito para preservar suas vidas. Mas Deus não os abandonou enquanto estavam no Egito, por causa de sua aliança com Abraão. Ele permitiu que fossem oprimidos pelos egípcios, para que se voltassem para ele em sua angústia, escolhessem seu governo justo e misericordioso e obedecessem aos seus requisitos.

Havia apenas algumas famílias que primeiro desceram ao Egito. Estes aumentaram para uma grande multidão. Alguns tiveram o cuidado de instruir seus filhos na lei de Deus; mas muitos dos israelitas haviam testemunhado tanta idolatria que confundiam idéias sobre a lei de Deus. Aqueles que temiam a Deus clamaram a ele em angústia de espírito para quebrar seu jugo de escravidão dolorosa e trazê-los da terra de seu cativeiro, para que fossem livres para servi-lo. Deus ouviu seus clamores e levantou Moisés como seu instrumento para realizar a libertação de seu povo. Depois que eles deixaram o Egito, e as águas do Mar Vermelho foram divididas diante deles, o Senhor os provou para ver se eles confiariam naquele que os havia tomado, uma nação de outra nação, por sinais, tentações e maravilhas. Mas eles não conseguiram suportar o julgamento. Murmuraram contra Deus por causa das dificuldades no caminho e desejaram voltar novamente ao Egito. Para deixá-

los sem desculpa, o próprio Senhor condescendeu em descer sobre o Sinai, envolto em glória, e cercado por seus anjos e de uma maneira mais sublime e terrível tornou conhecida sua lei dos dez mandamentos. Ele não confiou que eles fossem ensinados por ninguém, nem mesmo por seus anjos, mas falou sua lei com uma voz audível aos ouvidos de todo o povo. Ele não os confiou, mesmo então, à memória curta de um povo que tendia a esquecer seus requisitos, mas os escreveu com seu próprio dedo sagrado em tábuas de pedra. Ele tiraria deles toda possibilidade de misturar com seus santos preceitos qualquer tradição, ou de confundir suas exigências com as práticas dos homens.

Ele então se aproximou ainda mais de seu povo, que foi tão prontamente desencaminhado, e não os deixou apenas com os dez preceitos do decálogo. Ele ordenou a Moisés que escrevesse, como ele deveria ordenar, julgamentos e leis, dando instruções minuciosas em relação ao que ele exigia que eles realizassem, e assim guardou os dez preceitos que ele havia gravado nas tábuas de pedra. Essas instruções e exigências específicas foram dadas para atrair o homem errante à obediência da lei moral, que ele é tão propenso a transgredir.

Se o homem tivesse guardado a lei de Deus, como dada a Adão após sua queda, preservada na arca por Noé e observada por Abraão, não haveria necessidade da ordenança da circuncisão. E se os descendentes de Abraão tivessem guardado a aliança, da qual a circuncisão era um sinal ou penhor, eles nunca teriam entrado na idolatria, nem teriam sido permitidos descer ao Egito; e não haveria necessidade de Deus proclamar sua lei do Sinai, e gravá-la em tábuas de pedra, e guardá-la por instruções definidas nos julgamentos e estatutos dados a Moisés.

Moisés escreveu estes juízos e estatutos da boca de Deus enquanto estava com ele no monte. Se o povo de Deus tivesse obedecido aos princípios dos dez mandamentos, não haveria necessidade das orientações específicas dadas a Moisés, que ele escreveu em um livro, relativas aos seus deveres para com Deus e uns para com os outros. As instruções definidas que o Senhor deu a Moisés com respeito ao dever de seu povo uns para com os outros e para com o estrangeiro são os princípios dos dez mandamentos simplificados e dados de maneira definida, para que eles não errem.

O Senhor disse a respeito dos filhos de Israel: "Porque não executaram os meus juízos, mas desprezaram os meus estatutos, e profanaram os meus sábados, e os seus olhos estavam nos ídolos de seus pais, por isso também lhes dei estatutos que não eram bons, e juízos pelos quais não devem viver." Por causa da desobediência contínua, o Senhor anexou penalidades à transgressão de sua lei, que não eram boas para o transgressor, ou pelas quais ele não deveria viver em sua rebelião.

Ao transgredir a lei que Deus havia dado em tal majestade, e em meio à glória que era inacessível, o povo mostrou desprezo aberto ao grande Legislador, e a pena foi a morte.

"Também lhes dei os meus sábados, por sinal entre mim e eles, para que soubessem que eu sou o Senhor que os santifico. Mas a casa de Israel rebelou-se contra mim no deserto; não andaram nos meus estatutos, e desprezaram os meus juízos, os quais, se o homem os fizer, viverá neles; e os meus sábados eles profanaram grandemente. Então eu disse: Derramaria sobre eles o meu furor no deserto, para os consumir."

Os estatutos e juízos dados por Deus eram bons para os obedientes. "Eles devem viver neles." Mas eles não eram bons para o transgressor; pois na lei civil dada a Moisés, a punição deveria ser infligida ao transgressor, para que outros fossem contidos pelo medo.

Moisés encarregou os filhos de Israel de obedecer a Deus. Ele lhes disse: "Agora, pois, ouve, ó Israel, os estatutos e os juízos que eu vos ensino, para que os cumprais, para que vivais, e entreis, e possuais a terra que o Senhor Deus de vossos pais te dá."

O Senhor instruiu Moisés definitivamente a respeito dos sacrifícios cerimoniais, que deveriam cessar com a morte de Cristo. O sistema de sacrifícios prefigurava a oferta de Cristo como um Cordeiro sem defeito.

O Senhor primeiro estabeleceu o sistema de ofertas de sacrifício com Adão após sua queda, que ele ensinou a seus descendentes. Este sistema foi corrompido antes do dilúvio e por aqueles que se separaram dos fiéis seguidores de Deus e se empenharam na construção da torre de Babel. Eles sacrificavam a deuses de sua própria criação em vez do Deus do Céu. Eles não ofereciam sacrifícios porque tinham fé no Redentor por vir, mas porque achavam que deveriam agradar a seus deuses oferecendo muitos animais em altares de ídolos poluídos. Sua superstição os levou a grandes extravagâncias. Eles ensinaram ao povo que quanto mais valioso o sacrifício, maior prazer ele daria a seus deuses ídolos, e maior seria a prosperidade e riqueza de sua nação. Assim, os seres humanos eram muitas vezes sacrificados a esses ídolos sem sentido. Essas nações tinham leis e regulamentos para controlar as ações do povo, que eram cruéis ao extremo. Suas leis foram feitas por aqueles cujos corações não foram abrandados pela graça; e enquanto eles passariam por cima dos crimes mais degradantes, uma pequena ofensa provocaria a punição mais cruel daqueles em autoridade.

Moisés tinha isso em vista quando disse a Israel: "Eis que vos ensinei estatutos e juízos, como o Senhor meu Deus me ordenou, para que assim façais na terra a que ides possuí-la. e cumpri-as; porque esta é a vossa sabedoria e o vosso entendimento à vista das nações que ouvirem todos estes estatutos, e dirão: Certamente esta grande nação é um povo sábio e entendido. tão perto deles, como o Senhor nosso Deus está em todas as coisas para as quais o invocamos?"

Deus era um legislador sábio e compassivo, julgando todos os casos com justiça e sem parcialidade. Enquanto os israelitas estavam na escravidão egípcia, eles estavam cercados de idolatria. Os egípcios tinham recebido tradições em relação ao sacrifício. Eles não reconheceram a existência do Deus do Céu. Eles sacrificaram aos seus deuses ídolos. Com grande pompa e cerimônia, eles realizaram sua adoração de ídolos. Eles ergueram altares para a honra de seus deuses e exigiam que até mesmo seus próprios filhos passassem pelo fogo. Depois de terem erguido seus altares, eles exigiam que seus filhos saltassem sobre os altares através do fogo. Se eles pudessem fazer isso sem serem queimados, os sacerdotes ídolos e o povo receberam isso como uma evidência de que seu deus aceitou suas ofertas e favoreceu especialmente a pessoa que passou pela provação de fogo. Ele foi carregado de benefícios, e depois foi muito estimado por todas as pessoas. Ele nunca teve permissão para ser punido, por mais agravantes que fossem seus crimes. Se outra pessoa que saltou através do fogo teve a infelicidade de ser queimada, então seu destino estava fixado; pois eles pensavam que seus deuses estavam zangados e seriam apaziguados com nada menos que a vida da infeliz vítima, e ele foi oferecido como sacrifício em seus altares de ídolos.

Até mesmo alguns dos filhos de Israel se degradaram a ponto de praticar essas abominações, e Deus fez o fogo acender sobre seus filhos, a quem eles fizeram passar pelo fogo. Eles não foram a todos os cumprimentos das nações pagãs; mas Deus os privou de seus filhos fazendo com que o fogo os consumisse no ato de passar por ele.

Porque o povo de Deus tinha idéias confusas sobre as ofertas de sacrifícios cerimoniais, e tinha tradições pagãs confundidas com sua adoração cerimonial, Deus condescendeu em

dar-lhes instruções definidas, para que pudessem entender o verdadeiro significado daqueles sacrifícios que deveriam durar apenas até o Cordeiro. de Deus deveria ser morto, que era o grande antítipo de todas as suas ofertas de sacrifício.

CAPÍTULO XXI.

O SANTUÁRIO.

O tabernáculo foi feito de acordo com o mandamento de Deus. O Senhor suscitou homens e os qualificou com habilidades mais do que naturais para realizar a obra mais engenhosa. Nem Moisés nem aqueles operários foram deixados para planejar a forma e o acabamento do edifício. O próprio Deus concebeu o plano e o deu a Moisés com instruções específicas quanto ao seu tamanho e forma, e os materiais a serem usados, e especificou cada peça de mobília que deveria estar nele. Ele apresentou a Moisés um modelo em miniatura do santuário celestial e ordenou-lhe que fizesse todas as coisas de acordo com o modelo que lhe foi mostrado no monte. Moisés escreveu todas as instruções em um livro e as leu para os mais influentes do povo.

Então o Senhor exigiu que o povo trouxesse uma oferta voluntária, para fazer dele um santuário, para que ele pudesse habitar entre eles. "E toda a congregação dos filhos de Israel se retirou da presença de Moisés. E vieram todos aqueles cujo coração o animava, e todos os que o seu espírito permitia, e trouxeram a oferta do Senhor para a obra do tabernáculo. da congregação, e por todo o seu serviço, e pelas vestes sagradas. E vieram, tanto homens como mulheres, todos os que quiseram de coração, e trouxeram braceletes e brincos, e anéis, e tábuas, todas as jóias de ouro; e todo homem que oferecia, oferecia uma oferta de ouro ao Senhor".

Grandes e caros preparativos eram necessários. Materiais preciosos e caros devem ser coletados. Mas o Senhor aceitou apenas as ofertas voluntárias. A devoção à obra de Deus e o sacrifício do coração foram os primeiros requisitos para preparar um lugar para Deus. E enquanto a construção do santuário estava acontecendo, e o povo estava trazendo suas ofertas a Moisés, e ele as apresentava aos trabalhadores, todos os sábios que trabalhavam na obra examinaram as ofertas e decidiram que o povo havia trazido suficiente, e ainda mais do que eles poderiam usar. E Moisés proclamou por todo o arraial, dizendo: Nem homem nem mulher façam mais trabalho para a oferta do santuário. Assim, o povo foi impedido de trazer.

As repetidas murmurações dos israelitas, e as visitas da ira de Deus por causa de suas transgressões, são registradas na história sagrada para o benefício do povo de Deus que mais tarde viverá na Terra; mas mais especialmente para provar um aviso para aqueles que devem viver perto do fim do tempo. Também seus atos de devoção, sua energia e liberalidade, ao trazer suas ofertas voluntárias a Moisés, são registrados para o benefício do povo de Deus. Seu exemplo em preparar o material para o tabernáculo com tanta alegria é um exemplo para todos os que realmente amam a adoração a Deus. Os que prezam a bênção da sagrada presença de Deus, ao prepararem um edifício para que Ele possa se encontrar com eles, devem manifestar maior interesse e zelo na obra sagrada na medida em que valorizam suas bênçãos celestiais mais do que seus confortos terrenos. Eles devem perceber que estão preparando uma casa para Deus.

Muitos gastarão muito para erguer edifícios confortáveis e saborosos para si mesmos; mas quando preparam um lugar para receber a presença do Alto e Exaltado, manifestam uma

maravilhosa indiferença e não têm interesse particular quanto à conveniência, arranjo e mão de obra. Suas ofertas não são dadas com alegria de coração, mas são concedidas com má vontade; e eles estão continuamente estudando de que maneira o edifício sagrado pode ser feito para custar menos e atender ao propósito de uma casa de culto. Alguns manifestam mais interesse em construir seus celeiros, onde manter seu gado, do que em construir um lugar para a adoração a Deus. Tais privilégios sagrados valorizam apenas na proporção que suas obras mostram. E sua prosperidade e força espiritual serão justas de acordo com suas obras. Deus não fará com que sua bênção repouse sobre aqueles que têm tão pouca estimativa do valor das coisas divinas. Ofertas involuntárias e limitadas não são aceitas por Deus. Aqueles que manifestam esse zelo de trazer ao Senhor ofertas aceitáveis, do melhor que têm, voluntariamente, como os filhos de Israel trouxeram seus presentes a Moisés, serão abençoados na proporção em que estimaram o valor das coisas divinas.

É de alguma importância que um edifício preparado expressamente para Deus se reunir com seu povo, seja organizado com cuidado - feito confortável, limpo e conveniente; pois deve ser dedicado a Deus e apresentado a ele, e ele deve ser suplicado a permanecer naquela casa e torná-la sagrada por sua santa presença. O suficiente deve ser dado voluntariamente ao Senhor, para realizar liberalmente a obra, e então os obreiros poderão dizer: Não tragam mais ofertas. Uma casa construída para Deus nunca deve ser deixada em dívida, pois Deus seria desonrado. Ele está familiarizado com todos os corações, e recompensará todo aquele que livremente retribuir a ele, quando ele exigir, o que ele lhes deu. Se eles retiverem o que pertence a Deus, ele os afligirá em suas famílias e causará diminuição em suas posses, exatamente de acordo com sua disposição de roubá-lo.

Depois que a construção do tabernáculo foi concluída, Moisés examinou toda a obra e comparou-a com o modelo e as instruções que recebera de Deus, e viu que cada parte dela estava de acordo com o modelo; e abençoou o povo. Deus deu um modelo da arca a Moisés, com instruções especiais sobre como fazê-la. A arca foi feita para conter as tábuas de pedra, nas quais Deus gravou, com seu próprio dedo, os dez mandamentos. Tinha a forma de um baú e era coberto e incrustado com ouro puro. Era ornamentado com coroas de ouro em volta do topo. A tampa deste baú sagrado era o propiciatório, feito de ouro maciço. Em cada extremidade do propiciatório estava fixado um querubim de ouro puro e sólido. Seus rostos estavam voltados um para o outro e olhavam com reverência para baixo em direção ao propiciatório, que representa “todos os anjos celestiais olhando com interesse e reverência para a lei de Deus depositada na arca no santuário celestial”. Esses querubins tinham asas. Uma asa de cada anjo foi estendida no alto, enquanto a outra asa de cada anjo cobriu suas formas. A arca do santuário terrestre era o modelo da verdadeira arca no Céu. Lá, ao lado da arca celestial, estão anjos vivos, em cada extremidade da arca, cada um com uma asa cobrindo o propiciatório, e estendendo-se para o alto, enquanto as outras asas são dobradas sobre suas formas em sinal de reverência e humildade.

Na arca terrena, Moisés foi obrigado a colocar as tábuas de pedra. Estas foram chamadas as mesas do testemunho; e a arca foi chamada a arca do testemunho, porque continha o testemunho de Deus nos dez mandamentos. O tabernáculo era composto de dois compartimentos, separados por uma cortina ou véu.

Todos os móveis do tabernáculo eram feitos de ouro maciço, ou banhados a ouro. As cortinas do tabernáculo eram de uma variedade de cores, muito bem arranjadas, e nestas cortinas foram forjados, com fios de ouro e prata, querubins, que deveriam representar a hoste angélica, que está relacionada com a obra do santuário celestial, e que são anjos ministradores para os santos na terra.

Dentro do segundo véu foi colocada a arca do testemunho, e a bela e rica cortina foi puxada diante da arca sagrada. Esta cortina não chegou ao topo do edifício. A glória de Deus, que estava acima do propiciatório, podia ser vista de ambos os compartimentos, mas em grau muito menor do primeiro compartimento. Diretamente diante da arca, mas separado pela cortina, estava o altar de ouro do incenso. O fogo sobre este altar foi aceso pelo próprio Senhor, e foi sagradamente acariciado por alimentá-lo com incenso santo, que encheu o santuário com sua nuvem perfumada, dia e noite. Sua fragrância se estendia por quilômetros ao redor do tabernáculo. Quando o sacerdote oferecia o incenso diante do Senhor, ele olhava para o propiciatório. Embora não pudesse vê-lo, sabia que estava ali; e como o incenso subiu como uma nuvem, a glória do Senhor desceu sobre o propiciatório, e encheu o lugar santíssimo, e era visível no lugar santo; e a glória muitas vezes enchia tanto os dois compartimentos que o sacerdote era incapaz de officiar e era obrigado a ficar na porta do tabernáculo. O sacerdote no lugar santo, dirigindo sua oração pela fé ao propiciatório, que ele não podia ver, representa o povo de Deus dirigindo suas orações a Cristo diante do propiciatório no santuário celestial. Eles não podem contemplar seu Mediador com os olhos naturais, mas com os olhos da fé eles vêem a Cristo diante do propiciatório, e dirigem suas orações a ele, e com segurança reivindicam os benefícios de sua mediação.

Esses aposentos sagrados não tinham janelas para deixar entrar a luz. O castiçal era feito do mais puro ouro, e era mantido aceso noite e dia, e iluminava os dois compartimentos. A luz das lâmpadas sobre o candelabro refletia-se nas tábuas folheadas a ouro, nas laterais do edifício, e nos móveis sagrados, e nas cortinas de belas cores com querubins trabalhados com fios de ouro e prata, cuja aparência era gloriosa além da descrição. Nenhuma linguagem pode descrever a beleza, o encanto e a glória sagrada que esses aposentos apresentavam. O ouro no santuário refletia as cores das cortinas, que pareciam as diferentes cores do arco-íris.

Somente uma vez por ano o sumo sacerdote podia entrar no lugar santíssimo, após a mais cuidadosa e solene preparação. Nenhum olho mortal, exceto o do sumo sacerdote, poderia contemplar a grandeza sagrada daquele apartamento, porque era a morada especial da glória visível de Deus. O sumo sacerdote sempre entrava nele com tremor, enquanto o povo esperava seu retorno com solene silêncio. Seus desejos sinceros eram para Deus por sua bênção. Diante do propiciatório, Deus conversou com o sumo sacerdote. Se ele permanecia um tempo incomum no santíssimo, muitas vezes as pessoas ficavam apavoradas, temendo que por causa de seus pecados, ou algum pecado do sacerdote, a glória do Senhor o tivesse matado. Mas quando o som do tilintar dos sinos em suas vestes foi ouvido, eles ficaram muito aliviados. Ele então veio e abençoou o povo.

Terminada a obra do tabernáculo, “uma nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo. a glória do Senhor encheu o tabernáculo e, quando a nuvem foi levantada de cima do tabernáculo, os filhos de Israel seguiram em todas as suas jornadas. foi levantada, porque de dia a nuvem do Senhor estava sobre o tabernáculo, e de noite havia fogo sobre ele, à vista de toda a casa de Israel, em todas as suas jornadas”. O tabernáculo foi construído para ser despedido e carregado com eles em todas as suas jornadas.

O Senhor dirigiu os israelitas em todas as suas viagens pelo deserto. Quando era para o bem do povo, e para a glória de Deus, que eles armassem suas tendas em certo lugar, e ali permanecessem, Deus manifestou sua vontade para eles pela coluna de nuvem que repousava diretamente sobre o tabernáculo. E lá permaneceu até que Deus os fizesse viajar novamente. Então a nuvem de glória foi levantada bem acima do tabernáculo, e então eles viajaram novamente. Em todas as suas viagens observavam a ordem perfeita. Cada tribo

portava um estandarte, com o sinal da casa de seu pai sobre ele, e cada tribo era ordenada a armar por seu próprio estandarte. E quando eles viajavam, as diferentes tribos marchavam em ordem, cada tribo sob seu próprio padrão. Quando eles descansaram de suas jornadas, o tabernáculo foi erguido, e então as diferentes tribos armaram suas tendas em ordem, exatamente na posição que Deus ordenou, ao redor do tabernáculo, a uma certa distância dele.

Quando o povo viajava, a arca da aliança era levada diante deles. "E a nuvem do Senhor estava sobre eles de dia, quando saíam do arraial. E aconteceu que, quando a arca partiu, Moisés disse: Levanta-te, Senhor, e dispersa os teus inimigos; e fujam diante de ti os que te odeiam. E, quando ela descansou, disse: Volta, ó Senhor, para os muitos milhares de Israel.

CAPÍTULO -XXII.

FOGO ESTRANHO.

"E Nadabe e Abiú, filhos de Arão, tomaram um deles o seu incensário, e puseram fogo nele, e puseram incenso sobre ele, e ofereceram fogo estranho perante o Senhor, o que ele não lhes ordenou. e os devorou, e morreram perante o Senhor. Então disse Moisés a Arão: Isto é o que o Senhor falou, dizendo: Serei santificado naqueles que se chegarem a mim, e serei glorificado diante de todo o povo. Aarão se calou."

Os filhos de Arão não tomaram o fogo sagrado do altar, que o próprio Senhor acendeu e que ele ordenara aos sacerdotes que usassem quando oferecessem incenso diante dele. Eles pegaram fogo comum e o colocaram em seus incensários, e colocaram incenso sobre eles. Esta foi uma transgressão da ordem expressa de Deus, e seu julgamento seguiu-se rapidamente. Os filhos de Arão, que oficiavam em coisas sagradas, não teriam transgredido assim se não tivessem se entregado livremente ao uso do vinho e estivessem parcialmente embriagados. Satisfaziam o apetite, que degradava suas faculdades e os desqualificava para seu sagrado ofício. Seus intelectos estavam obscurecidos, de modo que eles não tinham um senso de percepção da diferença entre a santidade do fogo que Deus deixou cair do céu, e que foi mantido queimando continuamente sobre o altar, e o fogo comum, que ele havia dito que eles não deve usar. Se eles tivessem o pleno e claro uso de seus poderes de raciocínio, teriam recuado com horror diante da presunçosa transgressão dos mandamentos positivos de Deus. Eles foram especialmente favorecidos por Deus por serem do número dos anciãos que testemunharam a glória de Deus no monte. Eles entenderam que o mais cuidadoso auto-exame e santificação eram necessários de sua parte antes de se apresentarem no santuário, onde a presença de Deus se manifestava.

"E disse Moisés a Arão, e a Eleazar, e a Itamar, seus filhos: Não descubrais as vossas cabeças, nem rasgueis as vossas vestes, para que não morrais, e não venha a ira sobre todo o povo; mas vossos irmãos, toda a casa de Israel, chora o fogo que o Senhor acendeu, e não saireis da porta da tenda da congregação, para que não morrais, porque o óleo da unção do Senhor está sobre vós. E fizeram conforme a palavra de Moisés." O pai dos homens mortos, e seus irmãos, foram proibidos de manifestar qualquer sinal de pesar por aqueles que foram justamente punidos por Deus. Quando Moisés lembrou a Arão das palavras do Senhor, que ele seria santificado naqueles que se aproximassem dele, Aarão ficou em silêncio. Ele sabia que Deus era justo; e ele não murmurou. Seu coração ficou triste com a terrível morte de seus filhos enquanto em sua desobediência; no entanto, de acordo com a ordem de Deus, ele não expressou sua tristeza, para que não compartilhasse o mesmo destino de seus filhos, e a

congregação também fosse infectada com o espírito de irreconciliação, e a ira de Deus caísse sobre eles.

Quando os israelitas cometeram pecado, e Deus os puniu por sua transgressão, e o povo lamentou o destino do punido, em vez de se lamentar porque Deus havia sido desonrado, os simpatizantes foram considerados igualmente culpados com o transgressor.

O Senhor nos ensina, nas instruções dadas a Arão, a reconciliação com seus justos castigos, mesmo que sua ira esteja muito próxima. Ele quer que seu povo reconheça a justiça de suas correções, que outros possam temer. Nestes últimos dias, muitos estão sujeitos a se enganarem a si mesmos e são incapazes de ver seus próprios erros. Se Deus, por meio de seus servos, reprovava e repreende os que erram, há aqueles que estão prontos para simpatizar com aqueles que merecem repreensão. Procurarão aliviar o fardo que Deus compeliu seus servos a colocar sobre eles. Esses simpatizantes pensam que estão realizando um ato virtuoso ao simpatizar com o culpado, cuja conduta pode ter prejudicado grandemente a causa de Deus. Tais são enganados. Eles estão apenas se armando contra os servos de Deus, que fizeram sua vontade, e contra o próprio Deus, e são igualmente culpados com o transgressor. Há muitas almas errantes que poderiam ter sido salvas se não tivessem sido enganadas ao receber falsa simpatia.

“E falou o Senhor a Arão, dizendo: Não bebas vinho nem bebida forte, nem tu nem teus filhos contigo, quando entrares na tenda da congregação, para que não morrais; estatuto perpétuo será por vossas gerações; e para que façais diferença entre o santo e o profano, e entre o imundo e o puro”.

O caso dos filhos de Arão foi registrado para o benefício do povo de Deus, e deve ensinar especialmente aos que estão se preparando para a segunda vinda de Cristo, que a condescendência com um apetite depravado destrói os bons sentimentos da alma, e assim afeta os poderes de raciocínio que Deus deu ao homem, que as coisas espirituais e santas perdem sua santidade. A desobediência parece agradável, em vez de excessivamente pecaminosa. Satanás se regozija ao ver homens formados à imagem de seu Criador, entregando-se como escravos de um apetite depravado; pois ele pode então controlar com sucesso as faculdades da mente e levar aqueles que são intemperantes a agir de maneira a se rebaixar e desonrar a Deus, perdendo o alto senso de seus sagrados requisitos. Foi a condescendência com o apetite que fez com que os filhos de Aarão usassem fogo comum, em vez de sagrado, para suas oferendas.

Os filhos de Arão, desviando-se dos mandamentos de Deus, representam aqueles que transgridem o quarto mandamento de Jeová, que é muito claro: "Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra; mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus. : nele não farás nenhum trabalho ", etc. Quase todos os professos seguidores de Cristo não guardam o dia que Deus santificou e exigiu que eles o guardassem como sagrado, que repousassem nele porque ele mesmo descansou nele. Eles trabalham no tempo santo de Deus e honram o primeiro dia da semana descansando nele, que é um dia comum de trabalho, um dia no qual Deus não descansou e no qual Ele não colocou nenhuma honra sagrada.

Um afastamento do quarto mandamento não será agora imediatamente visitado com a morte temporal; contudo, Deus não considera a violação de seus mandamentos mais levemente do que a transgressão dos filhos de Arão. A morte é o castigo final de todos os que rejeitam a luz e continuam em transgressão. Quando Deus diz: Santifique o sétimo dia, ele não quer dizer o sexto, nem o primeiro, mas o próprio dia que ele especificou. Se os homens substituem o sagrado por um dia comum, e dizem que servirá tão bem, eles insultam o Criador dos céus e da terra, que fez o sábado para comemorar seu descanso no

sétimo dia, depois de criar o mundo em seis dias. É um negócio perigoso no Aervice de Deus desviar-se de suas instituições. Aqueles que têm a ver com Deus, que é infinito, e que dirige explicitamente em relação à sua própria adoração, devem seguir o curso exato que ele prescreveu, e não se sentir na liberdade de desviar-se no mínimo detalhe porque pensam que isso responderá apenas também. Deus ensinará a todas as suas criaturas que ele quer dizer exatamente o que diz.

CAPÍTULO XXIII.

AS COLORIDAS.

DEUS continuou a alimentar o anfitrião hebreu com o pão choveu do céu; mas não ficaram satisfeitos. Seus apetites depravados ansiavam por carne, que Deus em sua sabedoria havia negado, em grande medida, a eles. "E a multidão mista que estava entre eles caiu em desejo; e os filhos de Israel também choraram novamente, e disseram: Quem nos dará carne para comer? Lembramo-nos dos peixes que comíamos livremente no Egito; os pepinos e os melões, e alho-poró, e cebolas e alhos. Mas agora nossa alma está seca; não há nada, além deste maná, diante de nossos olhos". Eles se cansaram da comida preparada para eles por anjos, e enviada a eles do Céu. Eles sabiam que era exatamente o alimento que Deus desejava que eles tivessem, e que era saudável para eles e seus filhos. Apesar de suas dificuldades no deserto, não havia um fraco em todas as suas tribos. Satanás, o autor da doença e da miséria, se aproximará do povo de Deus onde ele pode ter o maior sucesso. Ele controlou o apetite em grande medida desde o tempo de seu experimento bem-sucedido com Eva, ao levá-la a comer o fruto proibido. Ele veio com suas tentações primeiro para a multidão mista, os egípcios crentes, e os incitou a murmurações sediciosas. Não se contentariam com o alimento saudável que Deus lhes proveu. Seus apetites depravados ansiavam por uma variedade maior, especialmente carnes.

Esse murmúrio logo infectou quase todo o corpo do povo. A princípio, Deus não satisfez seus apetites lascivos, mas fez com que seus julgamentos caíssem sobre eles, e consumiu os mais culpados por relâmpagos do céu. No entanto, isso, em vez de humilhá-los, parecia apenas aumentar seus murmúrios. Quando Moisés ouviu o povo chorando à porta de suas tendas, e reclamando entre suas famílias, ele ficou descontente. Ele apresentou diante do Senhor as dificuldades de sua situação, o espírito insubmisso dos israelitas e a posição em que Deus o colocou para o povo, a de um pai de enfermagem, que deveria fazer seus sofrimentos do povo. Ele perguntou ao Senhor como poderia suportar esse grande fardo de testemunhar continuamente a desobediência de Israel e ouvir suas murmurações contra seus mandamentos e contra o próprio Deus. Ele declarou perante o Senhor que preferia morrer a ver Israel, por sua perversidade, lançando julgamentos sobre si mesmos, enquanto os inimigos de Deus se regozijavam em sua destruição. Em sua angústia, ele disse, não sou capaz de arcar com toda essa responsabilidade sozinho, porque é muito pesado para mim.

O Senhor instruiu Moisés a reunir diante dele setenta dos anciãos, que ele sabia serem os anciãos do povo. Eles não deveriam ser apenas aqueles de idade avançada, mas homens de dignidade, bom senso e experiência, qualificados para serem juízes ou oficiais. "E traze-os à tenda da congregação, para que fiquem ali contigo. E descerei e falarei contigo ali; e tirarei do Espírito que está sobre ti, e o porei sobre eles; e levarão contigo o fardo do povo, para que não o leves sozinho, e dizes ao povo: Santificai-vos para amanhã, e comereis carne, porque chorastes aos ouvidos do Senhor, dizendo: Quem nos dará carne a comer, porque nos ia bem no Egito; por isso o Senhor vos dará carne, e comereis; não comereis um dia,

nem dois dias, nem cinco dias, nem dez dias. , nem vinte dias, mas sim um mês inteiro, até que saia pelas vossas narinas, e vos seja repugnante; porque desprezastes o Senhor que está entre vós, e chorastes diante dele, dizendo: Por que saímos do Egito? E disse Moisés: O povo, no meio do qual estou, é de seiscentos mil homens de infantaria; e tu disseste: Eu lhes dareilesh, para que comam um mês inteiro. Os rebanhos e os rebanhos serão mortos por eles, para lhes bastar? ou todos os peixes do mar serão reunidos para eles, para lhes bastar? E o Senhor disse a Moisés: A mão do Senhor está curta? Verás agora se a minha palavra se cumprirá ou não”.

O próprio Moisés mostrou uma desconfiança manifesta do poder de Deus, pelo que o Senhor o repreendeu. Por esta pergunta do Senhor a Moisés, ele foi levado a entender que nada era impossível para o grande Governante do universo. Ele repreendeu Moisés por seu esquecimento de seus milagres. Aquele que podia dividir o Mar Vermelho e ligar as águas, de modo que fossem como um muro de cada lado de Israel, quando passavam por terra seca, e lhes fizesse chover pão do céu e lhes tirasse água da rocha dura , poderia fornecer carne para abastecer o anfitrião de Israel.

"E Moisés saiu, e anunciou ao povo as palavras do Senhor, e reuniu os setenta homens dos anciãos do povo, e os pôs ao redor do tabernáculo. E o Senhor desceu em uma nuvem, e falou com ele, e tomou do Espírito que estava sobre ele, e o deu aos setenta anciãos; e aconteceu que, quando o Espírito repousou sobre eles, profetizaram, e não cessaram”. Este dom profético repousava sobre os juízes e anciãos, para estabelecer a confiança do povo neles e ser um sinal de que Deus os havia escolhido para unir sua autoridade com a de Moisés, e ajudá-lo na obra de subjugar as murmurações de o povo durante sua permanência no deserto, e assim facilitar a tarefa de Moisés.

"E saiu um vento do Senhor, e trouxe codornizes do mar, e as deixou cair junto ao arraial, como se fosse um caminho de um dia deste lado, e como se fosse um caminho de um dia do outro lado, ao redor o arraial, e como tinha dois côvados de altura sobre a face da terra; e o povo se levantou todo aquele dia, e toda aquela noite, e todo o dia seguinte, e apanhavam as codornizes; o que menos apanhava apanhava dez ômeres e espalharam-nos todos ao redor do arraial, e estando a carne ainda entre os dentes, antes de ser mastigada, a ira do Senhor se acendeu contra o povo, e o Senhor feriu o povo com mui grande praga."

Neste caso, o Senhor deu ao povo o que não era para o seu bem, porque eles o teriam. Eles não se submetiam a receber do Senhor apenas as coisas que provariam para o seu bem. Entregaram-se a murmurações sediciosas contra Moisés e contra o Senhor, porque não receberam as coisas que lhes seriam prejudiciais. Seus apetites depravados os controlavam, e Deus lhes deu carne, conforme desejavam, e os deixou sofrer os resultados de satisfazer seus apetites lascivos. As febres ardentes reduziram um número muito grande de pessoas. Aqueles que foram os mais culpados em suas murmurações foram mortos assim que provaram a carne pela qual desejavam. Se eles tivessem se submetido a que o Senhor selecionasse sua comida para eles, e tivessem sido agradecidos e satisfeitos com alimentos dos quais pudessem comer livremente sem danos, eles não teriam perdido o favor de Deus e então seriam punidos por suas murmurações rebeldes. , por um grande número deles sendo mortos.

CAPÍTULO XXIV.

MIRIAM.

DEPOIS de Moisés ter dito ao Senhor que ele era incapaz de suportar o fardo do povo sozinho, e Deus o instruiu a escolher setenta dos anciãos, e ele colocou sobre eles o mesmo Espírito que estava sobre Moisés, Arão e Miriã foram invejosos por não terem sido consultados sobre o assunto. Eles não se sentiram reconciliados com o ato de Moisés ao receber tão prontamente o conselho de Jetro, seu sogro. Eles temiam que ele tivesse mais influência sobre Moisés do que eles. E agora, setenta anciãos foram escolhidos sem serem consultados; e como eles mesmos nunca haviam sentido a responsabilidade e os encargos que Moisés havia suportado pelo povo, não viam nenhuma necessidade real da ajuda dos setenta anciãos. "E eles disseram: O Senhor realmente falou apenas por Moisés? Ele não falou também por nós? E o Senhor o ouviu."

Arão e Miriã pensaram, como haviam sido escolhidos para ajudar Moisés na obra, que carregavam o fardo da obra tão bem quanto Moisés. E como o Senhor havia falado por eles, bem como por Moisés, por que ele deveria reclamar de fardos tão pesados a ponto de precisar de setenta dos juízes e anciãos designados para o trabalho de ajudá-lo. Moisés sentiu sua fraqueza. Ele sentiu a importância do grande trabalho que lhe foi confiado, como nenhum outro homem jamais sentiu. Arão havia mostrado sua fraqueza cedendo ao povo e fazendo um bezerro de fundição, na ausência de Moisés. Deus sempre foi o conselheiro de Moisés.

Como Miriã ficou com ciúmes de Moisés, ela estava disposta a encontrar falhas nos eventos de sua vida que Deus havia especialmente anulado. Ela reclamou de Moisés porque ele se casou com uma mulher etíope, em vez de tomar uma esposa entre os hebreus. A esposa de Moisés não era negra, mas sua tez era um pouco mais escura que a dos hebreus. Ela era de uma disposição tímida, compassiva... e foi muito afetada ao testemunhar o sofrimento. Esta foi a razão pela qual Moisés consentiu em que ela voltasse a Midiã, enquanto ele estava no Egito, para que ela não testemunhasse as terríveis pragas que o Senhor traria sobre o Egito. Depois que ela encontrou seu marido no deserto, ela viu que seus fardos e ansiedades eram capazes de desgastar suas forças, e em sua angústia ela informou seu pai sobre o assunto. Jetro havia marcado que o cuidado de todo o povo estava sobre Moisés e, portanto, aconselhou-o a cuidar dos interesses religiosos do exército hebreu, enquanto homens dignos, livres de cobiça, deveriam ser selecionados para cuidar dos interesses seculares do povo. .

Depois que Miriã ficou com ciúmes, ela imaginou que Aarão e ela mesma haviam sido negligenciadas, e que a esposa de Moisés era a causa - que ela havia influenciado a mente de seu marido - para que ele não os consultasse em assuntos importantes tanto quanto antes.

O Senhor ouviu as palavras de murmuração contra Moisés e ficou descontente; porque Moisés era muito manso, mais do que todos os homens que havia sobre a face da terra. "E falou de repente o Senhor a Moisés, e a Arão, e a Miriã: Saíam, três, à tenda da congregação. E saíram os três. E o Senhor desceu na coluna de nuvem, e pôs-se em pé. à porta do tabernáculo, e chamou Arão e Miriã, e ambos saíram, e ele disse: Ouvi agora as minhas palavras: Se entre vós houver profeta, eu, o Senhor, me darei a conhecer a ele em visão, e em sonhos falarei com ele. Não é assim o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Com ele falarei boca a boca, mesmo aparentemente, e não em palavras obscuras, e ele verá a semelhança do Senhor; Portanto, não temeis vós falar contra o meu servo Moisés? E a ira do Senhor se acendeu contra eles, e ele se foi. E a nuvem saiu do tabernáculo, e eis que Miriã ficou leprosa, branca como a neve; e Aarão olhou para Miriã, e eis que ela estava leprosa. E Aarão disse a Moisés: Ai, meu senhor, vejo a ti, não ponhas sobre nós o pecado em que procedemos loucamente e em que pecamos. Que ela não seja como uma morta." "E Moisés

clamou ao Senhor, dizendo: Cura-a agora, ó Deus, peço-te." "E Miriã foi excluída do acampamento sete dias; e o povo não viajou até que Miriã fosse trazida novamente".

A nuvem foi removida do tabernáculo porque a ira de Deus repousou sobre Miriã, e não voltou até que ela foi removida do acampamento. Deus escolheu Moisés e colocou seu Espírito sobre ele; e pelas queixas de Miriã contra o servo escolhido de Deus, ela não apenas se comportou de forma irreverente com Moisés, mas com o próprio Deus, que o havia escolhido. Aaron foi atraído para o espírito ciumento de sua irmã Miriam. Ele poderia ter evitado o mal se não tivesse simpatizado com ela e apresentado diante dela a pecaminosidade de sua conduta. Mas em vez disso, ele ouviu suas palavras de reclamação. As murmurações de Miriã e Arão são registradas como uma repreensão a todos os que cedem ao ciúme e se queixam daqueles sobre quem Deus coloca o fardo de sua obra.

CAPÍTULO XXV.

CALEB E JOSUÉ.

O SENHOR ordenou a Moisés que enviasse homens para vasculhar a terra de Canaã, que ele daria aos filhos de Israel. Um governante de cada tribo deveria ser escolhido para este propósito. Eles foram, e depois de quarenta dias, voltaram de sua busca, e vieram diante de Moisés e Arão, e toda a congregação de Israel, e mostraram-lhes o fruto da terra. Todos concordaram que era uma boa terra e exibiram os ricos frutos que haviam trazido como prova. Um cacho de uvas era tão grande que dois homens o carregavam entre eles em um cajado. Trouxeram também figos e romãs, que ali cresciam em abundância. Depois que eles falaram da fertilidade da terra, todos, exceto dois, falaram muito desanimados de poderem possuí-la. Disseram que era muito forte o povo que habitava na terra, e as cidades eram cercadas de grandes e altos muros; e, mais do que tudo isso, eles viram os filhos do gigante Anak ali. Eles então descreveram como as pessoas estavam situadas ao redor de Canaã, e a impossibilidade de eles serem capazes de possuí-la.

À medida que as pessoas ouviam este relato, deram vazão à sua decepção com amargas censuras e lamentações. Eles não esperaram, refletiram e raciocinaram que Deus, que os havia trazido até agora, certamente lhes daria a terra. Mas eles cederam ao desânimo imediatamente. Eles limitaram o poder do Santo e não confiaram em Deus, que até então os havia conduzido. Eles censuraram a Moisés e murmuraram entre si: Este, então, é o fim de todas as nossas esperanças. Esta é a terra que temos vindo do Egito para obter. Caleb e Joshua procuraram obter uma audiência; mas as pessoas estavam tão excitadas que não podiam se ordenar a ouvir esses dois homens. Depois que eles se acalmaram um pouco, Caleb se aventurou a falar. Ele disse ao povo: "Subamos imediatamente e a possuamos, pois bem podemos vencê-la". Mas os homens que subiram com ele disseram: "Não podemos subir contra o povo, porque é mais forte do que nós". E eles continuaram a repetir seu mau relatório, e declararam que todos os homens eram de grande estatura. "E vimos ali os gigantes, os filhos de Anaque, que vêm dos gigantes. o povo chorou naquela noite, e todos os filhos de Israel murmuraram contra Moisés e contra Arão e toda a congregação lhes disse: Quem dera tivéssemos morrido na terra do Egito, ou se tivéssemos morrido neste deserto! nos trouxe o Senhor a esta terra, para cairmos à espada, para que nossas mulheres e nossos filhos sejam por presa? Não seria melhor voltarmos para o Egito? E disseram uns aos outros: Façamos um capitão, e voltemos ao Egito. Então Moisés e Arão prostraram-se com o rosto em terra diante de toda a congregação da congregação dos filhos de Israel".

Os israelitas não apenas deram vazão às suas queixas contra Moisés, mas acusaram o próprio Deus de tratá-los enganosamente, prometendo-lhes uma terra que eles não podiam possuir. Seu espírito rebelde aqui se elevou tanto que, esquecidos do forte braço da Onipotência que os havia tirado da terra do Egito, e até então os havia conduzido por uma série de milagres, resolveram escolher um comandante para conduzi-los de volta ao Egito, onde foram escravos, e sofreram tantas dificuldades. Na verdade, eles os nomearam um capitão, descartando assim Moisés, seu paciente e sofredor líder; e murmuraram amargamente contra Deus.

Moisés e Arão prostraram-se diante do Senhor, na presença de toda a congregação, para implorar a misericórdia de Deus em favor de um povo rebelde. Mas sua angústia e tristeza eram grandes demais para serem expressas. Permaneceram de braços em completo silêncio. Calebe e Josué alugam suas roupas, como expressão da maior tristeza. "E falaram a toda a congregação dos filhos de Israel, dizendo: A terra pela qual passamos para procurá-la é terra muitíssimo boa. Se o Senhor se agradar de nós, então nos fará entrar nesta terra, e dai-nos, uma terra que mana leite e mel. Somente não vos rebeleis contra o Senhor, nem temais o povo da terra, porque eles são pão para nós. A sua defesa passou deles, e o Senhor está conosco. Não os tema."

"Sua defesa está afastada deles." Ou seja, os cananeus haviam preenchido a medida de sua iniqüidade, e a proteção divina foi retirada deles, e eles se sentiram perfeitamente seguros e despreparados para a batalha; e, pela aliança de Deus, a terra está assegurada para nós. Em vez dessas palavras terem o efeito planejado sobre o povo, eles aumentaram sua determinada rebelião. Eles ficaram furiosos e clamaram com um clamor alto e irado, que Calebe e Josué deveriam ser apedrejados, o que teria sido feito, se o Senhor não tivesse interposto por uma demonstração mais notável de sua terrível glória no tabernáculo da congregação., diante de todos os filhos de Israel.

Moisés entrou no tabernáculo para conversar com Deus. "E o Senhor disse a Moisés: Até quando este povo me provocará? e fará de ti uma nação maior e mais poderosa do que eles. E Moisés disse ao Senhor: Então os egípcios o ouvirão, porque tu fizeste subir este povo do meio deles, e eles o contarão aos habitantes desta terra; porque ouviram que tu, Senhor, estás no meio deste povo, que tu, Senhor, és visto face a face, e que a tua nuvem está sobre eles, e que vais adiante deles, de dia numa coluna de nuvem e numa coluna de fogo durante a noite. Agora, se matares todo este povo como um só homem, então as nações que ouviram a tua fama falarão, dizendo: Porque o Senhor não pôde trazer este povo para a terra que lhes jurou, por isso os matou no deserto".

Moisés novamente se recusa a destruir Israel, e ele mesmo se torna uma nação mais poderosa do que Israel. Este servo favorito de Deus manifesta seu amor por Israel e mostra seu zelo pela glória de seu Criador e pela honra de seu povo: Assim como você perdoa este povo do Egito até agora, você tem sido longânimo e misericordioso até agora para com este povo ingrato, por mais indigno que seja, tua misericórdia é a mesma. Ele implora: Você não irá, portanto, poupá-los desta vez e adicionar este mais um exemplo de paciência divina aos muitos que você já recebeu?

"E o Senhor disse: Eu perdoei conforme a tua palavra. Mas tão verdadeiramente quanto eu vivo, toda a terra se encherá da glória do Senhor. Porque todos aqueles homens que viram a minha glória e os meus milagres, que eu fizem no Egito e no deserto, e já me tentaram estas dez vezes, e não deram ouvidos à minha voz; certamente não verão a terra que jurei a seus pais, nem a verá nenhum dos que me provocaram. Mas meu servo Calebe, porque tinha

outro espírito com ele, e me seguiu plenamente, eu o trarei para a terra para onde foi, e a sua descendência a possuirá”.

O Senhor ordenou que os hebreus voltassem e fossem para o deserto pelo caminho do Mar Vermelho. Eles estavam muito perto da boa terra; mas, por sua rebelião perversa, eles perderam a proteção de Deus. Se tivessem recebido o relatório de Calebe e Josué, e subido imediatamente, Deus lhes teria dado a terra de Canaã. Mas eles eram incrédulos e mostraram um espírito tão insolente contra Deus, que trouxeram sobre si mesmos a denúncia de que nunca deveriam entrar na terra prometida. Foi por piedade e misericórdia que Deus os enviou de volta pelo Mar Vermelho, pois os amalequitas e cananeus, enquanto demoravam e murmuravam, ouviram falar dos espiões e se prepararam para fazer guerra contra os filhos de Israel.

"E falou o Senhor a Moisés e a Arão, dizendo: Até quando terei de suportar esta má congregação, que murmura contra mim? Tenho ouvido as murmurações dos filhos de Israel, que murmuram contra mim." O Senhor disse a Moisés e Aarão que dissessem ao povo que faria com eles como haviam falado. Eles haviam dito: "Se tivéssemos morrido na terra do Egito! Ou se tivéssemos morrido neste deserto." Agora Deus os aceitará em sua palavra. Ele diz a seus servos que digam a eles que eles devem cair no deserto, de vinte anos para cima, por causa de sua rebelião e murmuração contra o Senhor. Somente Calebe e Josué deveriam ir para a terra de Canaã. "Mas os vossos pequeninos, que dissestes que seriam por presa, eu os trarei, e eles conhecerão a terra que desprezastes."

O Senhor declarou que os filhos dos hebreus deveriam vagar no deserto quarenta anos, contados desde o momento em que deixaram o Egito, por causa da rebelião de seus pais, até que todos morressem. Assim eles deveriam suportar e sofrer as conseqüências de sua iniquidade quarenta anos, de acordo com o número de dias que eles estivessem procurando na terra, um dia por um ano. "E conhecereis minha quebra de promessa." Eles devem compreender plenamente que foi o castigo por sua idolatria e murmúrios rebeldes, que obrigaram o Senhor a mudar seu propósito em relação a eles. Calebe e Josué receberam a promessa de uma recompensa em preferência a todo o exército de Israel, porque este último havia perdido toda reivindicação ao favor e proteção de Deus.

O Senhor enviou fogo da sua presença e consumiu os homens que trouxeram o mau relatório, o que fez toda a congregação murmurar contra Moisés e contra o Senhor. Mas Calebe e Josué viveram diante do Senhor e diante do povo, o que lhes evidenciou que seu relato estava correto.

Quando o povo aprendeu com Moisés o propósito de Deus a respeito deles, eles choraram muito. No dia seguinte, bem cedo, reuniram-se diante de Moisés, todos aparelhados para a guerra, e disseram: Estamos aqui, e iremos ao lugar que o Senhor prometeu; pois pecamos. O Senhor havia dito que eles não deveriam possuir a terra, mas morrer no deserto; e se fossem para a batalha, não prosperariam. Moisés disse: "Não subais, porque o Senhor não está no meio de vós; para que não sejais feridos diante dos vossos inimigos; porque os amalequitas e os cananeus estão diante de vós, e caireis à espada; porque fostes desviados do o Senhor, por isso o Senhor não estará com vocês". Mas eles se aventuraram a sair contra seus inimigos sem seu líder designado e sem a arca da aliança do Senhor; e eles foram recebidos por seus inimigos, e feridos, e levados adiante deles. Aqui os israelitas se arrependeram tarde demais; e quando Deus disse que eles não deveriam subir para possuir a terra, eles estavam tão adiantados quanto antes.

Apesar das recentes murmurações dos israelitas e da declaração de Deus de que deveriam morrer no deserto, eles não andaram cuidadosa e humildemente diante dele.

O Senhor fez do caso de Miriã um exemplo especial de advertência aos israelitas. Eles tinham visto sobre ela a ira de Deus por causa de seu ciúme e queixas contra seu servo escolhido Moisés. O Senhor então lhes disse que Moisés era maior que um profeta, e que ele havia se revelado a Moisés de maneira mais direta do que a um profeta. Disse o Senhor: "Com ele falarei boca a boca". Ele então perguntou a eles: "Por que então vocês não temeram falar contra meu servo Moisés?" E Miriã ficou leprosa. As instruções dadas neste caso a Aarão e Miriã não se destinavam apenas a seu benefício, mas ao bem de toda a congregação de Israel.

CAPÍTULO XXVI.

CORÁ, DATAN E ABIRAM.

O SENHOR sabia que Coré era rebelde de coração e secretamente trabalhava contra Moisés na congregação de Israel, embora sua rebelião ainda não tivesse se desenvolvido. O Senhor fez de Miriã um exemplo, como advertência a todos os que pudessem ser tentados a se rebelar contra Moisés. Corá não estava satisfeito com sua posição. Ele estava ligado ao serviço do tabernáculo, mas desejava ser exaltado ao sacerdócio. Deus havia estabelecido Moisés como governador-chefe, e o sacerdócio foi dado a Arão e seus filhos. Coré decidiu obrigar Moisés a mudar a ordem das coisas, por meio da qual ele deveria ser elevado à dignidade do sacerdócio. Para ter mais certeza de cumprir seu propósito, ele atraiu Datã e Abirã, os descendentes de Rúben, para sua rebelião.

Eles raciocinaram que, sendo descendentes dos filhos mais velhos de Jacó, a autoridade principal, que Moisés usurpou, pertencia a eles; e, com Coré, eles estavam decididos a obter o ofício do sacerdócio. Estes três tornaram-se muito zelosos em uma obra maligna. Eles influenciaram duzentos e cinquenta homens de renome a se juntarem a eles, que também estavam determinados a participar do sacerdócio e do governo. Deus honrou os levitas para prestar serviço no tabernáculo, porque eles não tomaram parte em fazer e adorar o bezerro de ouro, e por causa de sua fidelidade em executar a ordem de Deus sobre os ídólatras.

Aos levitas foi atribuído o ofício de erguer o tabernáculo e acampar ao redor dele, enquanto as hostes de Israel armavam suas tendas a uma distância do tabernáculo. E quando eles viajaram, os levitas desmontaram o tabernáculo e o levaram, e a arca, e o candelabro, e os outros objetos sagrados da mobília. Porque Deus honrou assim os levitas, eles se tornaram ambiciosos por cargos ainda mais elevados, para que pudessem obter maior influência na congregação. "E ajuntaram-se contra Moisés e contra Arão, e disseram-lhes: Vós tendes demasiado sobre vós, visto que toda a congregação é santa, cada um deles, e o Senhor está no meio deles. vós acima da congregação do Senhor?"

Corá, Datã e Abirã, e duzentos e cinquenta príncipes que se juntaram a eles, primeiro ficaram com ciúmes, depois com inveja e depois se rebelaram. Eles falaram sobre a posição de Moisés como governante do povo, até que imaginaram que era uma posição muito invejável, que qualquer um deles poderia ocupar tão bem quanto Moisés. E eles se entregaram ao descontentamento, até que realmente se enganaram, e uns aos outros, pensando que Moisés e Arão se colocaram na posição que ocupavam para Israel. Eles disseram que Moisés e Arão se exaltaram acima da congregação do Senhor, tomando sobre eles o sacerdócio e o governo, e que este ofício não deveria ser conferido apenas à sua casa. Eles disseram que era suficiente para eles estarem no mesmo nível de seus irmãos; pois eles

não eram mais santos do que o povo, que era igualmente favorecido com a presença e proteção peculiares de Deus.

Ao ouvir as palavras de Coré, Moisés encheu-se de angústia e prostrou-se com o rosto em terra diante do povo. "E ele falou a Coré e a toda a sua congregação, dizendo: Ainda amanhã o Senhor mostrará quem é dele e quem é santo; e o fará chegar a ele; até aquele a quem ele banhou ele fará Isto faze: Tomai incensários, Coré, e toda a sua congregação, e põe fogo neles, e amanhã deitai incenso neles perante o Senhor; e será que o homem que o Senhor escolher, Ele será santo. Vós tendes demasiado sobre vós, ó filhos de Levi. E Moisés disse a Coré: Ouve, peço-vos, ó filhos de Levi: Parece-vos pouca coisa, que o Deus de Israel separou vós da congregação de Israel, para vos aproximar de si mesmo para fazerdes o serviço do tabernáculo do Senhor, e para vos apresentardes perante a congregação para os servir? de Levi contigo, e buscais também o sacerdócio, motivo pelo qual tanto tu como toda a tua congregação se ajuntaram contra o Senhor. o que é Arão, para que murmureis contra ele?" Moisés lhes disse que Arão não havia assumido nenhum cargo por si mesmo; que Deus o havia colocado no ofício sagrado.

Dathin e Abirão disseram: "É pouca coisa que você nos fez subir de uma terra que mana leite e mel, para nos matar no deserto, a menos que você se torne um príncipe sobre nós? trouxe-nos para uma terra que mana leite e mel, ou nos deu a herança de campos e vinhas. Queres furar os olhos destes homens? Não subiremos.

Eles acusaram Moisés de ser a causa de eles não entrarem na terra prometida. Eles disseram que Deus não havia tratado com eles assim. Ele não havia dito que eles deveriam morrer no deserto. Eles nunca acreditariam que ele havia dito isso; mas que foi Moisés quem disse isso, não o Senhor; e que tudo foi arranjado por Moisés para nunca trazê-los para a terra de Canaã. Eles falaram que ele os conduziu de uma terra que manava leite e mel. Eles esqueceram, em sua rebelião cega, seus sofrimentos na terra do Egito e as pragas desoladoras trazidas sobre aquela terra. Mas eles agora acusam Moisés de trazê-los de uma boa terra, para matá-los no deserto, para que ele se tornasse rico com seus bens. Eles perguntaram a Moisés, de maneira insolente, se ele achava que nenhum de todo o exército de Israel era sábio o suficiente para entender seus motivos e descobrir sua impostura; ou se ele achava que todos eles se submeteriam a que ele os conduzisse como cegos, como quisesse, às vezes para Canaã, depois de volta para o Mar Vermelho e o Egito. Essas palavras eles falaram diante da congregação e se recusaram totalmente a reconhecer a autoridade de Moisés e Arão.

Moisés ficou muito comovido com essas acusações injustas. Ele apelou a Deus diante do povo se ele já havia agido arbitrariamente e implorou que ele fosse seu juiz. As pessoas em geral estavam descontentes e influenciadas pela deturpação de Coré. "E disse Moisés a Coré: Esteja tu e toda a tua congregação perante o Senhor, tu e eles, e Arão, amanhã; e tomai cada um o seu incensário, e porei neles incenso, e apresentai-vos cada um perante o Senhor. o seu incensário, duzentos e cinqüenta incensários, também tu e Arão, cada um de vós o seu incensário; e cada um tomou o seu incensário, e pôs fogo nele, e pôs incenso sobre ele, e se pôs à porta do tabernáculo do congregação com Moisés e Arão".

Coré e sua companhia, que aspiravam ao sacerdócio em sua autoconfiança, até pegaram os incensários e ficaram na porta do tabernáculo com Moisés. Coré acalentou sua inveja e rebelião até que ele se enganou, e ele realmente pensou que a congregação era um povo muito justo, e que Moisés era um governante tirânico, continuamente pensando na necessidade de a congregação ser santa, quando não havia necessidade dele, pois eles eram santos.

Esses rebeldes lisonjearam o povo em geral para acreditar que eles estavam certos e que todos os seus problemas surgiram de Moisés, seu governante, que continuamente os lembrava de seus pecados. As pessoas pensavam que se Coré pudesse liderá-los, encorajá-los e insistir em seus atos justos, em vez de lembrá-los de seus fracassos, eles deveriam ter uma jornada muito pacífica e próspera, e ele sem dúvida os guiaria, não de volta e adiante no deserto, mas para a terra prometida. Eles disseram que foi Moisés quem lhes disse que não podiam entrar na terra, e que o Senhor não havia dito isso.

Corá, em sua exaltada autoconfiança, reuniu toda a congregação contra Moisés e Arão, "à porta da tenda da congregação. E a glória do Senhor apareceu a toda a congregação. E o Senhor falou a Moisés e a Aarão, dizendo: Separai-vos desta congregação, para que eu os consuma em um momento; e prostraram-se sobre seus rostos, e disseram: Ó Deus, Deus dos espíritos de toda a carne, um homem pecará, e tu indignar-se com toda a congregação? E o Senhor falou a Moisés, dizendo: Fala à congregação, dizendo: Levanta-te da tenda de Corá, Datã e Abirão. E Moisés se levantou e foi a Datã e Abirão, e os anciãos de Israel o seguiram, e ele falou à congregação, dizendo: Retirai-vos, peço-vos, das tendas destes ímpios, e nada toqueis deles, para que não pereçais em todos os seus pecados. o tabernáculo de Coré, Datã e Abirão, de todos os lados; e Datã, e Abirão saiu, e pôs-se à porta de suas tendas, e suas mulheres, e seus filhos, e seus filhinhos. E Moisés disse: Nisto conhecereis que o Senhor me enviou para fazer todas estas obras; pois não os fiz de minha própria mente. Se esses homens morrerem a morte comum de todos os homens, ou se forem visitados após a visitação de todos os homens, então o Senhor não me enviou. Mas se o Senhor fizer uma coisa nova, e a terra abrir a boca e os engolir, com tudo o que lhes pertence, e eles descerem rapidamente à cova, então entenderéis que esses homens provocaram o Senhor". Quando Moisés parou de falar, a terra se abriu e os engoliu, e suas tendas, e tudo o que lhes pertencia. Eles desceram vivos à cova, e a terra se fechou sobre eles, e pereceram do meio da congregação.

Quando os filhos de Israel ouviram o clamor dos que pereciam, eles fugiram para longe deles. Eles sabiam que eram, em certa medida, culpados; pois haviam recebido as acusações contra Moisés e Arão; e temeram que também pervessem com eles. O julgamento de Deus ainda não havia terminado. Um fogo saiu da nuvem de glória e consumiu os duzentos e cinquenta homens que ofereciam incenso. Eles eram príncipes; isto é, homens geralmente de bom senso e de influência na congregação, homens de renome. Eles eram altamente estimados, e seu julgamento tinha sido muitas vezes solicitado em assuntos difíceis. Mas eles foram afetados por uma influência errada e tornaram-se invejosos, ciumentos e rebeldes. Eles não pereceram com Coré, Datã e Abirão, porque não foram os primeiros em rebelião. Eles deveriam ver seu fim primeiro e ter a oportunidade de se arrepender de seu crime. Mas eles não se reconciliaram com a destruição daqueles homens ímpios; e a ira de Deus veio sobre eles, e os destruiu também.

"E o Senhor falou a Moisés, dizendo: Dize a Eleazar, filho de Arão, o sacerdote, que pegue os incensários do fogo e espalhe o fogo além, porque são santificados. Os incensários destes pecadores contra suas próprias almas, façam para elas grandes placas para a cobertura do altar; porque as ofereceram perante o Senhor, por isso são santificadas; e serão por sinal para os filhos de Israel". Após esta exibição do julgamento de Deus, o povo voltou para suas tendas, mas não se humilhou. Eles estavam apavorados. Eles foram profundamente influenciados pelo espírito de rebelião, e foram lisonjeados por Coré e sua companhia para acreditar que eles eram um povo muito bom, e que tinham sido injustiçados e abusados por Moisés. Eles tinham suas mentes tão profundamente imbuídas do espírito daqueles que haviam perecido, que era difícil libertar-se de seu preconceito cego. Se eles admitissem que

Coré e sua companhia eram todos iníquos, e Moisés justo, então seriam compelidos a receber como a palavra de Deus, aquilo em que não estavam dispostos a acreditar, que certamente todos morreriam no deserto. Eles não estavam dispostos a se submeter a isso e tentaram acreditar que era tudo impostura, e que Moisés os havia enganado. Os homens que haviam perecido tinham falado com eles palavras agradáveis, e manifestado especial interesse e amor por eles; e eles pensaram que Moisés era um homem planejador. Eles decidiram que não podiam estar 'errados; que, afinal, aqueles homens que pereceram eram homens bons, e Moisés de alguma forma foi a causa de sua destruição.

Satanás pode levar almas enganadas a grandes distâncias. Ele pode perverter seu julgamento, sua visão e sua audição. Foi assim no caso dos israelitas. "Mas no dia seguinte toda a congregação dos filhos de Israel murmurou contra Moisés e contra Arão, dizendo: Vós matastes o povo do Senhor." O povo ficou desapontado com o resultado do assunto, pois resultou em favor de Moisés e Arão. A aparição de Coré e sua companhia, todos exercendo impiedosamente o ofício dos sacerdotes com seus incensários, impressionou o povo. Eles não viram que esses homens estavam oferecendo uma afronta ousada à divina Majestade. Quando foram destruídos, as pessoas ficaram aterrorizadas; mas depois de um curto período de tempo, todos vieram de maneira tumultuada a Moisés e Arão, e os acusaram com o sangue daqueles homens que haviam perecido pela mão de Deus.

"E aconteceu que, estando a congregação ajuntada contra Moisés e contra Arão, olharam para a tenda da congregação; e eis que a nuvem o cobriu, e a glória do Senhor apareceu. a tenda da congregação. E o Senhor falou a Moisés, dizendo: Levanta-te do meio desta congregação, para que eu os consuma num momento. E eles caíram sobre seus rostos". Não obstante a rebelião de Israel e sua conduta cruel para com Moisés, ainda assim ele manifestou por eles o mesmo interesse de antes. Ele se prostrou diante do Senhor e implorou que poupasse o povo. Enquanto Moisés orava diante do Senhor para perdoar o pecado de seu povo, ele pediu a Arão que fizesse expiação por seus pecados, enquanto ele permanecia diante do Senhor, para que suas orações subissem com o incenso e fossem aceitáveis a Deus, para que todos a congregação pode não perecer em sua rebelião. "E disse Moisés a Arão: Toma um incensário, e põe fogo nele do altar, e acende incenso, e vai depressa à congregação, e faz expiação por eles, porque já saiu ira do Senhor. começou a praga; e Arão tomou como Moisés ordenara, e correu para o meio da congregação; e eis que a praga começou entre o povo; e pôs incenso, e fez expiação pelo povo; e ficou entre o povo. os mortos e os vivos, e a praga cessou. Ora, os que morreram da praga foram catorze mil e setecentos, além dos que morreram no caso de Coré. E Aarão voltou a Moisés à porta da tenda da congregação, e a praga cessou."

CAPÍTULO XXVII.

BARRA DE AARÃO.

DEUS misericordiosamente condescendeu em dar ao exército de Israel outra evidência, calculada para corrigir seu julgamento pervertido. Ele, portanto, exigiu que cada tribo pegasse uma vara e escrevesse na vara o nome da casa de seus pais. "E escreverás o nome de Arão na vara de Levi; porque uma vara será para a cabeça da casa de seus pais. E tu os depositarás na tenda da congregação, diante do testemunho, onde me encontrarei contigo. . E acontecerá que a vara do homem que eu escolher florescerá. E farei cessar de mim as murmurações dos filhos de Israel, com que murmuram contra ti". "E Moisés pôs as varas diante do Senhor na tenda do testemunho. E aconteceu que no dia seguinte Moisés entrou

na tenda do testemunho; e eis que a vara de Arão para a casa de Levi estava brotada, e deu brotos, e flores desabrocharam, e deram amêndoas. E Moisés trouxe todas as varas de diante do Senhor a todos os filhos de Israel; e eles olharam, e tomaram cada um a sua vara. E disse o Senhor a Moisés: Traze A vara de Aarão novamente diante do testemunho, para ser guardada por sinal contra os rebeldes; e tu debes tirar de mim as suas murmurações, para que não morram”. Deus aqui operou um milagre que foi suficiente para silenciar as queixas dos israelitas e que deveria ser um testemunho permanente de que Deus havia estabelecido o sacerdócio sobre Arão. Todas as mudanças notáveis na vara ocorreram em uma noite, para convencê-los de que Deus havia distinguido positivamente entre Arão e o restante dos filhos de Israel. Depois desse milagre, de poder divino, a autoridade do sacerdócio não foi mais questionada. Essa vara maravilhosa foi preservada para ser frequentemente mostrada ao povo, para lembrá-los do passado, para impedi-los de murmurar e novamente questionar a quem o sacerdócio pertencia por direito.

Depois que os filhos de Israel estavam totalmente convencidos de seu erro, acusando injustamente Moisés e Arão como haviam feito; eles viram sua rebelião passada em sua verdadeira luz e ficaram aterrorizados. Eles “falaram a Moisés, dizendo: Eis que morremos, perecemos, todos perecemos”. Eles são finalmente compelidos a acreditar na verdade indesejável de que seu destino é morrer no deserto. Depois que eles acreditaram que era realmente o Senhor quem havia dito que eles não deveriam entrar na terra prometida, mas deveriam morrer, eles então reconheceram que Moisés e Arão estavam certos e que haviam pecado contra o Senhor, rebelando-se contra sua autoridade. Eles também confessaram que Coré e aqueles que pereceram com ele eram pecadores contra o Senhor, e que haviam sofrido sua ira com justiça.

Os fatos relativos a Coré e seu grupo, que se rebelaram contra Moisés e Arão, e contra Jeová, são registrados como aviso ao povo de Deus, especialmente aos que vivem na Terra perto do fim dos tempos. Satanás tem levado as pessoas a imitar o exemplo de Corá, Datã e Abirão, em levantar a insurreição entre o povo de Deus. Os que se permitem erguer-se em oposição ao claro testemunho, enganam-se a si mesmos. Esses realmente pensaram que aqueles sobre o qual Deus colocou o fardo de sua obra foram exaltados acima do povo de Deus, e que seus conselhos e reprovações eram desnecessários. Eles se levantaram em oposição ao testemunho claro que Deus deseja que seus servos dêem ao repreender os erros entre o povo de Deus. Os testemunhos dados contra indulgências prejudiciais, como chá, café, rapé e tabaco, irritaram certa classe, porque destruiriam seus ídolos. Muitos, por algum tempo, ficaram indecisos quanto a fazer um sacrifício completo de todas essas coisas prejudiciais, ou rejeitar os testemunhos claros dados, e ceder aos clamores do apetite. Eles ocupavam uma posição instável. Havia um conflito entre suas convicções de verdade e suas auto-indulgências. Seu estado de indecisão os enfraqueceu e, com muitos, prevaleceu o apetite. Seu senso de coisas sagradas foi pervertido pelo uso desses venenos lentos; e eles finalmente decidiram, seja qual for a consequência, que eles não negariam a si mesmos. Esta terrível decisão imediatamente levantou um muro de separação entre eles e aqueles que estavam se purificando, como Deus ordenou, de toda imundícia da carne e do espírito, e estavam aperfeiçoando a santidade no temor do Senhor. Os testemunhos diretos dados estavam em seu caminho e lhes causavam grande inquietação; e eles encontraram alívio em guerrear contra eles, e se esforçando para fazer a si mesmos e outros acreditarem que eles eram falsos. Eles disseram que as pessoas estavam bem, mas foram os testemunhos reprovadores que causaram o problema. E quando os rebeldes desfraldam sua bandeira, todos os descontentes se unem em torno do estandarte, e todos os espiritualmente defeituosos, os coxos, os mancos e os cegos, unem sua influência para espalhar e semear a discórdia.

Todo avanço dos servos de Deus à frente da obra tem sido observado com suspeita por aqueles que tiveram um espírito de insurreição, e todas as suas ações foram deturpadas pela crítica, até que almas honestas tenham sido atraídas para o laço por falta, de conhecimento correto. Aqueles que os desviam são tão afetados por preconceitos cegos e por rejeitarem os testemunhos que Deus lhes enviou, que não podem ver ou ouvir corretamente. É tão difícil desenganar alguns desses que se permitiram ser levados à rebelião, quanto convencer os israelitas rebeldes de que estavam errados e que Moisés e Arão estavam certos. Mesmo depois de Deus, de uma maneira milagrosa, ter feito a terra engolir Coré, Datã e Abirão, os líderes da rebelião, o povo ainda acreditava que Moisés e Arão estavam errados, e que eles haviam matado o povo do reino. Senhor. Os hebreus não foram curados de sua rebelião até que quatorze mil e setecentos das pessoas que se juntaram aos rebeldes foram mortos. E então, depois de tudo isso, Deus em misericórdia condescendeu em realizar um milagre notável na vara de Arão, para resolver suas mentes para sempre em relação ao sacerdócio.

CAPÍTULO XXVIII.

O PECADO DE MOISÉS.

NOVAMENTE a congregação de Israel foi trazida ao deserto, ao mesmo lugar onde Deus os provou logo após sua saída do Egito. O Senhor tirou-lhes água da rocha, que continuou a fluir até pouco antes de voltarem à rocha, quando o Senhor fez cessar aquela corrente viva, para provar novamente ao seu povo, para ver se eles suportariam a prova de sua fé, ou murmuraria contra ele novamente.

Quando os hebreus estavam com sede e não encontravam água, ficaram impacientes e não se lembraram do poder de Deus que, quase quarenta anos antes, lhes havia tirado água da rocha. Em vez de confiar em Deus, queixaram-se de Moisés e Aarão, e disseram-lhes: "Quem dera tivéssemos morrido quando nossos irmãos morreram diante do Senhor!" isto é, eles desejavam que fossem daquele número que havia sido destruído pela praga na rebelião de Coré, Datã e Abirão.

Eles perguntaram com raiva: "Por que vocês trouxeram a congregação do Senhor para este deserto, para que nós e nosso gado morrêssemos ali? E por que nos fizestes subir do Egito, para nos trazer a este lugar mau? não é lugar de semente, nem de figos, nem de vides, nem de romãs, nem há água para beber. E Moisés e Arão foram da presença da congregação à porta da tenda da congregação, e caiu sobre os seus rostos, e a glória do Senhor lhes apareceu. E o Senhor falou a Moisés, dizendo: Toma a vara, e ajunta a congregação, tu e Arão, teu irmão, e fala à rocha diante dos seus olhos. , e dará a sua água, e tu lhes farás tirar água da rocha; e darás de beber à congregação e aos seus animais. E Moisés tomou a vara de diante do Senhor, como lhe ordenara. E Moisés e Arão reuniu a congregação diante da rocha; e disse a eles: Ouvi, agora, rebeldes; devemos buscar-lhe água desta rocha? E Moisés levantou a mão, e com a vara feriu duas vezes a rocha; e a água saiu em abundância; e a congregação bebeu, e também os seus animais. E o Senhor falou a Moisés e a Arão: Porque não me crestes, para me santificardes aos olhos dos filhos de Israel, por isso não trareis esta congregação à terra que lhes dei.

Aqui Moisés pecou. Ele se cansou com as contínuas murmurações do povo contra ele, e por ordem do Lore, tomou a vara e, em vez de falar com a rocha, como Deus lhe ordenou, ele a feriu com a vara duas vezes, depois de dizer: "Devemos buscar água para você desta rocha?"

Ele aqui falou imprudentemente com seus lábios. Ele não disse, Deus agora mostrará a você outra evidência de seu poder, e lhe trará água desta rocha. Ele não atribuiu o poder e a glória a Deus por fazer a água fluir novamente a rocha de pederneira e, portanto, não o engrandeceu diante do povo. Por esse fracasso da parte de Moisés, Deus não permitiu que ele conduzisse o povo à terra prometida.

Essa necessidade da manifestação do poder de Deus tornou a ocasião de grande solenidade; e Moisés e Arão deveriam tê-lo melhorado para causar uma impressão favorável ao povo. Mas Moisés ficou agitado; e em impaciência e raiva com o povo por causa de suas murmurações, ele disse: "Ouvi agora, rebeldes; devemos buscar água para vocês desta rocha?" Ao falar assim, ele virtualmente admitiu murmurar a Israel que eles estavam corretos em acusá-lo de tirá-los do Egito. Deus havia perdoado ao povo transgressões maiores do que este erro da parte de Moisés; mas ele não podia considerar um pecado em um líder de seu povo como naqueles que eram liderados. Ele não podia desculpar o pecado de Moisés e permitir que ele entrasse na terra prometida.

O Senhor aqui deu a seu povo uma prova inequívoca de que aquele que havia realizado uma libertação tão maravilhosa para eles ao tirá-los da escravidão egípcia, era o poderoso Anjo, e não Moisés, que ia adiante deles em todas as suas viagens, e de quem ele havia disse: "Eis que envio um anjo adiante de ti, para te guardar no caminho e para te levar ao lugar que preparei. Acautela-te dele, e obedece à sua voz; não o provoque, porque ele não perdoará a tua transgressões; porque o meu nome está nele". Moisés tomou para si a glória que pertencia a Deus, e tornou necessário que Deus fizesse isso em seu caso que deveria satisfazer para sempre o rebelde Israel que não foi Moisés quem os tirou do Egito, mas o próprio Deus. O Senhor havia confiado a Moisés o encargo de liderar seu povo, enquanto o poderoso Anjo ia adiante deles em todas as suas jornadas e dirigia todas as suas viagens. Porque eles estavam tão prontos para esquecer que Deus os estava guiando por seu Anjo, e para atribuir ao homem o que somente o poder de Deus poderia realizar, ele os provou e os testou, para ver se eles o obedeceriam. Em todas as tentativas eles falharam. Em vez de acreditarem e reconhecerem Deus, que havia marcado seu caminho com evidências de seu poder e sinais de seu cuidado e amor, eles desconfiaram dele e atribuíram sua saída do Egito a Moisés, acusando-o de ser a causa de todos os seus desastres. Moisés suportou a teimosia deles com notável paciência. Certa vez, ameaçaram apedrejá-lo.

O Senhor removeria essa impressão para sempre de suas mentes, proibindo Moisés de entrar na terra prometida. O Senhor havia exaltado Moisés. Ele havia revelado a ele sua grande glória. Ele o havia levado a uma sagrada proximidade consigo mesmo no monte e condescendeu em conversar com ele como um homem fala com um amigo. Ele havia comunicado a Moisés, e por meio dele ao povo, sua vontade, seus estatutos e suas leis. Sendo assim exaltado e honrado por Deus, tornou seu erro de maior magnitude. Moisés se arrependeu de seu pecado e se humilhou grandemente diante de Deus. Ele relatou a todo o Israel sua tristeza por seu pecado. O resultado de seu pecado ele não escondeu, mas disse-lhes que, por assim deixar de atribuir glória a Deus, ele não poderia levá-los à terra prometida. Ele então perguntou a eles, se esse erro de sua parte era tão grande a ponto de ser assim corrigido por Deus, como Deus consideraria suas repetidas murmurações ao acusá-lo (Moisés) das visitas incomuns de Deus por causa de seus pecados.

Para este único exemplo, Moisés havia permitido a impressão de que ele lhes havia trazido água da rocha, quando deveria ter magnificado o nome do Senhor entre seu povo. O Senhor agora resolveria a questão com seu povo, que Moisés era apenas um homem, seguindo a orientação e direção de um mais poderoso do que ele, o Filho de Deus. Nisso ele os deixaria sem dúvida. Onde muito é dado, muito é exigido. Moisés fora altamente favorecido com

visões especiais da majestade de Deus. A luz e a glória de Deus lhe haviam sido comunicadas em rica abundância. Seu rosto havia refletido sobre o povo a glória que o Senhor fizera resplandecer sobre ele. Todos serão julgados de acordo com os privilégios que tiveram, e a luz e os benefícios concedidos.

Os pecados dos homens bons, cuja conduta geral foi digna de imitação, são peculiarmente ofensivos a Deus. Eles fazem Satanás triunfar e insultar os anjos de Deus com as falhas dos instrumentos escolhidos de Deus, e dão aos injustos ocasião para se levantarem contra Deus. O próprio Senhor conduziu Moisés de uma maneira especial, e revelou a ele sua glória, como a nenhum outro na terra. Ele era naturalmente impaciente, mas havia se apegado firmemente à graça de Deus, e tão humildemente implorou sabedoria do Céu, que foi fortalecido por Deus, e superou sua impaciência, de modo que foi chamado por Deus o homem mais manso da face de Deus. toda a terra.

Arão morreu no Monte Hor; pois o Senhor havia dito que ele não deveria entrar na terra prometida; porque, com Moisés, ele havia pecado ao trazer água da rocha em Meribá. Moisés e os filhos de Arão o sepultaram no monte, para que o povo não fosse tentado a fazer grande cerimônia sobre seu corpo e ser culpado do pecado de idolatria.

Os cananeus fizeram guerra a Israel, e alguns deles fizeram prisioneiros; e o exército dos israelitas implorou ao Senhor que fosse com eles para a batalha contra os cananeus, e os entregasse em suas mãos, e eles destruiriam totalmente suas cidades e seriam fiéis em seguir a Deus. Ele ouviu sua oração e saiu com seus exércitos para a batalha, e os israelitas venceram seus inimigos e destruíram totalmente a eles e suas cidades.

CAPÍTULO XXIX.

SERPENTES DE FOGO.

Quando o povo partiu de Hor pelo caminho do Mar Vermelho, para cercar a terra de Edom, eles ficaram muito desanimados e queixaram-se das dificuldades do caminho. "E o povo falou contra Deus e contra Moisés: Por que nos tiraste do Egito para morrermos no deserto? enviou serpentes abrasadoras entre o povo, que morderam o povo, e morreu muito povo de Israel; por isso o povo veio a Moisés e disse: Pecamos, porque temos falado contra o Senhor e contra ti; ora ao Senhor, que tirasse de nós as serpentes. E Moisés orou pelo povo. E disse o Senhor a Moisés: Faze uma serpente ardente, e põe-na sobre um poste, e acontecerá que todo o que for picado, quando ele olhar para ela, viverá. E Moisés fez uma serpente de bronze e a colocou sobre uma haste; e aconteceu que, se uma serpente mordesse alguém, quando ele via a serpente de bronze, ele vivia."

As murmurações dos filhos de Israel não eram razoáveis; e o irracional sempre vai aos extremos. Eles proferiram falsidades ao dizer que não tinham pão nem água. Ambos os haviam dado por um milagre da misericórdia de Deus. Para puni-los por sua ingratidão e queixando-se de Deus, o Senhor permitiu que serpentes ardentes os mordessem. Eles eram chamados de fogo, porque sua mordida produzia inflamação dolorosa e morte rápida. Os israelitas, até aquele momento, haviam sido preservados dessas serpentes no deserto por um milagre contínuo; pois o deserto pelo qual eles viajaram estava infestado de serpentes venenosas.

Moisés disse ao povo que Deus os havia preservado até então, que não haviam sido prejudicados pelas serpentes, o que era um sinal de seu cuidado por eles. Ele lhes disse que

era por causa de suas murmurações desnecessárias, queixando-se das dificuldades em sua jornada, que Deus havia permitido que fossem picados por serpentes. Isso foi para mostrar-lhes que Deus os havia preservado de muitos e grandes males, os quais, se ele tivesse permitido vir sobre eles, eles teriam sofrido o que poderiam chamar de dificuldades. Mas Deus havia preparado o caminho antes deles. Não havia nenhuma doença entre eles. Seus pés não haviam inchado em todas as suas jornadas, nem suas roupas envelhecidas. Deus lhes dera comida de anjos e água pura da rocha dura. E com todos esses sinais de seu amor, se eles reclamassem, ele enviaria seus julgamentos sobre eles por sua ingratidão, e os faria perceber seu cuidado misericordioso passado por eles, do qual eles não se importavam.

Os israelitas ficaram aterrorizados e humilhados por causa das serpentes, e confessaram seu pecado murmurando. Moisés foi instruído a erguer a serpente de bronze sobre um poste, e se aqueles que foram mordidos olhassem para isso, deveriam ser curados.

Aqui os israelitas foram obrigados a fazer algo. Eles devem olhar para a serpente de bronze se quiserem viver. Muitos morreram pela mordida das serpentes. Quando Moisés levantou a serpente no poste, alguns não tinham fé de que apenas olhar para aquilo os curaria, e eles morreram. Mães, pais, irmãos e irmãs, estavam todos empenhados em ajudar seus parentes e amigos sofrendores e moribundos, a fixar seus olhos lânguidos na serpente. Se eles pudessem apenas olhar enquanto desmaiavam e morriam, eles reviveram e foram curados de todos os efeitos de suas feridas venenosas. Não havia virtude na serpente de bronze para causar tal mudança imediatamente naqueles que a olhavam. A virtude curativa recebida por olharem para a serpente foi derivada somente de Deus. Ele escolheu, em sua sabedoria, essa maneira de exibir seu poder. Foi a fé do povo na provisão feita, que foi aceitável a Deus. Por esse meio simples, as pessoas ficaram cientes de que Deus havia permitido que essas serpentes os afligissem por causa de suas murmurações e falta de fé nele. Se eles obedecessem a Deus, não teriam motivos para temer, pois ele seria seu amigo e os preservaria dos perigos aos quais estavam continuamente expostos no deserto.

Os hebreus em sua aflição não puderam salvar-se do efeito das serpentes ardentes. Somente Deus poderia salvar o pecador e rebelde Israel, por seu poder infinito; ainda assim, em sua sabedoria, ele não achou por bem perdoar suas transgressões sem testar seu arrependimento e fé. Eles foram obrigados, por um ato próprio, a mostrar sua penitência e fé na provisão que Deus havia feito para sua recuperação. Eles, por sua vez, devem agir. Eles devem olhar, a fim de viver. O ato de olhar mostrou sua fé no Filho de Deus, a quem a serpente representava. O levantamento da serpente de bronze foi para ensinar uma lição a Israel. Eles haviam apresentado suas ofertas a Deus, e sentiram que, assim fazendo, haviam feito ampla expiação por seus pecados. Eles não confiaram, pela fé, nos méritos do Redentor por vir, dos quais suas ofertas eram apenas o tipo. A serpente, feita de bronze para assemelhar-se à serpente de fogo, deveria ser colocada no meio do acampamento, erguida sobre um poste. Isso era para mostrar a Israel que suas ofertas, por si mesmas, não tinham mais virtude ou poder salvador do que a serpente de bronze, que deveria reviver em suas mentes o futuro sacrifício do Filho de Deus. Assim, também, suas ofertas deveriam ser trazidas com vontade subjugada e coração penitente, eles tendo fé na oferta meritória do querido Filho de Deus. Ninguém foi obrigado a olhar para a serpente de bronze. Todos podiam olhar e viver, ou não acreditar na simples provisão que Deus havia feito, recusar-se a olhar e morrer.

As exigências de Deus nem sempre podem ser apreciadas por seu povo, e muitos são incapazes de compreender o trato de Deus com eles; no entanto, não é sua parte questionar os propósitos de Deus, mas render obediência submissa; pois Deus tem um propósito em todos os seus requisitos, que podemos não ver completamente aqui, mas veremos a seguir.

Israel foi preservado por um milagre da misericórdia de Deus durante todos os dias de suas viagens no deserto. O poderoso Anjo que ia adiante deles era o Filho de Deus. Ele nivelou o caminho deles, para que seus pés não inchassem. Foi a Majestade do Céu quem subjuguou e conteve as feras fortes e perigosas da floresta, bem como as serpentes venenosas que infestavam o deserto. Os filhos de Israel não perceberam os mil perigos dos quais foram preservados em suas viagens, porque foram mantidos longe deles. Eles tinham corações duros de incredulidade e não se conformavam em ser guiados e controlados por Deus. Imaginavam males. Eles insistiram nos perigos que os ameaçavam, embora não os experimentassem. O Senhor permitiu que as serpentes os afligissem, para que compreendessem o quanto poderiam ter sofrido se Deus não os tivesse envolvido misericordiosamente e os preservado da aflição e da morte. O Senhor acabara de lhes dar uma vitória maravilhosa sobre seus inimigos, em resposta à oração. O Senhor os provou, para ver se eles olhariam para ele e confiariam nele, se fossem levados a lugares difíceis. Mas eles não resistiram ao teste; queixaram-se de Deus, e de Moisés matá-los com fome. O Senhor os puniu, permitindo que a morte de que se queixavam viesse sobre eles.

A serpente de bronze, erguida em uma haste, ilustra o Filho de Deus, que deveria morrer na cruz. As pessoas que sofrem os efeitos do pecado podem encontrar esperança e salvação somente na provisão que Deus fez. Assim como os israelitas salvaram suas vidas olhando para a serpente de bronze, os pecadores podem olhar para Cristo e viver. Ao contrário da serpente de bronze, ele tem virtude e poder em si mesmo para curar o pecador sofrendo, arrependido e crente. Cristo diz de si mesmo: "E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna".

CAPÍTULO XXX.

BALAÃO.

OS ISRAELITAS avançaram e acamparam nas planícies de Moabe, deste lado do Jordão, perto de Jericó. Balaque, o rei dos moabitas, viu que os israelitas eram um povo poderoso; e ao saberem que haviam destruído os amorreus e tomado posse de sua terra, ficaram extremamente aterrorizados. Todo Moabe estava em apuros. "E disse Moabe aos anciãos de Midiã: Agora esta companhia lambe todos os que estão ao nosso redor, como o boi lambe a erva do campo. E Balaque, filho de Zipor, era rei dos moabitas naquele tempo ... Enviou, pois, mensageiros a Balaão, filho de Beor, a Petor, que está junto ao rio da terra dos filhos de seu povo, para chamá-lo, dizendo: Eis que um povo saiu do Egito; eis que cobrem a face da terra, e permanecem defronte de mim. Vem agora, pois, rogo-te, amaldiçoa-me este povo, porque é muito poderoso para mim; porventura prevalecerei, para que o feriremos, e para que eu os expulse da terra, porque eu sei que aquele a quem tu abençoa é abençoado, e aquele a quem tu amaldiçoa é amaldiçoado."

Balaão tinha sido um profeta de Deus e um homem bom; mas ele apostatou e se entregou à cobiça, de modo que amou o salário da injustiça. Na época em que Balaque enviou mensageiros para ele, ele estava vacilante, seguindo um curso para ganhar e manter o favor e a honra dos inimigos do Senhor, por causa das recompensas que recebeu deles. Ao mesmo tempo, ele estava professando ser um profeta de Deus. As nações idólatras acreditavam que poderiam ser proferidas maldições que afetariam indivíduos e até nações inteiras. Enquanto os mensageiros relatavam sua missão a Balaão, ele sabia muito bem que resposta dar-lhes; mas ele pediu-lhes que ficassem naquela noite, e ele lhes daria notícias como o Senhor

deveria falar com ele. Os presentes nas mãos dos homens excitavam sua disposição cobiçosa. Deus veio a Balaão de noite, por meio de um dos seus anjos, e perguntou-lhe: Que homens são estes contigo? "E Balaão disse a Deus: Balaque, filho de Zipor, rei de Moabe, me enviou, dizendo: Eis que vem do Egito um povo que cobre a face da terra. Vem, agora, amaldiçoa-me porventura poderei vencê-los e expulsá-los. E disse Deus a Balaão: Não irás com eles, não amaldiçoarás o povo, porque são abençoados. O anjo diz a Balaão que os filhos de Israel são conduzidos sob a bandeira do Deus do Céu, e que nenhuma maldição do homem poderia retardar seu progresso. Pela manhã, ele se levantou e relutantemente disse aos homens que voltassem para Balaque, pois o Senhor não permitiria que ele fosse com eles. Então Balak enviou outros príncipes, mais numerosos e mais honrosos, ou ocupando uma posição mais elevada do que os antigos mensageiros; e desta vez o chamado de Balaque foi mais urgente: "Nada, peço-te, te impeça de vir a mim, porque eu te promoverei para grande honra, e farei tudo o que me disseres. amaldiçoa-me este povo. E Balaão respondeu e disse aos servos de Balaque: Se Balaque me der sua casa cheia de prata e ouro, não posso ir além da palavra do Senhor meu Deus, para fazer menos ou mais."

Seu temor do poder de Deus mantém a ascendência sobre seu caráter cobiçoso; no entanto, sua conduta mostra que seu amor à honra e ao ganho lutava arduamente pelo domínio, e ele não o subjugou. Ele teria satisfeito sua cobiça, se tivesse ousado fazê-lo. Depois que Deus disse que ele não deveria ir, ele estava ansioso para receber o privilégio de ir. Ele os exortou a permanecer naquela noite, para que pudesse perguntar novamente a Deus. Um anjo foi enviado a Balaão para dizer-lhe: "Se os homens vierem te chamar, levanta-te e vai com eles; mas a palavra que eu te disser farás." O Senhor permitiu que Balaão seguisse suas próprias inclinações e tentasse, se assim o quisesse, agradar tanto a Deus como aos homens.

Os mensageiros de Balaque não o chamaram pela manhã para que fosse com eles. Eles ficaram aborrecidos com seu atraso e esperavam uma segunda recusa. Balaão poderia ter se desculpado e facilmente evitado ir; mas ele pensou que porque o Senhor pela segunda vez não proibiu sua partida, ele iria e alcançaria os embaixadores de Balaque. A ira do Senhor se acendeu contra Balaão porque ele foi; e ele enviou seu anjo para ficar no caminho e matá-lo por sua presunçosa tolice. A besta viu o anjo do Senhor e se desviou. Balaão estava fora de si de raiva. O falar da besta passou despercebido por ele como algo notável, pois ele estava cego pela paixão. Quando o anjo se revelou a Balaão, ele ficou apavorado, deixou sua besta e se curvou em humildade diante do anjo. Ele relatou a Balaão a palavra do Senhor, e disse: "Saí para resistir a ti, porque o teu caminho é perverso diante de mim". Era importante para Israel vencer os moabitas, a fim de vencer os habitantes de Canaã. Depois que o anjo advertiu de maneira impressionante Balaão contra agradar os moabitas, ele lhe deu permissão para prosseguir sua jornada. Deus glorificaria seu nome, mesmo através do presunçoso Balaão, diante dos inimigos de Israel. Isso não poderia ser feito de maneira mais eficaz do que mostrando-lhes que um homem da disposição cobiçosa de Balaão não ousava, por quaisquer promessas de promoção ou recompensas, pronunciar uma maldição contra Israel.

Balaque encontrou Balaão e perguntou-lhe por que ele demorou para vir quando o chamou; e disse-lhe que tinha poder para promovê-lo à honra. Balaão respondeu: Eis que vim a ti. Ele então lhe disse que não tinha poder para dizer nada. A palavra que Deus deveria dar a ele, que ele poderia falar, e não poderia ir mais longe. Balaão ordenou os sacrifícios de acordo com os ritos religiosos. Deus enviou seu anjo para se encontrar com Balaão, para lhe dar palavras de expressão, como ele havia feito em ocasiões em que Balaão estava totalmente dedicado ao serviço de Deus. "E o Senhor pôs uma palavra na boca de Balaão, e disse: Volta para Balaque, e assim falarás. E ele tomou a sua parábola, e disse: Balaque, rei de Moabe, me

trouxe da Síria, dos montes do oriente, dizendo: Vem amaldiçoar-me a Jacó, e vem, desafia a Israel. Deus não amaldiçoou, ou como desafiarei a quem o Senhor não desafiou? Pois do cume das rochas o vejo, e dos montes o contemplo. Eis que o povo habitará sozinho, e não será contado entre as nações. Quem pode contar o pó de Jacó, e o número da quarta parte de Israel? Que eu morra a morte do justo, e que o meu fim seja como o dele!"

Balaão falou em um estilo solene e profético. Como devo desafiar ou devotar à destruição aqueles a quem Deus prometeu prosperar? ele declarou em palavras proféticas que Israel deveria permanecer um povo distinto; que eles não devem ser unidos, engolidos ou perdidos em qualquer outra nação; que eles se tornariam muito mais numerosos do que eram então e ele relatou sua prosperidade e força. Ele viu que o fim dos justos era realmente desejável e expressou profeticamente seu desejo de que sua vida terminasse como a deles.

Balak ficou desapontado e zangado. Ele exclama: "Que me fizeste? Tomei-te para amaldiçoar os meus inimigos, e eis que os abençoaste de uma vez." Balaque pensa que é a grandiosa aparição dos israelitas em suas tendas, que Balaão vê de um alto monte, que o impede de amaldiçoá-los. Ele acha que se o levar para outro lugar, onde Israel não apareça com tanta vantagem, pode obter uma maldição de Balaão. Novamente, em Zofim, no cume do Pisga, Balaão ofereceu holocaustos, e então foi sozinho comungar com o anjo de Deus. E o anjo disse a Balaão o que dizer. Quando ele voltou, Balaque perguntou ansiosamente: "O que o Senhor falou?" "E, tomando a sua parábola, disse: Levanta-te, Balaque, e ouve; ouve-me, filho de Zipor: Deus não é homem, para que minta, nem filho do homem, para que se arrependa. Porventura disse ele e não o fará, ou falou e não o cumprirá? Eis que recebi o mandamento de abençoar, e ele abençoou, e não posso anulá-lo. em Jacó, nem viu perversidade em Israel. O Senhor seu Deus está com ele, e no meio deles há alarido de rei. Deus os tirou do Egito; ele tem como que a força de um unicórnio. Certamente contra Jacó não há encantamento, nem adivinhação contra Israel. Neste tempo se dirá de Jacó e de Israel: Que fez Deus! Eis que o povo se levantará como um grande leão, e se levantará como um leão novo. Não se deitará até que coma da presa e beba o sangue dos mortos".

Balak ainda se lisonjeava com a vã esperança de que Deus estava sujeito à variação, como o homem. Balaão o informa que Deus nunca será induzido a quebrar sua palavra, ou alterar seu propósito em relação a Israel, e que é em vão para ele esperar obter uma maldição para seu povo, ou esperar que ele reverta a bênção que prometeu. para eles; e nenhum encantamento ou maldição proferido por um adivinho poderia ter a menor influência sobre aquela nação que tem a proteção da Onipotência.

Balaão desejou parecer favorável a Balaque, e permitiu que ele fosse enganado, e pensasse que ele usava cerimônias e encantamentos supersticiosos quando implorava ao Senhor. Mas ao seguir a ordem que lhe foi dada por Deus, ele se tornou mais ousado na proporção em que obedeceu ao impulso divino, e deixou de lado sua pretensa conjuração e, olhando para o acampamento dos israelitas, ele os viu acampados em perfeita ordem, sob seus respectivos padrões, à distância do tabernáculo. Foi permitido a Balaão contemplar a gloriosa manifestação da presença de Deus, cobrindo, protegendo e guiando o tabernáculo. Ele estava cheio de admiração pela cena sublime. Ele abriu sua parábola com toda a dignidade de um verdadeiro profeta de Deus. Suas palavras proféticas são estas: "Quão boas são as tuas tendas, ó Jacó, e os teus tabernáculos, ó Israel! e como os cedros junto às águas; de seus baldes derramará a água, e a sua semente estará em muitas águas, e o seu rei será mais alto do que Agague, e o seu reino será exaltado. Deus o tirou do Egito. Ele tem, por assim dizer, a força de um unicórnio. Ele devorará as nações, seus inimigos, e quebrará seus ossos, e os traspassará com suas flechas. Ele se deitou, deitou-se como um leão, e como um grande leão.

Quem o agitará? Bem-aventurado aquele que te abençoa, e maldito aquele que te amaldiçoa. E a ira de Balaque se acendeu contra Balaão, e ele feriu suas mãos. E Balaque disse a Balaão: Chamei-te para amaldiçoa os meus inimigos, e eis que tu os abençoaste três vezes”.

Os moabitas entenderam a importância das palavras proféticas de Balaão – que os israelitas, depois de conquistar os cananeus, deveriam se estabelecer em sua terra, e todas as tentativas de subjugar-los não seriam mais úteis do que uma fera débil para despertar o leão sua toca. Balaão disse a Balaque que o informaria sobre o que os israelitas deveriam fazer com seu povo em um período posterior. O Senhor desvendou o futuro diante de Balaão e permitiu que os acontecimentos que ocorreriam diante de sua vista, para que os moabitas entendessem que Israel finalmente triunfaria. Enquanto Balaão ensaiava profeticamente o futuro para Balaque e seus príncipes, ele ficou impressionado com a futura demonstração do poder de Deus.

Depois que Balaão retornou ao seu lugar, e a influência controladora do Espírito de Deus o deixou, sua cobiça, que não havia sido vencida, mas meramente controlada, prevaleceu. Ele não conseguia pensar em nada além da recompensa e promoção à honra que poderia ter recebido de Balak, até que estivesse disposto a recorrer a qualquer meio para obter o que desejava. Balaão sabia que a prosperidade de Israel dependia de sua observância da lei de Deus; e que não havia como trazer uma maldição sobre eles senão seduzindo-os à transgressão. Ele decidiu garantir para si mesmo a recompensa de Balaque e a promoção que desejava, aconselhando os moabitas sobre o caminho a seguir para trazer a maldição sobre Israel. Ele aconselhou Balaque a proclamar uma festa idólatra em honra de seus deuses ídolos, e persuadiu os israelitas a comparecer, para que se deleitassem com a música; e então as mais belas mulheres midianitas deveriam induzir os israelitas a transgredir a lei de Deus, corromper-se e também influenciá-los a oferecer sacrifício aos ídolos. Este conselho satânico teve sucesso demais. Muitos dos israelitas foram persuadidos por Balaão, porque o consideravam um profeta de Deus, para se juntar a ele e se misturar com aquele povo idólatra, e se envolver com ele em idolatria e fornicação.

"E Israel se uniu a Baal-Peor, e a ira do Senhor se acendeu contra Israel. E o Senhor disse a Moisés: Toma todas as cabeças do povo, e pendura-as perante o Senhor contra o sol, para que a ira do Senhor se afaste de Israel. E disse Moisés aos juízes de Israel: Matai cada um os seus homens que se juntaram a Baal-Peor." Moisés ordenou aos juízes do povo que executassem o castigo de Deus contra aqueles que haviam transgredido, e pendurassem as cabeças dos transgressores diante do Senhor, para fazer com que Israel temesse seguir seu exemplo. O Senhor ordenou a Moisés que afligisse os midianitas e os ferisse, porque eles haviam afligido a Israel com suas artimanhas, com as quais os haviam enganado a transgredir os mandamentos de Deus.

O Senhor ordenou a Moisés que vingasse os filhos de Israel dos midianitas; e então ele deve ser reunido ao seu povo. Moisés ordenou aos homens de guerra que se preparassem para a batalha contra os midianitas. E guerrearam contra eles, como o Senhor ordenara, e mataram todos os homens, mas levaram cativas as mulheres e as crianças. Balaão foi morto com os midianitas. "E Moisés, e Eleazar, o sacerdote, e todos os príncipes da congregação, saíram ao encontro deles fora do arraial. E Moisés indignou-se contra os oficiais do arraial, com os capitães de mil e capitães de cem, que vieram da peleja. E Moisés lhes disse: Acaso salvastes todas as mulheres com vida? Eis que estas fizeram com que os filhos de Israel, por conselho de Balaão, cometessem transgressão contra o Senhor no caso de Peor, e houve uma praga entre a congregação do Senhor”.

Moisés ordenou aos homens de guerra que destruíssem as mulheres e os meninos. Balaão havia vendido os filhos de Israel por uma recompensa, e pereceu com o povo cujo favor havia obtido com o sacrifício de vinte e quatro mil israelitas. O Senhor é considerado cruel, por muitos, ao exigir que seu povo faça guerra com outras nações. Dizem que é contrário ao seu caráter benevolente. Mas aquele que fez o mundo e formou o homem para habitar na terra, tem controle ilimitado sobre todas as obras de suas mãos; e é seu direito fazer o que quiser, e o que quiser, com o trabalho de suas mãos. O homem não tem o direito de dizer ao seu Criador: Por que você faz isso? Não há injustiça em seu caráter. Ele é o governante do mundo, e grande parte de seus súditos se rebelou contra sua autoridade e pisoteou sua lei. Ele lhes concedeu bênçãos liberais e os cercou com tudo o que é necessário; contudo, eles se curvaram diante das imagens de madeira e pedra, prata e ouro, que suas próprias mãos fizeram. Eles ensinam a seus filhos que esses são os deuses que lhes dão vida e saúde, e tornam suas terras frutíferas, e lhes dão riquezas e honra. Eles desprezam o Deus de Israel. Eles desprezam seu povo porque suas obras são justas. "O tolo disse em seu coração: Deus não existe. Eles são corruptos, eles fizeram obras abomináveis." Deus os suportou até que eles completassem a medida de sua iniquidade, e então ele trouxe sobre eles uma destruição rápida. A mentira usou seu povo como instrumento de sua ira, para punir nações perversas que os aborreceram e os seduziram à idolatria.

Uma imagem de família foi apresentada diante de mim: parte dos filhos parece ansioso para aprender e obedecer às exigências do pai, enquanto os outros pisoteiam sua autoridade e parecem exultar em mostrar desprezo pelo governo de sua família. Eles compartilham os benefícios da casa de seu pai e estão constantemente recebendo sua recompensa; eles são totalmente dependentes dele por tudo o que recebem, mas não são gratos, mas se comportam com orgulho, como se todos os favores que receberam de seus pais indulgentes fossem fornecidos por eles mesmos. O pai percebe todos os atos desrespeitosos de seus filhos desobedientes e ingratos, mas os suporta.

Por fim, essas crianças rebeldes vão ainda mais longe e procuram influenciar e levar à rebelião os membros da família de seu pai que até agora foram fiéis. Então, toda a dignidade e autoridade do pai são postas em ação; e ele expulsa de sua casa os filhos rebeldes, que não apenas abusaram de seu amor e bênçãos, mas tentaram subverter os poucos restantes que se submeteram às leis sábias e judiciosas da casa de seu pai.

Por causa dos poucos que são leais, cuja felicidade foi exposta à influência sediciosa dos membros rebeldes de sua família, ele separa seus filhos desleais de sua família, enquanto ao mesmo tempo trabalha para trazer os restantes fiéis e leais. mais perto de si mesmo. Todos honrariam o proceder sábio e justo de tal pai, punindo mais severamente seus filhos rebeldes e desobedientes.

Deus tratou assim com seus filhos. Mas o homem, em sua cegueira, ignorará as abominações dos ímpios e passará despercebido a contínua ingratidão e rebelião, e os pecados ousados do Céu daqueles que pisam a lei de Deus e desafiam sua autoridade. Eles não param aqui, mas exultam em subverter seu povo e influenciá-lo por suas artimanhas para transgredir e mostrar desprezo aberto pelos sábios requisitos de Jeová.

Alguns podem ver apenas a destruição dos inimigos de Deus, que lhes parece impiedosa e severa. Eles não olham para o outro lado. Bat que sejam dadas graças eternas, esse homem impulsivo e mutável, com toda sua benevolência ostentada, não é o controlador e o controlador dos eventos. "As ternas misericórdias dos ímpios são cruéis."

CAPÍTULO XXXI.

MORTE DE MOISÉS.

MOISÉS estava prestes a morrer; e ele foi ordenado por Deus para reunir os filhos de Israel antes de sua morte, e relatar a eles todas as jornadas do exército hebreu desde a sua saída do Egito, e todas as grandes transgressões de seus pais, que trouxe seus julgamentos sobre eles, e o compeliu a dizer que eles não deveriam entrar na terra prometida. Seus pais morreram no deserto, segundo a palavra do Senhor. Seus filhos haviam crescido, e para eles a promessa seria cumprida de possuir terra, terra de Canaã. Muitos deles eram crianças pequenas quando a lei foi dada, e não tinham lembrança da grandeza do evento. Outros nasceram no deserto; e para que não percebessem a necessidade de obedecer aos dez mandamentos e a todas as leis e julgamentos dados a Moisés, ele foi instruído por Deus a recapitular os dez mandamentos e todas as circunstâncias relacionadas com a entrega da lei.

Moisés havia escrito em um livro todas as leis e julgamentos dados a ele por Deus, e havia registrado fielmente todas as suas instruções dadas a eles pelo caminho, e todos os milagres que ele havia realizado por eles, e todas as murmurações dos filhos de Israel. Moisés também registrou sua derrota por causa de suas murmurações.

Todas as pessoas estavam reunidas diante dele, e ele leu os eventos de sua história passada no livro que havia escrito. Ele leu, também, as promessas de Deus para eles se fossem obedientes, e as maldições que cairiam sobre eles se fossem desobedientes. Ele relatou ao povo sua grande tristeza por causa de sua culpa em Meribá. "E naquele tempo roguei ao Senhor, dizendo: Ó Senhor Deus, começaste a mostrar ao teu servo a tua grandeza e a tua mão poderosa; pois o que Deus há no céu ou na terra, que possa fazer segundo as tuas obras, E segundo a tua força, peço-te, deixa-me passar e ver a boa terra que está além do Jordão, aquele belo monte e o Líbano. Mas o Senhor se indignou comigo por causa de vós, e não me ouviu. disse-me o Senhor: Basta-te; não me fales mais deste assunto; sobe ao cume de Pisga, e levanta os teus olhos para o ocidente, e para o norte, e para o sul, e para o oriente, e contempla-o com os teus olhos, porque não passarás este Jordão, mas dá ordens a Josué, encoraja-o e fortalece-o, porque ele passará adiante deste povo, e fará com que herde a terra que há de ver. "Agora, pois, ouve, ó Israel, os estatutos e os juízos que eu vos ensino, para os cumprirdes, para que vivais, e entreis e possuiais a terra que vos dá o Senhor Deus de vossos pais. Não acrescentareis à palavra que vos ordeno, nem diminuireis nada dela, para que guardéis os mandamentos do Senhor vosso Deus, que eu vos ordeno".

Moisés lhes disse que, por sua rebelião, o Senhor várias vezes se propôs a destruí-los; mas ele intercedeu por eles tão fervorosamente que Deus graciosamente os poupou. Ele os lembrou dos milagres que o Senhor fez ao Faraó e a toda a terra do Egito. Ele lhes disse: "Mas os vossos olhos viram todos os grandes feitos do Senhor que ele fez. Portanto, guardareis todos os mandamentos que hoje vos ordeno, para que sejais fortes, e entreis e possuiais a terra, aonde você vai para possuí-lo."

Moisés advertiu especialmente os filhos de Israel contra serem seduzidos à idolatria. Encarregou-os fervorosamente de obedecerem aos mandamentos de Deus. Se eles se mostrassem obedientes, amassem o Senhor e o servissem com suas afeições indivisas, ele lhes daria chuva na estação certa, faria com que sua vegetação florescesse e aumentasse seu gado. Eles também devem desfrutar de privilégios especiais e exaltados, e devem triunfar sobre seus inimigos. Ele relatou a eles as vantagens da terra de Canaã sobre a do Egito. Em

certas estações do ano, as terras cultivadas no Egito tinham que ser regadas do rio por máquinas que eram trabalhadas a pé. Este foi um processo trabalhoso.

Disse-lhes Moisés: Porque a terra em que entrastes para possuí-la não é como a terra do Egito, de onde saístes, onde semeaste a tua semente e a regaste com o pé, como um jardim de ervas, mas a terra para onde a possuíis é terra de montes e vales, e bebe água da chuva do céu, terra que o Senhor teu Deus tem cuidado. Os olhos do Senhor teu Deus estão sempre sobre ela, desde o início do ano até o final do ano.

Muitos dos egípcios prestavam essa devoção ao rio que pertencia somente a Deus. Eles o reconheceram como seu deus, porque dependiam de suas águas para saciar sua sede e usar suas terras para fazer a vegetação florescer; e abastecia generosamente suas mesas com peixes.

Durante as pragas no Egito, Faraó foi pontual em sua devoção supersticiosa ao rio, e o visitava todas as manhãs; e, enquanto ele estava em suas margens, ele ofereceu louvor e ação de graças à água, relatando o grande bem que ela realizou, e dizendo à água de seu grande poder; que sem ela não poderiam existir; pois suas terras eram regadas por ela, e fornecia carne para suas mesas. A primeira praga que visitou o Egito veio sobre as águas, um dos deuses exaltados do Faraó. Moisés feriu a água diante de Faraó e seus grandes homens, e eles viram a água que eles adoravam se transformar em sangue. Foi uma massa pútrida por sete dias; e todos os peixes que havia nela morreram. As pessoas não podiam usar a água para qualquer finalidade.

Moisés instruiu os filhos de Israel de maneira séria e impressionante. Ele sabia que era sua última oportunidade de falar com eles. Ele então terminou de escrever em um livro todas as leis, juízos e estatutos que Deus lhe havia dado; também, os vários regulamentos a respeito de ofertas de sacrifício. Ele colocou o livro nas mãos de homens no ofício sagrado e pediu que, por segurança, fosse colocado ao lado da arca; pois o cuidado de Deus estava continuamente sobre aquela arca sagrada. Este livro de Moisés deveria ser preservado, para que os juízes de Israel pudessem se referir a ele se surgisse algum caso que o tornasse necessário. Um povo errante muitas vezes entende os requisitos de Deus para se adequar ao seu próprio caso; portanto, o livro de Moisés foi preservado em um lugar muito sagrado, para referência futura.

Moisés encerrou suas últimas instruções ao povo com um discurso profético muito poderoso. Era patético e eloquente. Por inspiração de Deus, ele abençoou separadamente as tribos de Israel. Em suas palavras finais, ele falou amplamente sobre a majestade de Deus e a excelência de Israel, que continuaria se eles obedecessem a Deus e se apoderassem de sua força. Ele lhes disse: "Não há ninguém como o Deus de Jesurum, que cavalga sobre o céu em teu auxílio, e em sua excelência no céu. O Deus eterno é o teu refúgio, e embaixo estão os braços eternos. lança o inimigo de diante de ti, e dirá: Destrua-os. Israel, então, habitará só em segurança. A fonte de Jacó estará sobre uma terra de milho e vinho; também os seus céus despejarão orvalho. Feliz arte tu, ó Israel, quem é semelhante a ti, ó povo salvo pelo Senhor, escudo do teu socorro e espada da tua excelência? E os teus inimigos serão achados mentirosos para ti, e pisaráis o seu alto lugares."

Josué foi escolhido por Deus para ser o sucessor de Moisés na liderança do exército hebreu para a terra prometida. Ele foi solenemente consagrado ao futuro importante trabalho de liderar, como um pastor fiel, o povo de Israel. "E Josué, filho de Num, estava cheio do espírito de sabedoria, porque Moisés tinha imposto as mãos sobre ele. E os filhos de Israel lhe deram ouvidos, e fizeram como o Senhor ordenara a Moisés." E deu a Josué ordem diante de toda a congregação de Israel: "Esforça-te e tem bom ânimo, porque levarás os

filhos de Israel à terra que lhes prometi com juramento, e serei contigo". Ele falou com Josué no lugar de Deus. Ele também reuniu os anciãos e oficiais das tribos diante dele, e solenemente os encarregou de agir com justiça e retidão em seus ofícios religiosos, e obedecer fielmente a todas as instruções que Deus lhes dera. Ele chamou o céu e a terra para registrar contra eles, que se eles se afastassem de Deus e transgredissem seus mandamentos, ele estava limpo; pois ele os havia instruído e advertido fielmente.

"E subiu Moisés das campinas de Moabe ao monte de Nebo, ao cume de Pisga, que está defronte de Jericó; e o Senhor lhe mostrou toda a terra de Gileade, até Dã, e todo Naftali, e a terra de Efraim, e Manassés, e toda a terra de Judá, até o mar extremo, e o sul, e a planície do vale de Jericó, a cidade das palmeiras, até Zoar. E o Senhor lhe disse: Esta é a terra que jurei a Abraão, a Isaque e a Jacó, dizendo: À tua descendência a darei; fiz-te ver com os teus olhos, mas não passarás para lá. Assim Moisés, servo do Senhor, morreu ali na terra de Moabe, conforme a palavra do Senhor; e o sepultou num vale na terra de Moabe, defronte de Bete-Peor; mas ninguém sabe do seu sepulcro até ao dia de hoje. cento e vinte anos de idade quando ele morreu; seu olho não estava embaçado, nem sua força natural diminuiu."

Moisés ascendeu a Pisga, a proeminência mais alta da montanha que ele poderia alcançar, e ali seus olhos claros e límpidos viram a terra, o lar prometido de Israel. Deus abriu diante de seus olhos toda a terra de Canaã. Ele ali no monte compreendeu plenamente as ricas bênçãos que Israel desfrutaria se obedecessem fielmente aos mandamentos de Deus.

Enquanto estava no monte, Moisés novamente confessa seu pecado diante de Deus e implora perdão por sua transgressão. Ele havia deplorado muito seu pecado que o impediu de entrar na terra prometida. Foi uma grave aflição para ele não ter permissão para entrar na Canaã terrestre. No entanto, ele aceita humildemente o castigo de sua transgressão e não murmura contra o decreto de Deus; não obstante, foi a contínua murmuração do povo que o afligiu, e foi a causa de sua impaciência por um momento, o que resultou em sua falha em atribuir a glória do grande milagre que testemunharam ao seu verdadeiro Autor. Esse era o propósito de Deus ao provar a seu povo que, em suas provações, eles seriam induzidos a invocá-lo para libertação; e ele lhes responderia revelando sua grandeza e poder a eles, para que sua fé e confiança estivessem somente em Deus. Aqui estava uma oportunidade favorável para Moisés adorar e magnificar a bondade e o poder de Deus, e causar uma profunda impressão no povo, enquanto seus corações se abrandavam, e sua gratidão despertava, e um solene e sagrado temor impregnava o lugar. Ele poderia ter exaltado a Deus diante deles, cujas ameaças nunca falham e cujas promessas são sempre certas.

Moisés, sozinho no monte, revisou sua vida passada de vicissitudes e dificuldades desde que se afastou das honras da corte e de um futuro reino no Egito, recusando-se a ser chamado filho da filha de Faraó, preferindo sofrer aflição com o povo de Deus. Ele lembra sua humilde vida de pastor e, enquanto cuida de seu rebanho, a visão maravilhosa da sarça flamejante, e o Senhor ali o santificando para o trabalho e confiando a ele a missão responsável de libertar Israel de sua opressão. Ele desceu de ponto a ponto em sua experiência. Ele lembrou os poderosos milagres do poder de Deus nas pragas do Egito para fazer Faraó querer deixar o povo ir; os hebreus andando pelo Mar Vermelho em terra seca, enquanto as águas estavam paradas como um muro de cada lado; o símbolo da presença divina na coluna de nuvem durante o dia e de fogo à noite; a água que lhes foi dada da rocha dura; o pão de cada dia que, durante a noite, caiu do céu ao redor de suas tendas; as vitórias que Deus lhes dera sobre seus inimigos; seu descanso tranquilo e seguro no meio de um vasto deserto; e a insuperável glória e majestade de Deus que lhe foi permitido testemunhar. Ao rever essas coisas, ele foi dominado por um senso da bondade e poder de Deus. Suas promessas eram certas para Israel. Quando eles foram fiéis e obedientes, nenhuma coisa

boa prometida foi negada a eles. Mas por causa de suas contínuas apostasias e pecados graves, quarenta anos foram consumidos em suas peregrinações no deserto.

Ele ficara desapontado e entristecido por causa da contínua rebelião de Israel; contudo, ele não pecou contra Deus até que se impacientou com Israel e falou imprudentemente com seus lábios. Apesar de todos os seus trabalhos e encargos para o rebelde Israel durante seus quarenta anos de jornada, apenas dois daqueles naquele vasto exército que tinham mais de vinte anos quando deixaram o Egito, foram encontrados tão fiéis que puderam ver a terra prometida. O Senhor havia dito que eles deveriam cair no deserto por causa de suas transgressões. Eles tinham corações maus de incredulidade. A laboriosa tarefa de Moisés, enquanto revisava o resultado de seu trabalho, parecia quase em vão.

Moisés submeteu-se ao decreto de Deus em relação a si mesmo. Ele não lamentou os fardos que havia suportado por um povo ingrato que não havia apreciado seu trabalho, seu cuidado ansioso e amor por eles. Ele sabia que sua missão e trabalho eram de designação do próprio Deus. Quando o Senhor deu a conhecer a Moisés seus propósitos de qualificá-lo para libertar seu povo da escravidão, ele se esquivou da responsabilidade e suplicou ao Senhor que escolhesse alguém mais qualificado para executar essa obra sagrada. Seu pedido não foi atendido. Desde que ele assumiu o trabalho, ele não o abandonou, nem deixou de lado o fardo. Várias vezes o Senhor propôs libertá-lo e destruir o rebelde Israel; mas Moisés não podia deixar Israel ir. Ele ainda escolheu carregar o fardo que o Senhor havia confiado a ele. Ele havia sido tão especialmente favorecido por Deus e obtido uma experiência tão rica durante suas viagens no deserto, ao testemunhar as manifestações dos milagres de Deus e sua excelente glória, que concluiu, revisando as cenas de sua vida, que havia tomado uma decisão sábia ao escolher sofrer aflições com o povo de Deus, em vez de desfrutar os prazeres do pecado por um tempo. Ele não lamentou seus sofrimentos e dificuldades. Apenas um ato infeliz prejudicou sua ilustre experiência. Se ele pudesse expiar esta transgressão, ele seria reconciliado para morrer. Foi-lhe dito que arrependimento, humilhação e fé no Filho de Deus, que morreria como sacrifício do homem, era tudo o que Deus exigia. Essa oferta perfeita e sem pecado seria totalmente aceitável a Deus e ligaria o homem finito, embora caído, se arrependido e obediente, à sua própria santidade.

Quando os anjos apresentaram a Moisés uma visão panorâmica da terra da promessa, ele pôde absorver toda a cena e apreciar com clareza quase divina sua magnificência. Era como um segundo Éden, abundante em árvores frutíferas de quase todas as variedades, e muito belas árvores ornamentais e flores. Havia boas cidades, com riachos e fontes de água. Havia campos de trigo e cevada, vinhas, figueiras, romãs, azeite de oliva e mel. O Senhor havia dito: "Comerás pão sem falta, nada lhe faltará".

Moisés viu eventos futuros, especialmente aqueles relacionados com o primeiro advento de Jesus Cristo. Foi-lhe mostrado cenas importantes e emocionantes da vida de Cristo, e os próprios lugares onde essas cenas seriam encenadas. Ele viu seu nascimento humilde, e os anjos proclamando as boas novas aos pastores: "Eis que vos trago boas novas de grande alegria, que será para todos os povos. Porque para vós nasceu hoje, na cidade de Davi, um Salvador, que é Cristo, o Senhor". Moisés viu que Cristo havia trocado sua majestade e esplendor pela manjedoura de Belém. Ele ouviu as vozes jubilosas da resplandecente hoste do Céu irromper naquele cântico divino: "Glória a Deus nas alturas, e paz na terra, boa vontade para com os homens". Ele viu o Salvador do mundo caminhando humildemente pelas ruas de Belém, despojado de honras régias, sem pompa ou grandeza. -Ele viu a maneira de sua rejeição pela nação judaica orgulhosa e corrupta. Eles desprezaram e rejeitaram Aquele que veio para lhes dar vida. Ali estava sua única estrela de esperança. Ele viu a grande agonia do Filho de Deus no jardim do Getsêmani, e a traição de Jesus nas mãos

de uma turba enfurecida por Satanás. Ele viu as zombarias e açoites cruéis instigados por sua própria nação, e seu último ato de coroação de pregá-lo na cruz; e Moisés viu que, como havia levantado a serpente no deserto, assim o Filho de Deus foi levantado na cruz de madeira. Ele o viu sangrando e morrendo, para que todo aquele que nele cresse não perecesse, mas tivesse a vida eterna.

Pesar, espanto, indignação e horror foram retratados no semblante de Moisés, quando ele viu a hipocrisia e o ódio satânico manifestado pela nação judaica contra seu Redentor, o poderoso anjo que havia ido antes de seus pais, e operado tão maravilhosamente por eles em todas as suas viagens. Ele ouviu seu grito agonizante: "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?" Ele o viu ressuscitar dos mortos, e caminhar como um conquistador triunfante, e ascender ao seu Pai escoltado por anjos adoradores. Os portões da cidade foram abertos por anjos, que receberam seu divino Comandante de volta com cânticos de glória e triunfo eterno. Moisés ' semblante mudou, e brilhou com um resplendor santo, enquanto ele via a glória e triunfo de Cristo. Quão pequenas pareciam todas as suas dificuldades, provações e sacrifícios, quando comparados com os do divino Filho de Deus! Ele se alegrou por ter ' escolhido para sofrer aflição com o povo de Deus e, em pequena medida, ser participante com Cristo de seus sofrimentos.

Não era a vontade de Deus que alguém subisse com Moisés ao cume do Pisga. Lá estava ele, sobre uma alta proeminência no topo de Pisga, na presença de Deus e dos anjos celestiais. Depois de ter visto Canaã para sua satisfação, deite-se, como um guerreiro cansado, para descansar. O sono veio sobre ele, mas era o sono da morte. Anjos levaram seu corpo e o enterraram no vale. Os israelitas nunca conseguiram encontrar o lugar onde ele foi sepultado. Seu enterro secreto foi para evitar que o povo pecasse contra o Senhor cometendo idolatria sobre seu corpo.

Aqueles que não tiveram o cuidado de atender suas instruções durante sua vida, correriam o maior perigo de manifestar uma dor não santificada no caso de sua morte, e cometeriam idolatria sobre seu corpo sem vida se pudessem obtê-lo. Deus planejou esconder Moisés deles, onde seu túmulo seria desconhecido, exceto por ele mesmo e pelos anjos celestiais. Moisés havia realizado muito por Israel. Em todas as suas instruções a eles se via justiça, inteligência e pureza.

A vida de Moisés foi marcada pelo supremo amor a Deus. Sua piedade, humildade e paciência deram-lhe influência sobre o exército de Israel. Seu zelo e fé em Deus eram maiores do que os de qualquer outro homem na terra. Ele muitas vezes se dirigiu ao seu povo com palavras de eloquência comovente. Ninguém sabia melhor do que ele como mover os afetos das pessoas. Ele conduziu todos os assuntos relacionados com os interesses religiosos do povo com grande sabedoria.

Satanás exultou por ter conseguido fazer com que Moisés pecasse contra Deus. Por esta transgressão, Moisés ficou sob o domínio da morte. Se ele tivesse continuado fiel, e sua vida não tivesse sido manchada com aquela única transgressão, ao deixar de dar a Deus a glória de trazer água da rocha, ele teria entrado na terra prometida e teria sido trasladado para o céu sem ver morte. Miguel, ou Cristo, com os anjos que sepultaram Moisés, desceu do céu, depois que ele permaneceu na sepultura por pouco tempo, e o ressuscitou e o levou para o céu.

Quando Cristo e os anjos se aproximaram da sepultura, Satanás e seus anjos apareceram na sepultura e estavam guardando o corpo de Moisés, para que não fosse removido. À medida que Cristo e seus anjos se aproximavam, Satanás resistiu à sua aproximação, mas foi compelido, pela glória e poder de Cristo e seus anjos, a recuar. Satanás reivindicou o corpo

de Moisés, por causa de sua única transgressão; mas Cristo humildemente o encaminhou a seu Pai, dizendo: "O Senhor te repreenda". Cristo disse a Satanás que sabia que Moisés havia humildemente se arrependido desse erro, que nenhuma mancha repousava sobre seu caráter, e que seu nome no livro celestial de registros permanecia imaculado. Então Cristo ressuscitou o corpo de Moisés, que Satanás havia reivindicado.

Na transfiguração de Cristo, Moisés e Elias, que haviam sido trasladados, foram enviados para falar com Cristo a respeito de seus sofrimentos, e ser os portadores da glória de Deus ao seu querido Filho. Moisés fora grandemente honrado por Deus. Ele teve o privilégio de falar com Deus face a face, como um homem fala com seu amigo. E Deus havia revelado a ele sua excelente glória, como nunca havia feito a nenhum outro.

Moisés era um tipo de Cristo. Ele recebeu as palavras da boca de Deus e as falou ao povo. Deus achou por bem disciplinar Moisés na escola da aflição e pobreza, antes que ele pudesse estar preparado para liderar os exércitos de Israel em suas viagens do Egito à Canaã terrestre. O Israel de Deus que está agora passando para a Canaã celestial tem um Capitão que não precisava de ensino terreno, como Moisés, para aperfeiçoá-lo para o trabalho de um mestre e líder divino para guiar seu povo a um país melhor e celestial. Ele não manifestou fraqueza ou imperfeição humana; no entanto, ele morreu para obter uma entrada para nós na terra prometida. Moisés apontou o povo para Cristo. Ele disse: "O Senhor teu Deus te suscitará um Profeta, do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis". Ele continua: "O Senhor me disse: Eles falaram bem o que falaram. Eu lhes suscitarei um profeta, dentre seus irmãos, como tu, e porei minhas palavras em sua boca, e ele falará a eles tudo o que eu lhe ordenar."

Por meio de sinais e cerimônias exteriores, o Senhor deu a conhecer aos hebreus sua pureza e santidade, e sua severa justiça. Ele também multiplicou as evidências de sua disposição de perdoar os errantes e pecadores que manifestaram verdadeiro arrependimento e submissão às suas justas exigências, enquanto eles apresentavam suas ofertas com fé na futura oferta dos pés do Filho de Deus. Quando o sumo sacerdote realizava seu serviço perante o povo, suas mentes se voltavam para o Salvador vindouro, de quem o sacerdote judeu era uma representação impressionante e bela.

CAPÍTULO XXXII.

JOSHUA.

DEPOIS da morte de Moisés, Josué seria o líder de Israel, para conduzi-los à terra prometida. Ele havia sido primeiro-ministro de Moisés durante a maior parte do tempo em que os israelitas vagaram pelo deserto. Ele havia visto as maravilhosas obras de Deus realizadas por Moisés e entendido bem a disposição do povo. Ele foi um dos doze espiões que foram enviados para explorar a terra prometida, e um dos dois que deram um relato fiel de sua riqueza, e que encorajaram o povo a subir na força de Deus e possuí-la. Ele estava bem qualificado para este importante cargo. O Senhor prometeu a Josué estar com ele como estivera com Moisés, e fazer de Canaã uma conquista fácil para ele, desde que ele fosse fiel em observar todos os seus mandamentos. Ele estava ansioso para saber como deveria executar sua comissão de conduzir o povo à terra de Canaã; mas esse encorajamento removeu seus medos.

Josué ordenou aos filhos de Israel que se preparassem para uma jornada de três dias, e que todos os homens de guerra saíssem para a batalha. "E responderam a Josué, dizendo: Tudo o

que nos ordenares faremos, e aonde quer que nos enviases iremos. seja contigo, como foi com Moisés, aquele que se rebelar contra o teu mandamento e não obedecer às tuas palavras em tudo o que lhe ordenares, será morto; apenas sê forte e tem bom ânimo. "

A passagem dos israelitas pelo Jordão deveria ser milagrosa. "E Josué disse ao povo: Santificai-vos, porque amanhã o Senhor fará maravilhas entre vós. E falou Josué aos sacerdotes, dizendo: Tomai a arca da aliança, e passa adiante do povo. E eles levaram a arca da aliança, e foi adiante do povo. E disse o Senhor a Josué: Hoje começarei a engrandecer-te à vista de todo o Israel, para que saibam que, como fui com Moisés, assim farei esteja contigo."

Os sacerdotes deveriam ir adiante do povo e levar a arca contendo a lei de Deus. E como seus pés foram mergulhados na borda do Jordão, as águas foram cortadas de cima, e os sacerdotes passaram, trazendo a arca, que era um símbolo da Presença Divina; e o exército hebreu o seguiu. Quando os sacerdotes estavam na metade do Jordão, eles foram ordenados a ficar no leito do rio até que todo o exército de Israel passasse. Aqui, a geração de israelitas então existente estava convencida de que as águas do Jordão estavam sujeitas ao mesmo poder que seus pais haviam visto no Mar Vermelho, quarenta anos antes. Muitos destes passaram pelo Mar Vermelho quando eram crianças. Agora eles passam pelo Jordão, homens de guerra, totalmente equipados para a batalha. Depois que todo o exército de Israel passou pelo Jordão, Josué ordenou aos sacerdotes que saíssem do rio. Assim que os sacerdotes, levando a arca da aliança, saíram do rio e pararam em terra seca, o Jordão rolou como antes e transbordou todas as suas margens. Este maravilhoso milagre realizado pelos israelitas aumentou grandemente sua fé. Para que esse maravilhoso milagre nunca fosse esquecido, o Senhor ordenou a Josué que ordenasse que homens de destaque, um de cada tribo, pegassem pedras do leito do rio, o lugar onde os pés dos sacerdotes estavam enquanto o exército hebreu passava. , e levá-los sobre seus ombros, e erigir um monumento em Gilgal, para manter em memória o fato de que Israel passou pelo Jordão em terra seca. Depois que os sacerdotes subiram do Jordão, Deus removeu sua poderosa mão, e as águas correram como uma poderosa catarata em seu próprio canal.

Quando todos os reis dos amorreus e os reis dos cananeus ouviram que o Senhor havia detido as águas do Jordão diante dos filhos de Israel, seus corações se derreteram de medo. Os israelitas mataram dois dos reis de Moabe; e sua passagem milagrosa sobre o Jordão inchado e impetuoso, os encheu do maior terror. Josué então circuncidou todo o povo que havia nascido no deserto. Após esta cerimônia, eles celebraram a páscoa nas planícies de Jericó. "E disse o Senhor a Josué: Hoje tirei de vós o opróbrio do Egito.

As nações pagãs haviam censurado o Senhor e seu povo porque os hebreus não possuíam a terra de Canaã, que esperavam herdar logo após deixar o Egito. Seus inimigos triunfaram porque vagaram por tanto tempo no deserto; e orgulhosamente se levantaram contra Deus, declarando que ele não era capaz de conduzi-los à terra de Canaã. Eles haviam agora atravessado o Jordão em terra firme, e seus inimigos não podiam mais censurá-los.

O maná continuou até esse momento; mas agora que os israelitas estavam prestes a possuir Canaã e comer do fruto da terra, eles não precisavam mais dele, e cessou.

Quando Josué se retirou dos exércitos de Israel, para meditar e orar pela presença especial de Deus para atendê-lo, ele viu um homem de alta estatura, vestido com roupas de guerra, com sua espada desembainhada na mão. Josué não o reconheceu como um dos exércitos de Israel, e mesmo assim ele não parecia ser um inimigo. Em seu zelo, ele o abordou e disse: "Tu és por nós ou por nossos adversários? E ele disse: Não, mas como capitão do exército do Senhor agora vim. E Josué se prostrou com o rosto em terra , e adorou, e disse-lhe: Que diz o

meu senhor ao seu servo? E o capitão do exército do Senhor disse a Josué: Tira o sapato do teu pé, porque o lugar em que estás é santo. E Josué assim fez ."

Este não era um anjo comum. Foi o Senhor Jesus Cristo, aquele que havia conduzido os hebreus pelo deserto, envolto na coluna de fogo durante a noite e na coluna de nuvem durante o dia. O lugar foi feito sagrado por sua presença, então Josué foi ordenado a tirar os sapatos.

A sarça ardente vista por Moisés também era um sinal da Presença Divina; e quando ele se aproximou para contemplar a visão maravilhosa, a mesma voz que aqui fala a Josué, disse a Moisés: "Não se aproxime. Tire os sapatos dos pés, porque o lugar em que você está é terra santa."

A glória de Deus santificou o santuário; e por esta razão os sacerdotes nunca entravam no lugar santificado pela presença de Deus com sapatos nos pés. Partículas de poeira poderiam grudar em seus sapatos, o que profanaria o santuário; portanto, os sacerdotes eram obrigados a deixar seus sapatos no pátio, antes de entrar no santuário. No pátio, ao lado da porta do tabernáculo, ficava a pia de bronze, onde os sacerdotes lavavam as mãos e os pés antes de entrar no tabernáculo, para que toda impureza fosse removida, "para que não morram". Todos os que oficiavam no santuário foram solicitados por Deus a fazer preparativos especiais antes de entrar onde a glória de Deus foi revelada.

A fim de transmitir à mente de Josué que ele não era menos que Cristo, o exaltado, ele diz: "Tira o sapato do teu pé". O Senhor então instruiu Josué sobre qual caminho seguir para tomar Jericó. Todos os homens de guerra deveriam ser ordenados a cercar a cidade uma vez por dia durante seis dias, e no sétimo dia eles deveriam dar a volta em Jericó sete vezes.

"E Josué, filho de Num, chamou os sacerdotes, e disse-lhes: Tomai a arca da aliança, e sete sacerdotes levem sete trombetas de chifres de carneiro diante da arca do Senhor. E disse ao povo, passa e circunda a cidade, e o que estiver armado passe adiante da arca do Senhor. E aconteceu que, havendo Josué falado ao povo, os sete sacerdotes que levavam sete trombetas de chifres de carneiro passaram diante do Senhor, e tocaram as trombetas; e a arca da aliança do Senhor os seguiu. e tocando as trombetas; E Josué ordenou ao povo, dizendo: Não gritareis, nem fareis barulho com a vossa voz, nem sairá palavra alguma da vossa boca, até o dia que eu vos mandar gritar; então alarido. Assim a arca do Senhor rodeou a cidade, contornando-a uma vez; e entraram no arraial, e alojado no acampamento."

A hoste hebraica marchou em perfeita ordem. Primeiro foi um seletor corpo de homens armados, vestidos com roupas de guerra, não agora para exercitar sua habilidade em armas, mas apenas para acreditar e obedecer às instruções dadas. Em seguida seguiram sete sacerdotes com trombetas. Então veio a arca de Deus, brilhando com ouro, uma auréola de glória pairando sobre ela, carregada pelos sacerdotes em suas roupas ricas e peculiares, denotando seu ofício sagrado. O vasto exército de Israel seguiu em perfeita ordem, cada tribo sob seu respectivo padrão. Assim cercaram a cidade com a arca de Deus. Nenhum som foi ouvido a não ser o passo daquela poderosa hoste e a voz solene das trombetas, ecoando pelas colinas e ressoando pela cidade de Jericó. Com espanto e alarme, os vigias daquela cidade condenada marcam cada movimento e relatam às autoridades. Eles não podem dizer o que toda essa exibição significa. Alguns ridicularizam a idéia de que a cidade seja tomada dessa maneira, enquanto outros ficam impressionados, ao contemplarem o esplendor da arca e a aparência solene e digna dos sacerdotes, e o exército de Israel seguindo, com Josué à frente. Eles se lembram que o Mar Vermelho, quarenta anos antes, se abriu diante deles, e que uma passagem havia acabado de ser preparada para eles pelo rio Jordão. Eles têm

muito medo de praticar esportes. Eles são rigorosos em manter os portões da cidade bem fechados e guerreiros poderosos para guardar cada portão. Durante seis dias, os exércitos de Israel realizam seu circuito ao redor da cidade. No sétimo dia, eles rodearam Jericó sete vezes. O povo foi ordenado, como de costume, a ficar em silêncio. Só a voz das trombetas devia ser ouvida. O povo deveria observar, e quando os trompetistas fizessem um toque mais longo do que o habitual, então todos deveriam gritar em alta voz, pois Deus lhes havia dado a cidade. "E aconteceu que no sétimo barro, levantaram-se de madrugada, ao raiar do dia, e cercaram a cidade, da mesma maneira, sete vezes; somente naquele dia cercaram a cidade sete vezes. para passar à sétima vez, quando os sacerdotes tocaram as trombetas, Josué disse ao povo: Gritai, porque o Senhor vos deu a cidade". "Assim o povo gritou quando os sacerdotes tocaram as trombetas. E aconteceu que, quando o povo ouviu o som da trombeta, e o povo gritou com grande brado, o muro caiu ao chão, de modo que o povo foi subiram à cidade, cada um diante dele, e tomaram a cidade".

Deus pretendia mostrar aos israelitas que a conquista de Canaã não deveria ser atribuída a eles. O capitão do exército do Senhor venceu Jericó. Ele e seus anjos estavam engajados na conquista. Cristo ordenou aos exércitos do Céu que derrubassem os muros de Jericó e preparassem uma entrada para Josué e os exércitos de Israel. Deus, neste maravilhoso milagre, não apenas fortaleceu a fé de seu povo em seu poder para subjugar seus inimigos, mas também repreendeu sua antiga incredulidade.

Jericó havia desafiado os exércitos de Israel e o Deus do Céu. E ao verem o exército de Israel marchando ao redor de sua cidade uma vez por dia, ficaram alarmados; mas eles olharam para suas fortes defesas, seus muros firmes e altos, e tiveram certeza de que poderiam resistir a qualquer ataque. Mas quando suas paredes firmes de repente cambalearam e caíram, com um estrondo impressionante, como estrondos do mais alto trovão, eles ficaram paralisados de terror e não puderam oferecer resistência.

Nenhuma mancha repousava sobre o caráter santo de Josué. Ele era um líder sábio. Sua vida foi inteiramente devotada a Deus. Antes de morrer, ele reuniu o exército hebreu e, seguindo o exemplo de Moisés, recapitulou suas viagens no deserto, e também os tratos misericordiosos de Deus com eles. Ele então se dirigiu a eles com eloquência. Ele contou-lhes que o rei de Moabe guerreou contra eles e chamou Balaão para amaldiçoá-los; mas Deus "não quis dar ouvidos a Balaão, por isso ainda vos abençoou". Ele então lhes disse: "E, se vos parece mal servir ao Senhor, escolhei hoje a quem servireis; se os deuses a que serviram vossos pais, que estavam do outro lado do dilúvio, ou os deuses do Amorreus, em cuja terra habitais, mas eu e a minha casa serviremos ao Senhor. E o povo respondeu, e disse: Deus nos livre de deixarmos o Senhor, para servirmos a outros deuses; porque o Senhor nosso Deus, ele é quem nos tirou, e a nossos pais, da terra do Egito, da casa da servidão e que fez aqueles grandes sinais aos nossos olhos, e nos preservou em todo o caminho por onde andamos, e entre todo o povo por quem passamos."

O povo renovou sua aliança com Josué. Eles lhe disseram: "Ao Senhor nosso Deus serviremos, e sua voz obedeceremos". Josué escreveu as palavras de sua aliança no livro contendo as leis e estatutos dados a Moisés. Josué era amado e respeitado por todo o Israel, e sua morte foi muito lamentada por eles.

CAPÍTULO XXXIII.

SAMUEL E SAUL.

OS FILHOS de Israel eram um povo altamente favorecido. Deus os trouxe da escravidão egípcia e os reconheceu como seu próprio tesouro peculiar. Moisés disse: "Que nação há tão grande, que tem Deus tão perto deles, como o Senhor nosso Deus está em todas as coisas para que nós o invocamos?"

Samuel julgou Israel desde sua juventude. Ele tinha sido um juiz justo e imparcial, fiel em toda a sua obra. Ele estava ficando velho; e o povo viu que seus filhos não seguiram seus passos. Embora não fossem vis, como os filhos de Eli, ainda assim eram desonestos e vacilantes. Enquanto ajudavam seu pai em seu trabalho laborioso, seu amor pela recompensa os levou a favorecer a causa dos injustos.

Os hebreus exigiam um rei de Samuel, como as nações ao seu redor. Ao preferir uma monarquia despótica ao governo sábio e brando do próprio Deus, pela jurisdição de seus profetas, eles mostraram uma grande falta de fé em Deus e confiança em sua providência para erguê-los governantes para liderá-los e governá-los. Sendo os Filhos de Israel peculiarmente o povo de Deus, sua forma de governo era essencialmente diferente de todas as nações ao seu redor. Deus lhes dera estatutos e leis, e escolhera seus governantes para eles; e a esses líderes o povo devia obedecer no Senhor. Em todos os casos de dificuldade e grande perplexidade, Deus deveria ser consultado. Sua demanda por um rei foi uma rebeldia de Deus, seu líder especial. Ele sabia que um rei não seria o melhor para seu povo escolhido. Eles dariam a um monarca terrestre aquela honra que era devida somente a Deus. E se eles tivessem um rei cujo coração fosse elevado e não fosse justo com Deus, ele os afastaria dele' e os faria se rebelar contra ele. O Senhor sabia que ninguém poderia ocupar a posição de rei, e receber as honras normalmente dadas a um rei, sem se tornar exaltado, e seus caminhos parecerem corretos aos seus próprios olhos, enquanto ao mesmo tempo ele estava pecando contra Deus. Pela palavra de um rei, pessoas inocentes sofreriam, enquanto as mais indignas seriam exaltadas, a menos que confiassem continuamente em Deus e recebessem sabedoria dele.

Se os hebreus tivessem continuado a obedecer a Deus depois que eles deixaram o Egito, e tivessem guardado sua lei justa, ele teria ido adiante deles e os prosperado, e os tornado sempre um terror para as nações pagãs ao seu redor. Mas eles tantas vezes seguiram seus próprios corações rebeldes, e se afastaram de Deus e entraram na idolatria, que ele permitiu que fossem vencidos por outras nações, para humilhá-los e puni-los. Quando em sua aflição clamavam a Deus, ele sempre os ouvia e os levantava como um governante para livrá-los de seus inimigos. Eles estavam tão cegos que não reconheceram que foram seus pecados que fizeram com que Deus se afastasse deles e os deixasse fracos e presas de seus inimigos; mas eles raciocinaram que era porque não tinham ninguém investido de autoridade real para comandar os exércitos de Israel. Eles não tinham guardado em grata lembrança os muitos exemplos que Deus lhes dera de seu cuidado e grande amor, mas muitas vezes desconfiavam de sua bondade e misericórdia.

Deus havia levantado Samuel para julgar Israel. Ele foi homenageado por todas as pessoas. Deus deveria ser reconhecido como sua grande cabeça; no entanto, ele designou seus governantes, e os imbuíu com seu Espírito, e comunicou sua vontade a eles por meio de seus anjos, para que instruissem o povo. Deus também deu evidências especiais ao povo, por suas obras poderosas realizadas por meio da agência de seus governantes escolhidos, para que eles pudessem ter confiança de que ele os havia investido de autoridade que não podia ser levemente deixada de lado.

Deus estava zangado com seu povo porque eles exigiram um rei. Ele lhes deu um rei em sua ira. No entanto, ele pediu a Samuel que dissesse ao povo fielmente a maneira dos reis das

nações ao seu redor: que eles não fossem como juiz das dificuldades da igreja e do estado, para instruí-los nos caminhos do Senhor, como seus governantes; que seus. o rei seria exaltado e exigiria honras reais e exigiria um pesado imposto ou tributo; que eles seriam oprimidos; e que Deus não lhes manifestaria seu grande poder para libertá-los, como havia feito no Egito, mas quando eles clamassem a ele em sua angústia, ele não os ouviria.

Mas o povo não aceitou o conselho de Samuel e continuou a exigir um rei. "E disse o Senhor a Samuel: Ouve a voz do povo em tudo o que te dizem; porque não te rejeitaram, mas a mim rejeitaram, para que eu não reinasse sobre eles." Aqui, Deus concedeu ao rebelde Israel aquilo que provaria ser uma pesada maldição para eles, porque eles não se submeteriam a ter o Senhor governando sobre eles. Eles pensaram que seria mais honroso aos olhos de outras nações que se dissesse: Os hebreus têm um rei. O Senhor instruiu Samuel a unguir Saul como rei de Israel. Sua aparência era nobre, de acordo com o orgulho dos filhos de Israel. Mas Deus lhes deu uma demonstração de seu desagrado. Não era uma estação do ano em que eram visitados com fortes chuvas acompanhadas de trovões. "Então Samuel clamou ao Senhor, e o Senhor enviou trovões e chuva naquele dia. E todo o povo temeu muito ao Senhor e a Samuel. E todo o povo disse a Samuel: Roga pelos teus servos ao Senhor teu Deus, para que morramos não; porque a todos os nossos pecados acrescentamos este mal de pedir-nos um rei". Samuel procurou encorajar o povo, que embora eles tivessem pecado, se eles desde então seguissem o Senhor, ele não os abandonaria, por causa de seu grande nome. "Além disso, quanto a mim, Deus me livre de pecar contra o Senhor, deixando de orar por vocês; mas eu vos ensinarei o bom e o caminho certo; apenas temei ao Senhor e servi-o em verdade com todo o vosso coração; pois vede quão grandes coisas vos fez. Mas, se ainda praticardes o mal, sereis consumidos, tanto vós como o vosso rei".

Quando os filisteus, com seu grande exército, se prepararam para guerrear com Israel, o povo ficou com medo. Eles não tinham essa confiança de que Deus apareceria para eles, como antes eles exigiram perversamente um rei. Eles sabiam que eram apenas um punhado, comparados com os exércitos dos filisteus, e sair para a batalha com eles parecia ser a morte certa. Eles não se sentiam tão seguros quanto achavam que deveriam estar na posse de seu rei. Em sua perplexidade, não ousaram invocar a Deus a quem desprezaram. O Senhor disse a Samuel: Eles não rejeitaram a ti, mas a mim, por desejarem um rei.

Agora esses homens, que haviam sido valentes e um terror para seus numerosos inimigos, temiam sair contra os filisteus para a batalha. Eles tinham seu rei, mas não ousavam confiar nele; e eles sentiram que o haviam escolhido antes da Força de Israel. Quando foram levados a essa condição desconcertante, seus corações desmaiaram. Na sua angústia, o povo se espalhou e se escondeu em cavernas, e em matos, e em lugares altos e em covas, como se estivesse fugindo do cativeiro. Aqueles que se atreveram a ir com Saul, o seguiram trêmulos. Ele estava em grande perplexidade ao ver que o povo estava disperso dele. Ele aguardava ansiosamente a prometida vinda de Samuel; mas o tempo expirou, e ele não veio. Deus havia detido intencionalmente Samuel, para que seu povo pudesse ser provado, e pudesse perceber seu pecado, e quão pequena era sua força, e quão fraco seu julgamento e sabedoria, sem Deus.

Em sua calamidade, eles se arrependeram de terem escolhido um rei. Eles possuíam maior coragem e confiança enquanto tinham governantes tementes a Deus para instruí-los e guiá-los; pois obtiveram conselho direto de Deus, e era como ser guiado pelo próprio Deus. Agora, eles perceberam que foram comandados por um rei errante, que não poderia salvá-los em sua angústia. Saul não tinha um senso elevado e exaltado da excelência e terrível majestade de Deus. Ele não tinha uma consideração sagrada por suas ordenanças designadas. Com um espírito impetuoso porque Samuel não apareceu na hora marcada, ele

correu diante de Deus presunçosamente e empreendeu a sagrada obra de sacrifício. Enquanto equipado para a guerra, ele construiu o altar e oficiou para si e para o povo. Essa obra foi sagradamente dada aos designados para esse propósito. Este ato era um crime em Saul, e tal exemplo levaria o povo a ter uma baixa estima das cerimônias e ordenanças religiosas santificadas e designadas por Deus, prefigurando a oferta sem pecado de seu querido Filho. Deus queria que seu povo tivesse uma santa consideração e sagrada reverência pelo trabalho sacrificial dos sacerdotes, que apontava para o sacrifício de seu Filho.

Assim que Saul terminou seu trabalho presunçoso, Samuel aparece e, vendo as evidências do pecado de Saul, clama a ele: "Que fizeste?" Saul explica o assunto a Samuel, justificando-se, apresentando a Samuel sua perplexidade e angústia, e sua demora, como desculpa. Samuel repreende Saul, e diz-lhe que ele agiu tolamente ao não guardar os mandamentos do Senhor, os quais se ele tivesse obedecido, o Senhor teria estabelecido seu reino para sempre. "Mas agora o teu reino não continuará. O Senhor buscou para ele um homem segundo o seu coração, e o Senhor lhe ordenou que fosse capitão sobre o seu povo, porque não guardaste o que o Senhor te ordenou."

Por causa do pecado de Saul em sua oferta presunçosa, o Senhor não lhe deu a honra de comandar os exércitos de Israel na batalha contra os filisteus. O Senhor teria somente seu nome engrandecido, para que os exércitos de Israel não se exaltassem como se fosse por causa de sua justiça, valor ou sabedoria, que seus inimigos fossem vencidos. Ele moveu o coração de Jônatas, um homem justo, e seu escudeiro, para ir até a guarnição dos filisteus. Jônatas acreditava que Deus era capaz de trabalhar por eles e salvar por muitos ou por poucos. Ele não se apressou presunçosamente. Ele pediu conselho a Deus, e então, com um coração destemido, confiando somente nele, seguiu em frente. Por meio desses dois homens, o Senhor realizou sua obra de subjugar os filisteus. Ele enviou anjos para proteger Jônatas e seu escudeiro e protegê-los dos instrumentos de morte nas mãos de seus inimigos.

Anjos de Deus lutaram ao lado de Jônatas, e os filisteus caíram ao seu redor. Grande temor tomou conta do exército dos filisteus no campo e na guarnição; e os saqueadores que haviam sido divididos em companhias separadas e enviados em direções diferentes, prontos para seu trabalho de matança, estavam terrivelmente amedrontados. A terra tremeu sob eles, como se uma grande multidão com cavaleiros e carros estivesse no chão, preparada para a batalha. Jônatas e seu escudeiro, e até mesmo o exército filisteu, sabiam que o Senhor estava trabalhando para a libertação dos hebreus. Os filisteus ficaram perplexos. Parecia-lhes que havia homens de Israel entre eles, lutando contra eles; e eles lutaram uns contra os outros, e massacraram seus próprios exércitos.

A batalha havia progredido bastante antes de Saul e seus homens perceberem que a libertação estava sendo operada para Israel. Os atalaias de Saul perceberam grande confusão entre os filisteus, e viram seu número diminuir, e mesmo assim não faltou ninguém dos exércitos de Israel. Depois de numerar os homens de guerra, Jonathan e seu escudeiro foram dados como desaparecidos. Saul e o povo ficaram perplexos. Ele trouxe a arca de Deus; e enquanto o sacerdote estava consultando a Deus, o barulho entre os filisteus aumentou. Parecia dois grandes exércitos em batalha acirrada. Quando Saul e o povo de Israel perceberam que Deus estava lutando por eles, aqueles que fugiram e se esconderam em seu terror, e aqueles que se juntaram aos filisteus por medo, uniram-se a Saul e Jônatas e perseguiram os filisteus. O Senhor operou por Israel e os libertou para a glória de seu próprio nome, para que o exército pagão não triunfasse sobre seu povo e se exaltasse orgulhosamente contra Deus.

Mais uma vez, Saul errou em sua promessa precipitada de que nenhum homem deveria comer até a noite. Havia uma grande falta de sabedoria no zelo de Saul em fazer tal voto. Foi um grande dia de trabalho para o povo, e eles sofreram muito de desmaio; e quando o tempo do voto expirou, o povo estava tão fraco que transgrediu o mandamento do Senhor e comeu carne com o sangue, que havia sido proibido por Deus. Saul estava determinado a matar seu filho Jônatas, porque em sua fraqueza ele provou um pouco de mel, ignorando o voto de seu pai.

Aqui foi visto o zelo cego de Saul, e o fracasso em julgar com justiça e sabedoria em assuntos difíceis. Ele deveria ter raciocinado assim: Deus se agradou de trabalhar de uma maneira especial por meio de Jônatas, escolhendo-o assim entre os filhos de Israel para livrá-los; e seria um crime destruir sua vida, que Deus preservou milagrosamente. Ele sabia que, se poupasse sua vida, deveria reconhecer que havia cometido um erro ao fazer tal voto. Isso humilharia seu orgulho diante do povo. Saul deveria ter respeitado aqueles a quem Deus honrou ao escolhê-los para libertar Israel. Ao matar Jônatas, ele mataria alguém a quem Deus amava, enquanto aqueles cujos corações não estavam bem com Deus, ele preservaria vivo. Deus não permitiu que Jônatas morresse, mas levou o povo a se opor ao julgamento de Saul, embora ele fosse um monarca governante, para que ele se convencesse de que pecou ao fazer uma briga tão precipitada. "E o povo disse a Saul: Morrerá Jônatas, quem operou esta grande salvação em Israel? . Assim o povo resgatou Jônatas, para que ele não morresse."

Saul era um homem impulsivo, e o povo de Israel logo sentiu seu pecado ao exigir um rei. O Senhor instruiu Samuel a ir a Saul com uma ordem especial dele. Antes de lhe relatar as palavras do Senhor, disse-lhe: "O Senhor me enviou para ungir-te rei sobre o seu povo, sobre Israel; agora, pois, ouve a voz das palavras do Senhor. "

Samuel havia perdido a confiança no caráter religioso de Saul, porque ele o fizera independentemente de seguir a palavra do Senhor. Ele pecou em sua oferta presunçosa e errou muito em seu voto precipitado. Portanto, Samuel deu-lhe uma incumbência especial de atender às palavras do Senhor. "Assim diz o Senhor dos Exércitos: Lembro-me do que Amaleque fez a Israel, como o armara no caminho, quando ele subiu do Egito. Agora vá, ferir Amaleque, e destruir totalmente tudo o que eles têm, e poupar eles não."

Muitos anos antes, Deus havia designado Amaleque para a destruição total. Eles levantaram as mãos contra Deus e seu trono, e juraram por seus deuses que Israel seria totalmente consumido, e o Deus de Israel seria derrubado para que ele não pudesse livrá-los de suas mãos.

Amaleque zombou dos temores de seu povo e zombou das maravilhosas obras de Deus para a libertação de Israel realizadas pela mão de Moisés diante dos egípcios. Eles se gabavam de que seus sábios e magos podiam realizar todas aquelas maravilhas; e que se os filhos de Israel tivessem sido seus cativos, em seu poder como estavam em Faraó, o próprio Deus de Israel não poderia livrá-los de suas mãos. Eles desprezaram Israel e juraram atormentá-los até que não sobrasse nenhum.

Deus marcou suas palavras jactanciosas contra ele e os designou para serem totalmente destruídos pelo próprio povo que desprezaram, para que todas as nações pudessem marcar o fim daquele povo mais orgulhoso e poderoso.

Deus provou Saul confiando-lhe a importante comissão de executar sua ira ameaçada sobre Amaleque. Mas ele desobedeceu a Deus e poupou o ímpio e blasfemo rei Agague, a quem Deus havia designado para a morte, e poupou o melhor do gado. Ele destruiu totalmente

todo o refugio que não os beneficiaria. Saul pensou que aumentaria sua grandeza poupar Agag, um nobre monarca esplendidamente vestido; e que voltar da batalha com ele cativo, com grande despojo de bois, ovelhas e muito gado, obteria muito renome, e faria com que as nações o temessem e tremessem diante dele. E o povo uniu-se a ele nisso. Eles desculparam seu pecado entre si por não destruir o gado, porque podiam reservá-lo para sacrificar a Deus e poupar seu próprio gado para si mesmos.

Samuel visita Saul com uma maldição do Senhor por sua desobediência, por assim se exaltar diante do Senhor, para escolher seu próprio caminho e seguir seu próprio raciocínio, em vez de seguir estritamente o Senhor. Saul sai ao encontro de Samuel, como um homem inocente, saudando-o com estas palavras: "Bendito sejas tu do Senhor. Eu cumpri o mandamento do Senhor. E Samuel disse: O que significa, então, este balido das ovelhas em meus ouvidos e o mugido dos bois que ouço? E Saul disse: Trouxeram-nos dos amalequitas; porque o povo poupou o melhor das ovelhas e dos bois, para sacrificar ao Senhor teu Deus; e o resto nós destruimos completamente."

Samuel relata a Saul o que Deus lhe havia dito na noite anterior, noite que Samuel passou em oração dolorosa por causa do pecado de Saul. "Quando tu ocidentais aos teus próprios olhos, não foste por cabeça das tribos de Israel, e o Senhor te ungiu rei sobre Israel?" Ele lembra a Saul dos mandamentos de Deus que ele havia transgredido perversamente, e pergunta: "Por que, pois, não obedeceste ao jugo do Senhor, mas voaste sobre o despojo, e fizeste o mal aos olhos do Senhor?"

"E Saul disse a Samuel: Sim, obedeci à voz do Senhor, e fui pelo caminho que o Senhor me enviou, e trouxe Agague, rei de Amaleque, e exterminei totalmente os amalequitas. Mas o povo tomou do despojo, ovelhas e bois, a principal das coisas, que deveriam ter sido totalmente destruídas, para sacrificar ao Senhor teu Deus em Gilgal".

Saul aqui proferiu uma falsidade. As pessoas obedeceram às suas instruções; mas, para se proteger, ele estava disposto a que o povo carregasse o pecado de sua desobediência.

"E disse Samuel: Tem o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em obedecer à voz do Senhor? pecado de feitiçaria, e a obstinação é como iniquidade e idolatria; porque rejeitaste a palavra do Senhor, ele também te rejeitou para ser rei. E disse Saul a Samuel: Pequei, porque transgredi o mandamento do Senhor. , e as tuas palavras; porque temi o povo e dei ouvidos à sua voz".

Deus não queria que seu povo possuísse qualquer coisa que pertencesse aos amalequitas, pois sua maldição repousava sobre eles e suas posses. Ele planejou que eles tivessem um fim e que seu povo não preservasse nada para si que ele havia amaldiçoado. Ele também desejava que as nações vissem o fim daquele povo que o havia desafiado, e que marcassem que eles foram destruídos pelas mesmas pessoas que desprezaram. Eles não deveriam destruí-los para aumentar suas próprias posses ou obter glória para si mesmos, mas para cumprir a palavra do Senhor falada em relação a Amaleque.

O Senhor havia dito a Moisés: "Escreve isto para memória num livro, e relata-o aos ouvidos de Josué; "Lembra-te do que te fez Amaleque no caminho, quando saíste do Egito; como ele te encontrou no caminho, e feriu o último de ti, até mesmo todos os que estavam fracos atrás de ti, quando estavas fraco e cansado, e não temeu a Deus. Portanto, quando o Senhor teu Deus te der descanso de todos os teus inimigos em redor, na terra que o Senhor teu Deus te dá por herança para a possuíres, apagarás o lembrança de Amaleque debaixo do céu; não te esquecerás".

E, no entanto, Saul se aventurou a desobedecer a Deus e reservar o que ele havia amaldiçoado e designado para a morte, para oferecer diante de Deus como sacrifício pelo pecado.

Samuel apresentou a Saul sua conduta perversa, e então perguntou: "Tem o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em obedecer à voz do Senhor?" Teria sido melhor se ele tivesse obedecido a Deus, do que fazer tais provisões para sacrifícios e ofertas por seus pecados de desobediência.

Deus não teve tanto prazer em derramar o sangue de animais, como em obediência aos seus mandamentos. As ofertas foram divinamente designadas para lembrar ao homem pecador que o pecado traz a morte, e que o sangue da besta inocente pode expiar a culpa do transgressor, em virtude do grande sacrifício ainda a ser oferecido. Deus exigia de seu povo obediência em vez de sacrifício. Todas as riquezas da terra eram dele. O gado sobre mil colinas pertencia a ele. Ele ajuda a não exigir que o despojo de um povo corrupto, sobre o qual sua maldição repousasse, até sua completa extinção, fosse apresentado a ele para prefigurar o santo Salvador, como um cordeiro sem defeito.

Samuel informou a Saul que sua rebelião era como o pecado de feitiçaria. Isto é, quando alguém começa a trilhar o caminho da rebelião, ele se entrega ao controle de uma influência que está em oposição à vontade de Deus. Satanás controla a mente rebelde. Aqueles que são assim controlados perdem a calma confiança em Deus, e têm cada vez menos disposição para render obediência amorosa à sua vontade. Satanás se torna cada vez mais familiarizado com eles, até que parecem não ter poder para deixar de se rebelar. A este respeito, a rebelião é como o pecado da feitiçaria.

A teimosia de Saul em persistir diante de Samuel que ele havia obedecido a Deus era como iniquidade e idolatria. Seu amor por realizar sua própria vontade era mais desejável para ele do que obter o favor de Deus ou a aprovação de uma consciência limpa. E quando seu pecado foi exposto claramente diante dele, e seu erro definitivamente apontado, seu orgulho de opinião, seu excessivo amor-próprio, o levaram a justificar-se em seu proceder errado, desafiando a reprovação de Samuel e a palavra de o Senhor pela boca do seu profeta. Tal obstinação em uma transgressão conhecida o separou para sempre de Deus.

Ele sabia que havia ido contra a ordem expressa de Deus; no entanto, quando reprovado por Deus por meio de Samuel, ele não reconheceria humildemente seu pecado, mas de uma maneira determinada proferiu uma falsidade em autojustificação. Se ele tivesse se arrependido humildemente e recebido a reprovação, o Senhor teria tido misericórdia e perdoado Saulo de seu grande pecado. Mas o Senhor abandonou Saul por se recusar obstinadamente a ser corrigido e por proferir falsidades a Samuel, seu mensageiro. Samuel disse a Saul que, como ele havia rejeitado a palavra do Senhor, Deus o havia rejeitado de ser rei.

Esta última denúncia surpreendente de Samuel deu a Saul uma noção de sua verdadeira condição e, por medo, ele reconheceu que havia pecado e transgredido o mandamento do Senhor, que antes negava firmemente. Ele rogou a Samuel que perdoasse seu pecado e adorasse com ele diante do Senhor. Samuel recusou e disse a Saul que Deus havia alugado o reino dele; e para que não fosse enganado, disse-lhe que a Força de Israel não mentiria, nem seria tão mutável quanto ele.

Novamente Saul rogou fervorosamente que Samuel o honrasse com sua presença mais uma vez diante dos anciãos de Israel e de todo o povo. Samuel cedeu ao seu pedido e chamou o cruel rei Agague; e ele veio até ele muito educadamente. "E disse Samuel: Assim como a tua

espada estéril as mulheres, assim a tua mãe ficará sem filhos entre as mulheres. E Samuel cortou Agog em pedaços perante o Senhor em Gilgal."

E o Senhor não mais se comunicou com Saul, nem o instruiu por meio de Samuel. Ele escolheu seguir sua própria vontade e rejeitou a palavra do Senhor. Deus o deixou para ser guiado por seu próprio julgamento, que ele escolheu seguir em vez de obedecer a Deus. Saul não teve arrependimento verdadeiro. Ele se tornou exaltado porque foi feito rei. Ele manifestou maior ansiedade para ser honrado por Samuel diante do povo, do que para obter o perdão e o favor de Deus.

Samuel não veio mais a Saul com instruções de Deus. O Senhor não poderia empregá-lo para realizar seus propósitos. Mas ele enviou Samuel à casa de Jessé, para ungir Davi, a quem ele havia escolhido para governar no lugar de Saul, a quem ele havia rejeitado.

Quando os filhos de Jessé passaram diante de Samuel, ele teria escolhido Eliabe, que era de alta estatura e aparência digna, mas o anjo de Deus ficou ao seu lado para guiá-lo na importante decisão e instruiu-o a não julgar pelas aparências. Eliabe não temeu ao Senhor. Seu coração não estava bem com Deus. Ele seria um governante orgulhoso e exigente. Nenhum foi encontrado entre os filhos de Jessé, exceto Davi, o mais jovem, cuja humilde ocupação era cuidar de ovelhas. Ele havia preenchido o humilde ofício de pastor com tal fidelidade e coragem que Deus o escolheu para ser capitão de seu povo. Com o passar do tempo, ele deveria trocar o cajado de pastor pelo cetro.

Davi não era de estatura elevada; mas seu semblante era lindo, expressivo de humildade, honestidade e verdadeira coragem. O anjo de Deus mostrou a Samuel que Davi era aquele para ele ungir, pois ele era o escolhido de Deus. Desde então, o Senhor deu a Davi um coração prudente e compreensivo.

Quando Saul viu que Samuel não vinha mais instruí-lo, ele sabia que o Senhor o havia rejeitado por seu proceder iníquo, e seu caráter parecia sempre marcado por extremos. Seus servos, a quem ele dirigia em relação às coisas relacionadas com o reino, às vezes não ousavam se aproximar dele, pois ele parecia um homem louco, violento e abusivo. Muitas vezes parecia cheio de remorso, quando não havia perigo. Isso o desqualificava para ser governante. Ele estava sempre cheio de ansiedade; e quando em seus humores sombrios, ele desejava não ser perturbado, e às vezes não permitia que ninguém se aproximasse dele. Ele falava profeticamente de seu sendo destronado, e outro ocupando sua posição como governante, e que sua posteridade nunca seria elevada ao trono, e receberia honras reais, mas que todos pereceriam por causa de seus pecados. Ele repetiria, profeticamente, palavras contra si mesmo com distração e energia, mesmo na presença de seus senhores e do povo.

Aqueles que testemunharam essas estranhas exibições em Saul, recomendaram-lhe música, como calculada para exercer uma influência calmante sobre sua mente quando assim distraído. Na providência de Deus, Davi foi trazido ao seu conhecimento como um músico habilidoso. Ele também foi recomendado por ser um valente homem de guerra, prudente e fiel em todos os assuntos, porque foi especialmente guiado pelo Senhor. Saul sentiu-se às vezes humilhado e até mesmo ansioso para que alguém se encarregasse do governo do reino, que soubesse do Senhor como agir de acordo com sua vontade. Enquanto estava em um estado de espírito favorável, ele enviou mensageiros para Davi. Ele logo o amou, e deu-lhe o cargo de escudeiro, tornando-o seu assistente. Ele pensou que se Davi fosse favorecido por Deus, ele seria uma salvaguarda para ele, e talvez salvaria sua vida, quando ele deveria ser exposto a seus inimigos. O habilidoso toque de harpa de Davi acalmou o espírito perturbado de Saul. Enquanto ele ouvia os encantadores acordes da música, isso teve uma

influência para dissipar a tristeza que se abateu sobre ele e trazer sua mente excitada para um estado mais racional e feliz.

Especialmente o coração de Jônatas estava unido ao de Davi; e havia um vínculo muito sagrado de união estabelecido entre eles, que permaneceu ininterrupto até a morte de Saul e Jônatas. Isso foi feito pelo Senhor, para que Jônatas pudesse ser o meio de preservar a vida de Davi quando Saul tentasse matá-lo. A providência de Deus conectou Davi com Saul, para que por seu sábio comportamento ele pudesse obter a confiança do povo, e por um longo curso de dificuldades e vicissitudes, ser levado a colocar toda a sua confiança em Deus, enquanto ele o preparava para se tornar governante de seu povo.

Quando os filisteus renovaram a guerra com Israel, Davi foi autorizado a ir à casa de seu pai para retomar a ocupação de pastor, que ele amava. Os filisteus não ousam arriscar seus grandes exércitos contra Israel, como haviam feito até então, temendo ser vencidos e cair diante de Israel. Eles são ignorantes da fraqueza de Israel. Eles não sabem que Saul e seu povo têm grande ansiedade, e não ousam começar a batalha com eles, temendo que Israel seja vencido. Mas os filisteus propõem sua própria maneira de guerra, selecionando um homem de grande tamanho e força, cuja altura é de cerca de doze pés; e eles enviam este campeão para provocar um combate com Israel, pedindo-lhes que enviem um homem para lutar com ele. Ele era terrível na aparência, e falava com orgulho, e desafiou os exércitos de Israel e seu Deus.

Por quarenta dias esse orgulhoso jactancioso encheu Israel de terror e atemorizou muito a Saul; pois ninguém se atreveu a combater com o poderoso gigante. Israel, por causa de suas transgressões, não tinha aquela confiança sagrada em Deus que os levaria a batalhar em seu nome. Mas Deus não permitiria que uma nação idólatra erguesse a cabeça orgulhosamente contra o Governante do universo. Ele salvou Israel, não pela mão de Saul, mas pela mão de Davi, a quem ele havia levantado para governar seu povo.

Saul não sabe o que fazer. Ele imagina Israel como escravos filisteus. Ele não pode ver nenhuma maneira de escapar. Em seu problema, ele oferece grande recompensa a qualquer um que mate o orgulhoso jactancioso. Mas todos sentem sua fraqueza. Eles têm um rei a quem Deus não instrui, que não ousa se envolver em nenhum empreendimento perigoso, pois não espera nenhuma intervenção especial de Deus para salvar sua vida. Como Israel havia sido participante com ele na transgressão, ele não tinha esperança de que Deus trabalhasse especialmente para eles e os livrasse das mãos dos filisteus. Os exércitos de Israel pareciam paralisados de terror. Eles não podiam confiar em seu rei, a quem haviam exigido de Deus. A mente de Saul era mutável. Ele dirigiria por um curto período de tempo os exércitos, e então o medo e o desânimo o dominariam, e ele revogaria suas ordens.

Enquanto Davi está realizando uma humilde missão de seu pai para seus irmãos, ele ouve o orgulhoso arrogante desafiando Israel, e seu espírito se agita dentro dele. Ele tem ciúmes dos exércitos do Deus vivo, a quem o blasfemo jactancioso desafiou. Ele expressa sua indignação de que um pagão, que não tem medo de Deus e nenhum poder dele, seja deixado para assim manter todo o Israel com medo e triunfar sobre eles.

O irmão mais velho de Davi, Eliabe, a quem Deus não escolheu para ser rei, tinha ciúmes de Davi, porque ele era honrado diante dele. Ele desprezava Davi e o considerava inferior a si mesmo. Ele o acusou antes de outros de roubar sem que seu pai visse a batalha. Ele o insulta com o pequeno negócio em que está envolvido, cuidando de algumas ovelhas no deserto. David repele a acusação injusta e diz: "O que eu fiz agora? Não há uma causa?" Davi não tem o cuidado de explicar ao irmão que veio em socorro de Israel; que Deus o havia enviado

para matar Golias. Deus o havia escolhido para ser governante de Israel; e como os exércitos do Deus vivo estavam em tal perigo, ele havia sido orientado por um anjo para salvar Israel.

Davi é levado diante de Saul e lhe diz que Israel não precisa temer: "O teu servo irá lutar com este filisteu". Saul objeta, por causa de sua juventude. Davi se refere aos perigos que experimentou no deserto, para salvar as ovelhas sob seus cuidados. Ele humildemente atribui sua libertação a Deus. "O Senhor que me livrou das garras do leão e das garras do urso, ele me livrará das mãos deste filisteu". Saul dá permissão a Davi para ir. Ele coloca sobre Davi sua própria armadura real; mas Davi desistiu e simplesmente escolheu para ele cinco pedras lisas do riacho, uma funda e um cajado. Quando o orgulhoso desafiante de Israel viu o jovem de belo semblante aproximar-se dele com este equipamento, ele perguntou: "Eu sou um cão, para que você venha a mim com varas?" Ele amaldiçoou Davi por seus deuses, e com orgulho o convidou a vir até ele, para que desse sua carne às aves do céu e aos animais do campo. "Então disse Davi ao filisteu: Tu vens a mim com espada, e com lança, e com escudo;" mas venho a ti, não com armadura, nem com armas poderosas, mas "em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem desafiaste". Davi não se gaba de habilidade superior. "Sua glória está no Senhor. "Hoje o Senhor te entregará nas minhas mãos, . . . para que toda a terra saiba que há um Deus em Israel. E toda esta congregação saberá que o Senhor não salva com espada e lança; porque a peleja é o do Senhor, e ele te entregará em nossas mãos. E aconteceu que, quando o filisteu se levantou, e veio e chegou perto de Davi, Davi se apressou, e correu para o exército ao encontro do filisteu. E Davi estendeu a mão na sua bolsa, e tomou dali uma pedra, e a caluniou, e feriu o filisteu na testa, de modo que a pedra afundou em sua testa, e ele caiu com o rosto em terra".

Davi cortou a cabeça do orgulhoso orgulhoso com sua própria espada poderosa, da qual ele se gabava. E quando os filisteus viram que seu campeão estava morto, eles ficaram confusos e fugiram em todas as direções, Israel os perseguindo.

Quando Saul e Davi voltavam da matança dos filisteus, as mulheres das cidades saíram ao seu encontro com manifestações de alegria e com cânticos. Um grupo cantou: "Saul matou seus milhares". Outra empresa respondeu à primeira: "E David, seus dez mil." Isso deixou Saul muito zangado. Em vez de manifestar humilde gratidão a Deus por Israel ter sido salvo das mãos de seus inimigos pela mão de Davi, um cruel espírito de ciúme vem sobre ele e, como em tempos passados, ele se entrega ao seu controle. "E Saul se indignou muito, e essa palavra o desagradou; e ele disse: Atribuíram a Davi dez milhares, e a mim atribuíram senão milhares; e que mais pode ele ter senão o reino?" Seus temores foram despertados de que este era de fato o homem que tomaria seu lugar como governante. No entanto, porque todo o povo estimava e amava Davi, Saul temia prejudicá-lo abertamente.

Por influência do povo, Davi foi promovido a cuidar dos negócios relacionados com a guerra. Ele era líder em todos os seus empreendimentos importantes. Ao ver que Davi havia conquistado o amor e a confiança do povo, Saul o odiou; pois ele pensava que era preferido antes dele. Ele viu uma oportunidade de matá-lo; e quando o espírito maligno estava sobre ele, e Davi tocava diante dele como de costume para acalmar sua mente perturbada, ele tentou matá-lo, jogando com força um instrumento de ponta afiada em seu coração. Anjos de Deus preservaram a vida de Davi. Eles o fizeram entender qual era o propósito de Saul; e quando o instrumento foi arremessado contra ele, ele pulou para o lado e não sofreu nenhum dano, enquanto o instrumento foi enfiado profundamente na parede onde Davi estivera sentado.

O povo de Israel foi agora levado a sentir sua posição peculiar. Eles tinham evidências diárias de que Deus havia deixado Saul com seu próprio proceder culpado, e que eles foram

ordenados por um governante que ousou cometer assassinato e matar uma pessoa justa que o Senhor havia escolhido para salvá-los. E pelos atos cruéis de Saul eles estavam tendo evidências vivas de que extremos de culpa e crime poderia ir um rei que se rebelasse contra Deus e fosse governado por suas próprias paixões.

Davi obedecera a Saul como servo, e sua conduta era humilde. Sua vida era irrepreensível. Sua fidelidade em fazer a vontade de Deus era uma constante repreensão ao proceder extravagante e rebelde de Saul. Saul decidiu não ter meios não experimentados, para que Davi pudesse ser morto. Enquanto Saul viveu, este foi o grande objetivo de sua vida, não obstante ele foi obrigado a atribuir à providência de Deus a fuga de Davi de suas mãos. No entanto, seu coração estava destituído do amor de Deus, e ele era um auto-idólatra. A verdadeira honra, justiça e humanidade foram sacrificadas ao seu orgulho e ambição. Ele caçou Davi como uma fera. Davi muitas vezes tinha Saul em seu poder, e foi instado pelos homens a quem ele ordenou que o matassem. Embora Davi soubesse que ele foi escolhido por Deus como governante em Israel, ele não levantou a mão contra Saul, a quem Deus ungiu. Ele escolheu encontrar um asilo entre os filisteus. Ele fez com que até seus inimigos estivessem em paz com ele, por seu proceder prudente e humilde, com quem permaneceu até a morte de Saul.

Quando os filisteus novamente fazem guerra com Israel, Saul fica com medo. Ele não tem descanso em nenhuma época de perigo, e o povo está dividido. Alguns vão com Saul em toda a sua maldade. Outros não podem confiar em seu julgamento e desejam um governante justo. Os últimos atos de Saul foram tão cruéis, presunçosos e ousados, que sua consciência é como um flagelo, continuamente repreendendo-o. No entanto, ele não se arrepende de sua maldade, mas segue seu curso implacável com desespero desesperado, e na perspectiva de uma batalha, ele está distraído e melancólico. Ele presume, com sua carga de culpa sobre ele, consultar a Deus; mas Deus não lhe responde. Ele massacrou barbaramente os sacerdotes do Senhor, porque eles permitiram que Davi escapasse. Ele destruiu a cidade onde os sacerdotes moravam e matou uma multidão de justos, para satisfazer sua ira invejosa. No entanto, em seu perigo, ele ousa se aproximar de Deus, para perguntar se fará guerra aos filisteus. Mas como Deus o deixou, ele procura uma mulher com espírito familiar, que esteja em comunhão com Satanás. Ele abandonou a Deus e, finalmente, procura alguém que fez uma aliança com a morte e um acordo com o inferno para obter conhecimento. A bruxa de Endor fez um acordo com Satanás para seguir suas instruções em todas as coisas; e ele faria maravilhas e milagres para ela, e revelaria a ela as coisas mais secretas, se ela se entregasse sem reservas ao controle de sua majestade satânica. Isso ela tinha feito.

Quando Saul perguntou por Samuel, o Senhor não fez com que Samuel aparecesse a Saul. Ele não viu nada. Satanás não foi autorizado a perturbar o resto de Samuel na sepultura, e trazê-lo na realidade para a bruxa de Endor. Deus não dá poder a Satanás para ressuscitar os mortos. Mas os anjos de Satanás assumem a forma de amigos mortos, e falam e agem como eles, para que, por meio de professos amigos mortos, ele possa realizar melhor sua obra de engano. Satanás conhecia bem Samuel e sabia como representá-lo diante da feiticeira de Endor e pronunciar corretamente o destino de Saul e seus filhos.

Satanás virá de uma maneira muito plausível para aqueles que ele pode enganar, e se insinuar em seu favor, e os afastará quase imperceptivelmente de Deus. Ele os conquista sob seu controle, cautelosamente no início, até que suas perceptibilidades fiquem embotadas. Então ele fará sugestões mais ousadas, até que possa levá-los a cometer quase qualquer grau de crime. Quando ele os leva totalmente para sua armadilha, ele está disposto a que eles vejam onde estão, e exulta em sua confusão, como no caso de Saul. Ele havia permitido que Satanás o conduzisse como um cativo voluntário, e agora Satanás apresenta a Saul uma

descrição correta de seu destino. Ao dar a Saul uma declaração correta de seu fim, por meio da mulher de Endor, Satanás abre um caminho para Israel ser instruído por sua astúcia satânica, para que possam, em sua rebelião contra Deus, aprender dele e, assim fazendo, cortar o último elo que os prenderia a Deus.

Saul sabia que neste último ato, de consultar a bruxa de Endor, ele cortou o último pedaço que o prendia a Deus. Ele sabia que, se antes não tivesse se separado voluntariamente de Deus, esse ato selou essa separação e a tornou definitiva. Ele havia feito um acordo com a morte e uma aliança com o inferno. O cálice da sua iniquidade estava cheio.

CAPÍTULO XXXIV.

DAVI.

DEUS selecionou Davi, um humilde pastor, para governar seu povo. Ele era rigoroso em todas as cerimônias ligadas à religião judaica e se distinguia por sua ousadia e inabalável confiança em Deus. Ele foi notável por sua fidelidade e reverência. Sua firmeza, humildade, amor à justiça e decisão de caráter o qualificaram para cumprir os altos propósitos de Deus, instruir Israel em suas devoções e governá-los como um monarca generoso e sábio.

Seu caráter religioso era sincero e fervoroso. Foi enquanto Davi era assim fiel a Deus, e possuindo esses traços exaltados de caráter, que Deus o chama de homem segundo seu próprio coração. Quando exaltado ao trono, seu proceder geral contrastava com os reis de outras nações. Ele abominava a idolatria e zelosamente impedia que o povo de Israel fosse seduzido a ela pelas nações vizinhas. Ele era muito amado e honrado por seu povo.

Ele muitas vezes conquistou e triunfou. Ele aumentou em riqueza e grandeza. Mas sua prosperidade teve uma influência para afastá-lo de Deus. Suas tentações foram muitas e fortes. Ele finalmente caiu na prática comum de outros reis ao seu redor, de ter uma pluralidade de esposas, e sua vida foi amargurada pelos maus resultados da poligamia. Seu primeiro erro foi tomar mais de uma esposa, afastando-se assim do sábio arranjo de Deus. Esse desvio do certo preparou o caminho para erros maiores. As nações idólatras reais consideravam um acréscimo à sua honra e dignidade ter muitas esposas, e Davi considerava uma honra ao seu trono possuir várias esposas. Mas ele foi levado a ver o mal miserável de tal curso, pela infeliz discórdia, rivalidade e ciúme entre suas numerosas esposas e filhos.

Seu crime no caso de Urias e Bate-Seba foi hediondo aos olhos de Deus. Um Deus justo e imparcial não sancionou ou desculpou esses pecados em Davi, mas enviou uma reprovação e uma forte denúncia por Natã, seu profeta, que retratou em cores vivas sua grave ofensa. Davi estava cego para sua maravilhosa partida de Deus. Ele havia desculpado sua própria conduta pecaminosa para si mesmo, até que seus caminhos parecessem aceitáveis aos seus próprios olhos. Um passo errado preparou o caminho para outro, até que seus pecados exigiram a repreensão de Jeová por meio de Natã. Davi desperta como de um sonho. Ele sente o sentido de seu pecado. Ele não procura desculpar seu curso, ou atenuar seu pecado, como fez Saul; mas com remorso e tristeza sincera, ele inclina a cabeça diante do profeta de Deus e reconhece sua culpa. Natã diz a Davi que, por causa de seu arrependimento e humilde confissão, Deus perdoará seu pecado, evitará uma parte da calamidade ameaçada e poupará sua vida; no entanto, ele deve ser punido, porque deu grande ocasião aos inimigos do Senhor para blasfemar. Esta ocasião foi aprimorada pelos inimigos de Deus, desde os dias de Davi até os dias atuais. Os céticos atacaram o cristianismo e ridicularizaram a Bíblia, porque Davi lhes deu ocasião. Eles trazem aos cristãos o caso de Davi, seu pecado no caso de

Urias e Bate-Seba, sua poligamia, e então afirmam que Davi é chamado de homem segundo o coração de Deus, e que se o registro bíblico estiver correto, Deus justificou Davi em seus crimes.

Foi-me mostrado que foi quando Davi era puro e andava no conselho de Deus, que Deus o chamou de homem segundo o seu coração. Quando Davi se afastou de Deus e manchou seu caráter virtuoso por seus crimes, ele não era mais um homem segundo o coração de Deus. Deus não o justificou em nenhum grau em seus pecados, mas enviou Natã, seu profeta, com terríveis denúncias a Davi porque ele havia transgredido o mandamento do Senhor. Deus mostra seu desagrado por Davi ter uma pluralidade de esposas, visitando-o com julgamentos e permitindo que males se levantem contra ele de sua própria casa. A terrível calamidade que Deus permitiu que caísse sobre Davi, que, por sua integridade, já foi chamado de homem segundo o coração de Deus, é evidência para gerações posteriores de que Deus não justificaria ninguém por transgredir seus mandamentos; mas que ele certamente puniria os culpados, por mais justos e favorecidos de Deus que pudessem ter sido enquanto seguiam o Senhor com pureza de coração. Quando os justos se desviam de sua justiça e praticam o mal, sua justiça passada não os salvará da ira de um Deus justo e santo.

Homens líderes da história bíblica pecaram gravemente. Seus pecados não estão ocultos, mas fielmente registrados na história da igreja de Deus, com o castigo de Deus, que se seguiu às ofensas. Esses casos são registrados para benefício de gerações posteriores e devem inspirar fé na palavra de Deus, como uma história fiel. Os homens que desejam duvidar de Deus, duvidar do cristianismo e da palavra de Deus não julgarão com franqueza e imparcialidade, mas com mentes preconceituosas examinarão a vida e o caráter, para detectar todos os defeitos na vida daqueles que foram os mais eminentes. líderes de Israel. Deus fez com que um fiel delineamento do caráter fosse dado na história inspirada, dos melhores e maiores homens de seus dias. Esses homens eram mortais, sujeitos a um demônio tentador. Suas fraquezas e pecados não são cobertos, mas são registrados fielmente, com as repreensões e punições que se seguiram. Estas coisas" foram escritas para nossa advertência sobre quem são chegados os fins do mundo".

Deus não permitiu que muito fosse dito em sua palavra para exaltar as virtudes dos melhores homens que viveram sobre a terra. Todas as suas vitórias e grandes e boas obras foram atribuídas a Deus. Somente ele deveria receber a glória, estar sozinho para ser exaltado. Ele era tudo e em todos. O homem era apenas um agente, um instrumento frágil em suas mãos. O poder e a excelência eram todos de Deus. Deus viu no homem uma disposição contínua de se afastar dele e esquecê-lo, e adorar a criatura em vez do Criador. Portanto, Deus não permitiria que o louvor do homem fosse deixado nas páginas da história sagrada.

Davi se arrependeu de seu pecado em pó e cinzas. Ele implorou o perdão de Deus, e não escondeu seu arrependimento dos grandes homens, e mesmo servos, de seu reino. Ele compôs um salmo penitencial, relatando seu pecado e arrependimento, salmo que ele sabia que seria cantado depois de gerações. Ele desejava que outros fossem instruídos pela triste história de sua vida.

As canções que Davi compôs foram cantadas por todo o Israel, especialmente na presença da corte reunida, e diante de sacerdotes, anciãos e senhores. Ele sabia que a confissão de sua culpa traria seus pecados ao conhecimento de outras gerações. Ele apresenta seu caso, mostrando em quem estava sua confiança e esperança de perdão: "Tem misericórdia de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; apaga as minhas transgressões segundo a

multidão das tuas misericórdias. minha iniquidade, e purifica-me do meu pecado". "Livra-me da culpa do sangue, ó Deus, Deus da minha salvação."

Davi não manifesta o espírito de um homem não convertido. Se ele possuísse o espírito dos governantes das nações ao seu redor, ele não teria trazido de Natã a imagem de seu crime diante de si em suas cores verdadeiramente abomináveis, mas teria tirado a vida do fiel reprovador. Mas, apesar da grandeza de seu trono e de seu poder ilimitado, seu humilde reconhecimento de tudo de que foi acusado, é evidência de que ele ainda temia e tremia da palavra do Senhor.

Davi foi levado a sentir amargamente os frutos do erro. Seus filhos agiram sobre os pecados dos quais ele era culpado. Amnon cometeu um grande crime; Absalão vingou matando-o. Assim o pecado de Davi foi trazido continuamente à sua mente, e ele fez sentir todo o peso da injustiça feita a Urias e Bate-Seba.

Absalão, seu próprio filho, a quem ele amava acima de todos os seus filhos, rebelou-se contra ele. Por sua beleza notável, maneiras cativantes e fingida bondade, ele roubou astutamente os corações das pessoas. Ele não possuía de coração benevolência, mas era ambicioso e, como mostra seu curso, recorreria à intriga e ao crime para obter o reino. Ele teria retribuído o amor e a bondade de seu pai tirando sua vida. Ele foi proclamado rei por seus seguidores em Hebron, e os levou a perseguir seu pai. Ele foi derrotado e morto.

Davi foi levado a grande angústia por esta rebelião. Era diferente de qualquer guerra com a qual ele esteve conectado. Sua sabedoria de Deus, com sua energia e habilidade guerreira, habilitou-o a resistir com sucesso aos ataques de seus inimigos. Mas essa guerra antinatural, surgindo em sua própria casa, e o rebelde sendo seu próprio filho, parecia confundir e enfraquecer seu julgamento calmo. E o conhecimento de que esse mal havia sido predito pelo profeta, e que ele o havia causado a si mesmo ao transgredir os mandamentos de Deus, destruiu sua habilidade e coragem anterior inigualável.

Davi foi humilhado e muito angustiado. Ele fugiu de Jerusalém para salvar sua vida. Ele não saiu com confiança e honra real, confiando em Deus, como em batalhas anteriores; mas enquanto subia pela subida do Monte das Oliveiras, cercado por seu povo e seus homens poderosos, ele cobriu a cabeça em sua humildade e andou descalço, chorando; e seu povo imitou o exemplo de profunda humildade manifestado por seu rei, enquanto fugia diante de Absalão.

Simei, um parente de Saul, que sempre teve inveja de Davi porque ele recebeu o trono e as honras reais que uma vez foram dadas a Saul, aproveitou esta oportunidade de descarregar sua raiva rebelde sobre Davi em seu infortúnio. Ele amaldiçoou o rei, e atirou pedras e sujeira nele e em seus servos, e acusou Davi de ser um homem sanguinário e travesso. Os seguidores de Davi imploram permissão para ir e tirar sua vida; mas Davi os repreende e diz-lhes que "deixe-o amaldiçoar, porque o Senhor lhe disse: Amaldiçoa a Davi. Quem dirá então: Por que fizeste isso?" Eis que meu filho "busca minha vida; quanto mais agora este benjamita pode fazê-lo? Deixe-o em paz e amaldiçoe-o, porque o Senhor o ordenou".

Ele assim reconhece, diante de seu povo e chefes, que este é o castigo que Deus trouxe sobre ele por causa de seu pecado, que deu aos inimigos do Senhor ocasião para blasfemar; para que o enfurecido benjamita estivesse cumprindo sua parte no castigo predito, e que, se suportasse essas coisas com humildade, o Senhor diminuiria sua aflição e transformaria a maldição de Simei em bênção. Davi não manifesta o espírito de um homem não convertido. Ele mostra que teve uma experiência nas coisas de Deus. Ele manifesta uma disposição para receber correção de Deus e, em confiança, volta-se para ele como sua única confiança. Deus

recompensa a humilde confiança de Davi nele, derrotando o conselho de Aitofel e preservando sua vida.

David não era o personagem que Simei o representava. Quando Saul foi repetidamente colocado em seu poder, e seus seguidores o teriam matado, Davi não permitiu que eles o fizessem, embora estivesse com medo contínuo de sua própria vida e fosse perseguido, como uma fera, por Saul. Certa vez, quando Saul estava em seu poder, ele cortou um pedaço da aba de seu manto, para que pudesse provar a Saul que não o faria mal, embora pudesse ter tirado sua vida se estivesse disposto a isso. Davi se arrependeu até disso, porque Saul era o ungido do Senhor.

Quando Davi teve sede e desejou muito água do poço de Belém, três homens, sem o seu conhecimento, romperam o exército dos filisteus, tiraram água do poço de Belém e a trouxeram a Davi. Ele considerava muito sagrado beber para saciar sua sede, porque três homens, por seu amor por ele, arriscaram suas vidas para obtê-lo. Ele não considerava a vida levianamente. Parecia-lhe que, se bebesse a água que esses bravos homens colocaram suas vidas em risco para obter, seria como beber seu sangue. Ele solenemente derramou a água como uma oferta sagrada a Deus.

Após a morte de Absalão, Deus voltou o coração de Israel, como o coração de um homem, para Davi. Simei', que havia amaldiçoado Davi em sua humildade, por medo de sua vida, foi um dos primeiros rebeldes a encontrar Davi em seu retorno a Jerusalém. Ele confessou sua conduta rebelde para com Davi. Aqueles que testemunharam seu proceder abusivo exortaram Davi a não poupar sua vida, porque ele amaldiçoou o ungido do Senhor. Mas Davi os repreendeu. Ele não apenas poupou a vida de Simei, mas misericordiosamente o perdoou. Se Davi possuísse um espírito vingativo, ele poderia prontamente tê-lo satisfeito, matando o ofensor.

Israel prosperou e aumentou em número sob o governo de Davi; e, à medida que se tornaram fortes e aumentaram em riqueza e grandeza, tornaram-se exaltados e orgulhosos. Esqueceram-se do Doador de todas as suas misericórdias e rapidamente perderam seu caráter peculiar e santo, que os separava das nações ao seu redor.

Davi, em sua prosperidade, não preservou aquela humildade de caráter e confiança em Deus que caracterizou a primeira parte de sua vida. Ele olhou para a ascensão ao reino com orgulho, e comparou sua condição então próspera com seus poucos números e pouca força quando ele ascendeu ao trono, levando glória para si mesmo. Ele gratificou seus sentimentos ambiciosos ao ceder à tentação do diabo de numerar Israel, para que pudesse comparar sua antiga fraqueza com seu estado próspero sob seu governo. Isso desagradou a Deus e contrário ao seu comando expresso. Isso levaria Israel a confiar em sua força numérica, em vez do Deus vivo.

A obra de numerar Israel não está totalmente concluída antes que Davi se sinta convencido de que cometeu um grande pecado contra Deus. Ele vê seu erro e se humilha diante de Deus, confessando seu grande pecado ao contar tolamente o povo. Mas seu arrependimento veio tarde demais. A palavra já havia saído do Senhor para seu profeta fiel, para levar uma mensagem a Davi e oferecer-lhe sua escolha de punições por sua transgressão. Davi ainda mostra que tem confiança em Deus. Ele escolhe cair nas mãos de um Deus misericordioso, em vez de ser deixado às cruéis misericórdias de homens ímpios.

A destruição rápida se seguiu. Setenta mil foram destruídos pela peste. Davi e os anciãos de Israel estavam na mais profunda humilhação, lamentando diante do Senhor. Como o anjo do Senhor estava a caminho de destruir Jerusalém, Deus ordenou que ele parasse com sua obra

de morte. Um Deus lamentável ainda ama seu povo, apesar de sua rebelião. O anjo, vestido com roupas de guerra, com uma espada desembainhada na mão, estendida sobre Jerusalém, é revelado a Davi e aos que estão com ele. Davi está com muito medo, mas clama em sua angústia e compaixão por Israel. Ele implora a Deus para salvar as ovelhas. Com angústia, ele confessa: "Pequei e pratiquei o mal; mas estas ovelhas, que fizeram? Que a tua mão, peço-te, seja contra mim e contra a casa de meu pai." Deus fala a Davi, por meio de seu profeta, e ordena que ele faça expiação por seu pecado. O coração de Davi estava na obra, e seu arrependimento foi aceito. A eira de Araúna é oferecida a ele gratuitamente, onde construir um altar ao Senhor; também gado, e tudo o que for necessário para o sacrifício. Mas Davi diz a quem faria essa oferta generosa, que o Senhor aceitará o sacrifício que ele está disposto a fazer, mas que ele não se apresentaria diante do Senhor com uma oferta que não lhe custaria nada. Ele iria comprá-lo dele pelo preço total. Ele ofereceu ali holocaustos e ofertas pacíficas. Deus aceitou as ofertas respondendo a Davi enviando fogo do céu para consumir o sacrifício. O anjo do Senhor foi ordenado a colocar sua espada na bainha e cessar sua obra de destruição.

Davi compôs muitos dos salmos no deserto, para o qual foi obrigado a fugir por segurança. Saul até o perseguiu lá; e Davi foi várias vezes preservado de cair nas mãos de Saul, pela interposição especial da Providência. Enquanto Davi passava por severas provações e dificuldades, ele manifestou uma confiança inabalável em Deus e foi especialmente imbuído de seu Espírito ao compor suas canções que relatam seus perigos e livramentos, atribuindo louvor e glória a Deus, seu preservador misericordioso. Nestes salmos é visto um espírito de fervor, devoção e santidade. Ele cantou essas canções, que expressam seus pensamentos e meditações das coisas divinas, acompanhadas de música hábil na harpa e outros instrumentos. O salmo contido em 2 Sam. 22, foi composta enquanto Saul o caçava para tirar sua vida. Quase todos os cânticos sagrados de Davi foram arranjados no período anterior de sua vida, enquanto ele servia ao Senhor com integridade e pureza de coração.

Davi propôs construir uma casa para Deus, na qual ele pudesse colocar a arca sagrada, e à qual todo o Israel deveria ir adorar. O Senhor informou a Davi, por meio de seu profeta, que ele não deveria construir a casa, mas que deveria ter um filho que construísse uma casa para Deus. "Eu serei seu pai, e ele será meu filho. Se ele cometer iniquidade, eu o castigarei com vara de homens e com açoites de filhos de homens. Mas a minha misericórdia não se desviará dele, como Eu o tirei de Saul, a quem pus diante de ti". Deus manifesta piedade e compaixão pela fraqueza do homem errante e promete, se ele transgredir, puni-lo; e se ele se arrepender, que o perdoe.

Os anos finais da vida de Davi foram marcados por uma devoção fiel a Deus. Ele lamentou seus pecados e abandonou os justos preceitos de Deus, que haviam obscurecido seu caráter e dado ocasião para os inimigos do Senhor blasfemarem: O Senhor, por meio de seu anjo, instruiu Davi, e deu-lhe um modelo da casa que Salomão deve construir para ele. Um anjo foi comissionado para ficar ao lado de Davi enquanto ele escrevia, para o benefício de Salomão, as instruções importantes com respeito ao arranjo da casa. O coração de David estava no trabalho. Ele manifestou seriedade e devoção em fazer extensos preparativos para a construção, e não poupou trabalho nem despesas, mas fez grandes doações de seu próprio tesouro; estabelecendo assim um nobre exemplo diante de seu povo, que eles não hesitaram em seguir com corações dispostos.

Davi sente a maior solicitude por Salomão. Ele teme que possa seguir seu exemplo na transgressão. Ele pode ver com a mais profunda tristeza as manchas e manchas que trouxe em seu caráter ao cair em pecados graves; e ele salvaria seu filho do mal se pudesse. Ele aprendeu por experiência que o Senhor em nenhum caso sancionará o erro, seja ele

encontrado no príncipe mais alto ou no súdito mais humilde, mas visitará o líder de seu povo com punição tão severa quanto sua posição for mais responsável do que o do sujeito mais humilde. Os pecados cometidos pelos líderes de Israel teriam uma influência para diminuir a atrocidade do crime nas mentes e consciências do povo, e seriam levados ao conhecimento de outras nações, que não temem a Deus, mas que pisam sua autoridade; e seriam levados a blasfemar contra o Deus de Israel.

Davi encarrega solenemente seu filho de aderir estritamente à lei de Deus e de guardar todos os seus estatutos. Ele relata a Salomão a palavra do Senhor, falada a ele por meio de seus profetas: "E estabalecerei o seu reino para sempre, se ele for perseverante em cumprir os meus mandamentos e os meus juízos, como neste dia. Agora, pois, no vista de todo o Israel, congregação do Senhor, e na audiência do nosso Deus, guardai e buscai todos os mandamentos do Senhor vosso Deus, para que possuais esta boa terra, e a deixeis por herança para vossos filhos depois E tu, meu filho Salomão, conhece o Deus de teu pai, e serve-o com um coração perfeito e uma mente voluntária, porque o Senhor esquadrinha todos os corações e entende todas as imaginações dos pensamentos. se o buscares, ele será achado de ti, mas se o abandonares, rejeitará para sempre a alegria. Acautela-te agora, porque o Senhor te escolheu para edificar uma casa para o santuário. Sê forte e faze-o.

Depois de dar esse encargo a seu filho na audiência do povo e na presença de Deus, ele agradece a Deus por dispor de seu próprio coração e do coração do povo para dar voluntariamente para a grande obra de construção. Ele também suplica ao Senhor que incline o coração de Salomão aos seus mandamentos. Ele diz: "Também sei, meu Deus, que provas o coração e te agradas da retidão. Quanto a mim, na retidão do meu coração, de boa vontade ofereci todas estas coisas. E agora vi com alegria o teu povo. , que estão aqui presentes para oferecer voluntariamente a ti. Ó Senhor Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, nossos pais, guarda isto para sempre na imaginação dos pensamentos do coração do teu povo, e prepara para ti o coração deles. dá a Salomão, meu filho, um coração perfeito, para guardar os teus mandamentos, os teus testemunhos e os teus estatutos, e para fazer todas estas coisas, e para construir o palácio, para o qual providencie!"

O trabalho público de David estava prestes a terminar. Ele sabia que logo morreria e não deixa seus negócios em confusão, para atormentar a alma de seu filho; mas enquanto ele tem suficiente força física e mental, ele organiza os negócios de seu reino, mesmo nos assuntos mais minuciosos, não esquecendo de advertir Salomão a respeito do caso de Simei. Ele sabia que este último causaria problemas no reino. Ele era um homem perigoso, de temperamento violento, e era mantido no controle apenas pelo medo. Sempre que ousasse, causaria rebelião ou, se tivesse uma oportunidade favorável, não hesitaria em tirar a vida de Salomão.

David, ao organizar seus negócios, dá um bom exemplo a todos os que são avançados em anos, para resolver seus assuntos enquanto são capazes de fazê-lo, que quando estiverem próximos da morte, e suas faculdades mentais estiverem obscurecidas, eles não têm nada de natureza mundana para desviar suas mentes de Deus.

CAPÍTULO XXXV.

SALOMÃO.

O coração do povo está voltado para Salomão, como estava para Davi, e obedecem a ele em todas as coisas. O Senhor envia seu anjo para instruir Salomão por um sonho na estação da

noite. Ele sonha que Deus conversa com ele. "E Deus disse: Pede o que eu te darei. E Salomão disse: Tu mostraste ao teu servo Davi, meu pai, grande misericórdia, conforme ele andou diante de ti em verdade, e em retidão, e em retidão de coração para contigo. , e guardaste para com ele esta grande benevolência, que lhe deste um filho para se sentar no seu trono, como é hoje. E agora, ó Senhor meu Deus, fizeste rei ao teu servo em lugar de meu pai Davi; e eu sou apenas uma criancinha, não sei nem sair nem entrar. , teu servo um coração entendido para julgar o teu povo, para que eu possa discernir entre o bem e o mal; pois quem é capaz de julgar este teu tão grande povo?"

"E agradou ao Senhor a palavra, que Salomão havia perguntado isso. E Deus lhe disse: Porquanto pediste isso, e não pediste para ti muitos anos de vida, nem pediste para ti riquezas, nem pediste a vida de teus inimigos, mas pediste entendimento para discernir o juízo; eis que tenho feito conforme a tua palavra; eis que te dei um coração sábio e entendido, de modo que antes de ti não houve outro semelhante, nem depois de ti haverá se levantará alguém semelhante a ti. E também te dei o que não pediste, tanto riquezas como honra, para que não haja entre os reis semelhante a ti em todos os teus dias. E se andares nos meus caminhos, guardar os meus estatutos e os meus mandamentos, como andou Davi, teu pai, então prolongarei os teus dias".

Deus promete que, como esteve com Davi, estará com Salomão. Se ele andar diante do Senhor com integridade de coração e retidão, para fazer conforme tudo o que Deus lhe ordenou, e se ele guardar seus estatutos e juízos, ele promete estabelecer seu trono sobre Israel para sempre. Salomão sente a magnitude da obra de construir uma casa para Deus. Ele assim dá expressão às suas idéias: "Quem é capaz de construir uma casa para ele, visto que o céu e o céu dos céus não podem contê-lo?"

O Senhor comunicou a Salomão aquela sabedoria que ele desejava acima das riquezas terrenas, honra ou vida longa. Ele foi o rei mais sábio que já sentou no trono. Deus lhe deu um coração compreensivo. Ele escreveu muitos provérbios e compôs muitas canções. Por muitos anos, sua vida foi marcada pela devoção a Deus e pela retidão, princípios firmes e estrita obediência aos mandamentos de Deus. Ele dirigiu em todos os empreendimentos importantes e administrou os assuntos de negócios relacionados com o reino, com a maior sabedoria. Sua fiel execução das instruções, ao construir o edifício mais magnífico que o mundo já viu, fez com que sua fama se espalhasse entre as nações em todos os lugares. Ele foi grandemente abençoado e honrado por Deus. Todas as nações reconheceram e se maravilharam com seu conhecimento e sabedoria superiores, a excelência de seu caráter e a grandeza de seu poder. Muitos vieram a ele de todas as partes do mundo para ver seu poder ilimitado e para serem instruídos sobre como conduzir assuntos difíceis. O templo construído para Deus não poderia ser superado pela riqueza, beleza e design dispendioso.

Depois que o templo foi concluído, Salomão reuniu todo o Israel, e muitas nações também vieram para testemunhar a dedicação da casa de Deus. Foi dedicado com grande esplendor. Salomão se dirige ao povo e procura arrancar da mente de todos os presentes as superstições que obscureceram a mente das nações pagãs com respeito a Jeová. Ele lhes diz que Deus não é como os deuses pagãos, que estão confinados a templos construídos para eles; mas que o Deus de Israel os encontraria por seu Espírito quando o povo se reunisse naquela casa dedicada à sua adoração.

Salomão se ajoelha diante de Deus, na presença daquela imensa congregação, e faz súplicas a Deus. Ele pergunta em sua oração: "Mas Deus habitará realmente na terra? Eis que o céu e o céu dos céus não podem te conter; quanto menos esta casa que eu edifiquei!" Ele continua: "Para que os teus olhos estejam abertos de noite e de dia para esta casa, mesmo para o lugar

de que disseste: Ali estará o meu nome, para que ouças a oração que o teu servo fizer neste lugar."

"E, tendo Salomão acabado de orar, desceu fogo do céu e consumiu o holocausto e os sacrifícios; e a glória do Senhor encheu a casa. E os sacerdotes não podiam entrar na casa do Senhor, porque a glória do Senhor havia enchido a casa do Senhor. E quando todos os filhos de Israel viram como o fogo desceu, e a glória do Senhor sobre a casa, eles se curvaram com o rosto para o chão sobre o pavimento, e adoraram, e louvaram ao Senhor, dizendo: Porque ele é bom, porque a sua benignidade dura para sempre".

Por sete dias Salomão esteve ocupado na dedicação da casa de Deus. E depois que as cerimônias de dedicação da casa terminaram, "disse-lhe o Senhor: Ouvi tua oração e tua súplica que fizeste diante de mim. Santifiquei esta casa que construístes, para colocar meu nome nela para sempre; e os meus olhos e o meu coração estarão ali perpetuamente; e andarás diante de mim como Davi, teu pai, andou, com integridade de coração e retidão, para fazeres conforme tudo o que te ordenei, e guardares o meu estatutos e os meus juízos, então estabelecerei o trono do teu reino sobre Israel para sempre, como prometi a Davi, teu pai, dizendo: Não te faltará varão sobre o trono de Israel. seguindo-me, vós ou vossos filhos, e não guardareis os meus mandamentos e os meus estatutos que vos tenho posto, mas ide servir a outros deuses e os adorar; então exterminarei a Israel da terra que lhes dei; e esta casa que santifiquei ao meu nome, lançarei fora f minha visão; e Israel será provérbio e provérbio entre todos os povos".

Se Israel permanecesse fiel e fiel a Deus, este edifício glorioso permaneceria para sempre, como um sinal perpétuo do favor especial de Deus ao seu povo escolhido. Eles foram chamados de peculiares, porque somente eles, entre todas as nações da terra, preservaram a verdadeira adoração a Deus, guardando seus mandamentos.

Enquanto Salomão permaneceu puro, Deus estava com ele. Na dedicação do templo, ele exalta a lei de Deus diante do povo. Ao abençoar o povo, ele repete estas palavras: "O Senhor nosso Deus seja conosco, como foi com nossos pais. Não nos deixe, nem nos desampare, para que incline a ele nossos corações, para andarmos em todos os seus caminhos; e guardar os seus mandamentos, e os seus estatutos, e os seus juízos, que ordenou a nossos pais".

Na retidão de seu coração, ele exorta a congregação de Israel: "Seja, pois, o teu coração perfeito para com o Senhor nosso Deus, para andar nos seus estatutos e guardar os seus mandamentos, como neste dia". Enquanto Salomão obedeceu firmemente aos mandamentos, Deus estava com ele, como ele havia pedido que fosse, como estava com Davi. "Tu mostraste grande misericórdia para com meu pai Davi, conforme andou diante de ti em verdade, e em retidão, e em retidão de coração."

Há o suficiente contido nessas palavras para silenciar todo cético em relação a Deus sancionar os pecados de Davi e Salomão. Deus foi misericordioso com eles enquanto andavam diante dele em verdade, justiça e retidão de coração. Apenas de acordo com sua fidelidade, Deus tratou com eles.

Salomão andou por muitos anos em retidão diante de Deus. A sabedoria lhe foi dada por Deus para julgar o povo com imparcialidade e misericórdia. Mas mesmo este homem exaltado, instruído e uma vez bom, caiu por ceder às tentações relacionadas com sua prosperidade e posição honrada. Ele se esqueceu de Deus e das condições solenes de seu sucesso. Ele caiu na prática pecaminosa de outros reis de ter muitas esposas, o que era contrário ao arranjo de Deus. Deus ordenou a Moisés que advertisse o povo contra a

pluralidade de esposas. "Nem multiplicará para si mulheres, para que o seu coração não se desvie. Nem multiplicará muito para si prata e ouro."

A verdadeira bondade é considerada do Céu como verdadeira grandeza. A condição das afeições morais determina o valor do homem. Um homem pode ter propriedade e intelecto, e ainda assim não ter valor, porque o fogo ardente da bondade nunca queimou no altar de seu coração, porque sua consciência foi cauterizada, enegrecida e crestada, com egoísmo e pecado. Quando a concupiscência da carne está controlando o homem, e as más paixões da natureza carnal são permitidas a governar, o ceticismo em relação às realidades da religião cristã é encorajado, e dúvidas são expressas, como se fosse uma virtude especial dúvida.

A vida de Salomão poderia ter sido notável até o fim, se a virtude tivesse sido preservada. Mas ele entregou essa graça especial à paixão lasciva. Em sua juventude, ele buscou orientação em Deus. Ele confiou nele, e Deus escolheu por ele, e a sabedoria lhe foi dada — sabedoria que surpreendeu o mundo. Seu poder e sabedoria foram exaltados por toda a terra. Seu amor pelas mulheres era seu pecado. Essa paixão ele não controlou em sua masculinidade. Isso provou ser uma armadilha para ele. Suas esposas o levaram à idolatria, e a sabedoria que Deus lhe dera foi removida quando ele começou a descer o declive da vida; ele perdeu sua firmeza de caráter e tornou-se mais como o jovem tonto, oscilando entre o certo e o errado. Ele cedeu seus princípios e se colocou na corrente do mal, e assim se separou de Deus, a fonte de sua força. Ele era um homem que havia se movido por princípios. A sabedoria fora mais preciosa para ele do que o ouro de Ofir. Mas infelizmente! paixões lascivas obtiveram a vitória. Ele foi enganado e arruinado pelas mulheres. Que lição de vigilância! Que testemunho quanto à necessidade de força de Deus até o fim!

Na batalha contra as corrupções internas e as tentações externas, até mesmo o sábio e poderoso Salomão foi vencido. Não é seguro permitir o mínimo afastamento da mais estrita integridade. "Abster-se de toda aparência do mal." Lembre-se de Salomão. Entre muitas nações não havia rei como ele, amado de seu Deus. Ele caiu. Ele foi desviado de Deus e se tornou corrupto pela condescendência com paixões lascivas. Este é o pecado predominante desta era, e seu progresso é terrível. Ninguém além dos puros e humildes pode habitar em sua presença. "Quem subirá ao monte do Senhor? E quem estará no seu lugar santo? Aquele que é limpo de mãos e puro de coração, que não entrega a sua alma à vaidade, nem jura enganosamente."

O coração de Salomão se desviou de Deus quando ele multiplicou para si esposas de nações idólatras. Deus proibiu expressamente seu povo de se casar com nações idólatras, pois ele as havia escolhido como seu tesouro peculiar. "Porque aconteceu que, sendo Salomão velho, suas mulheres lhe desviaram o coração para seguir outros deuses; e seu coração não era perfeito para com o Senhor seu Deus, como era o coração de Davi, seu pai". "E o Senhor irou-se contra Salomão, porque o seu coração se desviou do Senhor Deus de Israel, que duas vezes lhe aparecera, e lhe ordenara acerca disto que não seguisse outros deuses; mas não guardou isso que o Senhor ordenou. Por isso disse o Senhor a Salomão: Visto que isto te aconteceu, e não guardaste a minha aliança e os meus estatutos que te ordenei, certamente rasgarei de ti o reino, e o darei a teu servo." O Senhor informou Salomão, por seu profeta, de seu propósito a respeito dele: que ele faria cessar sua prosperidade e levantaria adversários contra ele, e ele não deveria mais reinar como monarca universal no trono de Israel. Se Salomão tivesse morrido antes de se afastar de Deus, sua vida teria sido uma das mais notáveis já registradas. Mas ele manchou seu brilho e exibiu um exemplo notável da fraqueza do mais sábio dos mortais. Os maiores homens e os mais sábios certamente fracassarão, a menos que suas vidas sejam marcadas pela confiança em Deus e obediência aos seus mandamentos.

CAPÍTULO XXXVI.

A ARCA DE DEUS.

A arca de Deus era um baú sagrado, feito para ser o depositário dos dez mandamentos, cuja lei era a representante do próprio Deus. Esta arca era considerada a glória e a força de Israel. O sinal da Presença Divina residia nele dia e noite. Os sacerdotes que ministravam antes dela eram consagrados sagradamente ao santo ofício. Usavam um peitoral bordado de pedras preciosas de diversos materiais, as mesmas que compõem os doze fundamentos da cidade de Deus. Dentro da fronteira estavam os nomes das doze tribos de Israel, gravados em pedras preciosas incrustadas em ouro. Este era um trabalho muito rico e bonito, suspenso nos ombros dos sacerdotes, cobrindo o peito.

À direita e à esquerda do peitoral foram colocadas duas pedras maiores, que brilhavam com grande brilho. Quando assuntos difíceis eram levados aos juízes, que eles não podiam decidir, eles eram encaminhados aos sacerdotes, e eles perguntavam a Deus, que os respondia. Se ele favorecesse, e se ele lhes concedesse sucesso, um halo de luz e glória repousava especialmente sobre a pedra preciosa à direita. Se ele desaprovasse, um vapor ou nuvem parecia cair sobre a pedra preciosa na mão esquerda. Quando eles perguntaram a Deus a respeito de ir para a batalha, a pedra preciosa à direita, quando circundada de luz, disse: *Vá e prospere*. A pedra da esquerda, ensombrada por uma nuvem, disse: *Não irás; não prosperarás*.

Quando o sumo sacerdote entrava no santíssimo, uma vez por ano, e ministrava diante da arca na terrível presença de Deus, ele perguntava, e Deus muitas vezes lhe respondia com uma voz audível. Quando o Senhor não respondeu por uma voz, ele deixou os sagrados raios de luz e glória repousarem sobre os querubins à direita da arca, em aprovação ou favor. Se seus pedidos fossem recusados, uma nuvem repousava sobre os querubins à esquerda.

Quatro anjos celestiais sempre acompanharam a arca de Deus em todas as suas jornadas, para guardá-la de todo perigo e cumprir qualquer missão exigida deles em relação à arca. Jesus, o Filho de Deus, seguido por anjos celestiais, foi adiante da arca quando ela chegou ao Jordão; e as águas foram cortadas diante de sua presença. Cristo e os anjos permaneceram junto à arca e os sacerdotes no leito do rio, até que todo o Israel passou o Jordão. Cristo e os anjos acompanharam o circuito da arca ao redor de Jericó e, finalmente, derrubaram os muros maciços da cidade e entregaram Jericó nas mãos de Israel.

Quando Eli era sumo sacerdote, ele exaltou seus filhos ao sacerdócio. Só Eli podia entrar no Santíssimo uma vez por ano. Seus filhos ministravam à porta do tabernáculo e oficiavam na matança dos animais e no altar do sacrifício. Eles continuamente abusaram desse ofício sagrado. Eles eram egoístas, cobiçosos, gulosos e devassos. Deus reprovou Eli por sua negligência criminosa da disciplina familiar. Eli repreendeu seus filhos, mas não os reprimiu. E depois de terem sido colocados no sagrado ofício do sacerdócio, Eli suscitou sua conduta em defraudar os filhos de Israel em suas ofertas, também suas ousadas transgressões da lei de Deus e sua conduta violenta, que levou Israel a pecar.

Seus crimes eram conhecidos por todo o Israel. Eli os reprovou. Ele apresentou diante deles a enormidade de seu pecado. Não era como um pecado um contra o outro, que os sacerdotes oficiantes podiam expiar. Mas se os próprios sacerdotes pecam contra Deus e mostram desprezo aberto por sua autoridade, quem deve expiar por eles? Eles não consideraram o conselho de seu pai. Eli era juiz, e também sumo sacerdote, em Israel, e era responsável pela conduta de seus filhos. Ele deveria tê-los removido imediatamente do sacerdócio e julgá-los

como seu caso merecia. Ele sabia que, se fizesse isso, eles sofreriam a morte por seu abominável exemplo para Israel. Permitir que eles, carregados de culpa, ocupassem a relação de sacerdotes com Israel, levaria o povo a desprezar o crime e a desprezar as ofertas sacrificais.

O Senhor, por meio de seu profeta, enviou uma repreensão a Eli: "Portanto, chutai o meu sacrifício e a minha oferta, que ordenei em minha habitação; e honra teus filhos acima de mim, para engordar-se com o maior de todos os ofertas de Israel, povo meu? Por isso diz o Senhor Deus de Israel: Na verdade, eu disse que a tua casa e a casa de teu pai andariam diante de mim para sempre; mas agora diz o Senhor: Afasta-te de mim, porque os que honra-me, honrarei, e os que me desprezam serão desprezados."

A afeição indevida de Eli por seus filhos fez dele um juiz parcial. Ele desculpou pecados neles que ele teria condenado em outros. O Senhor informou a Eli, por seu profeta, que por ter permitido que seus filhos permanecessem no cargo sagrado, enquanto eles estavam obrigando Israel a pecar, e por causa de suas transgressões de sua lei, ele cortaria seus dois filhos em um dia. Como Eli havia negligenciado seu dever sagrado, Deus os puniria e ambos deveriam perecer.

Aqui está uma repreensão permanente aos pais, que são professores seguidores de Cristo, que negligenciam conter seus filhos, mas apenas os suplicam, como Eli; e que dizem: "Por que vocês tão perversamente?" mas não os reprima decididamente. Esses fazem com que a causa de Deus seja desonrada, porque não exercem a autoridade que lhes pertence para restringir a maldade.

O Senhor deu a conhecer ao menino Samuel os julgamentos que traria sobre a casa de Eli por causa de sua negligência. "E disse o Senhor a Samuel: Eis que farei uma coisa em Israel, que fará formigar os ouvidos de todo aquele que a ouvir. Naquele dia farei contra Eli tudo o que falei a respeito de sua casa. Quando eu começar, também darei fim, porque eu lhe disse que julgarei a sua casa para sempre, pela iniquidade que ele conhece; porque seus filhos se fizeram vil, e ele não os restringiu. a casa de Eli, para que a iniquidade da casa de Eli não seja expurgada com sacrifício nem oferta para sempre".

As transgressões dos filhos de Eli foram tão ousadas, tão insultantes a um Deus santo, que nenhum sacrifício poderia expiar tal transgressão voluntária. Esses sacerdotes pecadores profanavam os sacrifícios que tipificavam o Filho de Deus. E por sua conduta blasfema eles estavam pisando no sangue da expiação, do qual derivava a virtude de todos os sacrifícios.

Samuel contou a Eli as palavras do Senhor; "e ele disse: É o Senhor; faça o que lhe parecer bem." Eli sabia que Deus havia sido desonrado e sentiu que havia pecado. Ele afirmou que Deus era justo ao punir sua negligência pecaminosa. A palavra do Senhor a Samuel foi divulgada por Eli a todo o Israel. Ao fazer isso, ele pensou em corrigir em certa medida sua negligência pecaminosa passada. O mal pronunciado sobre Eli não demorou muito.

Os israelitas fizeram guerra aos filisteus e foram vencidos, e quatro mil deles foram mortos. Os hebreus estavam com medo. Eles sabiam que, se outras nações ouvissem sobre sua derrota, seriam encorajadas a também fazer guerra com eles. Os anciãos de Israel decidiram que sua derrota era porque a arca de Deus não estava com eles. Eles enviaram a Siló para a arca da aliança. Eles pensaram em sua passagem pelo Jordão e na fácil conquista de Jericó, quando levaram a arca; e eles decidiram que tudo o que era necessário era trazer a arca para eles, e eles triunfariam sobre seus inimigos. Eles não perceberam que sua força estava em sua obediência à lei contida na arca, que era um representante do próprio Deus. Os sacerdotes poluídos, Hofni e Finéias, estavam com a arca sagrada, transgredindo a lei de

Deus. Esses pecadores conduziram a arca ao acampamento de Israel. A confiança dos homens de guerra foi restaurada e eles se sentiram confiantes no sucesso.

"E quando a arca da aliança do Senhor entrou no acampamento, todo o Israel gritou com grande alarido, de modo que a terra tremeu novamente. E quando os filisteus ouviram o barulho do grito, disseram: Que significa este grande grito no arraial dos hebreus? E eles entenderam que a arca do Senhor havia entrado no arraial. E os filisteus ficaram com medo, porque diziam: Deus entrou no arraial. E disseram: Ai de nós! porque até agora não houve tal coisa. Ai de nós! Quem nos livrará da mão desses deuses poderosos? Estes são os deuses que feriram os egípcios com todas as pragas no deserto. Sede fortes, e deixai-vos como homens, ó filisteus, para que não sejais servos dos hebreus, como eles foram para vós. Deixai-vos como homens, e pelejai. E os filisteus pelejaram, e Israel foi ferido, e fugiram cada um para a sua tenda. houve mui grande matança, porque caíram de Israel trinta mil homens de infantaria. a arca de Deus foi tomada; e os dois filhos de Eli, Hofni e Finéias, foram mortos".

Os filisteus pensavam que esta arca era o deus dos israelitas. Eles não sabiam que o Deus vivo, que criou os céus e a terra, e deu sua lei no Sinai, enviou prosperidade e adversidade de acordo com a obediência ou transgressão de sua lei contida na arca sagrada.

Houve uma grande matança em Israel. Eli estava sentado à beira do caminho, assistindo com o coração trêmulo para receber notícias do exército. Ele temia que a arca de Deus fosse tomada e poluída pelo exército filisteu. Um mensageiro do exército correu para Siló e informou a Eli que seus dois filhos haviam sido mortos. Ele podia suportar isso com um certo grau de calma, pois tinha motivos para esperar isso. Mas quando o mensageiro acrescentou: "E a arca de Deus foi tomada", Eli vacilou angustiado em seu assento, caiu para trás e morreu. Ele compartilhou a ira de Deus que veio sobre seus filhos. Ele era culpado em grande parte de suas transgressões, porque havia negligenciado criminalmente contê-los. A captura da arca de Deus pelos filisteus foi considerada a maior calamidade que poderia acontecer a Israel. A mulher de Finéias, quando estava para morrer, deu a seu filho o nome de Icabod, dizendo: "A glória se foi de Israel, porque a arca de Deus foi tomada".

Deus permitiu que sua arca fosse tomada por seus inimigos, para mostrar a Israel quão inútil era confiar na arca, o símbolo de sua presença, enquanto eles profanavam os mandamentos contidos na arca. Deus os humilharia removendo deles aquela arca sagrada, sua força e confiança ostentadas.

Os filisteus foram triunfantes, porque eles tinham, como eles pensavam, o famoso deus dos israelitas, que havia realizado tantas maravilhas para eles, e os tornou um terror para seus inimigos. Eles levaram a arca de Deus para Ashdod e a colocaram em um esplêndido templo, feito em homenagem ao seu deus mais popular, Dagon, e a colocaram ao lado de seu deus. Pela manhã, os sacerdotes desses deuses entraram no templo e ficaram aterrorizados ao encontrar Dagon caído com o rosto no chão diante da arca do Senhor. Eles levantaram Dagon e o colocaram em sua antiga posição. Eles pensaram que ele poderia ter caído acidentalmente. Mas na manhã seguinte eles o encontraram caído como antes com o rosto no chão, e a cabeça de Dagon e ambas as mãos foram cortadas. Os anjos de Deus, que sempre acompanharam a arca, prostraram o deus ídolo insensato e depois o mutilaram, para mostrar que Deus, o Deus vivo, estava acima de todos os deuses, e que diante dele todo deus pagão era como nada. Os pagãos possuíam grande reverência por seu deus, Dagon; e quando a encontraram ruinosamente mutilada e deitada de bruços diante da arca de Deus, ficaram tristes e consideraram isso um mau presságio para os filisteus. Foi interpretado por eles que os filisteus e todos os seus deuses ainda seriam subjugados e destruídos pelos

hebreus, e o Deus dos hebreus seria maior e mais poderoso do que todos os deuses. Eles removeram a arca de Deus de seu templo de ídolos e a colocaram sozinha.

Os homens de Ashdod começaram a ser muito afligidos. O Senhor os destruiu; e eles se lembraram das pragas trazidas sobre o Egito, e de seu deus mutilado, e estavam convencidos de que era porque guardavam a arca de Deus, que essas aflições angustiantes lhes sobrevieram. Deus evidenciaria aos filisteus idólatras, e também ao seu povo, que a arca era força e poder para aqueles que eram obedientes à sua lei; e que para os desobedientes e ímpios era castigo e morte.

Quando os homens de Asdode se convenceram de que era o Deus dos hebreus que causava suas aflições, por causa de sua arca, decidiram que a arca do Deus de Israel não deveria ficar com eles. "Pois", disseram eles, "sua mão está dolorida sobre nós e sobre Dagon, nosso deus." Os grandes homens e governantes consultaram juntos sobre o que deveriam fazer com a arca do Deus de Israel. Eles o pegaram em triunfo, mas não sabiam o que fazer com o baú sagrado; pois em vez de ser um poder e força para eles, era um grande fardo e uma pesada maldição. Eles decidiram enviá-lo para Gate. Mas os anjos destruidores continuaram sua obra de destruição também naquele lugar. Muitas pessoas de Gate morreram; e não ousaram reter a arca por mais tempo ali, para que o Deus de Israel não os consumisse a todos por sua maldição.

Os de Gate decidiram enviar a arca a Ecrom. E quando os sacerdotes idólatras levaram a arca de Deus para Ecrom, o povo daquele lugar ficou muito alarmado e clamou: "Eles trouxeram a arca do Deus de Israel para nós, para matar a nós e ao nosso povo". Os ecronitas também foram afligidos, e um grande número deles morreu. Eles pediram ajuda a seus deuses, como fizeram as cidades de Ashdod e Gate, mas não obtiveram alívio. Eles então se humilharam para clamar ao Deus de Israel, a quem a arca pertencia, por alívio de sua aflição. "Então enviaram e ajuntaram todos os chefes dos filisteus, e disseram: Manda embora a arca do Deus de Israel, e deixe-a voltar para o seu lugar, para que não nos mate, nem a nosso povo; porque havia uma destruição mortal em toda a cidade; a mão de Deus foi muito pesada ali. E os homens que não morreram foram feridos com os emerods;

A arca de Deus foi guardada sete meses pelos filisteus. Eles venceram os israelitas e tomaram a arca de Deus, na qual supunham que consistia seu poder, e pensaram que deveriam estar sempre em segurança e não temer mais os exércitos de Israel. Mas no meio de sua alegria por seu sucesso, um lamento foi ouvido por toda a terra, e a causa foi finalmente creditada à arca de Deus. Ele foi carregado de um lugar para outro em terror, e a destruição de Deus seguiu seu curso, até que os filisteus ficaram muito perplexos para saber o que fazer com ele. Anjos, que o acompanhavam, o guardavam de todo mal. E os filisteus não ousaram abrir a arca; pois seu deus Dagon encontrou tal destino que eles temiam tocá-lo, ou tê-lo perto deles. Chamaram os sacerdotes e os adivinhos e perguntaram-lhes o que deveriam fazer com a arca de Deus. Aconselharam-nos a enviá-lo de volta ao povo a quem pertencia e a enviar com ele uma oferta pela transgressão cara, que se Deus quisesse aceitar, eles seriam curados. Eles também deveriam entender que a mão de Deus estava sobre eles porque eles haviam levado sua arca, que pertencia somente a Israel.

Alguns não eram a favor disso. Era muito humilhante levar a arca de volta; e eles insistiram para que nenhum dos filisteus ousasse arriscar sua vida, para carregar a arca do Deus de Israel, que havia trazido tal morte sobre eles. Seus conselheiros rogaram ao povo que não endurecesse o coração, como os egípcios e o faraó haviam feito, e lhes causasse aflições e pragas ainda maiores. E como todos eles estavam com medo de levar a arca de Deus, eles os aconselharam, dizendo: "Agora, portanto, faça um carro novo, e pegue duas vacas mortas,

sobre as quais não veio jugo, e amarre as vacas ao carro , e tragam os bezerros deles para casa, e tomem a arca do Senhor, e coloquem-na sobre a carroça; e coloquem as jóias de ouro, que lhe devolverem como oferta pela culpa, num cofre ao lado dela; e manda-o embora, para que vá. E vede, se subir pelo caminho da sua costa até Bete-Semes, então nos fez este grande mal; mas se não, então saberemos que não é dele. mão que nos feriu; foi um 'caso que aconteceu conosco. E os homens assim o fizeram; e pegaram duas vacas leiteiras, amarraram-nas à carroça e fecharam seus bezerros em casa. “E as vacas tomaram o caminho reto para o caminho de Bete-Setenês, e foram pelo caminho, mugindo pelo caminho, e não se desviaram nem para a direita nem para a esquerda”.

Os filisteus sabiam que as vacas não seriam induzidas a deixar seus bezerros em casa, a menos que fossem incitadas por algum poder invisível. As vacas foram direto para Bete-Semesh, mugindo para seus bezerros, mas indo diretamente deles. Os chefes dos filisteus seguiram a arca até a fronteira de Bete-Semes. Eles não ousaram confiar aquele baú sagrado inteiramente às vacas. Eles temiam que se algum mal acontecesse com ele, maiores calamidades cairiam sobre eles. Eles não sabiam que os anjos de Deus acompanhavam a arca e guiavam as vacas em seu curso até o lugar onde ela pertencia. O povo de Bete-Semes estava ceifando no campo; e quando viram a arca de Deus na carroça, puxada pelas vacas, ficaram muito alegres. Eles sabiam que era a obra de Deus. As vacas puxaram a carroça que continha a arca para uma grande pedra e ficaram paradas. Os levitas desceram a arca do Senhor e a oferta dos filisteus, e ofereceram a Deus a carroça e as vacas que trouxeram a arca sagrada, e a oferta dos filisteus, em holocausto. Os senhores dos filisteus voltaram para Ecrom, e a praga cessou.

Os homens de Bete-Semes estavam curiosos para saber que grande poder havia naquela arca, que a levou a realizar coisas tão maravilhosas. Eles consideravam apenas a arca tão poderosa e não estavam credenciando o poder a Deus. Ninguém, a não ser homens sagrados designados para esse propósito, poderia olhar para a arca, despojada de suas coberturas, sem ser morto; pois era como se estivesse olhando para o próprio Deus. E quando o povo satisfez sua curiosidade e abriu a arca para contemplar seus recessos sagrados, o que os idólatras pagãos não ousaram fazer, os anjos que acompanhavam a arca mataram mais de cinquenta mil pessoas.

E o povo de Bete-Semes temeu a arca; e eles disseram: "Quem pode estar diante deste santo Senhor Deus? E para quem ele subirá de nós? E enviaram mensageiros aos moradores de Quiriate-Jearim, dizendo: Os filisteus trouxeram duas a arca do Senhor . Desça e traga-o para você. O povo de Quiriate-Jearim trouxe a arca do Senhor à casa de Abinadabe e santificou seu filho para guardá-la. Por vinte anos os hebreus estiveram sob o poder dos filisteus, e eles foram grandemente humilhados e se arrependeram de seus pecados; e Samuel intercedeu por eles, e Deus foi novamente misericordioso com eles. E os filisteus fizeram guerra com eles; e o Senhor novamente operou de maneira milagrosa por Israel, e eles venceram seus inimigos.

A arca permaneceu na casa de Abinadabe até Davi ser feito rei. Ele reuniu todos os homens escolhidos de Israel, trinta mil, e foi trazer a arca de Deus. Puseram a arca sobre uma carroça nova e a trouxeram da casa de Abinadabe. Uzá e Aio, filhos de Abinadabe, dirigiam a carroça. Davi e toda a casa de Israel tocavam diante do Senhor com todos os tipos de instrumentos musicais. "E quando chegaram à eira de Nachon, Uzá estendeu a mão para a arca de Deus, e a segurou, porque os bois a sacudiam. E a ira do Senhor se acendeu contra Uzá, e Deus o feriu ali. por seu erro; e ali morreu junto à arca de Deus". Uzá ficou irado com os bois, porque eles tropeçaram. Ele mostrou 'uma desconfiança manifesta de Deus, como se aquele que trouxe a arca da terra dos filisteus, não pudesse cuidar dela. Os anjos que

acompanhavam a arca feriram Uzá por presumir impacientemente colocar a mão sobre a arca de Deus.

"E Davi teve medo do Senhor naquele dia, e disse: Como virá a mim a arca do Senhor? Por isso Davi não quis levar a arca do Senhor até ele para a cidade de Davi, mas Davi a levou para a casa de Obede-Edom, o giteu". Davi sabia que ele era um homem pecador; e ele estava com medo de que, como Uzá, ele fosse de alguma forma presunçoso e despertasse a ira de Deus sobre si mesmo. "E a arca do Senhor permaneceu na casa de Obede-Edom, o giteu, três meses; e o Senhor abençoou a Obede-Edom e toda a sua casa."

Deus ensinaria ao seu povo que, embora sua arca fosse um terror e morte para aqueles que transgredissem seus mandamentos contidos nela, também era uma bênção e força para aqueles que eram obedientes aos seus mandamentos. Quando Davi ouviu que a casa de Obede-Edom era grandemente abençoada, e que tudo o que ele havia prosperado por causa da arca de Deus, ele estava muito ansioso para trazê-la para sua própria cidade. Mas antes de Davi se aventurar a mover a arca sagrada, ele se santificou para Deus, e também ordenou que todos os homens de maior autoridade no reino se abstivessem de todos os negócios mundanos e de tudo o que distraísse suas mentes da devoção sagrada. Assim devem eles santificar-se com o propósito de conduzir a arca sagrada à cidade de Davi. "Então Davi foi e trouxe a arca de Deus da casa de Obede-Edom para a cidade de Davi com alegria. gorduchos."

Davi se despiu de seu traje real e se vestiu com roupas semelhantes às dos sacerdotes, que nunca haviam sido usadas antes, para que não houvesse a menor impureza em suas roupas. A cada seis passos, eles erigiam um altar e sacrificavam solenemente a Deus. A bênção especial do Senhor repousava sobre o rei Davi, que assim manifestou perante seu povo sua exaltada reverência pela arca de Deus. "E Davi dançava com todas as suas forças diante do Senhor, e Davi estava cingido de um éfode de linho. Assim Davi e toda a casa de Israel fizeram subir a arca do Senhor com júbilo e ao som da trombeta. arca do Senhor entrou na cidade de Davi, Mical, filha de Saul, olhou pela janela e viu o rei Davi saltando e dançando diante do Senhor; e ela o desprezou em seu coração".

A dignidade e o orgulho da filha do rei Saul ficaram chocados com o fato de o rei Davi deixar de lado suas vestes de realeza e seu cetro real, e se vestir com as vestes simples de linho usadas pelos sacerdotes. Ela pensou que ele estava se desonrando muito diante do povo de Israel. Mas Deus honrou Davi aos olhos de todo o Israel, deixando seu Espírito habitar sobre ele. Davi se humilhou, mas Deus o exaltou. Ele cantava de maneira inspirada, tocando harpa, produzindo a música mais encantadora. Ele sentiu, em um pequeno grau, aquela alegria santa que todos os santos experimentarão à voz de Deus quando seu cativo for mudado, e Deus fizer uma aliança de paz com todos os que guardaram seus mandamentos.

"E trouxeram a arca do Senhor, e a puseram no seu lugar, no meio do tabernáculo que Davi lhe tinha armado. E Davi ofereceu holocaustos e ofertas pacíficas perante o Senhor."

Depois que Salomão terminou de construir o templo, ele reuniu os anciãos de Israel, e os homens mais influentes entre o povo, para trazer a arca da aliança do Senhor do. cidade de Davi. Esses homens se consagraram a Deus e, com grande solenidade e reverência, acompanharam os sacerdotes que carregavam a arca. "E fizeram subir a arca do Senhor, e o tabernáculo da congregação, e todos os vasos sagrados que estavam no tabernáculo, a saber, os sacerdotes e os levitas trouxeram. E o rei Salomão, e toda a congregação de Israel, que se reuniram com ele, estavam com ele diante da arca, sacrificando ovelhas e bois, que não podiam ser contados nem numerados pela multidão".

Salomão seguiu o exemplo de seu pai Davi. A cada seis passos, ele se sacrificava. Com cânticos, e com música, e grande cerimônia, "os sacerdotes trouxeram a arca da aliança do Senhor ao seu lugar, ao oráculo da casa, ao lugar santíssimo, mesmo debaixo das asas dos querubins. os querubins estendiam as suas duas asas sobre o lugar da arca, e os querubins cobriam a arca e os seus varais em cima".

Um santuário muito esplêndido havia sido feito, de acordo com o modelo mostrado a Moisés no monte, e depois apresentado pelo Senhor a Davi. O santuário terrestre foi feito como o celestial. Além dos querubins no topo da arca, Salomão fez outros dois anjos de tamanho maior, de pé em cada extremidade da arca, representando os anjos celestiais sempre guardando a lei de Deus. É impossível descrever a beleza e o esplendor deste tabernáculo. Ali, como no tabernáculo, a arca sagrada foi carregada em ordem solene e reverente, e colocada em seu lugar sob as asas dos dois majestosos querubins que estavam no chão.

O coro sagrado uniu suas vozes com todos os tipos de instrumentos musicais, em louvor a Deus. E enquanto as vozes, em harmonia com instrumentos de música, ressoavam pelo templo e eram levadas pelo ar. através de Jerusalém, a nuvem da glória de Deus tomou posse da casa, como antes enchia o tabernáculo. "E aconteceu que, saindo os sacerdotes do lugar santo, a nuvem encheu a casa do Senhor, de modo que os sacerdotes não puderam ministrar por causa da nuvem; porque a glória do Senhor havia enchido a casa do Senhor".

O rei Salomão estava em um cadafalso de bronze diante do altar e abençoou o povo. Ele então se ajoelhou e, com as mãos levantadas, derramou fervorosa e solene oração a Deus, enquanto a congregação estava curvada com o rosto em terra. Depois que Salomão terminou sua oração, um fogo milagroso veio do céu e consumiu o sacrifício.

Por causa dos pecados de Israel, a calamidade que Deus disse que viria sobre o templo se seu povo se afastasse dele, foi cumprida algumas centenas de anos depois que o templo foi construído. Deus prometeu a Salomão, se ele permanecesse fiel, e seu povo obedecesse a todos os seus mandamentos, que aquele glorioso templo permaneceria para sempre em todo o seu esplendor, como evidência da prosperidade e exaltadas bênçãos que repousam sobre Israel por sua obediência.

Por causa da transgressão de Israel aos mandamentos de Deus, e seus atos perversos, Deus permitiu que fossem em cativeiro, para humilhá-los e puni-los. Antes que o templo fosse destruído, Deus deu a conhecer a alguns de seus servos fiéis o destino do templo, que era o orgulho de Israel e que eles consideravam com idolatria, enquanto pecavam contra Deus. Ele também lhes revelou o cativeiro de Israel. Esses justos 'homens, pouco antes da destruição do templo, removeram a arca sagrada contendo as tábuas de pedra, e, com luto e tristeza, a esconderam em uma caverna onde deveria ser escondida da torta de ervilha de Israel, por causa de seus pecados, e não deveria mais ser restaurado a eles. Essa arca sagrada ainda está escondida. Ela nunca foi perturbada desde que foi secretada.